

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Roberto Borges Lisboa

**TRABALHO, SOCIEDADE E MARXISMO: UMA ABORDAGEM
COMPARADA DO TROTSKISMO NO BRASIL E NOS ESTADOS
UNIDOS DOS ANOS 1930**

Santa Maria, RS
2019

Roberto Borges Lisboa

**TRABALHO, SOCIEDADE E MARXISMO: UMA ABORDAGEM COMPARADA DO
TROTSKISMO NO BRASIL E NOS ESTADOS UNIDOS DOS ANOS 1930**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Doutor em História**.

Orientadora: Prof. Dr^a. Glaucia Vieira Ramos Konrad

Santa Maria, RS
2019

Lisboa, Roberto Borges
TRABALHO, SOCIEDADE E MARXISMO: UMA ABORDAGEM
COMPARADA DO TROTSKISMO NO BRASIL E NOS ESTADOS UNIDOS
DOS ANOS 1930 / Roberto Borges Lisboa.- 2019.
225 p.; 30 cm

Orientadora: Glaucia Vieira Ramos Konrad
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de
Pós-Graduação em História, RS, 2019

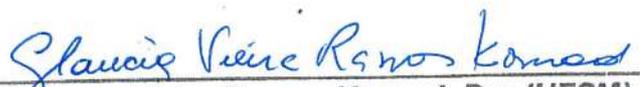
1. Brasil 2. Estados Unidos da América 3. Trotskismo
I. Konrad, Glaucia Vieira Ramos II. Título.

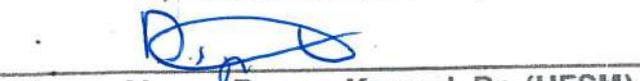
Roberto Borges Lisboa

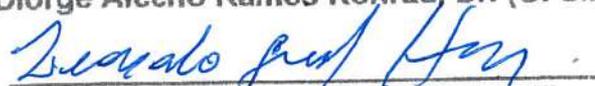
TRABALHO, SOCIEDADE E MARXISMO: UMA ABORDAGEM COMPARADA DO TROTSKISMO NO BRASIL E NOS ESTADOS UNIDOS DOS ANOS 1930

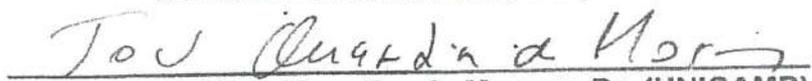
Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Doutor em História**.

Aprovado em 27 de agosto de 2019:


Glaucia Vieira Ramos Konrad, Dra (UFSM)
(Presidente/Orientador)


Diorge Alceno Ramos Konrad, Dr. (UFSM)


Leonardo Guedes Henn, Dr. (UFN)


João Carlos Kfouriquartim de Moraes, Dr. (UNICAMP)


Dainis Karepovs, Dr. (ALESP)

Santa Maria, RS
2019

DEDICATÓRIA

A minha esposa Aline e aos nossos filhos Eduardo, Maria Cecília e Martina.

AGRADECIMENTOS

A escrita da tese de doutoramento foi possível sobretudo pelo apoio de minha companheira Aline Silveira Flores que me incentivou durante toda a sua confecção. Em especial, quando a estafa prejudicava meu raciocínio e me fazia duvidar se era possível seguir adiante. Pesquisar, escrever e lecionar foi um desafio cumprido apenas porque existiram pessoas contribuindo para o êxito desse trabalho. Sem você Aline, provavelmente, não teria concluído a tese. Cito ainda as contribuições da minha orientadora Dra. Gláucia Vieira Ramos que por meio de suas sugestões e críticas sobre o trabalho ajudaram a trilhar esse caminho para a conclusão do trabalho. Não poderia esquecer das contribuições da Banca de Doutorado que através dos professores Dr. Diorge Alceno Konrad, Dr. Leonardo Guedes Henn e Dr. João Kfouriquartim de Moraes apontaram as insuficiências deste trabalho e evidenciaram o que devo seguir melhorando como pesquisador. Afinal, temos de mirar o futuro com esperança e serenidade. Além disso, devo agradecer ao Dr. Dainis Karepovs, especialista na temática do Trotskismo no Brasil, que aceitou se deslocar para Santa Maria por duas vezes para comentar a pesquisa que desenvolvi. Os seus comentários e sugestões enriqueceram muito o resultado final que apresento nas páginas que seguem. Também, agradeço ao Programa de Pós-Graduação em História da UFSM, que me propiciou construir essa trajetória que finda institucionalmente de forma momentânea com esse impresso. Por fim, deixo meu pedido de desculpas a Maria Cecília e a Martina, minhas doces filhas, pelas tardes e noites de brincadeiras que foram interrompidas em muitos momentos da escrita da tese. Com certeza, recompensarei esses momentos.

Para a Liberdade e Luta

*me enterrem com os trotskistas
na cova comum dos idealistas
onde jazem aqueles
que o poder não corrompeu.*

Paulo Leminski

RESUMO

TRABALHO, SOCIEDADE E MARXISMO: UMA ABORDAGEM COMPARADA DO TROTSKISMO NO BRASIL E NOS ESTADOS UNIDOS DOS ANOS 1930

AUTOR: Roberto Borges Lisboa
ORIENTADORA: Glauca Vieira Ramos Konrad

Este trabalho apresenta um estudo da agência trotskista e de suas elaborações teóricas e políticas no Brasil e no Estados Unidos da América dos anos 1930. Neste sentido, ele envolve as organizações políticas lideradas pelo dirigente bolchevique Leon Trotski em suas variações no período referido, envolvendo as suas interações políticas como Oposição de Esquerda, quando se reconhecem como uma fração legítima dos seus respectivos partidos comunistas, como partidos propriamente ditos pela construção de uma nova internacional e, por fim, como partidos da IV Internacional. Neste ínterim, os trotskistas elaboraram teórica e politicamente, a partir de suas respectivas formações sociais e, não obstante, utilizando o arcabouço teórico e político de Trotski, procuraram entendê-las, sem, contudo, perder de vista as suas relações com o desenvolvimento capitalista na época do imperialismo. Aliás, este foi o argumento central para a confecção da presente tese. Assim, o presente trabalho procurou perceber como os trotskistas visualizaram a legislação sindical e trabalhista dos governos Roosevelt e Vargas, para evidenciar e problematizar as suas conexões com os mundos do trabalho, em um período marcado por dois episódios centrais para ambos países, a Grande Depressão, principalmente, no EUA, e o governo saído da chamada "Revolução de 1930" e sua posterior evolução. Por fim, este trabalho foi elaborado no Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), vinculado a linha de pesquisa "Cultura, Migrações e Trabalho".

Palavras-Chave: Brasil. Estados Unidos da América. Trotskismo.

ABSTRACT

WORK, SOCIETY AND MARXISM: A COMPARED APPROACH TO TROTSKISM IN BRAZIL AND UNITED STATES OF THE 1930S

AUTOR: Roberto Borges Lisboa
ORIENTADORA: Glauca Vieira Ramos Konrad

This paper presents a study of the Trotskyist agency and its theoretical and political elaborations in Brazil and the United States of the 1930s. In this sense, it involves the political organizations led by the Bolshevik leader Leon Trotsky in their variations in the referred period, involving their political interactions as Left Opposition, when they recognize themselves as a legitimate fraction of their respective communist parties, as parties themselves by the construction of a new international and, finally, as parties of the IV International. In the meantime, the Trotskyists elaborated theoretically and politically from their respective social formations and, nevertheless, using Trotsky's theoretical and political framework, sought to understand them, but without losing sight of their relations with capitalist development at the time of imperialism. Incidentally, this was the central argument for the writing of this thesis. Also, the present paper sought to understand how Trotskyists viewed Roosevelt and Vargas governments' labor and union legislation to highlight and problematize their connections with the worlds of labor, in a period marked by two central episodes for both countries, the Great Depression, mainly, in the USA, and the government emerged from the so-called "Revolution of 1930" and its subsequent evolution. Finally, this work was done in the Pos-Graduate Program in History, Federal University of Santa Maria (UFSM, RS) and is linked to the research line "Culture, Migrations and Work".

Keywords: Brazil. United States of America. Trotskyism.

Lista de abreviaturas

AAA	Agricultural Adjustments Act
AIB	Ação Integralista Brasileira
AFL	America Federation of Labour
ANL	Aliança Nacional Libertadora
AWP	American Workers Party
BO	Bloco Operário
BOC	Bloco Operário Camponês
CCS	Conselho Central dos Sindicatos
CCE	Comitê Central Executivo
CEDEM	Centro de Documentação e Memória
CEMAP	Centro de Documentação do Movimento Operário Mário Pedrosa
CIO	Congress of Industrial Organizations
CLA	Communist League of America
Comintern	Internacional Comunista
CPLA	Conference for Progressive Labor Action
CPUSA	Communist Party of United States of America
CSUB	Conferência Sindical Unitária do Brasil
CWA	Civil Works Administration
FERA	Federal Emergency Relief Act
FUA	Frente Única Antifascista
GCL	Grupo Comunista Lenin

HOLC	Home Owners Loan Corporation
JC	Juventude Comunista
LAR	Liga de Ação Revolucionaria
LC	Liga Comunista do Brasil
MTIC	Ministério do Trabalho da Indústria e do Comércio
NIRA	National Industrial Recovery Act
NLB	National Labor Board
NLRB	National Labor Relations Board
NRA	National Recovery Administration
NEP	Nova Política Econômica
OIE	Oposição Internacional de Esquerda
PCUS	Partido Comunista da União Soviética
PCB	Partido Comunista do Brasil
POL	Partido Operário Leninista
POLCOM	COMITÊ POLITICO
POSDR	Partido Operário Socialdemocrata Russo
PS	Partido Socialista
PSR	Partido Socialista Revolucionário
RA	Revolutionary Age
SDO	Soviets de Deputados Operários
SPA	Socialist Party Of America
SP	Socialist Party

SSB	Social Security Bill
SWP	Socialist Workers Party
SYL	Spartacus Youth League
TUEL	Trade Union Educational League
<i>TUUL</i>	Trade Union Unity League
<i>UTG</i>	União dos Trabalhadores Gráficos
WLA	Wagner Labor Act
WPA	Works Progress Administration
WP	Workers Party

Sumário

INTRODUÇÃO	23
PRIMEIRA PARTE. COMBATENTES DA RETAGUARDA? A AGÊNCIA “TROTSKISTA” NO BRASIL E NOS ESTADOS UNIDOS (1928–1940).	31
1. O TROTSKISMO BRASILEIRO E NORTE-AMERICANO: DA OPOSIÇÃO DE ESQUERDA AOS PARTIDOS DA IV INTERNACIONAL	47
1.1 As Origens Do Trotskismos Norte-Americano	47
1.2 Antecedentes Da Oposição De Esquerda No Brasil	52
1.3 Euforia E Desaceleração Nos Primeiros Anos Da Oposição De Esquerda Norte-Americana(1928-1932)	59
1.4 A Oposição De Esquerda No Brasil: A Atividade Teórica Do Grupo Comunista Lenin E A Práxis Da Liga Comunista Do Brasil (1930-1933)	82
1.5 Os Partidos Trotskistas No Estados Unidos Da América: Do Workers Party Ao Socialist Workers Party	89
1.6 Os Partidos Trotskistas No Brasil: Da Liga Comunista Internacionalista Ao Partido Socialista Revolucionário.....	102
SEGUNDA PARTE. PARA “A CRÍTICA DAS ARMAS”: O BRASIL E O ESTADOS UNIDOS DOS TROTSKISTAS (1928–1940).....	113
2 A FORMAÇÃO SOCIAL BRASILEIRA E A ESTADUNIDENSE SEGUNDO A TEORIA DA REVOLUÇÃO PERMANENTE.....	127
2.1 A Formação Social Brasileira E Estadunidense	128
2.2 O Capitalismo No Brasil E Nos Estados Unidos América Consoante Os Trotskistas.....	145
3 A AGÊNCIA TROTSKISTA E OS MUNDOS DO TRABALHO NO BRASIL E NOS ESTADOS UNIDOS	165
3.1 Os trotskistas e os mundos do trabalho	165
3.2 A Agência Trotskista	187
CONCLUSÃO.....	211
REFERÊNCIA	215
FONTES.....	218

INTRODUÇÃO

Esta tese versa sobre a temática do trotskismo, de uma tradição política do movimento operário e da classe trabalhadora, especificamente, dos "segmentos organizados dessa classe" (BATALHA, 1998, p. 145). Iniciada no processo revolucionário que edificou o primeiro Estado Operário no século XX, esta tradição tornou-se visível em meados dos anos 1920, quando no contexto das lutas interiores a Revolução Russa de 1917, buscando reivindicar a práxis de Vladimir Lenin, Leon Trotski liderou a luta pelo bolchevismo leninista como orientação para o desenvolvimento sócio-econômico e político da Rússia e para a internacionalização da revolução em escala mundial.

Longe de ser uma unanimidade, os bolcheviques-leninistas foram expulsos do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) na medida em que desafiaram as medidas de Joseph Stalin e Nicolai Bukharin, no último triênio dos anos 1920. O acirramento do conflito resultou em prisões, deportações e assassinatos dos militantes da Oposição de Esquerda, que não aceitaram capitular as ideias dos vencedores de ocasião. Acusados de trotskismo, termo que se queria infamante, com o intuito de determinar aqueles considerados traidores da revolução, a Oposição de Esquerda, sob a liderança de Trotski, logo exilado em Alma-Ata, na Turquia, vivenciou um processo um tanto frágil de internacionalização em algumas seções da Internacional Comunista (*Comintern*), marcado por uma certa dose de incompreensão da luta travada na Rússia e de perseguição na primeira amostra de simpatia em relação as teses de Trotski.

Fragilizada na União Soviética, a luta dos bolcheviques-leninistas, na década de 1930, constrói-se em bases mais sólidas, em especial, com a formação da Oposição Internacional de Esquerda (OIE), em maio de 1930, com sede em Paris, na França. A partir deste momento, vivencia-se uma ampliação das bases oposicionistas, ainda que frágil - organizacional e numericamente-, em todos os quadrantes do planeta, entende-se como uma legítima fração da *Comintern* e de suas seções nacionais.

Em linha gerais, o presente trabalho perpassa a formação e a trajetória de duas seções da OIE: a brasileira e a estadunidense, com suas transformações no decorrer dos anos 1930, em diferentes contextos. A seção brasileira foi expulsa do Partido Comunista do Brasil (PCB), em fins de 1929, no contexto da crise definitiva

do Estado Oligárquico brasileiro e da "Revolução de 1930". A estadunidense, excluída do *Communist Party of United States of America* (CPUSA) em outubro de 1928, quando a euforia do *american way of life* mostrava os seus primeiros sinais de esgotamento, diante da hecatombe econômica que tomaria conta do país exatamente um ano depois.

Portanto, o objeto de estudo deste trabalho trata da primeira geração do trotskismo brasileiro e estadunidense, estas que intervíram politicamente durante toda a década de 1930 em seus respectivos países. Elas conformaram diferentes organizações políticas vivenciando um processo de relativo afastamento, desde o abandono da orientação política de fração dos respectivos partidos comunistas, que resultou, entre 1933 e 1934, na organização de novos partidos independentes sob a bandeira de luta pela construção da IV Internacional.

Ressalta-se que as duas experiências postas em evidência, assim como, a do movimento trotskista na década de 1930, foram influenciadas diretamente pelo marxismo de Trotski este fundamental para as perspectivas e o desenvolvimento do corrente trabalho. O trotskismo, através da teoria da revolução permanente e da lei do desenvolvimento desigual e combinado que subsidiou o desenvolvimento da primeira. Isto porque objetiva-se perceber como o movimento trotskista brasileiro e estadunidense se apropriaram do marxismo do dirigente bolchevique e a forma como perceberam as suas respectivas formações sociais e consequentes transformações nos mundos do trabalho.

Neste sentido, o problema que fundamentou esta tese partiu da interrogação de quais similitudes e diferenças marcaram a produção teórica e política do movimento trotskista brasileiro e estadunidense, em especial, na década de 1930. Em outras palavras, o marxismo de Trotski foi apropriado de maneira ímpar por eles nas diferentes questões suscitadas ou podemos pôr em questão essa assertiva, evidenciando uma simples adaptação do programa e estratégia esboçados pelo dirigente bolchevique?

A resposta desta questão, a tese do presente trabalho, entende que sim. Os trotskistas, contemporâneos a Trotski, utilizando sua teoria social¹, ainda que de forma heterogênea, não-linear e com diferentes níveis; produziram respostas, em seus respectivos movimentos, que extrapolam a questão política e possibilitam

¹ Conforme a definição sintética de Daniel Bensaïd (2008, p. 71), uma teoria social é apenas uma interpretação crítica de determinada época.

compreender aspectos das formações sociais e dos mundos do trabalho em que estes movimentos estão inseridos. Ainda, determinadas conclusões sobre o contexto histórico internacional e político repercutem sobre eles, todavia, poucas vezes, foram adaptadas artificialmente, sem respeitar os ritmos e os contextos específicos de cada movimento e contexto.

Sob certos limites, estas questões produzem novas interrogações que este trabalho busca responder. Por exemplo, a orientação política e sindical de cada movimento possui semelhanças flagrantes na década de 1930, apesar de estes se situarem em estágios díspares de desenvolvimento capitalista. Tem-se uma similaridade aparente, ou a política internacional com suas repercussões determina uma orientação comum?

Ainda, similaridade aparente ou efetiva, de que modo a orientação sindical trotskista repercute em cada movimento sindical? Qual a situação do movimento operário brasileiro e estadunidense? Quais os entraves para o crescimento da influência dos mesmos? Como a conjuntura nacional estabelece limites para a ampliação do movimento trotskista? Qual a relação dos trotskistas com os stalinistas no Brasil e no Estados Unidos? Que entraves estes impõem para o crescimento dos referidos movimentos? Quais as características dos partidos que os trotskistas construíram ou tomaram parte? Em que momentos as particularidades nacionais imputam orientações distintas e sob quais limites?

Para alcançar os objetivos propostos foram consultados documentos e as fontes hemerográficas do trotskismo brasileiro (1930-1939) e estadunidense (1928-1940), através da consulta dos jornais e boletins que estes movimentos produziram. Partiu-se, contudo, do estudo de uma pequena fração da imprensa operária, a trotskista, definindo-a como parte fundamental e “expressão cultural mais visível desse segmento social (BATALHA, 2000, p. 64)”.

O leitor poderá perceber que houve um esforço para sistematizar as fontes hemerográficas de acordo com os objetivos propostos pela pesquisa. De caráter formativo e informativo, os jornais e boletins trotskistas funcionam como um retrato de toda uma época que antecede a II Guerra Mundial. Desta feita, foram consultados da imprensa trotskista brasileira os jornais *O Comunista*, *O Proletário*, *Sob Nova Bandeira* e, em especial, *A Luta de Classe*, além do *Boletim da Oposição*. Da imprensa trotskista estadunidense, foram consultados os periódicos *The Militant*, *New Militant* e *Socialist Appeal*, além da revista, intitulada, *New Internacional*.

Ressalta-se que os jornais e boletins publicados pelos trotskistas brasileiros foram encontrados no Centro de Documentação e Memória (CEDEM) da Universidade Estadual Paulista (UNESP), especificamente, no Centro de Documentação do Movimento Operário Mário Pedrosa (CEMAP). Cabe destacar que o CEMAP teve a importante iniciativa de digitalizá-los para consulta. Por outro lado, os periódicos do trotskismo estadunidense consultados foram encontrados no acervo digital do site “www.marxists.org”², disponíveis em excelente qualidade para consulta. Além disso, subsidiaram este trabalho a nova edição do livro *Na Contracorrente da História*, organizado por Fúlvio Abramo e Dainis Karepovs, o livro trouxe a transcrição de inúmeros textos publicados na imprensa trotskista no Brasil; assim como, muitas transcrições de artigos dos periódicos trotskistas estadunidense, disponíveis online no site já indicado, junto dos índices dos jornais.

Outra questão importante está relacionada a perspectiva adotada em relação aos jornais pesquisados. Deve-se considerá-los como um "organizador coletivo", como efetivo militante de uma organização revolucionária. Tal entendimento foi apresentado por Lenin no processo revolucionário russo:

Para a publicação e difusão de um único jornal de abrangência nacional, contribuiremos a preparar e promover, não apenas os propagandistas mais habilidosos, mas também os organizadores mais capazes, os dirigentes partidários mais talentosos, que saibam, no momento oportuno, dar a ordem para o combate decisivo e comandá-lo. (LENIN, 2006, p. 104)

Como indicado em trabalho anterior, este autor sustenta que:

A concepção de Lenin partia da necessidade objetiva de erigir uma organização política que não ficasse restrita à agitação e propaganda, mas funcionasse como organizador coletivo em toda a Rússia, valorizando seus propulsores e, ao mesmo tempo, lapidando-os para o combate decisivo quando chegasse o momento da luta. (LISBOA, 2014, p. 45)

Pode-se afirmar que a imprensa trotskista de ambos países adotou este entendimento defendido por Lenin. De caráter formativo e informativo, os jornais trotskistas tiveram como editores os seus dirigentes mais destacados, tais como Mário Pedrosa, Lívio Xavier, Febus Gikovate, Hermínio Sacchetta, James P. Cannon, Max Shachtman, Martim Abern e Arne Swabeck, responsáveis pela idealização dos mesmos.

²Disponível em: <http://www.marxists.org/history/etol/newspape/>. Acessado em: 11. Dez. 2014.

A importância deste trabalho possui uma dupla justificativa. A primeira, consta a novidade do itinerário percorrido, a possibilidade de estabelecer respostas, a partir do gesto de comparar, com o intuito de produzir uma síntese histórica que enriqueça a História do movimento trotskista nos dois países. A segunda, importa estabelecer uma contribuição historiográfica, que aponte novos rastros para uma História do movimento trotskista internacional e de suas seções nacionais.

Neste sentido, a produção historiográfica da temática do trotskismo tem evoluído desde a década de 1990, especialmente nestas paragens. No Brasil, DainisKarepovs(2005, p. 276) indicou a novidade historiográfica do período, a partir de “novos e mais profundos olhares sobre o trotskismo dos anos 1930”. Esses, novos e mais profundos olhares retrataram a constituição da Oposição de Esquerda, no Brasil, de José Castilho de Marques Neto (1993) e de Ricardo Figueiredo de Castro (1993); a apropriação das ideias de Trotski no Brasil pela primeira geração do trotskismo, de DainisKarepovs, Michael Löwy e José Castilho Marques Neto (1995).a trajetória do movimento trotskista, entre as décadas de 1930 e 1960, de DainisKarepovs e José Castilho Marques Neto (2002), de Oswaldo Coggiola (2003) e de Alzira Campos, Marília Godói e Rafael de Souza (2018); o conceito de revolução dos trotskistas brasileiros, de Pedro Roberto Ferreira (1999); a crítica trotskista a *Revolução de 1930*, de Ângelo José da Silva (2002); *Os trotskistas nas prisões de Vargas (São Paulo, 1931-36)* de Alzira Campos e Liana Trindade (2008); e *A crítica social da imprensa trotskista dos anos 1930*, de Roberto Lisboa (2014). Estes, indica-se, fundamentais para a elaboração e a amplitude desta pesquisa.

Por outro lado, a historiografia do trotskismo nos Estados Unidos mostra-se em um estágio anterior, com importantes estudos sobre o tema, mas pouco diversificada. Desta forma, o estudo biográfico de James P. Cannon (2013), as memórias de James P. Cannon (2013) sobre as origens e o desenvolvimento do trotskismo;as origens da Esquerda Americana Revolucionária, de Bryan Palmer (2010); a pesquisa da trajetória dos trotskistas no país, de Robert Alexander (1991); a apresentação de uma avaliação histórica com reconsiderações sobre o movimento trotskista dos anos 1930, de George Breitman, Paul Le Blanc e Allan Wald (2016), além da pesquisa sobre os caminhoneiros vermelhos na cidade de Mineápolis e da liderança dos trotskistas, de Bryan Palmer (2013), esses trabalhos possibilitaram traçar um itinerário complexo, ainda que restrito, da primeira geração do trotskismo estadunidense.

*

A primeira parte deste trabalho, intitulada *Combatentes da Retaguarda? A Trajetória Trotskista no Brasil e nos Estados Unidos (1928-1940)*, deve estabelecer a base histórica originária daqueles que reivindicaram o bolchevismo leninista na década de 1930. Em linhas gerais, a introdução da primeira parte trata do surgimento e do desenvolvimento da Oposição de Esquerda russa, da luta liderada por Leon Trotski, uma luta fundamental para entender a consolidação de um corpo teórico e político fundamental para o despertar de novas Oposições durante a segunda metade dos anos 1920, permitindo compreender de que maneira foram construídas as bases do movimento trotskista. Ou seja, a conformação da Oposição Internacional de Esquerda em maio de 1930.

. Este que possui o intuito de revisitar a trajetória do movimento trotskista brasileiro e estadunidense, bem como da primeira geração de militantes que lutaram pela readmissão do movimento comunista para a "linha justa" da revolução.

Logo, o primeiro capítulo trata dos antecedentes da Oposição de Esquerda, das características iniciais dos partidos comunistas e dos episódios que ocasionaram as dissensões que produziram o alinhamento às ideias de Leon Trotski. O leitor também poderá perceber as diferenças quanto a forma e o conteúdo das respectivas cisões.

Além disso, esse capítulo aborda o desenvolvimento da Oposição de Esquerda nos seus respectivos países, colocando em evidência as dificuldades de organização, a atitude fracional em relação aos comunistas, a evolução de suas organizações, além da orientação política e sindical no período com seus desdobramentos que extrapolam a atitude fracional. Não obstante, deve ficar evidente como uma trajetória similar produzirá resultados muito diferentes, diante das especificidades da luta em cada país.

Neste sentido, procuramos evidenciar o abandono da política fracional e, conseqüentemente, dos partidos comunistas e da Comintern, após a ascensão do Partido Nazista e de Hitler na Alemanha. É neste momento que os trotskistas optam pela construção de partidos independentes e obtêm sua maior audiência em frente a classe trabalhadora, resguardando os diferentes níveis de desenvolvimento do movimento trotskista de cada país; levando em consideração suas especificidades.

A segunda parte desta tese: *Para a Crítica das Armas: o Brasil e os Estados Unidos dos Trotskistas (1928-1940)*, traz uma introdução sobre a polêmica que envolve a teoria da revolução permanente na União Soviética, envolvendo a Revolução Russa, a qual indica-se as três formulações de Trotski da mesma, evidenciando sua gênese e atualizações entre 1905 e 1930. Ademais, procura-se definir a teoria do desenvolvimento desigual e combinado do líder bolchevique, além de dimensionar a sua importância no desenvolvimento e nos progressos da revolução permanente.

Esse segundo momento foi dividido em dois capítulos, sendo o segundo e terceiro desta tese.

Assim, no segundo, trata de visualizar e compreender a formação do capitalismo no Brasil e nos EUA, a partir da elaboração teórica dos trotskistas, evidenciando possíveis conexões com o marxismo de Trotski, em especial, com a teoria do desenvolvimento desigual e combinado. Desta forma, busca-se a percepção das suas respectivas formações sociais, a partir, sobretudo, dos escritos de Mario Pedrosa e George Novack.

Busca-se explorar como os trotskistas perceberam determinados acontecimentos de grande monta, que repercutiram sobre a estrutura socioeconômica e política de cada país. Assim, aborda-se os escritos do movimento trotskista brasileiro e estadunidense, respectivamente, acerca da chamada Revolução de 1930 e do golpe do Estado Novo, assim como, a Grande Depressão e seus desdobramentos.

Por outro lado, no terceiro capítulo, procura-se evidenciar a percepção dos trotskistas acerca da legislação sindical e do trabalho no Brasil, e do programa do governo Roosevelt nos EUA, o *New Deal*. Busca-se problematizar a agência trotskista, a partir da política da frente única, a sua amplitude e os limites dessa orientação no quadro político do movimento operário e do país.

Concluindo, espero que o presente trabalho contribua para o desenvolvimento da historiografia da temática do trotskismo e influencie novos pesquisadores no estudo deste tema. Ademais, que a leitura possa oportunizar um primeiro contato de novos historiadores com uma importante tradição política da classe trabalhadora, herança do primeiro Estado Operário e de suas vicissitudes.

PRIMEIRA PARTE

COMBATENTES DA RETAGUARDA? A AGÊNCIA “TROTSKISTA” NO BRASIL E NOS ESTADOS UNIDOS (1928–1940).

Esta introdução quer evidenciar os antecedentes da Oposição Internacional de Esquerda (OIE) cuja fundação ocorreu na cidade de Paris, em maio de 1930, com o intuito de organizar as frações das seções nacionais da Internacional Comunista (*Comintern*). Procurava-se naquele momento, articular uma intervenção conjunta que fornecesse respostas não apenas as divergências de cada grupo oposicionista com seus respectivos partidos comunistas, mas para os zigzagues, que delinearão a orientação política e sindical da *Comintern*, diga-se de passagem, marcante no seu VI Congresso Mundial, entre julho e setembro de 1928. Conforme o dirigente trotskista James P. Cannon tornava-se fundamental construir uma Plataforma conjunta das Oposições e, para ele, o ponto de partida deveria ser a experiência da Oposição de Esquerda russa, constituída desde a Oposição de 1923 na Rússia.

As divergências foram frequentes no Birô Político do Partido Comunista da União Soviética, durante os primeiros anos da década de 1920. A necessidade de superar a guerra civil e a política econômica do comunismo de guerra, para reativar a economia, demandou discussões importantes cujo resultado visível foi a Nova Política Econômica, a NEP. Em 1922, estas divergências persistem, e outras questões ganham espaço, mas com uma tonalidade diferente. O Partido e o Estado, a estrutura organizacional de ambos, tornam-se uma questão de relevo para Lenin, o líder da República Soviética.

Suas divergências envolvem a questão das nacionalidades levadas adiante para a Armênia, o Azerbaijão e a Geórgia com o intuito de formar uma República, que fosse incorporada a seguir pelo Estado soviético e sua evolução. Esta política de Stalin produziu um atrito significativo com Lenin, especialmente, após o Comitê Central da Geórgia, destituído por métodos policiais, entrar em contato com ele para relatar a situação. (BROUÉ, 2014, p. 169).

Conforme o historiador Pierre Broué, depois de tomar conhecimento do ocorrido, Lenin "reprova a si mesmo com termos nada habituais". A discussão que

Lenin engendra a partir de então, diz respeito ao aparato, da "mescla de resquírios burgueses e czaristas", "recobertos com certo verniz soviético"; mas também atinge Stalin, acusado de atacar "a solidariedade de classe proletária". Em 6 de fevereiro, Lenin retorna a carga de ataques contra Stalin no *Pravda*, quando dá continuidade às críticas ao departamento de Inspeção Operária e Camponesa, comandado por Stalin. Inclusive, Lenin reconhece publicamente a necessidade de por a termo a burocracia das instituições soviéticas, mas também as do partido. A denúncia contra Stalin cai como uma bomba, e Trotski, em um momento posterior, membro do Birô Político, relata as vacilações do órgão em publicar o artigo na época. Entre 5 e 6 de março Lenin envia carta rompendo com Stalin. Três dias depois, Lenin é acometido por um novo derrame que lhe tirar a fala. (Ibid, p. 169-170)

Foi neste contexto que ocorreu a cisão no seio do Birô Político, diante de "uma real possibilidade de 'união' entre Lenin e Trotski". Esta possibilidade mostrava-se visível devido a existência de pontos em comum entre eles, como a questão das nacionalidades (o caso da Geórgia), o monopólio do comércio exterior, a luta contra a burocracia e a reorganização das instâncias mais elevadas do Partido e do Estado. (PODTCHEKOLDIN, 1994, p. 69)

A Troika, formada por Stalin, Lev Kamenev e Grigori Zinoviev, secundada por Nikolai Bukharin, reagirá violentamente a esta possibilidade. O quadro político deteriora-se. A precária saúde de Lenin, tira-o do embate político que estaria por vir, e o agravamento da situação econômica no país coloca questões que devem ser consideradas de imediato. Neste ínterim, Trotski interviu no XII Congresso do Partido Comunista, realizado entre 17 e 25 de abril, abstendo-se de debater a organização do Partido e do Estado, concentrando seus esforços para debater sobre a crise da economia soviética, denominada por ele como a "crise das tesouras".

Após o encontro, sobre a discussão dos preços agrícolas e industriais, persistiu uma tendência de afastamento desigual que produziu uma supervalorização do segundo e a estabilização do primeiro no verão de 1923. Para resolver este problema, tornava-se fundamental o aumento da produtividade dos preços industriais, como forma de corrigir o desnível na economia. Para Pierre Broué, a questão colocada era a decisão sobre a manutenção integral da NEP ou pela ajuda do Estado à indústria. (BROUÉ, 2014, p. 171-172)

Neste quadro, a maioria do Birô Político optou pela primeira opção, enquanto Trotski mostrou-se favorável para o início de uma planificação que beneficiasse a

indústria pesada. Esta discordância, ressalta Pierre Broué, latente desde março, ganhou publicidade em outubro de 1923. (Ibid., p. 172).

Foi neste mês que a Oposição de Esquerda começou a se estabelecer. No dia 8 de outubro, Trotski alinhavou suas principais diferenças com o Comitê Central do Partido, estabelecendo dois pontos de divergência centrais, a falta de planejamento de propostas para a resolução da crise econômica e a estrutura organizacional burocratizada do Partido, preconizando reanimar a democracia partidária. (PODTCHEKOLDIN, 1994, p. 67-68)

Logo em seguida, a "Declaração dos 46" desenvolve crítica similar a de Trotski no que se refere ao segundo ponto. Ernest Mandel reproduz extrato que corrobora com a afirmação acima.

O regime estabelecido no interior do partido é completamente intolerável; ele destrói a sua independência e substitui o partido por um aparato burocrático nomeado que age sem objeções em períodos de normalidade, mas que inevitavelmente falha em momentos de crise, e que ameaça tornar-se completamente ineficaz face ao período dos graves eventos que se aproximam. (MANDEL, 1995, p. 58)

Pode-se afirmar que a pedra de toque do programa da Oposição, na União Soviética que começa a ser forjada a questão russa, foi estabelecida no último trimestre de 1923. A evolução econômica com o fortalecimento da NEP e a falta de planificação, somada a burocratização e a ausência de democracia no Partido modelaram a Oposição de Esquerda. A partir de então, Trotski buscou aprofundar o entendimento destes problemas.

Ademais, o mês de outubro trouxe a derrota da revolução alemã cujo impacto sobre os comunistas russos em geral foi significativo. No contexto das "reparações de guerra" produziu-se uma "catastrófica inflação". Neste sentido, Pierre Broué argumenta que "todo o edifício social balança até seus últimos alicerces", resultando em uma "reviravolta política". No início de 1923, o Partido Comunista conta com 200 mil membros, com grande influência nos centros operários, além do "apoio técnico e financeiro da Internacional Comunista". O Partido desenvolve "um plano minucioso" para a tomada do poder. Contudo, em 21 de outubro, o Partido renuncia à insurreição. (BROUÉ, 2014, p. 172-173)

Em *Lições de Outubro*, Trotski problematiza o desenlace da situação revolucionária na Alemanha, que esteve equivocadamente ligada ao "fetichismo

organizacional" do Partido que transformou os Sovietes "de forma flexível e viva, em 'princípio' de organização". (TROTSKY, 2007, p. 113) Na falta do mesmo, aborta-se a revolução. De acordo com Pierre Broué,

A direção russa, e principalmente Zinoviev, têm muita responsabilidade nesta derrota, pois Brandler não deu um passo sequer sem antes de consultá-los. Entretanto, a direção da Internacional descarrega a responsabilidade da derrota sobre ele, denunciando-o e apoiando sua expulsão da direção do partido comunista alemão. Nem Stalin, que recomendava 'frear os alemães' no lugar de 'empurrá-los', nem Zinoviev, presidente da Internacional, vão assumir a responsabilidade dos seus erros. (BROUÉ, op. cit., p. 173)

Neste sentido, o ano de 1924 evidencia o aprofundamento das divergências de Trotski com a Troika. Os textos de sua autoria, *Novo Curso* e *Lições de Outubro*, atraem ataques de Stalin e Zinoviev, que o acusam de "trotskismo" epíteto formulado para combatê-lo. Trotski segue resolutivo quanto as suas críticas ao regime interno do partido, a falta de planejamento econômico do Estado Soviético e a conduta adotada pela *Comintern* na revolução alemã.

O embate da Oposição de Esquerda com a Troika evolui. Zinoviev fala em retorno do "trotskismo", Stalin opõe pela primeira vez a teoria da revolução permanente a sua teoria do socialismo em um só país. Neste ínterim, ocorre, entre junho e julho de 1924, o V Congresso da *Comintern* que decide pela "bolchevização" das suas seções, marcado pela derrota da revolução alemã e a ascensão de Stalin ao cargo de Secretário Geral da seção soviética.

Sobre a "bolchevização", Pierre Broué assinala o início de um processo "sem verdadeiras relações com o bolchevismo", o início de "uma longa doença mortal", ou, em outras palavras, "um bloqueio infligidos a partidos que ainda tinham a pretensão de pensar por si mesmo". Neste sentido, o V Congresso marcou o nascimento "do regime disciplinar imposto pela burocracia de Moscou"(BROUÉ, 2007, p. 455, 457).

O congresso desenvolve-se pela reorganização de pessoal e política das suas principais seções nacionais europeias, por meio de luta intensiva de Zinoviev contra o trotskismo, definido por ele como o contrário do bolchevismo. No entanto, a bolchevização não ocorre imediatamente, ela é um processo que culminará na formação de partidos de tipo novo. É o que sugere Pierre Broué:

Não são mais os partidos social-democratas de esquerda que eles foram pela força das coisas e pelo peso da história. Não são ainda os partidos stalinistas que eles se tornaram com o alinhamento a este grande modelo do Leste, de quem eles são os auxiliares na luta pelo "socialismo num só país". (Ibid, p. 479)

Na União Soviética, a situação da Oposição de Esquerda, apesar de bem estabelecida politicamente, encontra dificuldades desde fins de 1923. Busca-se isolar Trotski. Para tanto, aliados próximos de Trotski são designados pela burocracia soviética para ocuparem cargos importantes de diplomacia em outros países. Pierre Broué recorda os casos de Adolf Yoffe, Nikolai Krestinski e Christian Rakovski enviados, respectivamente, para a China, Alemanha e França. O último, inclusive, uma liderança fundamental da Oposição.(BROUÉ, op. cit., p. 187).

Oficialmente, Trotski não faz parte da Oposição de Esquerda, levguêni Preobrazhenski coloca-se a frente dela na tentativa de eleição de delegados para a XIII Conferência Nacional do Partido. Os limites da Oposição, contudo, são evidentes, a partir do exemplo de Moscou. Vejamos.

Os partidários da Oposição contam com a maioria nas células, mas sua maioria se reduz a 36 % nas conferências do distrito e a 18% na conferência da província, onde Preobrazhenski só consegue 61 votos contra 325 de Kamenev. (Ibid, p. 188)

Para explicar o fracasso da Oposição de Esquerda, Pierre Broué endossa o argumento do historiador Eric Carr que relaciona o insucesso com a incapacidade de obter apoio do proletariado, um sintoma da debilidade da Oposição, mas também do proletariado. Trotski não trava o último combate pré-conferência, limitando-se a participar das reuniões do Birô Político. Adoecido, afasta-se do Partido durante dois meses, se ausentando da conferência e prejudicando a luta da Oposição. (Ibid, p. 189)

Neste íterim, Lenin morre no dia 21 de janeiro de 1924. O Partido absorve 200 mil novos membros, resultado da "promoção Lenin". A partir desse momento, "os milhares de veteranos de Outubro já não pesam muito nos efetivos do partido, face as centenas de milhares de recém-chegados, incluindo os carreiristas de última hora (BENSAÏD, 2012, p. 23) ".

A situação da União Soviética, apesar do início promissor da NEP, continua frágil. No dizer de Daniel Bensaïd, "os privilégios prosperam sob a penúria", demarcando "a raiz fundamental da burocratização". Outra questão relevante

suscitada pelo autor foi a concepção de que a Revolução Russa foi concebida como "gênese e primeira parte de uma revolução europeia ou, pelo menos, como um prelúdio da revolução alemã". Na ausência desta, uma nova questão se apresenta, a de "como aguentar até a eventual recuperação do movimento revolucionário na Europa?" (Ibid, p. 23-24)

O ano de 1924 expõe as diferentes respostas para a nova questão entre Trotski e Stalin de forma límpida. De um lado, a estratégia da "revolução permanente" de Trotski, "que subordina o futuro da revolução russa à extensão da revolução mundial"; de outro, a do "socialismo num só país" de Stalin, que "subordina as hipóteses de uma revolução mundial aos interesses da burocracia soviética". (Ibid, p. 24) Não obstante, estas questões têm implicações no desenvolvimento da política interna soviética desde 1923, mas tornam-se evidentes no decorrer da luta fracional nos anos seguintes.

Assim, em 1924, na ocasião do XIII Congresso do Partido, a Oposição é convocada para que admita seus erros e seu caráter fracional condenado. No segundo semestre, o prefácio de Trotski para o lançamento e a publicação de suas obras, intitulado *Lições de Outubro*, são condenados pela Troika nos jornais pelo seu suposto revisionismo da Revolução Russa de 1917. Empreende-se uma viva campanha no Partido contra o antibolchevismo, representado pelo trotskismo. A reputação de Trotski é atingida fortemente e, no início de 1925, ele abandona suas funções no governo. Paralelamente, a cisão no interior da Troika torna-se eminente, a ascensão do Kulak, do camponês rico, reascende o debate ao entorno da NEP. (BROUÉ, 2014, p. 195-204)

O XIV Congresso do Partido, realizado entre 18 e 31 de dezembro de 1925, desenvolveu-se mediante polêmicas sobre o partido e a sua burocratização, aliás, denunciados anteriormente pela Oposição de Esquerda. Ironia da História, coube a parte dos responsáveis pela supressão da mesma, a reivindicação do problema no Partido. Outrossim, pela primeira vez aparece "a problemática da autoridade e do papel de Stalin". (Ibid, p. 215)

Zinoviev traz para o debate congressual a confirmação da existência "do testamento de Lenin e as circunstâncias de sua ocultação". Neste sentido, ele recorda a advertência de Lenin contra Stalin com o objetivo de, afirma Pierre Broué, "demonstrar que na atualidade, aquele perigo se concretiza na aliança do *kulak*, do *nepman* e do burocrata". Lenin reconhece o boicote realizado a Trotski, legalmente

eleito, por parte da maioria do Birô Político, que reunia-se quando o primeiro estava ausente. (Ibid, p. 216)

No entanto, chama atenção o relato de Pierre Broué sobre a participação de Nadejda Krupskaja, quando ela aborda as transferências das vozes dissonantes no Partido, a saber:

"Se escrevemos resoluções sobre a democracia interna e, ao mesmo tempo, criamos condições tais que todo membro do partido possa ser transferido para outro local por ter expressado livremente sua opinião, todas as boas intenções acerca da democracia interna nunca sairão do papel."
(Idem)

Os tempos mudaram significativamente, o congresso rechaça a fala da companheira de Lenin no momento em que ela protesta "contra os abusos na utilização da autoridade do 'leninismo'". Isto se torna ainda mais perceptível no momento que ela recorda "os méritos de Trotski e a amizade que este mantinha com Lenin" e "os inadmissíveis métodos empregados na polêmica contra ele". (Ibid, p. 216-217)

A continuidade do XIV Congresso, recorda Pierre Broué, traz a negativa de Kamenev em reconhecer Stalin como elemento unificador do Estado Soviético e chefe do Partido. Contudo, o congresso termina com uma derrota impactante de Zinoviev e aliados e, obviamente, de suas teses. A construção do socialismo num só país é referendada e, na prática, o poder concentrado de Stalin avalizado. Logo, o peso do aparato se faria sentir no centro de poder de Zinoviev, na cidade de Leningrado, ao perder o cargo de presidente do soviete. (Ibid, p. 218-219)

É no contexto da crescente centralização do poder de Stalin, como chefe maior do Estado Soviético, que, em 1926, surge a Oposição Unificada. Composta por parte da Oposição de Esquerda, pelo grupo de Kamenev e Zinoviev, estes, que contavam com o apoio de Krupskaja, por membros de oposições mais antigas, como o Centralismo Democrático e a Oposição Operária, desenvolveram seu programa no plano interno em duas frentes complementares.

A primeira diz respeito a economia, a NEP e seus "efeitos desiguais e centrífugos (BENSAÏD, Op. cit.)", na época, responsável pelo "baixo acúmulo estatal". Dessa forma, a oposição defendeu o aumento da taxa de industrialização e do investimento no setor estatal, a partir de "imposto progressivo sobre o setor mais

rico da população e uma redução radical nos gastos improdutivos, especialmente no setor de administração". (MANDEL, Op. cit, p. 96)

Procurando impulsionar a economia com uma maior intensidade de planejamento, com reforço da indústria, em especial a estatal; a proposta funciona como um entrave ao fortalecimento do *kulakeeo* crescimento da figura dos *nepman* da administração. Assim, ela buscou combater a natureza social da burocracia, instalada no aparato soviético e fortalecer uma política de fortalecimento do poder econômico e político da classe trabalhadora.

No plano externo, a política da *Comintern*, levada adiante por Stalin e Bukharin, coloca-se em evidência devido a questão do Comitê Anglo-Russo e ao desenvolvimento da revolução chinesa. Conforme Pierre Broué, a parte do documento referente aos erros da direção da *Comintern* funciona como uma verdadeira declaração de guerra à teoria do socialismo num só país. Isto ocorre, devido a prioridade dada ao Estado Soviético ante "a classe trabalhadora internacional" na questão do Comitê Anglo-Russo. (BROUÉ, Op. cit, p. 213) É o que demonstra Pierre Broué:

A "Declaração dos 13" condena a política oportunista que inspirou o acordo com os sindicatos ingleses no Comitê Sindical Anglo-Russo, que apoiou, em nome dos revolucionários russos e em oposição aos operários ingleses, os dirigentes reformistas que acabavam de sabotar a greve geral de maio. (Idem)

Fundado em maio de 1925, o Comitê Anglo-Russo foi um bloco composto por duas grandes centrais sindicais, o Conselho Central dos Sindicatos (CCS) da União Soviética, dirigido pelo Partido Comunista, e as *trade unions* da Grã-Bretanha, influenciadas diretamente pelo Partido Trabalhista, com o objetivo de reunificar os sindicatos internacionalmente. (MARQUES NETO, 1993, p. 62)

Por conseguinte, a "Declaração dos 13" polemiza com a evolução dessa relação no contexto da convocação de greve geral pelo movimento paredista mineiro que, entre 4 e 12 de maio de 1926, toma conta do conjunto dos sindicatos na Inglaterra. Durante o desenvolvimento da greve, os comunistas orientados pela *Comintern* foram absorvidos pelo Movimento da Minoria, oposição à liderança trabalhista das *trade unions*. (Ibid, p. 63-65)

No ano de 1927, preparando-se para o XV Congresso do Partido na União Soviética, a Oposição Unificada repercute os eventos da segunda revolução chinesa

na "Plataforma da Oposição". A partir dessa questão, ela realça o enfraquecimento da *Comintern*, devido ao curso oportunista na China. Sob o slogan de defesa da independência do Partido, a Oposição critica o apoio dos comunistas ao governo do *Guomindang* e a submissão do Partido a ele. (BROUÉ, 1994, p. 88-89)

Desde 1922, o Partido Comunista desenvolve a orientação para a adesão individual dos comunistas chineses junto aos nacionalistas do *Guomindang*. O objetivo desta política é a tentativa de aproximação da classe trabalhadora, concentrada em Cantão. Neste ínterim, o governo soviético estreita relações com o movimento nacionalista chinês. Esta relação desenvolve-se sob tensões. O primeiro confronto ocorre durante a Grande Greve de Cantão em 1924, quando o movimento nacionalista busca frear o movimento grevista. No ano seguinte, já bem estabelecido, o Partido chinês cogita desligar-se do *Guomindang*, mas, em 1926, o partido nacionalista é aceito como "membro associado da *Comintern*". Pouco tempo depois, em março, o *Guomindang* "intervém em Cantão, aprisiona dirigentes sindicais comunistas e os elimina da direção". (MARQUES NETO, op. cit., p. 71-73)

Conforme Marques Neto, o primeiro protesto de Trotski, que reivindica a independência dos comunistas chineses, ocorre em abril. Neste momento, o general Jiang Jieshi, líder do *Guomindang*, havia iniciado uma expedição militar com o intuito de controlar o norte do país, estabelecendo-se na província de Wuhan. Em 1927, os locais de passagem da marcha de Jieshi são precedidos de manifestações, como em Xangai, no dia 19 de março, que vivencia uma greve geral. Surgem milícias operárias organizadas pelo Partido Comunista que libertam a cidade, mas entregam o comando para o *Guomindang*. Chen Tu-hsiu solicita junto a *Comintern* uma política independente para o Partido. (Ibid, p. 73-74) Para o autor "mantinha-se firme a orientação de Stalin e Bukharin para sustentar o chamado 'bloco das quatro classes' - operários, camponeses, pequena burguesia e burguesia nacional - unido contra o inimigo imperialista". (Ibid, p. 74)

Em 31 de março, Trotski solicita informações; no dia 5 de abril, ele alerta que Jiang Jieshi prepara um golpe militar; sete dias depois ele é desatado, operários e militantes comunistas são presos ou aprisionados. Diante do desastre, a *Comintern* torna evidente o novo caráter da burguesia nacionalista, agora contra-revolucionária. Busca-se apoiar na ala esquerda do *Guomindang*, liderada por Wang Ching-wei. A nova política não resistirá nos meses seguintes, pois este "expulsa os comunistas, prende e assassina militantes revolucionários e sindicalistas. (Ibid, p. 74-75)

Na esteira dos acontecimentos na China, a Oposição Unificada, entre avanços e reveses, parte para a ofensiva contra a direção. No entanto, este é o limite da Oposição. É o que sustenta Pierre Broué:

A Oposição Unificada, com a experiência da derrota chinesa e a esmagadora responsabilidade da linha Stalin-Bukharin neste desastre, abre uma ofensiva arrebatada contra a direção. Stalin, obrigado a reduzi-la ao silêncio, responde através de medidas administrativas, exilando os militantes sob o pretexto de mudanças, prosseguindo com exclusões, em princípio individuais, e em seguida coletivas. O centro da gravidade da luta se move do debate político às medidas repressivas, particularmente após a manifestação na estação ferroviária de Iaroslavl, por ocasião do embarque forçado de Smilga para o extremo oriente. (BROUÉ, 1994, p. 90-91)

Com a evolução dos acontecimentos Trotski e Zinoviev são expulsos do Comitê Central em outubro e excluídos do Partido em novembro. No XV Congresso do Partido, em dezembro de 1927, Stalin exige a capitulação da Oposição organizacional e politicamente. É o fim da aliança de Zinoviev e Kamenev com Trotski. Os primeiros aceitam a exigência, enquanto Trotski, em janeiro de 1928, é deportado para Alma Ata. (BROUÉ, 2014, p. 261-264)

Meses depois da exclusão da Oposição de Esquerda do Partido soviético, ocorreu entre julho e setembro de 1928, o VI Congresso da Comintern, estabelecendo uma retórica superaquecida da luta de classes sustentada por uma suposta "radicalização das massas", diante de "um agravamento nas contradições do capitalismo que o conduziria a ruína" (KAREPOVS & MARQUES NETO, 2002, p. 107)

Vivencia-se um processo marcado pelo sectarismo esquerdista da Comintern, através da orientação de "classe contra classe" e do "terceiro período", além do estabelecimento definitivo do domínio stalinista na Internacional. É o que indicam Dainis Karepovs e José Castilho Marques Neto:

Sustentava que as burguesias nacionais já não eram uma força revolucionária antiimperialista, devendo os comunistas rechaçar alianças com tais forças, o que produziu, como consequência, a política de rejeição com de alianças com a social-democracia, desde então chamada de social-fascista. Chamava-se também de "terceiro período", porque o primeiro de 1917 a 1924, é considerado o de crise do capitalismo e ascenso revolucionário; o segundo de 1925 a 1928, é o de estabilização do capitalismo; e o terceiro seria o período final do capitalismo. Nesse congresso, definiu-se, depois de um agudo período de conflitos entre as correntes de Stalin e Trotski, a hegemonia definitiva da tendência stalinista sobre a Internacional Comunista. (Idem)

Estas questões consolidadas no VI Congresso da Internacional foram alvo de questionamento de Trotski no documento do mesmo período, intitulado "E agora? Carta ao VI Congresso da IC". Na carta, Trotski problematiza o recente Projeto de Programa da Internacional e trata de esclarecer os pontos fundamentais de crítica da Oposição.

Para Trotski, o VI Congresso ocorre depois de quatro anos de espera de uma grande vitória da Internacional, de um êxito que servisse para esquecer a sequência de derrotas e equívocos de sua direção, mas este nunca ocorreu. Foi nesse período que "o capitalismo europeu e mundial garantiu para si uma nova e séria trégua". A socialdemocracia cresceu significativamente, enquanto os partidos comunistas cresceram pouco, diante das expectativas do último congresso. Por outro lado, a União Soviética vivenciou progressos econômicos e culturais, estes, contudo "obtidos no marco da estabilização do capitalismo, que foi por sua vez o resultado de uma série de derrotas da revolução mundial". Esta situação, garante Trotski, aliada a uma "direção errônea", fortaleceu "as formas e tendências capitalistas", deixando o proletariado em uma situação desvantajosa. (TROTSKI, 2010, p. 36-37)

Na Comintern, os equívocos da sua direção nos últimos cinco anos e o atraso no desenvolvimento da *Comintern*, sustenta Trotski, não podem ser relacionados a estabilização do capitalismo.

Não há como afirmar que a "estabilização" é responsável por isso, salvo se concebemos sua natureza de uma maneira puramente formal e sobretudo caso se pretenda fugir das responsabilidades. A estabilização não caiu do céu; não é fruto de uma mudança automática das condições de vida na economia capitalista mundial. É resultado de uma mudança desfavorável na correlação política de forças entre as classes. (Ibid, p. 37)

A análise formal dos acontecimentos a partir da estabilização serviu de desculpa para explicar as derrotas dos partidos comunistas na Alemanha, na Inglaterra e na China, como inevitáveis. No entanto, essa postura, assevera Trotski, parte de "um fatalismo" e da renúncia "do papel e da importância da direção revolucionária". Neste sentido, o caso da revolução alemã abortada é emblemático. Trotski relaciona a opção por uma "falsa política" que proporcionou "uma trégua à burguesia", permitindo que ela consolidasse "suas posições econômicas". Aliás, episódio fundamental da estabilização, pois, afirma Trotski, "a consolidação das posições econômicas obtidas pela burguesia atua como um fator de estabilização da

situação política". (Idem) É importante destacar que Trotski não prevê a inevitabilidade da vitória a partir da utilização de uma política correta. Mas os erros de direção da *Comintern* não podem ser escondidos sob a desculpa da estabilização capitalista.

Portanto, para entender "o giro à esquerda", coroado pelo VI Congresso, deve-se compreender os dois primeiros períodos de erros da *Comintern*. Segundo Trotski, o período do ultra-esquerdismo, entre 1923-25, e o do centrismo de direita, de 1926-27. Também, deve-se levar em consideração a assimetria no curso das direções do Partido soviético e da Internacional nos acontecimentos destacados anteriormente. (Ibid, p. 37-38)

Trotski relaciona a crise de abastecimento de grãos no Estado soviético, entre 1927-28, como a confirmação dos seus prognósticos sobre "a crise das tesouras" de 1923, quando afirmou que devia-se combater a desproporcionalidade dos preços agrícolas e industriais, com o intuito de evitar no país o crescimento das forças capitalistas, representados pela figura do *kulak*. Paralelamente, a derrota da revolução alemã e a recusa da Internacional em reconhecê-la provocaram uma paralisia, uma repetição insistente de que a Alemanha ainda estava sob uma situação revolucionária. Tratava-se, então, de preparar-se para as "batalhas decisivas". Foi a partir deste prognóstico equivocado, alerta Trotski, que o V Congresso estabeleceu sua nova orientação em 1924. (Ibid, p. 39)

Nota-se que para Trotski, a desvinculação dos destinos da Revolução de Outubro com o da Internacional foi o equívoco fundamental cometido pelos seus dirigentes maiores. Para ele, a ideia de Stalin, em edificar o socialismo isoladamente, ou a de Bukharin, em construir o socialismo "a passo de tartaruga", sem considerar a relação entre o fator internacional e o ritmo do desenvolvimento econômico soviético, mostrou-se como a fonte de importantes equívocos. Trotski reconhecia que as derrotas do centrismo à esquerda ou à direita, inversamente não garantiriam as vitórias na Alemanha, na Inglaterra e na China. Contudo, ele sustenta que mostravam-se "abertas essas três possibilidades". (Ibid, p. 42-43)

Sobre o entendimento que prevê um novo período de "radicalização das massas", Trotski sustenta que a Oposição levantou esta questão ainda no ano anterior. No entanto, ele adverte que a radicalização "está em sua primeira fase", quando "as massas ainda se dirigem para a socialdemocracia". E uma mudança de qualidade para uma situação revolucionária deve levar em conta, sustenta, uma

nova orientação dos operários, movimentando-se da socialdemocracia para os partidos comunistas, o que não ocorre. (Ibid, p. 48)

A carta aborda outra questão relevante: a identificação de uma mudança brusca que se refere a condução da economia soviética. Trotski evidencia uma ruptura, uma nova percepção sobre o *kulak* quando ocorre o desabastecimento dos grãos. A política econômica aprovada pelo Partido soviético no XV Congresso, ocorrido em dezembro de 1927, modifica-se no primeiro semestre de 1928. O questionamento do papel do *kulak* ganha evidência no *Pravda*. Neste sentido, Trotski recorda o alerta da Plataforma da Oposição Unificada de 1927 sobre essa questão que Stalin passa a considerar em 1928. (Ibid, p. 58-59)

Em fevereiro processa-se uma viragem brusca com o objetivo de asfixiar o *kulak*. Como Pierre Broué evidencia, adota-se uma série de medidas de urgência:

A expropriação dos estoques, a aplicação do artigo 107, o empréstimo forçado de grãos, chamado de "leis de autoimposição", o congelamento dos preços, a vigilância sobre o preço do pão e a proibição de compra e venda direta nos povoados. (BROUÉ, 2014, p. 267)

Pode-se perceber a intensidade da viragem a partir da ocorrência de centenas de rebeliões no campo que evidenciam a unidade do *kulak* e dos camponeses médios. Em abril, o desabastecimento das cidades retorna. No mês seguinte, Stalin apresenta uma nova política para tratar da questão. (Ibid, p. 268) É o que explicita Pierre Broué:

Stalin esboça os pontos gerais de uma política que já não é a do XV Congresso, afirmando que, no plano agrícola, "a solução está na transição das propriedades camponesas individuais para as grandes plantações coletivas" e que, sob hipótese alguma, se deve "atrasar o desenvolvimento da indústria pesada e fazer da indústria ligeira, que produz sobretudo para o mercado camponês, a base da indústria em seu conjunto". (Idem)

A nova política de Stalin semeia a confusão na Oposição de Esquerda. Esta, acredita que Stalin está aplicando o seu programa e, muitos opositores, importantes dirigentes, como Preobrazhenski, Karl Radek e Smilgá, rompem com a Oposição em 1929. (Ibid, p. 274)

Neste momento, inicia-se o embate entre Stalin e Bukharin, o primeiro estabelece uma ofensiva contra a ala direita do Partido soviético, acusada de partidária do *kulak*. Esta ofensiva resultará na capitulação do último no ano seguinte.

Porém, Bukharin preside o VI Congresso da *Comintern* e defende a linha da radicalização das massas, sustenta Pierre Broué, "mesmo considerando as ideias da direção catastróficas", "contra seu próprio programa". (Ibid, p. 279)

Ainda, destaca-se que a carta de Trotski dirigida ao Comitê Executivo da *Comintern* é acessada pelos delegados do congresso, repercutindo entre as delegações. Mesmo que exista uma repercussão de suas críticas, a sensação de impotência daqueles não alinhados a direção é flagrante. (Idem)

A Oposição de Esquerda, a partir de 1928, iniciou o seu processo de internacionalização e reagrupamento ao entorno do programa da Oposição russa e da liderança de Trotski. As dificuldades para a formação de núcleos oposicionistas evidenciam a dificuldade de difundir e debater o programa oposicionista, devido a questões de logística e política. Os oposicionistas, de maneira geral, encontravam dificuldades para romper o isolamento em seus respectivos países.

Neste ínterim, a Oposição de Esquerda desenvolve-se na China em 1929, a partir do contato entre o grupo de Chen Duxiu e Peng Shuzhi com estudantes chineses oposicionistas de Moscou. (Ibid, p. 715)

Politicamente, o estabelecimento da Oposição na Alemanha mostrava-se fundamental. Sob o impacto da Oposição Unificada, constitui-se o *Leninbund* como fração pública do Partido Comunista, liderados por partidários de Zinoviev. Quando a liderança de dirigentes históricos, como Ruth Fischer e Maslow, abandona a organização; o *Leninbund* fica sob a direção de Hugo Urbahns. O oposicionista russo Solntsev tenta ganhá-lo para as posições de Trotski, mas este oscila entre a linha da Oposição de Esquerda e a de construir um novo partido. Naquele momento, os trotskistas do *Leninbund* "podem ser contados nos dedos de uma mão". (BROUÉ, 2007, p. 718)

Ainda, a crise da Oposição de Esquerda russa, dividida entre a capitulação e o isolamento, reforçou o papel de Trotski no exterior, a partir de 1929. No exílio turco, Trotski recebe, sobretudo, a visita de franceses. É nesse contexto que ele escolhe Alfred Rosmer para "operar um reagrupamento político, sobre uma base clara". (Ibid, 720) Os motivos que levaram Trotski a escolhê-lo foram apresentados por Pierre Broué.

Vejamos:

Para Trotski, Rosmer era um amigo pessoal, mas, sobretudo, um homem que merecia total confiança por sua lealdade e rigor moral. Era também um veterano das lutas contra a corrente, o adversário indomável da união sagrada, um dos pilares do núcleo internacionalista de 1914 e um dos primeiros franceses a viajar a Moscou para se colocar a serviço da revolução. Um lutador com uma biografia significativa. Ele não era nem um manobrador, nem orador, nem teórico, nem muito menos um *apparatchik*. Expulso do PCF nos dias do zinovievismo, ele nunca pertencera verdadeiramente ao núcleo dirigente, era pouco informado das querelas do aparato, mas estava perfeitamente inteirado de tudo o que dizia a respeito ao movimento operário na França e internacionalmente. (Idem)

Trotski esboçou critérios que deveriam nortear a definição da Oposição. O eixo de sustentação do programa inicial partilhava da luta dos oposicionistas russos. A partir da crítica a teoria do socialismo num só país, o programa deveria relacioná-la com a política econômica do Estado soviético e as atitudes do Comitê Sindical Anglo-Russo e da Revolução Chinesa. Contudo, tais critérios, afirma Pierre Broué, não foram decisivos. O reagrupamento promovido por Rosmer trouxe para a Oposição as minorias do *Leninbund* e do *Die Fahne des Kommunismus*, na Alemanha, e do *Contra a Corrente* e do núcleo da *Révolution Proletarienne*, na França. (Ibid, p. 720-721)

Ressalta-se que os primeiros grupos da Oposição de Esquerda desenvolveram-se a partir de uma experiência oposicionista anterior ao VI Congresso. Desde 1924, muitos de seus militantes foram afetados pelos ziguezagues políticos da direção da *Comintern*. Os casos alemão e francês, neste sentido, apresentam formações contraditórias, isto é, uma experiência marcada pela luta faccional.

Apesar da existência de oposicionistas em diversos países europeus, sobretudo, como Espanha, Holanda, Tchecoslováquia; estes permanecem embrionários nos anos finais da década de 1920. Na década seguinte, surgem com maior amplitude grupos de Oposição, que representam a experiência faccional do período anterior. Também, formam-se novos grupos de Oposição que tomam contato pela primeira vez com as divergências na União Soviética e na Internacional Comunista, cuja gestação desenvolve-se, sobretudo, após o VI Congresso da *Comintern* e que atinge todos os quadrantes do planeta. Talvez, esta seja a melhor resposta para explicar o por quê de a Oposição de Esquerda desenvolver-se lentamente nos últimos anos da década de 1920 e ganhar intensidade e relativa tonalidade nos primeiros anos da década de 1930.

Por conseguinte, a Oposição se desenvolveu em terras americanas, no Brasil e nos EUA, entre outros países, colocando-se como importante interlocutor dos seus respectivos partidos comunistas. As páginas que seguem procuram evidenciar essas trajetórias com suas vicissitudes, percorrendo a intervenção dos trotskistas em cada país.

1. O TROTSKISMO BRASILEIRO E NORTE-AMERICANO: DA OPOSIÇÃO DE ESQUERDA AOS PARTIDOS DA IV INTERNACIONAL

Este capítulo procura evidenciar a trajetória dos trotskistas no Brasil e no EUA com ênfase no desenvolvimento de suas organizações políticas entre 1928 e 1940. Neste sentido, ele deve possibilitar entrever os episódios que se envolveram, a relação com seus respectivos partidos comunistas, em especial, no contexto de ruptura parcial, quando da formação da Oposição de Esquerda, e de ruptura definitiva, com a formação dos partidos trotskistas. Assim, espera-se subsidiar o leitor para facilitar a compreensão da segunda parte da corrente tese.

1.1 As Origens Do Trotskismos Norte-Americano

As conferências realizadas no *Labour Temple* pelo dirigente trotskista James Patrick Cannon estabelecem uma característica importante que marcou a primeira década do comunismo nos Estados Unidos da América, a das lutas entre frações que objetivam liderar os comunistas. Na ocasião, ele procurou evidenciar as conexões do movimento trotskista norte-americano com o período anterior, com sua origem no CPUSA. O relato de Cannon permite verificar três momentos distintos das lutas fracionais que pautaram a primeira década de atividade política comunista. A primeira, envolvendo a composição da direção partidária; a segunda, debatendo a natureza de sua atividade política e a terceira envolta com as alianças do Partido.

As primeiras lutas fracionais foram as chamadas "lutas de controle", desde o início enraizadas na ala esquerda do Socialist Party (SP), fração que impulsionou a formação do CPUSA. O debate sobre a composição da direção partidária opôs estadunidenses e estrangeiros, ocasionando a primeira cisão entre os comunistas, antes de eles se organizarem formalmente. (CANNON, 2013, p. 27-28).

Conforme James P. Cannon, desenvolveu-se uma situação constrangedora para a ala Esquerda SP:

Anunciaram ao mundo alguns dias depois que haviam organizado não um Partido Comunista e sim dois. O que tinha a maioria era o Partido Comunista dos Estados Unidos, dominados pelas Federações Estrangeiras; o outro, o Partido Operário Comunista, representando a fração minoritária (...), com sua maior proporção nativa e estrangeiros norte-americanizados.

(...). Dois partidos com programas idênticos, batalhando ferozmente um contra o outro. (Ibid, p. 28-29)

O desfecho foi pouco animador para os comunistas. Ainda, a situação política do Estados Unidos no pós-guerra não favorecia o desenvolvimento das ideias socialistas. De acordo com Sean Purdy:

A combinação do patriotismo estreito, cultivados em tempos de guerra, com os novos poderes autoritários do governo, a recessão econômica no período pós-guerra e as preocupações com a crescente popularidade das ideias socialistas desencadeou, em 1918-1919, a mais intensa repressão da história americana, a chamada "Caça aos Vermelhos". (...). Centenas de ativistas políticos, como os líderes socialistas Eugene Debs e Kate Richards O'Hare, foram presos. O congresso autorizou a deportação de imigrantes radicais, prendendo mais de dez mil e expulsando mais de quinhentos, incluindo a anarquista Emma Goldman. (PURDY, 2016, p. 194)

Os dois partidos comunistas foram atingidos pelos efeitos da política autoritária do governo que perdurou até os primeiros meses de 1922. Dirigentes foram presos ou processados e milhares de militantes estrangeiros foram deportados. Ambos partidos formaram grupos ou células ilegais. (Ibid, p. 29)

A segunda fase da luta fracional no movimento comunista estadunidense iniciou no final do ano de 1921, quando os dois partidos haviam se unificado. Ganhou força a ideia de que o Partido, para ser revolucionário, deveria manter-se na clandestinidade. A unidade das frações James P. Cannon e Jay Lovestone possibilitou a obtenção de uma discreta maioria no Comitê Central do Partido e o início da atividade política legal. Em dezembro, os comunistas organizaram o Partido Operário, como uma organização aberta, mantendo o CPUSA na ilegalidade. (Ibid, p. 32-35)

As divergências sobre a natureza da luta dos comunistas evoluíram para uma discussão sobre a efetiva necessidade de manutenção dos dois partidos. Elas foram levadas ao IV Congresso da *Comintern*, ocorrido em dezembro de 1922, quando o setor "liquidacionista", do qual Cannon fazia parte, recebeu parecer favorável à ideia de legalizar o CPUSA. (Ibid, p. 36-38).

A terceira fase das lutas fracionais no CPUSA iniciou em 1923. O Partido vivenciou a incorporação de alguns sindicalistas estadunidenses para suas fileiras, como William Z. Foster. Enquanto isso, "o partido começou gradualmente a tornar-se sindicalizado", iniciando sua atividade sindical na *America Federation of Labour* (AFL). O sindicalismo independente que animou os comunistas no período anterior

foi substituído pelo trabalho no interior dos sindicatos reacionários. (Ibid, p. 42-44). Neste sentido, James P. Cannon sustentou que:

A tentativa da direção do partido, através de uma série de manobras e combinações, para se formar um **grande partido operário-camponês** da noite para o dia, sem o suficiente apoio no movimento das massas trabalhadoras, sem a suficiente força dos próprios comunistas, colocou o partido em desordem. (Idem, p. 44, grifos do autor.).

Naquele momento, as fraçõesse Foster divergiram da maioria liderada por Charles Emil Ruthenberg, Jay Lovestone e John Pepper. Os primeiros apoiavam-se, sobretudo, nos sindicalistas, "trabalhadores norte-americanos experimentados", militantes e os "estrangeiros norte-americanizados". Por outro lado, a maioria era composta de intelectuais e "trabalhadores estrangeiros menos assimilados". James P. Cannon recorda que o objetivo da minoria foi o de "proletarizar e norte-americanizar o partido". (Ibid, p. 49-50)

A partir de 1924, as lutas entre as frações ocasionaram o deslocamento político das mesmas. Mesmo a interferência da *Comintern*, favorável à fração Lovestone, não significou o enfraquecimento das demais. O peso de cada uma delas era muito forte, pois "nenhuma delas podia ser quebrada ou eliminada". Desde a morte de Ruthenberg, em 1927, o Partido funcionava como "uma coalizão de três frações", a de Cannon, a de Foster e a de Lovestone. (Ibid, p. 51-53).

Nesta terceira fase, agrega-se um componente exterior: o processo de depuração de quadros políticos reconhecidos pelo movimento comunista internacional e das lideranças históricas da Revolução de Outubro de 1917. O Estados Unidos não será exceção! Na época, Cannon evidenciou a falta de um conhecimento adequado da questão. "Brigávamos na obscuridade, pensando somente em nossas questões nacionais". (Ibid, p. 58)

É importante destacar que, desde outubro de 1927, essa obscuridade começou a desaparecer. Militantes estadunidenses em Moscou apoiaram a expulsão de Leon Trotski do Partido Comunista soviético e procuraram informar seus camaradas que estavam nos Estados Unidos. Neste sentido Jacob Zumoff (2003, p. 231-232) sustenta que as frações de Lovestone e de Foster passaram a desenvolver o anti-trotskismo mesmo sem entender completamente o que essa posição envolvia, utilizando a mesma para barganhar apoio em Moscou e, assim, pender a balança para o seu lado na luta entre as frações do Partido.

A campanha contra o "trotskismo" foi iniciada no *Plenum* de fevereiro de 1928. Cannon e sua fração não opinaram sobre a questão, pois o interesse da fração ficou restrito a questões puramente nacionais, situação política, questão sindical e organização do Partido. Na década de 1950, rememorando o *Plenum*, James P. Cannon alegou a ausência de informações, afirmando: "Não sabíamos qual era a verdade". Até então, o único documento da Oposição de Esquerda russa, que Cannon havia acessado, versava sobre a polêmica questão do Comitê Sindical Anglo-Russo. Apesar do seu acordo com o documento oposicionista, este não significou nenhum tipo de crítica ou objeto de disputa no interior do CPUSA. (CANNON, op. cit, p. 65-67)

Entre julho e setembro de 1928, delegados do Partido participaram em Moscou do VI Congresso da *Comintern*. No evento, Cannon estabeleceu o primeiro contato com o programa oposicionista. Ele acessou o escrito de Trotski, intitulado "Projeto de Programa da Internacional Comunista: uma crítica de fundamentos". (ALEXANDER, 1991, p. 763)

O estudo do documento foi realizado em parceria com o comunista canadense Maurice Spector; ambos foram convencidos pelo texto. Pouco tempo depois, eles retornaram aos seus países para o início da "luta sob a bandeira do trotskismo". (CANNON, op. cit, p. 70-71)

O convencimento dos comunistas próximos a Cannon ocorreu lentamente, através da leitura do documento que ele trouxe de Moscou. Apesar do alcance limitado, este método permitiu certa discrição para o convencimento de novos oposicionistas. Assim, os primeiros aderentes da fração pró-Trotsky no Estados Unidos foram os antigos aliados das lutas fracionais no CPUSA, Max Shachtman e Martin Abern, além de Rose Karsner, sua esposa. (ALEXANDER, op. cit, p. 764)

Contudo, não demorou para que boatos ligassem Cannon a Trotski:

Finalmente, depois de um mês ou algo mais, terminamos sendo expostos a partir de uma pequena indiscrição de parte de um dos camaradas, e tivemos que enfrentar prematuramente o fato no bloco Foster-Cannon. (...). Nós tomamos a ofensiva. Eu disse: 'Considero como um insulto para qualquer pessoa querer examinar-me. Minha posição no partido foi muito claramente estabelecida há dez anos e nego a qualquer pessoa o questionamento'. Assim, conseguimos através do descaramento outra semana mais, e nessa semana uns poucos novos convertidos aqui e ali. (CANNON, op. cit., p. 73)

O próximo encontro do bloco trouxe novamente a questão. Clarence A. Hathaway [Charlie], que havia regressado de Moscou, onde participara da Escola Lenin, propôs uma moção de condenação ao trotskismo como contrarrevolucionário. Novamente, a fração Cannon agiu dissimuladamente e conseguiu adiar a questão. Duas semanas depois, os boatos de que Cannon, Shachtman e Abern realizavam proselitismo trotskista permaneceram, quando a fração Foster resolveu agir. Na reunião do bloco, eles foram expulsos e logo denunciados ao Comitê Político do Partido. (Ibid, p. 73-74)

O julgamento da fração pró-Trotsky prolongou-se por vários dias. Quando a audiência atingiu seu ápice, com a presença de cem funcionários e a difusão do julgamento para o conjunto do CPUSA, Cannon leu documento declarando apoio integral a Trotski e a Oposição de Esquerda russa. Em 27 de outubro de 1928, o julgamento foi encerrado com a expulsão da fração Cannon do Partido. A luta aberta pelo trotskismo iniciou na primeira semana de novembro, com a publicação do jornal *The Militant*. (Ibid, p. 74-75)

Contudo, a luta aberta pelo trotskismo, desde cedo encontrou muitas dificuldades. Segundo Alexander, o secretário geral do CPUSA, Jay Lovestone, iniciou uma forte campanha contra os seguidores de Trotski no país. Lideranças oposicionistas tiveram seus apartamentos invadidos e arquivos revirados. Aqueles militantes, responsáveis pela divulgação do jornal *The Militant*, foram espancados e muitas reuniões, organizadas por Cannon, foram interrompidas. Cada unidade do CPUSA foi forçada a aprovar resoluções contrárias à fração. Essa prática acabou originando novos militantes que se recusaram a condenar Cannon sem conhecer suas ideias. Foi o caso da unidade do Partido de Mineápolis, onde um grupo significativo aderiu a oposição. A cidade de Chicago também deu origem a novos oposicionistas, contrários a atitude da liderança comunista, como Albert Glotzer, figura importante da juventude comunista, e Arne Swabeck, membro ativo da Federação do Trabalho, entre outros. (ALEXANDER, op. cit, p. 765)

Outra situação contribuiu para dificultar a organização da Oposição de Esquerda; Abern, Cannon e Shachtman, entre outros, tinham sido funcionários do CPUSA. Logo seus salários foram interrompidos e eles ficaram sem nenhum tipo de recurso. Para a publicação do jornal *The Militant*, eles tiveram, de início, ajuda financeira de Max Eastman, Antoinette Konikow e de um grupo simpatizante de Trotski na cidade de Boston. (Ibid, p. 765-766)

Apesar das dificuldades, eles obtiveram uma série de pequenos sucessos na incorporação de novos militantes, como um grupo de húngaros que havia sido expulso anteriormente do Partido e havia demonstrado simpatia pelas posições de Trotski, além de outros, de italianos, seguidores de Amadeo Bordiga. Somaram-se a eles pequenos grupos de militantes comunistas que afluíram para o movimento trotskista, provenientes de Chicago, Minneapolis, Kansas City e Filadélfia, assim como alguns indivíduos isolados de Cleveland, St. Louis e do sul de Illinois, igualmente marcando presença. Logo, Cannon visitou uma série de cidades com o objetivo de contatar aqueles que fizeram parte da fração no CPUSA, buscando consolidar os novos grupos locais e recrutar membros. (Idem.)

De acordo com Bryan Palmer (2013, p. 272), "até o final de novembro de 1928, as fileiras nascentes do trotskismo americano provavelmente somavam cerca de 125 indivíduos, sendo que 27 desses comunistas expulsos estavam em Mineápolis"³. Desta forma, a Oposição de Esquerda constituía uma base mínima para realizar sua primeira convenção nacional. E, apesar de imensas dificuldades, consolidou a publicação do jornal *The Militant*.

1.2 Antecedentes Da Oposição De Esquerda No Brasil

Os antecedentes da Oposição de Esquerda no Brasil estão relacionados a uma série de episódios no plano nacional e internacional, sobretudo com as diferenciações que se desenvolvem no Partido Comunista do Brasil (PCB) e na Internacional Comunista. Com efeito, as divergências envolvem o programa revolucionário, as relações entre a *Comintern* e suas seções nacionais, a exclusão de Trotski do Partido Comunista soviético e o exílio forçado em Alma Ata na Turquia e, em especial, as posições de Trotski em relação ao desenvolvimento interno da União Soviética e ao programa da *Comintern*.

O PCB, fundado em 1922, surgiu da reunião de lideranças do movimento operário de extração anarquista. Para Marcelo Mattos (2002, p. 25), o crescimento inicial do partido, desenvolveu-se através das tentativas de "aglutinar as simpatias provocadas pela vitória da Revolução Soviética de 1917" e, também, de adequação "ao formato já então exportado para o mundo todo, do partido

³ By the end of November 1928, the nascent ranks of American Trotskyism probably numbered about 125 individuals, some 27 of these expelled communists being in Minneapolis.

bolchevique". A intervenção do Partido definiu a ação sindical como a melhor forma de difundir sua doutrina e "comandar o proletariado no enfrentamento violento com a ordem estabelecida, para a tomada do Estado, em direção a sociedade socialista". Neste sentido, o partido age como uma "vanguarda revolucionária" em relação ao movimento operário brasileiro.

De acordo com Edgard Carone (1977, p. 66-67), a prioridade à ação sindical, na década de 1920, esteve relacionada aos esparsos momentos de legalidade que o Partido vivenciou, o primeiro em 1922 e o segundo somente em 1927. Neste ínterim, o partido publica a *Revista Movimento Comunista* (1922), o jornal *A Classe Operária* (1925) e participa do diário *A Nação* (1927); além de ampliar os quadros partidários, caracterizado pelo autor como "relativamente virgens da cultura marxista".

Neste sentido, Marcos Del Roio sustenta que:

Poucos foram os intelectuais a aderir ao PCB nestes primeiros anos, o que reforça o caráter imerso do partido para o mundo do trabalho urbano, de modo que a elaboração teórico-política ficou quase que integralmente a cargo de Octávio Brandão e Astrogildo Pereira. (DEL ROIO, 2002, p. 27)

O primeiro esforço teórico para compreender a formação social brasileira, oriundo do PCB, veio da obra *Agrarismo e Industrialismo* de Octávio Brandão em 1926. A seguir, Marcos Del Roio comenta o percurso deste e suas conclusões:

Octávio Brandão identifica nas oligarquias agrárias, particularmente na de São Paulo, as forças sociais e políticas a serem batidas a fim de que o país pudesse transpor as condições feudais e enveredar de uma forma mais decisiva pelo caminho do desenvolvimento das forças de produção do capital. Diante de uma complexa e conflituosa situação social, na qual as classes e camadas sociais têm um perfil fosco, as possibilidades de alianças sociais seriam a um tempo variadas e passageiras, ainda agravadas pelos conflitos interimperialistas dos quais o Brasil seria um dos palcos. A rebelião militar eclodida em São Paulo em 1924, segundo essa visão, marcaria um recuo significativo da burguesia na sua oposição ao "absolutismo presidencial" (no dizer de Astrogildo Pereira), do Estado agrário e a projeção da pequena burguesia urbana como principal força política antioligárquica. (Ibid., p. 28-29)

Em síntese, esta leitura, para Marcos Del Roio, permitiria que o partido apoiasse "a rebelião pequeno-burguesa contra o domínio dos grandes proprietários agrários, preservando, porém, sua autonomia de classe (Ibid., p. 29)". Para o autor, a contribuição teórica de Brandão foi pretensiosa, ainda que rústica, pois, na realidade, ele serviu como:

expressão da situação política e cultural de uma classe operária predominantemente artesanal, com setores precocemente projetados para o mundo da "grande indústria", acuada em meio à crise da dominação oligárquica e à impossibilidade de uma revolução burguesa que generalizasse o mercado e o Estado liberal-burguês. (Idem)

Assim, Michel Zaidan Filho evidencia que as teses de Brandão na obra *Agrarismo e Industrialismo* inspiraram "a linha do II Congresso do PCB, realizado entre 16 e 18 de maio de 1925". (ZAIDAN FILHO, 1989, p. 21). Por conseguinte, as teses sobre a situação política nacional permitem verificar esta inspiração:

1. Levar por diante a luta ideológica tendente a despertar e cristalizar a consciência de classe do proletariado. Estabelecer nitidamente, em todas as lutas políticas do país, a diferenciação de interesses e de ideologia entre as classes. Combater energicamente erros, desvios e ilusões, tanto da extrema esquerda anarquista como da direita socialista (reformista). 2. Em meio das lutas políticas, civis e militares, entre o capitalismo agrário e o capitalismo industrial, manobrar as forças proletárias como forças independentes, visando seus próprios interesses de classe. 3. Em face da pequena burguesia, o PCB, deve, sem alimentar suas ilusões democratas e suas confusões ideológicas, antes, combatendo-as decididamente, esforçar-se por conquistas ou pelo menos neutralizar seus elementos em vias de proletarização e em luta contra a grande burguesia industrial ou agrária. Numa palavra, o PCB, partido da classe operária, deve conduzir a pequena burguesia e não ser conduzido por ela. (Idem)

A possibilidade de vivenciar um novo período de legalidade no ano de 1927 permite ao PCB intervir politicamente para a criação do Bloco Operário (BO), organização da classe operária brasileira, liderada pelos comunistas e dotada de "um programa de reivindicações classistas". A ideia estava relacionada a tentativa de viabilizar a pequena burguesia urbana como "interlocutora política privilegiada" das candidaturas operárias. (Ibid., p. 22-23)

Em pouco tempo, o BO transformou-se em Bloco Operário Camponês (BOC) e buscou articular politicamente com os tenentes. A elaboração teórica de Brandão para a revolução brasileira trouxe a pequena burguesia urbana como sujeito histórico fundamental da "revolução democrática pequeno-burguesa" e os tenentes eram seus principais representantes. Como sustentou Michel Zaidan Filho, uma "materialização tática dos princípios daquela estratégia". (Ibid., p. 29-30)

Desde meados de 1927, o PCB procurou articular politicamente com o líder tenentista Luis Carlos Prestes, exilado na Bolívia. O primeiro enviado para essa tarefa foi Astrogildo Pereira, mas não obteve êxito na formação de uma aliança com

Prestes. Ainda, uma nova tentativa de aliança ocorreria dois anos depois. (Ibid., p. 41-42)

A primeira divergência no Comitê Executivo ocorreu em outubro de 1927. Na ocasião de uma reunião do Comitê Central Executivo (CCE) do PCB, Rodolpho Coutinho objetou a perspectiva de aproximação com Luiz Carlos Prestes, mostrando-se "radicalmente contrário" à possibilidade de aliança com um "movimento pequeno-burguês". (MARQUES NETO, 1993, p. 100)

Neste sentido, a formação BOC e seu objetivo de construir uma "ampla frente única de forças políticas antioligárquicas" e "antiimperialistas" acirrou as divergências. Propagandeava-se, a partir do BOC, a formação do "Guomindang brasileiro" e seu objetivo de aproximação da "juventude militar rebelada", o que resultou em uma aproximação com a "pequena burguesia urbana". (DEL ROIO, op. cit, p. 30-31)

A aprovação da política bloquista na reunião coroou o esforço inicial dos dirigentes comunistas, originando, em contrapartida, o primeiro passo efetivo ao encontro do programa político de Trotski e da Oposição de Esquerda russa. Efetivo porque *provavelmente* Rodolpho Coutinho tinha conhecimento desse programa e, em especial, do debate sobre a revolução chinesa. Sobre o indicativo, José Castilho Marques Neto demonstra o perfil do primeiro opositor e o itinerário percorrido por Coutinho, sugerindo o seu conhecimento prévio.

Recém chegado da Alemanha, para onde havia seguido após uma temporada na União Soviética em 1924, quando representa o Brasil no III Congresso da III Internacional, Rodolpho Coutinho é um destacado militante. Advogado e professor pernambucano, é ainda primo de Cristiano Cordeiro, fundador do PCB em 1922. Na fundação do Partido, foi eleito suplente do Comitê Central, ocupando-se em estudar a questão agrária. Segundo depoimentos de ex-militantes trotskistas, Coutinho teria conhecido Trotsky e debatido com ele sobre seus estudos agrários, o que o torna o primeiro brasileiro a aproximar-se de Trotsky em meados dos anos 1920. Desenvolve intensa atividade intelectual e militante na Europa, principalmente na Alemanha. (MARQUES NETO, Op. cit, p. 99)

Nesse sentido, indícios corroboram sua intervenção na reunião, em querejeita a aliança com a pequenaburguesia, estão mínimo entrelaçadas a um conhecimento, ainda frágil, das divergências que se desenvolvem na União Soviética e em algumas seções europeias da *Comintern*.

A segunda divergência que atingiu o PCB ocorreria no ano seguinte, pouco antes da realização do VI Congresso do *Comintern*. Durante a Conferência de

Organização da Região do Rio de Janeiro, Joaquim Barbosa e Joaquim Pimenta foram duramente acusados de corporativismo sindical, levando-os, respectivamente a demitirem-se do CCE e da Federação Sindical Regional do Rio de Janeiro. (Ibid., p. 116)

A partir de então, Joaquim Barbosa resolveu alinhar suas diferenças com o Partido, como demonstra José Castilho Marques Neto:

A primeira dela dizia respeito à regulamentação da lei de férias, que concedia 15 dias de férias aos trabalhadores da indústria e do comércio. Barbosa que defendia um movimento independente dos trabalhadores, que exerceriam pressão direta sobre o governo, afirmava que, com a participação dos sindicatos, dirigidos pelos comunistas no processo de discussão da regulamentação, o partido viu-se colocado na posição de cúmplice do que foi aprovado nos debates, sendo a lei de férias, na prática, 'revogada mercê de um regulamento capcioso e inexequível'. O processo de regulamentação da lei de férias apontou para a criação da Confederação Geral do Trabalho, sustentada por uma suposta unidade de pontos de vista entre representantes operários. Para Barbosa, tratava-se de um 'plano mirabolante', que ignorava a realidade e servia para distanciar o partido da vida sindical, além de chocar-se com as resoluções do II Congresso do PCB. Chamava a atenção para o caráter sectário da política sindical do PCB e, de outro, levava uma acirrada luta ideológica com os 'amarelos' e os anarcossindicalistas, resultando numa excessiva identificação do partido e sindicato. (Idem)

O PCB vetou a difusão da carta. Porém, o Comitê Regional do Rio de Janeiro ignorou a proibição e realizou a discussão do conteúdo da mesma, ocasionando a demissão da direção regional em abril. Após protestar contra essa decisão, Coutinho demitiu-se do CCE. Esse episódio da Oposição Sindical trouxe atona o descontentamento de meia centena de militantes que enviaram documento à direção do Partido, sugerindo a falta de democracia interna e os abusos da direção no episódio, enquanto o final do documento reivindicou uma nova conferência nacional do PCB. Como demonstra José Castilho Marques Neto, "sem a resposta esperada, 46 deles demitem-se do partido". (Ibid., p. 117)

O episódio da Oposição Sindical foi fundamental para a manutenção do primeiro passo em direção ao trotskismo. Em seguida, Coutinho exerceu considerável influência na Juventude Comunista(JC), a fim de fazer chegar o que estava sendo discutido, precipitando uma crise no seu nascedouro. Novas demissões foram encaminhadas, enquanto a JC perdeu quatro membros de sua direção, inclusive o futuro opositor Hilcar Leite. Neste ínterim, Aristides Lobo,

que trabalhava na JC em São Paulo, passou para o lado da Oposição Sindical. (COGGIOLA, 2003, p. 240-241)

Assim, a ligação entre os episódios da Oposição Sindical e da Cisão de 1928 são evidentes; o último, no entanto, está intimamente relacionado a um memorial produzido, ainda no início de 1928. Desta forma, uma série de movimentos precários parecem caminhar para um denominador comum.

Apesar destes episódios emblemáticos, algumas ligações podem ser estabelecidas a partir de movimentos internos ainda precários no partido. Antes da 'Cisão de 1928', a existência de um memorial ao próximo congresso do PCB indica o descontentamento com o partido. As cartas de Coutinho dirigidas a Lívio Xavier, de janeiro de 1928, indicam a presença do memorial que, após a demissão de maio, 'o grupo tenta fazer discutir no III Congresso do Partido'. O documento produzido ao III Congresso do PCB contém traços da crítica do memorial. (LISBOA, 2014, p. 26-27)

No entanto, aqueles que se demitiram do Partido não conseguiram ser ouvidos durante o III Congresso do PCB. Este aprovou uma resolução permitindo o retorno dos militantes oriundos da cisão, desde que, "individualmente e após um pesado processo de autocrítica". (MARQUES NETO, 1993, p. 116-117)

Outros dois episódios provocaram divergências e reinstalaram a luta fracional no PCB. Na ocasião, a greve dos trabalhadores gráficos, em São Paulo, e o episódio da célula⁴ 4-R, no Rio de Janeiro, criticaram fortemente a orientação esquerdista dos comunistas. É o que indicam DainisKarepovs e José Castilho Marques Neto:

O primeiro foi uma greve de 72 dias (de março a maio de 1929), realizada pelos gráficos de São Paulo, que reivindicavam o cumprimento da legislação de férias, da jornada de trabalho para mulheres e aprendizes e do pagamento por acidentes de trabalho. A orientação esquerdista do PCB buscava ampliar a greve e levá-las a outros setores. Esta atitude levou a uma sectarização do movimento e seu prolongamento inútil, gerando poucos ganhos concretos para os trabalhadores grevistas. O resultado evidente desta ação desastrosa do PCB foi seu desgaste em São Paulo. Mas o resultado ainda pior, do ponto de vista interno, ficou conhecido como 'o episódio da célula 4-R'. Essa célula agrupava gráficos do jornal *O Paiz* e, em julho de 1929, do mesmo modo que Barboza fizera cerca de um ano antes, defendia a necessidade imperiosa da organização das massas para a consolidação das forças comunistas. O grande obstáculo, segundo a 4-R,

⁴ As células são o partido organizado em espaços comuns de atuação e luta (a fábrica, a empresa, o bairro, a escola, os movimentos sociais). Têm a finalidade de ligar o partido às massas, num sentido de mão dupla. De um lado, devem participar da vida das massas, procurando levá-las a conhecer, assimilar e pôr em prática a linha política do partido. De outro lado, devem recolher delas suas experiências, reivindicações e tendências, para capacitar o partido a elaborar propostas políticas justas para as necessidades do seu tempo. In. *O que é o Partido Comunista*. Disponível em: <https://pcb.org.br/portal/docs/partidocomunista.pdf>. Acesso: 10 jun. 2017.

era a orientação esquerdista do PCB.(KAREPOVS& MARQUES NETO, 2002, p. 118-119)

Sobre o resultado da investida crítica da 4-R, José Castilho Marques Neto evidencia que o III Pleno do Comitê Central não aceitou as críticas, expulsando os militantes. Eles justificam a ação devido aos "desvios de direita" e a "subestimação da situação objetivamente revolucionária do país e das forças do partido". (MARQUES NETO, Op. cit, p. 125)

A partir de então, pode-se dizer que a política do terceiro período e sua orientação de classe contra classe, decorrentes do VI Congresso da *Comintern*, foram aplicadas pelos comunistas brasileiros. Inclusive a sua estratégia da revolução democrática já havia sido modificada, ainda que timidamente. Conforme José Castilho Marques Neto,

A ligeira mudança de estratégia, buscando agora deixar explícita a hegemonia do Partido Comunista, obedece à crítica provinda da experiência Kuomintanguista. Fundamentalmente, no entanto, ela permanece assentada em suas velhas bases. [...]. As modificações da estratégia política não chegam a abalar a crítica contundente dos opositoristas: por um lado, abandona-se a ideia do Partido operário fundir-se com outro, a perspectiva etapista da revolução consolida-se e, nela, a aliança com a pequena-burguesia e os setores antiimperialistas investe-se de inevitabilidade pragmática. (Ibid, p. 98)

Por sua vez, os dissidentes encontram-se dispersos depois de uma série de dissensões acumuladas no PCB até fins de 1929, quando Mário Pedrosa retorna ao Brasil e procura organizar os dissidentes.⁵

Mário Pedrosa promoveu uma série de atividades com o objetivo de lançar as bases da Oposição de Esquerda no Brasil. Sobre o objetivo, a iniciativa e seus limites foram apontados por Dainis Karepovs, Michael Löwy e José Castilho Marques Neto:

⁵ Mário Pedrosa foi designado pelo PCB para frequentar a Escola Leninista em Moscou. Contudo, ao chegar na Alemanha, ele desistiu de continuar sua viagem a Moscou, após descobrir que Trotskiea oposição foram expulsos do Partido Comunista da União Soviética (PCUS). Ainda, Karepovs, Löwy e Neto sugerem que Pedrosa, antes de embarcar a Moscou, já conhecia os problemas políticos enfrentados na URSS e na IC, descartando a tese que indica que a interrupção de sua viagem a Moscou fora causada por uma doença que propiciou que conhecesse as teses da Oposição ligada à Trotsky. Segundo os autores, Pedrosa já conhecia as posições políticas dos opositoristas antes do embarque". Ainda é preciso dizer que "as cartas endereçadas a Xavier durante a estada de Pedrosa na Alemanha permitem, ainda, afirmar que o primeiro conhecia desde 1928 a situação recente da Oposição de Esquerda. Mesmo a distância Pedrosa procura dialogar com Xavier acerca da Oposição Sindical e da Cisão de 1928 que considera precipitada. (LISBOA, Op. cit, p. 28)

Promover atividades de estudo entre os dissidentes, sem nenhuma atividade prática e organizativa paralela ao PCB. Buscava-se na sua expressão, a 'homogeneidade ideológica' do grupo, demonstrando que nada estava pronto quando ele retornou ao país. Suas cartas e o material político enviado ao Brasil não chegaram a aproximar um grupo maior de pessoas que não fosse o seu círculo de debates. (KAREPOVS, LÖWY& MARQUES NETO, 1995, p. 234).

Como resultado desta atividade de estudo, nos primeiros meses de 1930, surge o Grupo Comunista Lenin (GCL) reivindicando-se como uma fração legítima do PCB, agregando "parte da Oposição Sindical", parte da Cisão de 1928, "os militantes da célula 4-R e elementos esparsos". (KAREPOVS& MARQUES NETO, Op. cit, p. 120)

1.3 EUFORIA E DESACELERAÇÃO NOS PRIMEIROS ANOS DA OPOSIÇÃO DE ESQUERDA NORTE-AMERICANA(1928-1932)

Pode-se dizer que o primeiro ano da Oposição de Esquerda ficou marcado pela euforia, principalmente, pela publicação - sustenta Bryan Palmer - de um impressionante jornal, o *The Militant*⁶.(PALMER,2013, p. 274) De 1928 a 1931, ele teve sua publicação ora semanal, ora quinzenal; entre 1932 e 1934, ele foi publicado semanalmente.⁷ Neste período, o jornal manteve-se estável, iniciando com James P. Cannon como editor e Martim Abern e Max Shachtman como editores associados, mas logo formou um Conselho Editorial para o jornal, agregando ArneSwabeck e o canadense Maurice Spector.

Em suas páginas, *The Militant* elaborou politicamente sobre o movimento sindical, o Estados Unidos da América, a União Soviética, o movimento comunista e trotskista nacional e internacional; funcionando, assim, como um importante instrumento de formação, intervenção e organização política da Oposição de Esquerda.

O primeiro número do jornal proporciona uma dimensão adequada do empreendimento. Publica-se a primeira parte do documento "The Draft ProgramoftheComintern - A Criticismof Fundamentals"⁸, redigido por Trotski. Aliás, este documento, que analisa o giro esquerdista da *Comintern* em seu VI Congresso,

⁶ O Militante.

⁷ Publicado entre os anos de 1928 e 1934, o jornal teve 252 edições, das quais 215 definindo-se como órgão da Oposição de Esquerda nos EUA.

⁸ Projeto de Programa da Comintern - Uma Crítica dos Fundamentos.

fora fundamental para a adesão de Cannon e Spectoraluta opositorista. Os próximos números do jornal concluiriam a publicação do documento.

Não obstante, o jornal apresenta uma declaração dos opositoristas sobre o oportunismo e a burocracia no Partido americano. Em "For the Russian Opposition! Against Opportunism and Bureaucracy in the Workers Communist Party of America! A Statement to American Communists"⁹, Abern, Cannon e Shachtman denunciam a existência de omissões e distorções de textos fundamentais da *Comintern* nas seções nacionais, prejudicando uma real discussão sobre o Partido e a Internacional.

No documento, a liderança de Lovestone é acusada de aventureira, irresponsável e oportunista definida politicamente como ala direita do Partido, através da fração Lovestone-Pepper, que a partir do VI Congresso da *Comintern* dirige o partido. Em verdade, Abern, Cannon e Shachtmansustentam que os problemas políticos do Partido e da Internacional estão fundamentalmente imbricados. No presente momento, o perigo da ala direita reverbera nacional e internacionalmente.¹⁰

A declaração dos trotskistas objetiva impedir o início de uma campanha pública no jornal *Daily Worker*¹¹ contra a incipiente oposição no CPUSA. Idealizada pelo Comitê Político (POLCOM), eles esperam barrar essa iniciativa e comunicar publicamente a adesão à Plataforma da Oposição de Esquerda russa e realizar o debate no Partido.¹²

No plano exterior, eles sustentam que a luta da Oposição de Esquerda russa foi confirmada pelos equívocos da *Comintern* no Comitê Sindical Anglo-Russo e nos eventos da Revolução Chinesa, sendo a última alicerçada na "false theory of socialism in one country"¹³. No plano interior, eles apontam para a necessidade de reaver a democracia partidária, lutando contra a burocracia emergente no Partido e na Internacional. Além disso, o Partido deve enfrentar o perigo do *nepman* e do *kulak*, o que obrigará Stalin a virar-se contra a ala direita do Partido. Inclusive, no

⁹ Para a Oposição Russa! Contra o Oportunismo e a Burocracia no Partido dos Trabalhadores (Comunista) da América! Uma Declaração para os Comunistas Americanos.

¹⁰ For the Russian Opposition! Against Opportunism and Bureaucracy in the Workers Communist Party of America! A Statement to American Communists. In. *The Militant*, vol. 1, n. 1, 15 nov. 1928, p. 01-02.

¹¹ Diário do Trabalhador.

¹² Ibid, p. 01-02.

¹³ Falsa teoria do Socialismo num só país.

CPUSA, eles alertam que a sobrevivência da fração Foster está relacionada ao abandono do seu *status* de oposição.¹⁴

Todavia, a publicação da declaração não foi aceita e os três foram excluídos do Partido pelo POLCOM; no dia seguinte a publicação do primeiro número do *The Militant*, o jornal Daily Worker trouxe uma instrução normativa ao Partido para a expulsão de todos aqueles que compactuassem com os trotskistas. Na segunda edição do *The Militant*, Cannon sustentou que as perguntas não foram respondidas e a discussão ficou restrita ao POLCOM. A direção do CPUSA, a fração Lovestone-Pepper, garantida por Nicolai Bukharin, preferiu encerrar a polêmica devido a questões legais; a plataforma de Trotsky já havia sido rejeitada pela *Comintern*.¹⁵

Papel importante no quadro das lutas fracionais do Partido, aliada recente da fração Cannon, a fração Foster aproxima-se da ala direita para salvar-se da acusação de trotskismo. Cannon acredita que o equívoco cometido por William Z. Foster foi o de não retirar da luta em comum que tiveram as suas implicações internacionais, relacionadas ao Partido e à *Comintern*.¹⁶

De novembro de 1928 a maio de 1929, a fração comunista procurou ampliar seus quadros militantes e sobretudo sua audiência entre a classe trabalhadora e os próprios comunistas. Reconhecendo-se como membros legítimos do CPUSA, eles buscam divulgar as suas divergências, em especial, para os membros do Partido e para a vanguarda da classe trabalhadora.

Os militantes da Oposição de Esquerda da cidade de Mineápolis trouxeram Cannon para falar sobre Trotsky e a Plataforma da Oposição no salão do *Industrial Workers of World*¹⁷. O encontro transcorreu normalmente e, as 250 pessoas presentes, acompanharam atentamente a exposição das ideias da liderança da Oposição, graças a formação de uma guarda de trabalhadores na entrada do salão.¹⁸

Poucos dias atrás, três dezenas de militantes das frações Lovestone e Foster invadiram o local do encontro e agrediram dois militantes opositoristas que estavam com os ingressos e, em seguida, tentaram impedir a fala de Cannon, alcançando êxito com a chegada da polícia que encerrou o evento. Neste sentido,

¹⁴ Idem.

¹⁵ The Party "Discussion" Opens. In. *The Militant*, vol. 1, n. 2, 1º dez. 1928, p. 01.

¹⁶ Idem.

¹⁷ Trabalhadores Industriais do Mundo.

¹⁸ The Minneapolis Meetings. In. *The Militant*, Vol. II No. 3, 1 February 1929, p. 07.

Vincent R. Dunne indicou os motivos que impediram uma nova tentativa de obstaculizar a fala de James P. Cannon:

Essa colaboração da polícia e dos gângsteres na supressão do direito dos trabalhadores à liberdade de expressão despertou um ressentimento violento entre os trabalhadores radicais da cidade que viram os opositoristas de Minneapolis na vanguarda de todas as lutas dos trabalhadores militantes nos últimos anos.¹⁹ (Tradução Nossa)

De acordo com o líder opositorista de Mineápolis, os argumentos de James P. Cannon causaram uma profunda impressão, aproximando 35 trabalhadores que deixaram seus nomes e endereços para serem notificados das reuniões e atividades da Oposição de Esquerda.²⁰

O encontro de Mineápolis traz uma questão importante para reflexão sobre os primeiros meses da Oposição de Esquerda nos Estados Unidos. A tarefa de aproximar militantes, agregar novos adeptos e divulgar suas ideias somente teria êxito caso se preparassem para os métodos não convencionais, autoritários da direção do CPUSA. A negativa e a falta de interesse demonstrada pela Ala Direita do Partido em discutir com o grupo opositorista as suas divergências não ficou restrita aos fóruns do Partido. No episódio, Lovestone, Pepper e Foster não hesitaram lançar mão da violência física para combater o trotskismo. Foi uma demonstração das dificuldades que estariam presentes no cotidiano da Oposição de Esquerda.

A relação estabelecida pelos trotskistas com o Partido foi intensa nos primeiros meses da existência da Oposição. A tarefa de realizar o convencimento da base partidária sobre a justeza de suas posições sobre o Partido e a Internacional era uma necessidade imediata. Quanto mais tempo demorasse para expor suas opiniões, maior seria a dificuldade de arregimentar novos membros do Partido para as suas fileiras. Neste sentido, o jornal *The Militant* torna-se fundamental para a divulgação de suas elaborações teóricas e políticas.

Em março de 1929, o jornal traz uma análise de Cannon acerca da Convenção do *CommunistParty*. Com o objetivo de encerrar a luta de frações que

¹⁹ This collaboration of the police and gangsters in the suppression of the workers' right of free speech aroused violent resentment among the radical workers throughout the city who have seen the Minneapolis Oppositionists in the vanguard of every struggle of the militant workers for years past. Idem.

²⁰ Idem.

marcou a existência do Partido e unificar a liderança, o evento evidenciou a intensificação do conflito interno.

Reflexo do colapso político e ideológico da *Comintern*, o embate entre as frações Lovestone e Foster foi resolvido através de manipulações organizacionais, com o objetivo de definir o próximo Secretário Geral do Partido. Dois representantes do Comitê Central da *Comintern* veicularam a proposta de Foster para o cargo e garantiram o endosso da liderança de Stálin no comando da Internacional. Para o líder da Oposição, a intervenção dos representantes da *Comintern* tinha como finalidade ocasionar o rompimento da fração Lovestone com Bukharin. A Carta Aberta proposta pelos representantes da *Comintern* e aprovada com unanimidade marcou, sugere Cannon, uma tentativa de corrigir a linha política do VI Congresso da *Comintern*, devido as pressões da Oposição Internacional, mas a maneira stalinista, sem explicar suas razões.²¹

Os próximos passos da luta aberta pelo trotskismo foram apresentados pelo jornal na primeira edição de abril. A discussão da Plataforma da Oposição avançou no Partido, encontrando defensores em todas as partes do Estados Unidos, resultando naturalmente na expulsão daqueles militantes que romperam o bloqueio que a burocracia stalinista no CPUSA procurou impor. Para Cannon, havia chegado a hora de se preparar para a Conferência Nacional do grupo de Oposição de Esquerda surgido em outubro de 1928. Marcada para 17 de maio na cidade de Chicago, sob o slogan da unidade com base no leninismo, contra burocratas e oportunistas; ele evidencia a dupla tarefa que se coloca para os trotskistas, a de penetrar cada vez mais fundo nas fileiras do Partido e a de organizar os trabalhadores revolucionários que não se encontram nele.²²

Destaca-se que a Oposição procura se organizar estabelecendo suas bases militantes na relação com o Partido, mas também fora dos muros dele. Na prática, ela reivindica-se como Oposição, porém procura ampliar a possibilidade de encontrar adeptos à sua luta nos espaços militantes em que ela se insere, ainda que o debate sobre a situação do Partido e da Internacional seja a ênfase do diálogo.

Ainda, a Oposição angaria pequenas, mas importantes conquistas. A segunda edição do *The Militant* em abril traz uma importante declaração de Albert Glotzer, jovem militante comunista expulso do Partido junto de outros jovens, após

²¹ Results Of The Party Convention. In. *The Militant*, Vol. 2, n. 6, 15 mar. 1929, p. 01, 05.

²² Next Steps in the Struggle. In. *The Militant*, Vol. 2, n. 7, 1º abr. 1929, p. 02.

demonstrarem solidariedade com a Oposição leninista internacional. A declaração é dirigida a Convenção da *Young Workers League* (IWL)²³ e procura esclarecer os motivos do apoio, que resultou na exclusão de vários jovens trabalhadores.

A seguir, Albert Glotzer expõe os parâmetros da luta oposicionista, ao que ela se opõe:

a) a teoria revisionista de “construir uma sociedade socialista completa em um país” (Stalin); b) contra a posição oportunista da Comintern no Comitê Anglo-Russo e seu fracasso em romper com os sindicalistas britânicos após sua traição aberta à Greve Geral; c) contra a linha menchevique da C.E.I.C na Revolução Chinesa, onde foi feita uma aliança com a burguesia nacional na qual os interesses dos trabalhadores e camponeses foram sacrificados; d) por uma luta clara e determinada contra o crescente perigo do Kulak e Nepmen; e) para o estabelecimento da Democracia do Partido, com base na resolução de Lenin no 10º Congresso do Partido Russo, e contra o regime burocrático, os meios pelos quais as classes estrangeiras estão exercendo pressão sobre o Partido e o aparato soviético.²⁴ (Tradução Nossa).

O jovem comunista que subscreve a declaração alerta para a reorganização mecânica que se estabeleceu na Liga, no contexto da liderança da fração pró-Lovestone, acentuando o declínio da organização dilacerada pelo faccionalismo. No entanto, ele aponta que o contexto vigente evidencia oportunidades para o crescimento da organização tendo em vista o aumento da exploração da juventude, a crescente militarização do país diante da ameaça de uma nova guerra imperialista aos trabalhadores e a crescente resistência dos trabalhadores expressa nas lutas dos setores de carvão, vestuário, têxteis e outras indústrias; evidenciando assim, um campo fértil para a agitação e recrutamento.²⁵

Subscrevem a declaração dos excluídos da YWL 33 militantes de dez cidades do Estados Unidos, o que evidencia uma certa representatividade na organização que, embora excluídos, pretendem continuar reivindicando os seus pontos de vista, diante da pressão da ala direita e da ala centrista do movimento comunista, para

²³ Liga dos Jovens Trabalhadores.

²⁴ a) the revisionist theory of “building a complete socialist society in one country” (Stalin); b) against the opportunist position of the Comintern in the Anglo-Russian Committee and their failure to break with the British trade union fakery following their open betrayal of the General Strike; c) against the menshevik line of the E.C.C.I. in the Chinese Revolution, where an alliance was made with the national bourgeoisie in which the interests of the workers and peasants were sacrificed; d) for a clear and determined struggle against the constantly increasing Kulak and Nepman danger; e) for the establishment of Party Democracy on the basis of Lenin’s resolution at the 10th Russian Party Congress, and against the bureaucratic regime, the means through which alien classes are exerting pressure on the Party and the Soviet apparatus. To The YWL Convention. In. *The Militant*, vol. 2, n. 8, 15 abr. 1929, p. 07.

²⁵ Idem.

eles, incapazes de reorganizar a Liga.²⁶ No presente contexto, a Oposição de Esquerda conquista uma pequena vitória que possibilita incorporar novos membros próximo a sua primeira convenção.

Importa salientar que a política sustentada pela Oposição, ainda que mantenha uma abrangência para atrair novos militantes revolucionários mesmo de fora do Partido, desenvolve-se intimamente ligada a política do Partido. Ela reage a uma série de equívocos imputados à *Comintern*, mas que se desenvolvem no Partido.

Na ocasião da próxima Convenção da *Trade Union Educational League* (TUEL)²⁷, a Oposição crítica o Partido por lançar um novo programa para um novo movimento sindical, alertando para o perigo de criarem uma seita. Os trotskistas defendem em contrapartida, a importância de intervir politicamente nos movimentos de caráter progressista existentes nos sindicatos, fossem organizações sindicais novas e, portanto, inexperientes, ou antigas, mesmo aquelas da *American Federation of Labor* (AFL).²⁸

Nos dias 17, 18 e 19 de maio foi realizada na cidade de Chicago a I Conferência da Oposição Comunista. Na ocasião, as forças opositoristas do Partido resolveram fundar uma organização nacional, denominada *Communist League of America* (CLA)²⁹.

No evento foram definidos o Comitê Nacional, o estatuto e a Plataforma. Para o Comitê Nacional foram escolhidos os três primeiros editores do jornal *The Militant* James P. Cannon, Martim Abern e Max Shachtman, o sindicalista Arne Swabeck, duas jovens lideranças de importantes pontos de difusão da Oposição, Mineápolis e Chicago, respectivamente, com Carl Skoglund e Albert Glotzer, além de Maurice Spector que junto de James P. Cannon inaugurou o trotskismo na América do Norte.³⁰

A Conferência teve a participação de 48 militantes comunistas, 31 delegados e 17 suplentes, representando doze cidades dos Estados Unidos, porém, com a concentração de quase metade dos seus delegados nas cidades de Chicago, Nova York e Mineápolis, onde a Oposição mantinha suas atividades mais expressivas. A

²⁶ Idem.

²⁷ Liga Sindical da Educação.

²⁸ May Day—Our Conference and The Trade Unions . In. *The Militant*, vol. 2, n. 9-10, 1-15 mai. 1929, p. 03-04.

²⁹ Liga Comunista da América.

³⁰ Conference of the Opposition Communists. In. *The Militant*, vol. 2, n. 10, 1º jun. 1929, p. 01.

cidade de Toronto no Canadá teve dois delegados, sendo que um deles ingressou no Comitê Nacional.³¹

A programação da Conferência tratou de problematizar a Plataforma da Oposição publicada pelo *The Militant* em fevereiro último, construída pelos primeiros opositoristas do Partido. Por conseguinte, Shachtman ficou responsável por mediar a mesa sobre a situação russa, Spector a da crise na Internacional Comunista, Cannon sobre a situação dos Estados Unidos e as tarefas dos comunistas de oposição, Swabeck sobre questões sindicais, Abern a respeito da organização propriamente dita da Oposição comunista, Glotzer sobre as questões da juventude e Shachtman, novamente, a respeito do programa de imprensa e literatura. Ao final da discussão, a Plataforma da Oposição foi aprovada.

Outra questão importante na Conferência que evidenciou opiniões conflitantes foi a do *Labor Party*³². No evento, o debate desenvolveu-se a partir da real necessidade de construí-lo ou de entrar quando o mesmo fosse formado, em um contexto de radicalização e crescimento das lutas operárias. Ainda que reconhecesse a falta de urgência dessa questão, o mesmo mostra-se fundamental para o futuro, como local de expressão política da classe trabalhadora radicalizada. Portanto, o debate evoluiu para a formulação e adoção de uma plataforma sob a perspectiva de um partido trabalhista.³³

Depois de intensos trabalhos, o estatuto de funcionamento da CLA adota o centralismo democrático, de acordo com as teses do II Congresso da *Comintern*. Edecide por levar adiante um programa de atividades independentes, ainda que continue a trabalhar como uma fração do CPUSA.³⁴

Chama atenção que a questão do *Labor Party* continuou latente na nova organização, mediante a perspectiva adotada na I Conferência da CLA. Em agosto, Swabeck aborda o surgimento de um novo movimento progressista, *The Conference for Progressive Labor Action* (CPLA)³⁵. Ele a descreve como uma oposição sindical definida, com um programa elaborado e uma base de membros para grupos e indivíduos.³⁶

As propostas da CPLA contêm um forte teor progressista:

³¹ Idem.

³² Partido Trabalhista.

³³ Idem.

³⁴ Idem.

³⁵ Conferência para Ação Progressista do Trabalho.

³⁶ The New Progressive Movement (Group Muste). In. *The Militant*, vol. 2, n. 12, 1º ago. 1929, p. 05.

Demandas por seguro social; ajudar na organização de sindicatos industriais em indústrias básicas com luta agressiva contra a mentira e contra o poder dos tribunais de emitir injunções e suas tentativas de enfraquecer o sindicalismo; incentivar a educação da classe trabalhadora; Ajudar a estabelecer cooperativas de agricultores e trabalhadores; instar a ação independente do partido; apoiar a luta pelo dia de seis horas; opor a expulsões de sindicatos por crenças políticas; exortar os trabalhadores a exigir a riqueza que eles criam e conquistar seu direito como antigamente.³⁷ (Tradução Nossa)

Para Swabeck, o surgimento da CPLA era consequência direta da crescente pressão da burguesia industrial sobre trabalhadores e expressão da radicalização da classe trabalhadora. Inclusive, muitas de suas propostas mostravam-se idênticas as do TUEL. Essa questão vem acompanhada de uma mudança de qualidade da liderança reacionária dos sindicatos antigos que se mostraram agentes do capitalismo. Mesmo nos sindicatos antigos, a pressão dos empregadores sobre os trabalhadores ganha intensidade e pressiona a base para que ela se movimente, deixando em aberto uma renovação da AFL. No referido contexto, o Partido equivoca-se em assumir uma "nova linha sindical", igualando os sindicatos da AFL e os novos movimentos progressistas, deixando de reconhecer a importância que os mesmos podem desempenhar num futuro próximo. Trata-se, portanto, de modificar a nova orientação sindical, adotando a tática da frente única com uma política independente.³⁸

A adoção de uma política sindical sectária pelo CPUSA também se expressa no próprio Partido. A nova roupagem assumida por Lovestone na ocasião da última convenção do Partido não convenceu suficientemente o CEIC do afastamento da ala direita da *Comintern*, representada por Bukharin. A política do Terceiro Período começa a se impor na política sindical e partidária. E Lovestone sofre as consequências da Internacional sob a liderança de Joseph Stálin e seus ziguezagues políticos, sendo colocado fora do caminho no Partido. Em agosto, o jornal *The Militant* informa a exclusão de Lovestone do Partido.³⁹

³⁷. Demands for social insurance. To assist in organization of industrial unions in basic industries with aggressive fight on the picket lie and against the power of the courts to issue injunctions and their attempts to cripple unionism. To encourage working class education. To help establish farmer and labor co-operatives. To urge independent labor party action. Support of the struggle for the six hour day. Opposition to expulsions from trade unions for political beliefs. To urge the workers to demand the wealth they create and to strike for their right as of old. Idem.

³⁸ Idem.

³⁹ Lovestone's Appeal to the Party. In. *The Militant*, v.2, n.13, 15 ago. 1929, p.7.

Ambos desenlaces preocupam a CLA, que mostra dificuldades para seguir ampliando as suas fileiras. Os frágeis canais estabelecidos pela Oposição com a base do Partido mostram-se obstaculizados pela nova linha sindical e pela força e respaldo que Foster, novo Secretário Geral do CPUSA, demonstra possuir como representante máximo da política stalinista nos Estados Unidos.

Esta questão ganha relevo, no dia 31 de agosto de 1929, com a realização da Conferência da TUEL, na cidade de Cleveland, quando se denomina *Trade Union Unity League* (TUUL)⁴⁰. A Oposição tem sua participação inviabilizada, enquanto isso, os dirigentes stalinistas utilizam os fóruns da conferência para acusar a Oposição de insignificante e inimiga. Com o relativo sucesso do evento, aponta-se para a necessidade de construção de uma nova federação sindical nacional. Neste momento, a AFL mantém importância apenas como um local de agitação para a construção de uma nova entidade. Para os trotskistas, a ação desconsidera a possibilidade de que novos movimentos progressistas e de esquerda surjam na AFL.⁴¹

Indica-se a posição sectária adotada pelo CPUSA, de auto-isolamento, fragiliza antes a Oposição do que o próprio Partido. Apesar da CLA evidenciar novos movimentos sindicais progressistas e a possibilidade de uma pressão crescente dos trabalhadores sobre a AFL, a sua repercussão mostra-se frágil, incapaz de acompanhar um possível novo contexto e pressionar por uma mudança da política sindical do Partido. Em verdade, os stalinistas fecharam todos os canais de diálogo com a Oposição, uma espécie de auto-preservação e novo protagonismo. Portanto, a opção de lutar pela readequação do programa do Partido e da Internacional e, conseqüentemente, pelo estabelecimento de novas direções, na medida em que os meses de sua formação avançam, estabelecem um árduo caminho para o crescimento da fração pró-Trotsky nos Estados Unidos.

Estas dificuldades não impedem que a CLA se mantenha atenta as transformações as quais ocorrem no movimento sindical e tire as suas próprias conclusões. A análise de Swabeck evidencia a existência de ânimos progressistas consideráveis durante a 49ª Conferência Nacional da AFL.⁴² E ele indica um novo contexto a ser considerado, o da Grande Depressão

⁴⁰ Liga da Unidade Sindical.

⁴¹ The T.U.U.L. Conference. In. *The Militant*, v. 2, n. 15, 1º out. 1929, p. 2.

⁴² Is the A.F. of L. Becoming Progressive? In. *The Militant*, v. 2, n. 19, 7 dez. 1929, p. 6.

Além disso, a história deu ampla prova de que os períodos de depressão, com o conseqüente aumento do descontentamento da classe trabalhadora e da intensificação das lutas, testemunharão invariavelmente um crescimento substancial para os sindicatos, mesmo sob a liderança mais reacionária.⁴³ (Tradução Nossa)

Portanto, o crescimento dos sindicatos, diante da crise econômica, engendrará novas tarefas, as quais, os revolucionários deverão responder resolutamente.

A situação de euforia proporcionada pelos sucessos iniciais na arregimentação de militantes comunistas e pela organização da CLA, logo deu lugar para aquilo que James P. Cannon chamou de "dias de cão" da Oposição. Neste sentido, Bryan Palmer comenta as dificuldades que afligiram a CLA meses depois de sua fundação:

Na verdade, uma série de desenvolvimentos reduziu significativamente a capacidade do Trotskismo Americano interferir tanto no Partido Comunista, quanto em qualquer grande luta política de massas. No final de 1929 e entre 1930-1, a Liga Comunista da América tinha perdido a euforia inicial da sua fundação, a qual incluía a publicação de um Jornal de Esquerda impressionante, *The Militant*, bem como uma série de traduções de panfletos que traziam os posicionamentos básicos do Trotskismo para o movimento dos trabalhadores Americanos. Dois anos após, de sua jovem e curta vida, a Oposição de Esquerda Americana parecia sem apelo e sem influência política. James Cannon lembrou, "Nós fomos bloqueados", referindo-se a este período como "uma verdadeira estagnação da Oposição de esquerda". Para Cannon, escrito em 1944, "estes foram os dias mais difíceis de todos anos 30", ele esteve no movimento revolucionário de 1929-32, na desaceleração, recordando como "anos de ... um terrível isolamento, hermeticamente fechado, com todas as dificuldades concomitantes".⁴⁴ (Tradução Nossa)

A desaceleração do crescimento da CLA, no entanto, ocorreu diante de esforços consideráveis para a construção da Oposição de Esquerda Internacional e

⁴³ Moreover, history has given ample proof that periods of depression with consequent increasing working class discontent and sharpening struggles will invariably witness substantial growth for unions, even under the most reactionary leadership. Idem.

⁴⁴In fact, a series of developments reduced significantly American Trotskyism's capacity to intervene effectively in either the Communist Party or any larger politics of mass struggle. By late 1929, and into 1930–1, the Communist League of America had passed through the euphoria of its initial founding, which included the publication of an impressive Left Opposition newspaper, *The Militant*, as well as a series of translated pamphlets bringing the basic positions of Trotsky to the American workers' movement. Two years into its young life, the US Left Opposition appeared listless and without political influence. 'We were stymied', remembered James Cannon, who referred to this period as 'the real dog days of the Left Opposition'. For Cannon, writing in 1944, these 'were the hardest days of all in the thirty years' he had been in the revolutionary movement, the 1929–32 downturn recalled as 'years of . . . terrible hermetically sealed isolation, with all the attendant difficulties'. In. PALMER, 2013, p. 274.

a convocação de uma conferência internacional que organizasse as diversas frações nacionais da *Comintern*.

Em fevereiro de 1929, Martim Abern escreveu em *The Militant* sobre a questão. A Conferência mostra-se necessária e possível mediante o desenvolvimento da crise mundial e da política adotada pela Internacional Comunista. Em suas palavras:

As lutas econômicas e políticas, decorrentes da força deprimida e recuada do capitalismo internacional, estão ocorrendo em escala crescente. Nestes, a oposição desempenha seu papel, mas deve considerar de que maneira seu papel pode ser mais decisivo, tanto diretamente quanto por meio de pressões políticas e táticas corretas sobre a Internacional Comunista e suas seções em cada país.⁴⁵(Tradução Nossa)

Martim Abern sustenta que os últimos seis anos foram marcados por sucessivas derrotas da *Comintern*, com os equívocos do bloco Stálin-Bukhárin, mas com a responsabilidade fundamental da ala centrista de Joseph Stálin. No contexto atual, torna-se mister, portanto, lutar para que prevaleça a pressão do proletariado sobre a burocracia na Internacional, com o objetivo de derrotar o stalinismo.⁴⁶

Neste sentido, ele afirma que chegou o momento de estabelecer uma plataforma política internacional, que sirva como um guia para as Oposições de vários países. Isto, a partir das contribuições sobre a situação internacional e as tarefas dos comunistas já elaboradas pelas Oposições alemã, belga, italiana, estadunidense, canadense e chinesa. Entre as questões que devem ser problematizadas estão as concepções básicas da Oposição: a teoria do socialismo num só país, a revolução chinesa, o papel do partido, a democracia partidária. Abern sustenta que a elaboração de uma plataforma geral possibilitará estabelecer "as bases para a unificação e centralização da organização e atividades da Oposição de Esquerda em escala internacional"⁴⁷. Ele entende que muitos pontos da Oposição foram aceitos nas seções nacionais da *Comintern*, fosse por "por

⁴⁵ Economic and political struggles, arising out of the depressed and receding strength of international capitalism, are taking place on an increasing scale. In these the Opposition plays its part, but it must consider in what manner its role can be more decisive, both directly and through pressure by correct policy and tactics upon the Communist International and its sections in each country. In. For an International Conference of the Left: The Need for Organizing the World Opposition. *The Militant*, v. 3, n. 7, 15 fev. 1930, p. 7.

⁴⁶ Idem.

⁴⁷ The basis for the unification and centralization of the organization and activities of the Left Opposition on an international scale

declaração aberta ou aquiescência silenciosa, ou uma política de espera"⁴⁸. Isto estaria colocando em questão a própria linha stalinista com seus ziguezagues, daí a necessidade de construir uma atividade política internacional e coordenada da Oposição.⁴⁹

O crescimento da Oposição de Esquerda em todos os quadrantes do planeta traz consigo problemas específicos, como a definição dos papéis particulares de cada Oposição. Martin Abern sustenta que os problemas dos Estados Unidos e da Bélgica, por exemplo, contrastam com os da Alemanha e França, assim como, o da Oposição chinesa, posta na ilegalidade. A Conferência, por conseguinte, poderá problematizar "como podemos aumentar nossa influência e atividade entre as massas e energizar nosso movimento nos partidos comunistas"⁵⁰.

Para tanto, ela deve tratar de outras questões muito importantes. Martin Abern idealiza tornar realidade um jornal da Oposição de Esquerda Internacional, publicado em três idiomas e, se possível, com ampla circulação; um órgão para educação teórica da Oposição e dos comunistas em geral. Além disso, ele propõe a eleição de um Comitê Executivo Internacional, este com representantes europeus, americanos e chineses, e a escolha de uma cidade sede para o Comitê Executivo.⁵¹

Na ocasião, ele sugere que seja deflagrada uma ampla campanha contrária ao stalinismo e a favor de Trotski. Vejamos:

A Conferência Internacional de Oposição deve apresentar uma campanha para uma exposição ainda mais completa entre os partidos comunistas e a massa de trabalhadores de Stalin e do stalinismo, seus métodos de repressão e terror contra os bolcheviques-leninistas na União Soviética; o golpe contra a Revolução Russa na deportação do destacado líder vivo do bolchevismo, Leon Trotsky; e ampliar as atividades para a reintegração da Oposição de Esquerda em todo o mundo nas fileiras da Internacional Comunista e o retorno de Trotsky e da Oposição à sua posição e papel legítimos nos EUA.⁵² (Tradução Nossa)

⁴⁸ By open declaration or silent acquiescence, or a waiting policy.

⁴⁹ Idem.

⁵⁰ How we can increase our influence and activity among the masses and energize our movement in the Communist Parties .

⁵¹ Idem.

⁵² The International Opposition Conference has to lay out a campaign for an even more thorough exposé among the Communist Parties and the mass of workers of Stalin and Stalinism, their methods of suppression and terror against the Leninist-Bolsheviks in the Soviet Union; the blow, against the Russian Revolution in the deportation of the outstanding living leader of Bolshevism, Leon Trotsky; and to broaden the activities for the reinstatement of the Left Opposition throughout the world into the ranks of the Communist International and the return of Trotsky and the Opposition to their rightful position and role in the U.S.S.R. Idem.

A responsabilidade de viabilizar este empreendimento deve ficar com os "camaradas europeus", através da formação de um Comitê de Ação que lance as bases para a Conferência Internacional.⁵³

Pouco depois do artigo de Martim Abern, Maurice Spector enfatiza a necessidade da realização de uma Conferência que resulte na formação da Oposição de Esquerda Internacional, como fração da *Comintern*, subscrevendo a proposta anterior de Abern sobre a questão. Ademais, ele evidencia as questões internas da Oposição que devem ser homogeneizadas para a construção da unidade, a partir da centralidade da teoria da revolução permanente.

Após trazer a tona reminiscências das intervenções de Lenin e Trotski durante o II e III Congresso da *Comintern*, com evidências da luta contra o sectarismo e o aventureirismo revolucionário; Spector problematiza a evolução da Oposição nos últimos anos, em especial a do *Leninbund* e a teoria do Estado Híbrido de Hugo Urbahns, no contexto do debate sobre a defesa da União Soviética. Neste sentido, ele traz uma questão muitas vezes ignorada sobre a Oposição de Esquerda Internacional, a existência de diferentes origens, tradições e ideologias e, por isso, a importância da Oposição de Esquerda russa como fator de clareza ideológica.⁵⁴

Daí a importância da teoria da revolução permanente, uma espécie de:

antítese concentrada do programa revisionista do socialismo nacional, o bloco de quatro classes, a teoria dos estágios (revolução colonial), os Partidos Operários e Camponeses, a coabitação pacífica do socialismo e do capitalismo, o crescimento do kulak no socialismo (Bukharin).⁵⁵(Tradução Nossa)

Ressalta-se que esta teoria recebeu muita atenção porque apresentou-se como uma questão tardia do desenvolvimento revolucionário russo. Como reconhece Spector, os quatro primeiros congressos da *Comintern* nunca demandaram essa discussão, pois ela era a substância da estratégia da Internacional. É a revisão do leninismo que coloca a teoria em evidência, daqueles

⁵³ Idem.

⁵⁴ A New Stage of the International Communist Opposition. In. *The Militant*, v. 3, n. 17, 26 abr. 1930, p. 05.

⁵⁵ Concentrated antithesis of the revisionist program of national socialism, the bloc of four classes, the theory of stages (colonial revolution), Workers and Peasants Parties, the peaceful cohabitation of socialism and capitalism the kulak growth into socialism (Bucharin). Idem.

que antes das *Teses de Abril* estiveram circunscritos a tese da revolução burguesa, aliás, questão fundamental da Revolução Chinesa.⁵⁶ E reafirma a sua importância:

As teses recentemente publicadas sobre a Revolução Permanente são a reafirmação no período atual das Teses de abril de Lenin em todas as suas implicações. Ligam o nacional ao internacional, o democrático ao socialista, o agrário às revoluções proletárias. Eles reafirmam que a emancipação do campesinato só pode vir da liderança do proletariado. Eles repudiam a ideia de partidos de duas classes e mantêm a necessidade da liderança independente do Partido Comunista.⁵⁷ (Tradução Nossa)

Em parte, resultado dos esforços da CLA, foi realizada na cidade de Paris, em 6 de abril de 1930, a Conferência Mundial da Oposição de Esquerda. Também, fizeram parte do chamamento os Bolcheviques-Leninistas russos e a Liga Comunista da França. Shachtman relata que participaram na ocasião praticamente "todos os grupos importantes da Oposição de Esquerda no movimento comunista", quando decidiram pela publicação de um boletim internacional e formaram uma secretaria para organizar o trabalho e problematizar as questões que ficaram em aberto, visualizando um Congresso da Oposição Internacional de Esquerda que deverá adotar uma plataforma.⁵⁸

Estiveram presentes representantes da Oposição de Esquerda na França, país sede do evento, Alemanha, Bélgica, Espanha, Tchecoslováquia, Itália, Hungria, Estados Unidos. Todavia, dificuldades financeiras impediram que membros das Oposições na Argentina, Áustria, China, Grécia e México estivessem presentes. Ainda, Max Shachtman recorda que a origem da Oposição na União Soviética ocorreu diante de condições severas de luta e que o alcance de seus ideais no exterior foi episódico, o que dificultou a construção de "uma base ideológica comum". Isto, resultou, inclusive, no enfraquecimento da Oposição nos primeiros anos.⁵⁹

Importa perceber que apesar das dificuldades historicamente determinadas Shachtman evidencia o período recente, defende, mostra avanços relevantes. Na

⁵⁶ Idem.

⁵⁷ The recently published theses on the Permanent Revolution are the re-affirmation in the present period of the April Theses of Lenin in all their implications. They link up the national with the international, the democratic with the socialist, the agrarian with the proletarian revolutions. They re-affirm that the emancipation of the peasantry can only come from the leadership of the proletariat. They repudiate the idea of two-class parties and maintain the necessity of the independent leadership of the Communist Party. Idem.

⁵⁸ A Big Step Forward. The International Conference of the Left Opposition. In. *The Militant*, v. 3, n. 18, 3 mai. 1930, p. 1, 4.

⁵⁹ Idem.

França, o surgimento do periódico *La Verité*, a crescente influência no Partido e nos sindicatos. Na Alemanha, a divisão no Leninbund favorece a unidade de sua seção marxista com outra Oposição que amplia as chances de evolução da nova organização. Na Espanha, em especial, a Oposição unificou vários grupos de exilados na França, Bélgica e Luxemburgo, conquistando os setores do Partido oficial e reagrupando os trabalhadores que a pouco tinham se afastado. Na Tchecoslováquia, o surgimento da Oposição e os preparativos para publicar seu jornal. Na China, a formação de um "poderoso núcleo de revolucionários. Na Argentina, no México, na África do Sul, na Indochina a Oposição percorre os seus primeiros passos. Nos Estados Unidos e Canadá, o movimento estabelecido desde o VI Congresso da *Comintern*. No entanto, a Oposição mostra-se estagnada na Áustria e Bélgica, países onde a socialdemocracia está mais forte que o Partido.⁶⁰

Em verdade, o crescimento dos grupos de Oposição no contexto de acirramento da luta de classes e de endurecimento das condições de reprodução da mesma, diante da reação capitalista, assentada nos países afetados pelo colapso da economia do Estados Unidos é relativo. Por exemplo, o otimismo mantém-se apesar do aumento das dificuldades da CLA em ampliar a sua intervenção política e angariar novos adeptos.

O novo contexto coloca o movimento sindical e, sobretudo, os comunistas em dificuldades. Os esforços de caracterização do desemprego e as exigências elaboradas para burgueses e governo, através de compensações para os trabalhadores desempregados, irritam a burguesia financeira estadunidense. Wall Street, o presidente Hoover e o secretário de trabalho Davis retomam a retórica do "RedAct" para os grupos radicais, em especial, os comunistas. A partir de então, legitima-se a violência estatal sobre os mesmos, com destaque para a cidade de Nova York. Prisões arbitrárias, fianças exorbitantes e acusações mentirosas evidenciam a pressão sobre os comunistas em geral. Para a contenção do movimento sindical e dos comunistas, lança-se mão de métodos autoritários como a "espionagem do trabalho" e a "lista negra".⁶¹

Outro efeito da crise de desocupação é a perseguição desatada sobre os estrangeiros, trabalhadores sujeitos a pressões no Congresso Nacional através de

⁶⁰ Idem.

⁶¹ Unite for the Unemployed! Resist Attack of Bosses and Government. In. *The Militant*, v. 3, n. 12, 22 mar. 1930, p. 01.

leis de registros e espionagem, além das deportações subsequentes. O *RedAct* parece retornar com força neste contexto. Exemplo disso foi a formação pela Câmara de Comércio de Nova York de uma comissão especial para combater o movimento comunista, com o intuito de obscurecer o problema do desemprego, estimado em seis milhões naquele momento.⁶²

Para combater a violência estatal, a CLA sustenta a importância de os comunistas servirem como instrumento de vitalidade, propósito e direção ao movimento sindical, por meio da problemática da consciência de classe. Não obstante, torna-se fundamental "explicar as causas do desemprego, o fracasso e a incapacidade do capitalismo para resolver o problema e a solução comunista do mesmo"⁶³Neste sentido, a CLA apresenta a organização de uma frente única que viabilize "defender os líderes e trabalhadores presos nas manifestações de desemprego e reuniões"⁶⁴, além de uma campanha contra a ofensiva anticomunista. Para tanto, sustenta, isto somente será possível caso o CPUSA reconheça a possibilidade de mobilizar os trabalhadores nas grandes seções do movimento trabalhista e liberal, além do SP, abandonando o sectarismo.⁶⁵

A Grande Depressão traz consequências importantes aos trabalhadores de Mineápolis, onde a CLA desenvolve um pequeno, mas consolidado trabalho. Diante da crise industrial, os cortes salariais, a redução da folha salarial e as dispensas de muitos trabalhadores tornaram-se parte do cotidiano na cidade. Em contrapartida, Carl Cowl evidencia que no dia 23 de abril, no Auditório Municipal de Mineápolis, doze mil pessoas lotaram e protestaram contra o desemprego. Apesar das circunstâncias favoráveis, ele criticou a ausência de soluções concretas para o combate do desemprego. Aliás, a CLA foi a única organização que apresentou documento sobre o problema do desemprego; enquanto o CPUSA preferiu boicotar o evento, rotulando-o de social-fascista.⁶⁶

Pouco mais de um ano depois da I Conferência que formou a CLA, Cannon traça um panorama que expõe a fragilidade da fração do CPUSA. No dia 24 de maio, ocorreu a primeira reunião da CLA contando com todos os membros de seu

⁶² Idem.

⁶³ To explain the causes of unemployment; the failure and inability of capitalism to solve the problem and the Communist solution thereof.

⁶⁴ To defend the leaders and workers arrested in the unemployment demonstrations and meetings.

⁶⁵ Ibid, p. 03.

⁶⁶ Unemployment in Minneapolis. In. *The Militant*, vol. 3, n. 19, 10 mai. 1930, p. 6.

Comitê Nacional. Um momento raro na fração.⁶⁷ Neste sentido, destaca-se a ideia de desaceleração de Bryan Palmer, quando Cannon expõe sua avaliação sobre a plenária:

As grandes dificuldades sob as quais conduzimos nossa luta - nossa fraqueza numérica, nossa pobreza e as grandes distâncias que nos separam - impedem por enquanto a frequência de reuniões representativas para as quais aspiramos.⁶⁸

A ideia de fragilidade organizacional exposta por Cannon contrasta com os acertos da Plataforma da Oposição no que se refere a situação econômica dos Estados Unidos.

Ele defende que a crise na indústria continuará e será agravada, resultando no aumento da pressão sobre o proletariado estadunidense e dos conflitos e rivalidades internacionais. Assim, ele evidencia a lenta reação dos trabalhadores neste contexto, porém aposta no aumento da intensidade, na radicalização da classe trabalhadora. Isto, assevera, proporcionará uma possibilidade de expansão significativa para o movimento comunista, desde que seja trabalhado uma perspectiva revolucionária, que impeça o desenvolvimento do reformismo. Ou seja, o CPUSA deve abandonar os ziguezagues ecléticos e pôr a termo o "aventureirismo esquerdista da burocracia centrista". No entanto, o novo contexto de maior intensidade da luta de classes, torna a ala direita de Jay Lovestone, "uma ponte ideológica para o reformismo social" e, conseqüentemente, "um perigo crescente para o movimento comunista".⁶⁹

Tal perspectiva de radicalização da classe trabalhadora, esbarra para a CLA, no público-alvo ao qual ela se propõe a dialogar, os trabalhadores do Partido e a esquerda por ele influenciada. A ideia de fração é reajustada pela plenária com o objetivo de uma intervenção mais enérgica no Partido.⁷⁰

O reforço dessa relação expõe uma dificuldade apontada anteriormente, o de estabelecer canais de diálogo efetivos com a militância do Partido, mas que a CLA não reconhece. A orientação de desenvolver uma atitude mais enérgica com o Partido continuará a esbarrar em dificuldades e, provavelmente, esta orientação, em

⁶⁷The Plenum of the American Communist Opposition. In. *The Militant*, v. 3, n. 22, 7 jun. 1930, p. 07.

⁶⁸ Idem.

⁶⁹ Idem.

⁷⁰ Idem.

parte, tenha sido uma das causas da desaceleração do movimento trotskista no primeiro triênio dos anos 1930.

De todo modo, a plenária da Oposição tomou medidas para fortalecer a política estabelecida naquele momento. Foi garantida a manutenção do canadense Maurice Spector em Nova York e um indicativo de que Arne Swabeck logo viria a somar forças na cidade-sede da Oposição, Nova York, para a formação de um núcleo político da CLA. Apesar das dificuldades, Cannon adota uma atitude demasiadamente otimista, tendo em vista uma reunião ampliada que ocorreu após o encerramento da plenária, marcada por "uma expansão e crescente confiança das forças simpatizantes ao nosso redor".⁷¹

De todo modo, o isolamento dos trotskistas no início da década de 1930 é flagrante. Robert Alexander realça o papel da *Comintern* e de sua retórica superaquecida da política do terceiro período que parece causar confusão nas fileiras da Oposição de Esquerda, pois as posições do stalinismo aparentemente incorporam suas demandas. Neste sentido, Alexander indica que:

Para muitos que se uniram na denominação de Trotskista parecia que Stalin estava utilizando as políticas que tinham sido defendidas por Trotsky. Em termos práticos, os Trotskistas nos Estados Unidos e em qualquer outro lugar estavam encontrando dificuldades para diferenciar a posição deles da que Stalin estava seguindo na URSS e no exterior (ou em outros países). Consequentemente, os Trotskistas acharam difícil recrutar mais adeptos nas fileiras comunistas.⁷² (Tradução Nossa)

A análise de Robert Alexander, contudo, não pode ser considerada como suficiente para explicar o isolamento da Oposição estadunidense. A política do Terceiro Período provavelmente não obteve sucessos significativos em angariar adeptos do trotskismo nos EUA para as fileiras Partido. O próprio jornal *The Militant* tratou de esclarecê-la desde sua formulação na *Comintern*.

Outra situação que ajuda a entender o isolamento dos trotskistas está relacionada ao agravamento da crise do movimento operário, o qual, desde 1924, mostrasinais de enfraquecimento, com uma perda significativa no efetivo de sindicalizados, reduzido de 5 milhões para 3 milhões. A contraofensiva do Governo,

⁷¹ Idem.

⁷²To many who might have joined the Trotskyists' ranks it appeared that Stalin was applying the policies which had been advocated by Trotsky. In practical terms the Trotskyists in the United States and elsewhere found it difficult to differentiate their own positions from those which Stalin was following both in the USSR and abroad. Consequently, the Trotskyists found it difficult to recruit further adherents from Communist ranks. In. ALEXANDER, op. cit, p. 768.

das empresas e do Judiciário, iniciada no final de 1919, paulatinamente, rompeu os sucessos obtidos pelo movimento operário anteriores.⁷³ (PURDY, op. cit, p. 200)

De diferentes maneiras e intensidades, essas circunstâncias contribuíram para a ineficácia dos trotskistas durante o primeiro triênio, quando relacionamos elas ao colapso da economia estadunidense e o início da Grande Depressão. Sobre o contexto vigente, a análise de Bryan Palmer é ainda mais incisiva; seus militantes estiveram confinados pelas circunstâncias a meros críticos do “stalinismo” nos fóruns públicos do jornal *The Militant* e da CLA. (PALMER, op. cit, p. 277)

Esta situação facilitou o desencadeamento da primeira forte divergência no interior do movimento trotskista. Desde meados de 1929, Cannon foi fortemente criticado por Shachtman, Abern, Spector e Glotzer que o acusaram de estar sendo negligente e se abstendo de suas responsabilidades com a jovem organização.

Sobre a questão, Bryan Palmer indica que os críticos de Cannon não entenderam as dificuldades que ele estava vivendo, após a morte de sua primeira esposa, estando sobrecarregado com obrigações financeiras e o cuidado das crianças. Além disso, Rose Karsner, sua companheira atual, estava com sua saúde prejudicada. No início dos anos 1930, estefaccionalismo "anti-Cannon" contribuiu para a eclosão de divergências sobre questões internacionais, opondo Cannon e Trotski contra Shachtman. Isto acabou contaminando os procedimentos organizacionais da CLA como um todo. (Ibid, p. 283-284)

Entre 24 e 27 setembro de 1931, apesar dos problemas de toda ordem, a CLA realizou sua II Convenção Nacional na cidade de Nova York. Participaram do evento as delegações de Toronto, Boston, Chicago, Nova York, Filadélfia, St. Louis, Kansas City e Minneapolis. Aproximadamente, cento e cinquenta pessoas, de um total estimado em duzentos nas fileiras da CLA, estiveram presentes no evento, com o intuito de avaliar a situação política nacional e internacional, além dos problemas organizativos e para eleger um novo Comitê Nacional. Foram eleitos Martin Abern, James Cannon, Vincent Dunne, Albert Glotzer, Hugo Oehler, Max Shachtman, Carl Skoglund, Maurice Spector e Arne Swabeck. (ALEXANDER, op. cit, p. 769)

⁷³ De acordo com Purdy (2016), "algumas corporações ofereceram benefícios tais como a de Henry Ford, que reduziu a jornada semanal de trabalho, aumentou salários e instituiu férias pagas. Outros adotaram "sindicatos empresas", comitês organizados pelos gerentes das fábricas para servirem como fórum das demandas dos trabalhadores. A maioria dos empresários, porém, aproveitou-se entusiasticamente do clima conservador e do apoio do Estado para adotar "O Plano Americano" - um programa para esmagar o poder dos sindicatos por meio da intimidação e demissão de ativistas sindicais. (...). Os que permaneceram foram forçados a assinar contratos em que faziam concessões aos patrões".

Sobre a ocasião, Swabeck avalia que a CLA saiu fortalecida, apesar das divergências sobre as tendências dos processos políticos e econômicos vigentes. Em síntese, houve pequenas discordâncias, como o fato da crise vigente marcar o início de uma curva descendente para o capitalismo nos EUA. Portanto, sua recuperação poderia ocorrer somente as custas de outros imperialismos e da própria classe trabalhadora estadunidense.⁷⁴

Em síntese, a plataforma da Oposição de Esquerda, desde sua primeira elaboração, não sofreu mudanças significativas, exceto pela questão do *Labor Party* que perdeu ímpeto na organização, ainda que a Convenção não tenha excluído a possibilidade de ter de se debruçar sobre em caso de formação do mesmo com a iniciativa de forças exteriores.⁷⁵

Três meses depois, a turnê nacional da Oposição revela os efeitos da Grande Depressão no país e o conseqüente desemprego que se alastra por cidades como Chicago, St. Louis e o Estado de Illinois. No entanto, ela constata a ausência de um movimento de caráter de massa, somado a recusa do CPUSA em construir a frente única. O relato trouxe informes de reuniões com os mineiros da cidade de Stauntonem Illinois, com uma "multidão" de trabalhadores em St. Louis e militantes comunistas em Kansas City.⁷⁶

Outras reuniões ocorreram em locais de relativa força da CLA, como as cidades de Mineápolis e Chicago. A primeira, o lugar de intervenção política mais consistente dos trotskistas; a segunda, ampliando suas fileiras com jovens trabalhadores e estabelecendo uma sede para a CLA. Também, ocorreram reuniões públicas da CLA em Boston, Filadélfia, Pittsburgh e Youngstown, demonstrando avanços, ainda que tímidos, para o desenvolvimento da fração no CPUSA.⁷⁷

Por outro lado, na Oposição Internacional de Esquerda havia problemas de condução política que dificultaram nos últimos dois anos o seu desenvolvimento. Para Cannon, este momento de brigas estéreis e conflitos internos, como na seção francesa, evidenciou a necessidade de reorganizar o Secretariado Internacional, medida a qual Trotski corroborou e propôs a efetividade dos militantes das principais seções da fração da *Comintern*. Neste sentido, o dirigente estadunidense comenta a

⁷⁴ Second National Conference Marks Step Forward. In. *The Militant*, v. 4, n. 26, 10 out. 1931, p. 01.

⁷⁵ Ibid, p. 03

⁷⁶A Review of the Recent National Tour: The Sweep of the Economic Crisis; Its Effects on the Revolutionary Movement In. *The Militant*, v. 5, n. 4, 23 jan. 1932, p. 02.

⁷⁷ Idem.

dificuldade do Comitê Nacional da CLA em avaliar com propriedade os problemas das seções europeias, de certa negligência com essas questões e o compromisso da CLA em escolher um representante para tal intento.⁷⁸

O ano de 1932 traz outra questão importante para a CLA, as eleições presidenciais e a plataforma eleitoral do CPUSA. Para ela, as eleições ocorrem num contexto de pressão da classe trabalhadora por uma solução, um alívio, da crise econômica e do desemprego em massa; contudo, ela entende que a eleição não resolverá estes problemas. A partir dessa leitura, a Oposição de Esquerda entende que a campanha eleitoral deve possibilitar o desenvolvimento do movimento comunista e "fortalecer politicamente a classe trabalhadora". Deve-se entender, ainda, que outras siglas competem pelo apoio da classe trabalhadora, como o SP, que apresentou um "sabor mais radical que o habitual", mas "reformista de ponta a ponta".⁷⁹

De acordo com a CLA, é na corrente situação que a plataforma eleitoral assume grande importância, devendo incorporar as principais angústias dos trabalhadores. Demandas imediatas e parciais que focalizam a atenção da classe trabalhadora e que devem ser direcionadas para uma saída revolucionária. Contudo, a saída oferecida pelo Partido foi a formação de um governo de operários e camponeses, ou seja, um projeto reformista que ignora o fato da maioria da população estadunidense pertencer a classe trabalhadora.⁸⁰

O reformismo presente na plataforma eleitoral do Partido parece indicar uma mudança de qualidade no CPUSA, expressando-se inclusive em um novo giro político na atividade sindical dos stalinistas. Este propõe que o TUUL, depois de reconhecer seu isolamento, desconsiderando os equívocos da orientação de classe contra classe, reafirme a tática de frente única pela base e a teoria do social-fascismo.⁸¹ A nova orientação sindical evidencia: "A experiência recente já mostrou a necessidade de continuar o trabalho não apenas naquelas indústrias onde não

⁷⁸NC Statement on the Situation in the International Left Opposition. In. *The Militant*, v. 5, n. 17, 23 abr. 1932, p. 04.

⁷⁹The Communist Party's Election Platform. In. *The Militant*, v. 5, n. 24, 11 jun 1932, p. 01.

⁸⁰ Idem.

⁸¹ A New Turn in the T.U.U.L.. In. *The Militant*, v. 5, n. 28, 9 jul. 1932, p. 02.

existem sindicatos revolucionários paralelos, mas também naqueles sindicatos da AFL que são paralelos aos sindicatos da TUUL".⁸²

Deve-se perceber que a opção de disputar os sindicatos reacionários contrasta com a atividade sindical do CPUSA nos últimos anos. A opção pelo trabalho sindical na base da fábrica desconsidera, contudo, adverte a CLA, a necessidade de orientar-se para a formação de novos sindicatos industriais, com o intuito de "organizar os desorganizados".

A mudança de orientação do Partido pode ser percebida também na ocasião do Congresso Antiguerrero de Nova York, realizado em 6 de agosto último, quando aproximadamente mais de trezentos trabalhadores comunistas discutiram sobre o perigo de uma nova guerra. A Oposição de Esquerda participou do encontro na cidade de Nova York com três delegados, Shachtman, Cannon e Hugo Oehler. Conforme a CLA, o silêncio do Partido diante do pacifismo pequeno-burguês do Movimento Antiguerrero e a implícita aceitação de que a guerra não é uma questão de interesse de classe, mas de uma nação; mostra-se o abandono da posição de Lenin sobre a guerra imperialista.⁸³

A mudança recente de orientação política e sindical do CPUSA desenvolve-se de forma tímida durante o processo eleitoral que elegeu Franklin Delano Roosevelt para presidente dos EUA. Com o fim da eleição, o Partido silenciou diante dos frágeis resultados obtidos por seu candidato William Z. Foster e da oportunidade perdida no contexto de crise econômica e desemprego.

É o que indica a CLA: "É precisamente nesses períodos de crise, quando milhões de trabalhadores se divorciam da própria indústria e seu poder econômico é radicalmente diminuído (...) que eles voltam sua atenção para as 'eleições'".⁸⁴

Particularmente, a Oposição de Esquerda sustenta que apesar dos resultados eleitorais, "desilusões mais decisivas ainda estão por vir", em especial, no "campo social-reformista". Neste processo, a CLA acredita que "o centrismo", o *modus operandi* do Partido, ficará mais visível, da mesma forma que os equívocos da política de radicalização das massas ficaram. Essas, responsáveis por barrar a

⁸² "A experiência recente já mostrou a necessidade de continuar o trabalho não apenas naquelas indústrias onde não existem sindicatos revolucionários paralelos, mas também naqueles sindicatos da AFL que são paralelos aos sindicatos da TUUL". Idem. Tradução nossa.

⁸³ Left Opposition Alone: Raises the Voice of Lenin: at N.Y. Congress Against War. In. *The Militant*, v. 5, n. 33, 13 ago. 1932, p. 1-3.

⁸⁴ The C.P. in the Elections: Reasons for Small Rise in Communist Vote This Year. In. *The Militant*, v. 5, n. 47, 19 nov. 1932, p. 01. (Tradução nossa)

trajetória de dezenas, centenas de milhares de pessoas para o movimento revolucionário, diante da falência do capitalismo estadunidense.⁸⁵

Pode-se afirmar que a CLA apostou suas fichas na leitura de que a crise econômica e o desemprego continuariam a ter dramáticas repercussões para a classe trabalhadora nos Estados Unidos. Este prognóstico ocorreu em um momento que a própria fração do Partido vivenciava resultados positivos, com trabalhos novos e mais amplos pelo país.

1.4 A OPOSIÇÃO DE ESQUERDA NO BRASIL: A ATIVIDADE TEÓRICA DO GRUPO COMUNISTA LENIN E A PRÁXIS DA LIGA COMUNISTA DO BRASIL (1930-1933)

O Grupo Comunista Lenin (GCL) desenvolveu atividades essencialmente teóricas, com o objetivo de reorientar o direcionamento político do PCB. Não obstante, a incipiente fração já havia estabelecido contato com o Secretariado Internacional provisório da Oposição de Esquerda, fundado recentemente na cidade de Paris, no dia 6 de abril de 1930. Em carta de 20 de abril, o GCL manifestou o objetivo comum de aglutinar os comunistas descontentes com a linha do partido, assim como, assinalou a adoção do programa oposicionista de Trotski, em especial, sobre a teoria do socialismo num só país, o comitê anglo-russo e a revolução chinesa.(LISBOA, 2014, p. 31).

Em maio, o GCL publicou, pela primeira vez, o jornal *A Luta de Classe*. Publicado de forma irregular na década de 1930, o jornal foi o principal organizador coletivo dos trotskistas brasileiros no período. Praticamente, ele foi a expressão política e organizativa mais acabada das organizações trotskistas na década de 1930, a saber, o Grupo Comunista Lenin, a Liga Comunista do Brasil, a Liga Comunista Internacionalista, o Partido Operário Leninista e o Partido Socialista Revolucionário.

No primeiro editorial de *A Luta de Classe*, intitulado "Nossos propósitos", o GCL explica o surgimento do jornal como uma "consequência dialética de dois fatos", a saber: "a) Uma situação objetiva favorável ao trabalho e organização das massas; b) o agravamento dos erros da direção do Partido Comunista". Para tanto,

⁸⁵ It is precisely in such periods of crisis, when millions of workers are divorced from industry itself and their economic power is radically diminished (...) hat they turn their attention to 'elections". Idem.

os editores buscam desenvolver um jornal que trate das ideias revolucionárias primordiais de Marx a Lenin. (ABRAMO & KAREPOVS, 2015, p. 41-42)

O GCL coloca para si uma tarefa de grande envergadura no documento, uma resultante inevitável das "próprias circunstâncias", a saber:

"A Luta de Classe" significa e representa, por isso mesmo, a necessidade imediata de uma luta sem tréguas, intransigente, enérgica, implacável, contra a burguesia e seus privilégios de classe - em primeiro lugar; e, em segundo lugar, contra todos os desvios ou deformações de que a direção do Partido Comunista vem sendo, nestes últimos tempos, uma espécie de casa editora atacadista, com importação e exportação, diretas e indiretas... (Ibid, p. 42)

Em que pese o direcionamento do jornal, estabelecido em dois momentos, talvez, o próprio caráter fracionário da atividade política do GCL, subverta a ordem dos momentos na prática. É o que parece indicar quando o "brado dirigido à classe operária", em verdade, está relacionado aos militantes do PCB, "por intermédio do que ela possui de melhor, de ideologicamente mais avançado e de mais consciente", a partir da retomada da "posição verdadeiramente revolucionária contra a classe adversa". (Idem.)

Não obstante, o editorial expressa essa inversão de momento, quando trata dos seus objetivos em relação ao PCB. "Não visa a combater o Partido Comunista, porque o que urge é reintegrá-lo na linha que se traçou na ocasião de sua fundação, de modo que o seu rótulo vermelho passe a ser expressão revolucionária de uma realidade (Idem)".

A justificativa para essa reorientação da práxis política do PCB parte da disjunção provocada pelo stalinismo com a ideia de socialismo num só país. Busca-se esclarecer tais equívocos de uma "concepção retalhista de Revolução (por etapas ou a prestações)", em favor da "verdadeira concepção marxista do desenvolvimento histórico", ou seja, de uma concepção "segundo a qual os acontecimentos se interdependem dialeticamente, marchando com o ritmo que lhes é próprio e não dando jamais a possibilidade de uma classe resolver os problemas da outra". (Ibid., p. 43).

O GCL desfere, portanto, uma incisiva crítica à defesa realizada pelo PCB, de uma revolução democrática conduzida pela classe operária, como elemento prévio de sua libertação. Portanto, o jornal surge para tratar dos problemas do movimento comunista, polemizando abertamente com os desvios programáticos da seção

nacional da *Comintern* em terras brasileiras e, procurando, reorientar o PCB para o marxismo revolucionário, de Marx e Lenin. Ainda, essa crítica no âmbito da seção nacional, provavelmente, está relacionada a um passado recente, quando o objetivo era lutar pela revolução democrática pequeno-burguesa, a de aproximação com a pequena burguesia urbana, relacionada, especialmente, aos tenentes e a juventude militar.

Interessa destacar que o texto não reivindica abertamente a teoria da Revolução Permanente de Trotski nesse momento. Apesar de demonstrarem concordância nos seus estudos anteriores, o debate inicial sobre a teoria revolucionária esteve alicerçado em Marx e Lenin.

Em junho, o GCL esmiúça a sua estratégia em relação ao PCB, a de reaver a linha traçada da ocasião de sua fundação, alcançando a *Comintern*.

Somos um núcleo de resistência à degenerescência burocrático-ideológica que infelizmente se vem alastrando por todo o organismo da Internacional. Somos uma reação de vida dos princípios estabelecidos pela IC nos seus quatro primeiros congressos e que serviram de alicerce a fundação e desenvolvimento do PCB.⁸⁶

No contexto da "degenerescência burocrático-ideológica" da *Comintern*, a democracia interna do PCB é alvo de críticas. "O famoso argumento da disciplina só pode vir depois da discussão livre". Neste sentido, o GCL critica a burocratização do PCB, argumentando com o intuito de que a militância do partido desenvolva a luta da fração. Assim,,ele realiza um chamamento pró-fração aos militantes que foram expulsos arbitrariamente do partido ou que se afastaram desiludidos com os equívocos da burocracia. (Idem).

Em agosto,oGCL repercute a discussão em outra direção, incidindo sobre o segundo manifesto de Luis Carlos Prestes e sua proposta de criação do que ele chama de "um 'órgão técnico' de preparo da revolução", a saber, a Liga de Ação Revolucionaria (LAR) e não um partido aberto às massas. Na ocasião, coloca-se a discussão sobre a natureza dessa proposta e a possibilidade do surgimento de uma das "múltiplas variações de Kuomintang que proliferam hoje por toda a IC". Para o GCL, a posição adotada pelo PCB no manifesto anterior de Prestes ensejou as suas

⁸⁶ Nossa tática para com o partido. In. *A Luta de Classe*, n. 2. Jun. 1930, p. 01.

teses sobre a situação nacional e a "proeminência da revolução democrática sobre a proletária socialista".⁸⁷

Como pode se perceber, durante sua breve existência, o GCL comportou-se como uma fração, um pequeno grupo expulso do PCB, mas que reivindicava-se membro legítimo do mesmo. Portanto, o GCL e sua imprensa política delimitaram os espaços de intervenção política, evitando comportar-se como um partido.

No entanto, Mário Pedrosa, acometido por uma doença, afastou-se da organização, evidenciando a fragilidade organizacional do GCL. Por outro lado, a adesão de novos militantes, há pouco desligados do PCB, interromperam o declínio da fração que, em janeiro de 1931, resolve se chamar Liga Comunista do Brasil (LC). (LISBOA, Op. cit, p. 32).

No ano de sua fundação, a LC voltou suas atividades para a cidade de São Paulo, a qual se encontrava politicamente em ebulição, dinamizando "o movimento operário que deflagrou greves em importantes indústrias". (Ibid., p. 33). Ainda que de forma desproporcional, em relação ao efervescente clima político, a LC aumentou o número de militantes no período. Seguimos a seguinte passagem de José Castilho Marques Neto, esclarecendo mais sobre os primeiros momentos da LC:

A Liga Comunista (Oposição) é fundada por nove pessoas e durante o ano de 1931 recebe o maior número de aderentes até 1933. Além dos nove fundadores em 9 de janeiro de 1931, ela se amplia em São Paulo com mais dezesseis adesões até agosto. No Rio de Janeiro, de abril a outubro de 1931, a liga consegue doze militantes. O total, portanto, no ano de 1931 é de 25 militantes em São Paulo e doze no Rio de Janeiro. Até março de 1933, a ampliação foi de apenas seis pessoas em São Paulo e uma no Rio de Janeiro. (MARQUES NETO, 1993, p. 171)

Naquela conjuntura, os trotskistas brasileiros defenderam a convocação de uma assembleia constituinte, como uma forma de explorar as contradições internas da Aliança Liberal e se aproximar de uma classe trabalhadora cada vez mais interessada na política. (LISBOA, Op. cit, p. 33).

A partir de fevereiro de 1931, o jornal *A Luta de Classe* será publicada pela Liga Comunista, resultado da ampliação das atividades do grupo, até então circunscrita à cidade do Rio de Janeiro. Em maio de 1931, a Liga Comunista comemora o primeiro ano do jornal *A Luta de Classe* com o editorial "Nosso Aniversário". No documento, a LC valoriza o esforço anterior dos poucos camaradas

⁸⁷ 'Liga' ou 'Partido'?. In. *A Luta de Classe*, n. 4, Ago. 1930, p. 01

do GCL em "restabelecer a essência revolucionária do leninismo". Ademais, ela evoca a reação policial que tomou conta do país no período anterior ao lançamento do jornal *A Luta de Classe*, e as dificuldades que surgiram para viabilizá-lo.⁸⁸

O editorial de aniversário tece elogios a condução do GCL e a importante tarefa que este teria realizado, quando reafirma a continuidade desta tarefa:

Não foi em vão o trabalho do Grupo Comunista Lenin, trazendo, como trouxemos, ao proletariado revolucionário do Brasil, os erros, os desvios de uma direção incapaz de ser partido da classe. Concorremos e continuaremos a fazê-lo, para a elaboração de uma análise justa dos problemas do movimento comunista no Brasil. Esta tarefa iniciada pelo Grupo Comunista Lenin, desenvolve-se agora numa base mais ampla, na seção brasileira da Oposição Internacional de Esquerda.⁸⁹

A partir de então, os artigos de Trotsky e da OIE tornam-se recorrentes nas páginas de *A Luta de Classe*. Ainda que a relação da Liga com o PCB continue repercutindo nas páginas do jornal, ocorre uma mudança sensível quanto ao conteúdo divulgado no mesmo. Os temas da política nacional ganham uma nova envergadura, como a "Assembleia Constituinte" e a "Revolução Constitucionalista", assim como, informativos, de outras seções nacionais da OIE repercutem.

Por outro lado, a orientação sindical da LC foi pautada pela defesa da unidade, procurando intervir na reorganização dos sindicatos desarticulados pelos acontecimentos que alçaram Getúlio Vargas à Presidência da República. Em março de 1931, na ocasião da Conferência Operária Estadual de São Paulo, organizada pela Federação Operária (anarquista) e que reuniu os sindicatos mais importantes, os trotskistas apresentaram duas resoluções, respectivamente, sobre a orientação e a unidade sindical.

Essa orientação pela unidade sindical reverberou pelos anos seguintes, na medida em que aumentava a sua influência política. Neste sentido, a sua intervenção na União dos Trabalhadores Gráficos (UTG), em São Paulo e no Rio de Janeiro, colaborou para tanto, inclusive para a sua posição dinâmica sobre a participação nos sindicatos oficiais.

Neste ínterim, o movimento operário encontrou grandes dificuldades, em especial, pela repressão em São Paulo, na ocasião da "Revolução

⁸⁸ Nosso Aniversário. In. *A Luta de Classe*, n. 7, 1º Mai. 1931, p. 01.

⁸⁹ Idem.

Constitucionalista".⁹⁰ Mesmo os militantes da LC não escaparam ilesos, incluindo a detenção de oposicionistas como Aristides Lobo, Mário Pedrosa, Victor de Azevedo Pinheiro, Mary Houston e Mario Dupont. (CAMPOS; TRINDADE, 2008, p. 08-11)

Em maio de 1933, o quadro geral da LC demonstrou um tímido crescimento, mas também a ampliação de sua atividade política. Nesta acepção, Dainis Karepovs e José Castilho Marques Neto analisam o desenvolvimento dos oposicionistas:

Em uma estatística apresentada na primeira conferência nacional, realizada em maio de 1933, encontramos um perfil da organização nos seus dois primeiros anos de vida. Foram recrutados 51 militantes - 16 no Rio de Janeiro e 35 em São Paulo. O perfil profissional desses militantes mostrava os sindicatos nos quais a liga tinha atuação: gráficos e jornalistas, comerciários, motoristas, ferroviários, alfaiates, trabalhadores da construção civil, sapateiros, professores. (KAREPOVS & MARQUES NETO, 2002, p. 124)

Outro ponto fundamental do ativismo da LC foi o desenvolvimento de iniciativas antifascistas, combatendo o integralismo, na cidade de São Paulo. Ela participou das reuniões que discutiram a formação do "Comitê de Frente Única Antiguerra", liderado pelo PCB, porém, desenvolvendo certo protagonismo na Frente Única Antifascista (FUA). Em 25 de junho, como demonstra Ricardo Figueiredo Castro, participaram do lançamento da FUA:

Além do PSB paulista, o Grêmio Universitário Socialista, a União dos Trabalhadores Gráficos (UTG), a Legião Cívica 5 de Julho, a Liga Comunista (LC), a seção paulista do Partido Socialista Italiano, a Bandeira dos Dezoito, O Grupo Socialista 'Giacomo Matteoti', o Grupo 'Itália Libera', a revista *O Socialismo* e os jornais *O Homem Livre* e *A Rua*. (2002, p. 360).

O lançamento da FUA, como se pode notar, foi bastante representativo. A única organização política da esquerda de São Paulo que não participou do ato fundacional foi o PCB, participando somente de poucas atividades, entre novembro de 1933 e janeiro de 1934. (LISBOA, Op. cit, p. 36).

A luta antifascista desenvolvida pela LC adquire, desde janeiro de 1932, uma importância estratégica, quando ela publica texto de Trotski sobre a situação política

⁹⁰ Sob a bandeira da "autonomia do Estado" e da "constitucionalização do país, a burguesia paulista questionou o governo de Getúlio Vargas e a presença do tenente João Alberto como seu representante naquele Estado, procurando levar ao extremo "a luta entre a centralização e o federalismo", colocando o país em julho de 1932, "à beira de uma guerra civil". No entanto, depois de recompor suas forças, Vargas isolou São Paulo, derrotando "política e militarmente sua classe dominante". Após a vitória, Vargas começou uma política de reaproximação com a burguesia cafeeira de São Paulo. (In. DEMIER, 2013, p. 90-91)

na Alemanha e sua centralidade em relação à política mundial. Adolf Hitler ascendeu ao poder na Alemanha, em janeiro de 1933 e, dois meses depois, a Liga publicou artigo⁹¹ em que sinalizou uma abertura de diálogo com o PCB, destacando a necessidade de elaborar "um 'plano internacional', à defesa do 'proletariado alemão' após o 'silêncio criminoso' do Partido Comunista soviético e da *Comintern*". (Ibid., p. 68-69)

Sobre o artigo, Roberto Lisboa ressalta que:

A Liga propõe uma série de medidas imediatas ao PCB: rever a linha política e traçar um plano internacional de defesa do proletariado alemão e contra a reação fascista, realizar esta exigência fundamental nos estatutos da Comintern que prevê a realização a cada dois anos do Congresso Mundial; pressionar o secretariado Sul-Americano e, em especial, as seções latino-americanas para que se dirijam ao CEIC e exijam a convocação do VII Congresso; reivindicar - devido ao caráter excepcional - a participação de todos os grupos e frações excluídos dos quadros formais da IC. Ainda, ela propõe medidas para a luta antifascista no Brasil: organizar uma campanha antifascista nacional e, finalmente, preparar e convocar nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro uma manifestação pública convidando todas as organizações antifascistas de caráter democrático e proletário numa ação verdadeira de frente única contra o fascismo. (Ibid, p. 70)

Destaca-se que a ideia de abrir o diálogo saiu do papel, mas não sem dificuldades. Provavelmente, esta foi uma das últimas elaborações políticas da LC, procurando incidir sobre os rumos do *Comintern* e, principalmente, do PCB, na perspectiva de reformular o seu programa. Mas como pode se ver acima, conexões foram estabelecidas, mesmo que precárias, em determinados momentos do Comitê Antiguerrero e da FUA, inclusive após o rompimento efetivo dos trotskistas com o *Comintern* e a nova orientação de construir partidos independentes e uma nova internacional.

Por conseguinte, em outubro de 1933, a Liga Comunista:

Seguindo orientação da OIE, ela passa a se denominar Liga Comunista Internacionalista (LCI-b), abandonando a perspectiva fracionária relativa ao PCB e sua proposta de reformá-lo. A LCI-b assume-se enquanto partido e passa a defender a construção da IV Internacional. (Ibid, p. 36).

O novo formato da Liga Comunista, a de partido, permitirá a ampliação de suas atividades e, conseqüentemente, uma aproximação e intervenção mais efetiva

⁹¹ Cf. "Em defesa do proletariado alemão". In. *A Luta de Classe*, São Paulo, n. 11, abr. 1933, p. 03.

junto a classe trabalhadora. Ainda, a IV Internacional torna-se uma bandeira de luta, um objetivo decisivo para os trotskistas, diante da "meia noite do século".

1.5 OS PARTIDOS TROTSKISTAS NO ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA: DO WORKERS PARTY AO SOCIALIST WORKERS PARTY

Em novembro de 1932, Arne Swabeck abordou em *The Militant* o crescente apoio e simpatia com a Oposição de Esquerda nos Estados Unidos. A fração do CPUSA superou a fase de angariar militantes à fração individualmente a partir do diálogo. O próprio jornal *The Militant*, que completa quatro anos de publicação, passa a apresentar conteúdos que refletem de forma mais incisiva o desenvolvimento das lutas dos trabalhadores pelo país. Neste sentido, a crise econômica parece produzir uma nova orientação, apesar das experiências amargas dos últimos anos. E a Oposição mostra-se mais preparada para responder a ela.⁹²

O estabelecimento de novos contatos e a incorporação dos mesmos a CLA, a sua organização na cidade de Davenport (Iowa), o processo de formação nas cidades de Des Moines (Iowa), Pittsburgh (Pensilvânia) e New Castle (Pensilvânia), além da ampliação nos locais já existentes, demonstra o crescimento e o otimismo com o futuro da CLA. As experiências sindicais também denotam mudanças substanciais na inserção da Oposição junto aos trabalhadores; o exemplo da liderança entre os mineiros de Illinois expressa o sentimento de Swabeck sobre o fortalecimento da Oposição.⁹³

Para Bryan Palmer, esta mudança de qualidade do trotskismo estadunidense ocorreu de fato no biênio de 1933-1934. No entanto, ele aponta antes questões interiores para o desenvolvimento da CLA:

De 1933-34, o Movimento Trotskista dos Estados Unidos, guiado pelos princípios fundamentais revolucionários, começou a sair para fora dos buracos dos "Dias de Estagnação", independentemente se esses foram

⁹² 4 Years Of The Militant by Arne Swabeck. In. *The Militant*, V. 5, n. 46, 12 nov. 1932, p. 1, 6.

⁹³In 1933–4, the US Trotskyist movement, guided by fundamental revolutionary principles, began to dig itself out of the holes of the 'Dog Days', regardless of whether they were of its own making or not. A changed context provided the Left Opposition with new possibilities to translate its abstract understandings into concrete engagement in actual class-struggles and political campaigns.²³ The personalized factionalism of the years 1929–32 eventually gave way to productive working relations that reconfigured what had been divisions growing out of unprincipled combinations into new political solidarities. Idem.

criação própria ou não. A mudança no contexto proveu a Oposição de Esquerda com novas possibilidades para traduzir a compreensão abstrata em um compromisso concreto com a luta de classes verdadeira e campanhas políticas. O faccionalismo personalizado dos anos 1929–32, cedeu eventualmente as relações de trabalho produtivo que reconfiguraram o que tinha sido divisões crescentes de combinações inescrupulosas para uma nova política de solidariedades.⁹⁴(Tradução Nossa)

Além disso, ele reconhece a existência de um novo desenvolvimento para as lutas dos trabalhadores apontadas por Swabeck e que a CLA consegue se beneficiar dele.

Entre 1933 e 1934, a classe trabalhadora sinalizava para a superação da letargia que se abateu sobre ela nos primeiros anos da Grande Depressão. Neste ínterim, as campanhas contra o desemprego e a defesa dos presos políticos de extração operária criaram espaços para o movimento trotskista intervir. Conforme o autor, eles fizeram incursões importantes nos distritos de carvão de Illinois, participaram da liderança de uma enorme e amarga greve na indústria hoteleira e de restaurantes na cidade de Nova York. (Ibid, p. 286)

Em janeiro de 1933, a CLA ratifica o apelo do Comitê Sindical do Estado de Nova York para o Seguro desemprego, destacando a importância da Conferência que seria realizada no dia 22 de janeiro no Irving Plaza Hall. Fica evidente a manutenção da frente única como uma aposta para a ampliação do trabalho no movimento sindical. Como se pode observar:

Praticamente desde o início da crise, com seu crescente desemprego, defendemos firmemente o estabelecimento de uma frente única de todas as organizações da classe trabalhadora para a luta comum para obter alívio dos sofrimentos infligidos aos trabalhadores.⁹⁵

A CLA comenta que o CPUSA adotou uma política de participação e divulgação da Conferência, a partir da defesa do seu editorial no jornal *Daily Worker* para a conformação de uma frente única. Neste momento, as acusações de social-fascistas para os socialistas e AFL perderam tonalidade. Além disso, mesmo que sem o devido reconhecimento, na prática, os stalinistas adotaram a posição da Oposição de Esquerda sobre a frente única e sua forma inclusive. Dentro da perspectiva de fração no CPUSA, a CLA, todavia, entende que a nova orientação

⁹⁴ In. PALMER, 2013, p. 284-285. Tradução Nossa.

⁹⁵ United Front Call Issued for Unemployment Insurance: Opposition Welcomes Party Turn and Warns Against Opportunistic Tendencies. *The Militant*, v. 6, n. 2, 14 jan. 1933, p. 01,04.

política deve ser explicitada com o intuito de fazer compreender sua militância, declarando o novo giro político, sua natureza e o porquê dele, além do reconhecimento de que a política anterior era falsa.⁹⁶

Outra questão que impulsionou os trotskistas foram as agitações em torno da ascensão de Hitler na Alemanha, sublinhando a necessidade imperiosa de ações de frente única para derrotar o fascismo. A CLA sentiu o peso da liderança stalinista, através das várias tentativas de linchamentos dos trotskistas estadunidenses. Mesmo assim, a CLA organizou diversos eventos, reuniões e manifestações para repudiar o avanço fascista. Após a confirmação de Hitler como chanceler na Alemanha, os trotskistas continuaram empenhados na defesa de uma oposição resoluto aos fascistas, provocando o contato com novas forças radicalizadoras. (PALMER, 2013, p. 286-288)

O ascenso de Hitler na Alemanha e a fragilidade stalinista provocaram uma mudança substancial na perspectiva de Trotsky em relação ao *Comintern*, alegando o início de uma nova etapa de degeneração. A própria permanência dos trotskistas, enquanto Oposição de Esquerda estava inviabilizada. Para Trotsky, desde agosto de 1933, tratava-se de construir novos partidos revolucionários e uma nova internacional, enquanto a Oposição de Esquerda Internacional (OEI) deveria seguir essa orientação. Logo, a mudança de perspectiva adotada por Trotsky foi acolhida por Cannon e Shachtman. (Ibid, p. 290) A partir de então,

Para a Oposição de Esquerda Americana, “O Trotskismo numa escala mundial estava a caminho. Nós nos Estados Unidos estávamos a um passo”. Cannon sentiu como fosse nos “velhos tempos”, o isolamento e a luta faccional interna do início da década de 30 tinha sido finalmente transcendente. A luta agora estava acontecendo “em um plano superior muito diferente.” Trotsky estava animado que a situação na Liga Americana parecia estar finalmente se resolvendo e ele escreveu para Shachtman que as oportunidades apresentavam-se a si próprias em um novo contexto de renascimento da luta de classes e intensificavam o compromisso da Oposição de Esquerda com uma maior atividade pública, “o perigo da exacerbação de uma luta interna diminui”.⁹⁷ (Tradução Nossa)

⁹⁶ Idem.

⁹⁷For the American Left Opposition, ‘Trotskyism on a world scale was on the march. We in the United States were in step’. Cannon felt like it was ‘old times’, and the isolation and factional infighting of the early 1930s had finally been transcended. The struggle was now taking place ‘on a far different, on a higher plane’. Trotsky was heartened that the situation in the American League seemed finally to be righting itself, and he wrote to Shachtman that as opportunities presented themselves in the new context of revived class-struggle and intensified Left Opposition engagement in wider public activity, ‘the danger of an exacerbation of the internal struggle diminishes’. In. PALMER, 2013, p. 291.

Estes novos tempos para o trotskismo estadunidense ficam evidentes em dois artigos do jornal *The Militant*, intitulados, respectivamente, "The Trade Union Question: The Left Wing Needs a New Policy and a New Leadership" e "A picture of the League Today".

Escritos por James P. Cannon, os artigos destacam o ascenso da classe trabalhadora estadunidense, diante de uma onda de greves, mas sem uma direção consciente. Neste sentido, ele sustenta que os líderes da AFL e as organizações trabalhistas funcionam como tenentes da classe capitalista na National Recovery Administration (NRA), agência do programa para crise do presidente Franklin D. Roosevelt, o *New Deal*. O domínio stalinista na ausência destes mostrou-se incapaz de coordenar o desenvolvimento das lutas dos trabalhadores contra a sua domesticação NRA.⁹⁸

No documento, ele reivindica que a ala esquerda do movimento sindical deve ser reorganizada e assumir o papel de protagonista do ascenso, inclusive, fora da base e da política sindical do stalinismo. Neste momento, a política sindical dos trotskistas é alterada, corroborando para a nova postura política da OIE em relação a *Comintern*.⁹⁹

O desenvolvimento da CLA para esse novo intento provavelmente relaciona-se, também, com um crescimento significativo em suas fileiras e na estrutura organizacional. Por conseguinte, Swabeck anima-se com um "crescimento palpitante" e "encorajador", situação muito distante do momento de expulsão do CPUSA, quando o Partido desdenhava dos "Três Gerais sem Exército"¹⁰⁰, mas que agora registra 28 filiais da Liga de "costa a costa", o dobro de militantes, provavelmente próximo a 400 e uma audiência nesta turnê pelo país com aproximadamente 4 mil trabalhadores. Tais avanços, em especial, na cidade de Chicago, repercutem sobre a juventude trabalhadora com a ampliação da *Spartacus Youth Clubs of America* e a direção de Albert Goldman da *Escola de Trabalhadores de Chicago* que conta com mais de cem matrículas, segundo Swabeck, "uma excelente instituição complementar que reforça as base marxistas do movimento".¹⁰¹

⁹⁸ The Trade Union Question: The Left Wing Needs a New Policy and a New Leadership. In. *The Militant*, v. 6, n. 43, 16 set. 1933, p. 01, 04.

⁹⁹ Idem.

¹⁰⁰ Alusão a fragilidade política dos líderes da Oposição de Esquerda, James P. Cannon, Martin Abern e Max Shachtman.

¹⁰¹ An excellent supplementary institution reinforcing the Marxian foundation of the movement. In. A Picture of the League Today. *The Militant*, v. 6, n. 57, 30 dez. 1933, p. 02.

Além disso, o dirigente trotskista analisa as tendências futuras para a CLA no movimento sindical estadunidense. Ele ressalta o avanço da organização na região siderúrgica da cidade de Pittsburgh, onde seus militantes alçaram-se a condição de organizadores mais ativos dos novos sindicatos da AFL; a colaboração com a Liga dos Trabalhadores de Chicago na questão do desemprego, buscando estender esse movimento a outros centros. Também, mostra-se relevante o estabelecimento de novas filiais da CLA na costa do Pacífico, São Francisco, Oakland e Vancouver, a partir, fundamentalmente, da adesão de militantes do CommunistParty. Aliás, Swabeck evidencia que militantes e lideranças do Partido estabelecem diálogos ou movem-se para as fileiras trotskistas em Nova York, New Castle e na Pensilvânia.¹⁰²

Contudo, o desenvolvimento da CLA em Mineápolis é um bom exemplo de tendências futuras. Os militantes da cidade estiveram recentemente na vanguarda da organização do movimento local de desempregados, conseguindo repercutir as necessidades do mesmo com os sindicatos de empregados.

Neste sentido, 1934 foi marcado pelo desdobramento da crescente atividade política da CLA. As greves de Mineápolis e o destaque da liderança trotskista reforçaram o novo contexto da outrora Oposição de Esquerda.

Recordando as greves de Mineápolis, James P. Cannon (2013) comenta que 1934 foi marcado pelo aparecimento de uma segunda onda de lutas do movimento operário, da qual os eventos de Mineápolis foram os mais significativos. Em maio, eclodiu uma greve dos motoristas, auxiliares e trabalhadores internos, repetidas com maior intensidade entre os meses de julho e agosto do referido ano. O trabalho dos trotskistas começou com a organização dos mineiros e o triunfo da greve do carvão, levantando os trabalhadores na indústria do transporte à revelia das burocracias sindicais. A organização da CLA possibilitou que os sindicatos oficiais da AFL apoiassem as reivindicações, obrigando-os a apoiar a greve pelo reconhecimento em bases sólidas do Sindicato Local 574¹⁰³.

Para os trotskistas, Robert Alexander evidencia que:

Esta greve dos trabalhadores estabeleceu a liderança dos Trotskistas no sindicato dos motoristas de caminhões, Local 574, bem como garantiu a eles o comando do local por quase uma década na organização do movimento dos trabalhadores em Mineápolis. Ironicamente, esta liderança

¹⁰² Idem.

¹⁰³ Sindicato filiado à Irmandade Internacional dos Caminhoneiros (International Brotherhood Teamster - IBT).

foi a causa maior para a perseguição e acusação aos líderes nacionais Trotskistas pelo governo de Roosevelt durante a segunda guerra mundial.¹⁰⁴(ALEXANDER, op. cit, p. 775)

Apesar disso, para os trotskistas, a greve de Mineápolis evidenciou uma oportunidade de atividade política dirigente ao movimento sindical, em um momento de expansão da iniciativa política da classe trabalhadora.

Foi neste contexto que a CLA e o AWP se aproximaram politicamente e começaram o processo de fusão das duas organizações. Lançado pela Conferência da ALP na cidade de Pittsburgh, American Workers Party (AWP) teve a formação de seu Comitê Provisório, chamando atenção da CLA, quando em janeiro de 1934 o jornal *The Militant* repercutiu a questão. A conferência lançou as bases para a construção de um partido revolucionário nos Estados Unidos, posição semelhante a dos trotskistas em setembro último, quando decidiram formalmente organizar um novo partido e uma nova internacional.¹⁰⁵

Conforme Arne Swabeck, a Oposição de Esquerda construiu nos últimos quatro anos um programa e um esqueleto de organização nacional que devia ser levado em consideração para a discussão. O partido resultante da fusão deve reagrupar os grupos revolucionários que romperam com o centrismo e o reformismo, característico do movimento sindical desde o início da Grande Depressão e, também, revolucionários que foram repelidos pelo CPUSA e até o momento não foram incorporados. Para tanto, devem ser realizadas discussões, reuniões durante um período de transição e cooperação nas lutas antes da fusão.¹⁰⁶

Bryan Palmer evidencia que a fusão da CLA e do AWP, este liderado pelo pregador e pacifista de esquerda A. J. Muste, concluída entre setembro e dezembro de 1934, ocorreu nesse quadro geral de ascenso da classe. Tanto a CLA quanto o AWP foram protagonistas de greves importantes, representando "a nova militância da classe operária americana". Ressalta-se que AWP também teria jogado um papel relevante na revolta de Toledo na fábrica *Auto-Lite*. (CANNON, op.cit, p. 291)

¹⁰⁴This walk-out established the leadership of the Trotskyists in Local 574 of the Teamsters as well as assuring them for nearly a decade of a leading place in the organized labor movement in Minneapolis. This leadership, ironically, was to be the major cause for the persecution and prosecution of national Trotskyist leaders by the Roosevelt government during World War II.

¹⁰⁵ An Open Letter to the American Workers Party by Arne Swabeck. In. *The Militant*, v. 7, n. 3, 27 jan. 1934, p. 01, 03.

¹⁰⁶ Idem.

Em meio as discussões sobre a fusão, em outubro de 1934, James P. Cannon viajou para a França, com o intuito de participar do *Plenum* do Comitê Executivo da Liga Comunista Internacional, em Paris. O objetivo do encontro era de concluir a discussão das seções nacionais sobre o "giro francês", ou seja, a união da seção francesa junto ao Partido Socialista como um todo, e intervir politicamente em seu interior, enquanto fração, para contatar a ala esquerda do Partido, a fim de "influenciá-la e fundir-se com ela". A partir daí, o resultado deveria ser a construção de um "novo partido revolucionário", o que foi ratificado pela reunião. Neste sentido, James P. Cannon sustenta que essa política se apoiava na premissa de "sair da condição de círculo de propaganda, como tínhamos sido por cinco anos, a um trabalho de massas, para tomar contato com o vivo dos trabalhadores que iam em direção ao marxismo revolucionário". (CANNON, op. cit, p. 204)

Durante sua estadia na França, Cannon aproveitou para viajar até a cidade de Grenoble e encontrar o exilado Leon Trotski, quando conversou sobre a aproximação com o AWP, tendo a nova orientação aprovada. (Ibid, p. 203-204). Naquele momento, a própria liderança trotskista teve divergências quanto a forma de caracterizar essa movimentação.

Ainda, duas interpretações do movimento de fusão com o AWP são apresentadas. O que estava em jogo era justamente sua padronização em relação a política de entrismo, efetuada na França. Neste sentido, James P. Cannon e Albert Glotzer evidenciaram a diferença:

Cannon disse claramente sobre giro francês que "nós traduzimos isto para a América como uma prescrição para apressar a fusão com o Partido dos Trabalhadores Americanos". Por outro lado, Albert Glotzer argumenta que a aliança com o partido dos trabalhadores não foi vista como uma solicitação do giro francês, mas foi inserida com bases práticas que duplicaria a associação Trotskista e que ambos os grupos tinham de algum modo experiências similares na renovação da liderança dos segmentos da organização do movimento dos trabalhadores em Mineápolis e os Musteites em uma greve importante dos trabalhadores da fábrica da Auto Lite em Toledo, Ohio.¹⁰⁷(ALEXANDER, Op. cit, p. 771. Tradução Nossa)

¹⁰⁷ "Cannon clearly said of the French Turn that "we translated it for America as an injunction to hasten the amalgamation with the American Workers Party". Albert Glotzer, on the other hand, has argued that the merger with the AWP was not seen as an application of the French Turn, but rather was entered into on the quite practical grounds that it would double the Trotskyists membership and that both groups had had somewhat similar experiences in leading segments of the reviving organized labor movement, the CLA in Minneapolis and the Musteites in an important auto workers strike at the Auto-Lite plant in Toledo, Ohio.

Aparentemente, a postura de Glotzer parece condizer mais claramente com a política desenvolvida pela CLA para a fusão, principalmente, quando examinado a entrada do novo Partido, resultado da fusão, no SP. De qualquer forma, a discussão continuou na CLA e AWP, marcando suas respectivas convenções separadamente, entre 26 e 30 de novembro de 1934, ratificando a "Declaração de Princípios", esboçada em conjunto por seus comitês anteriormente. Assim, os dois primeiros dias de dezembro marcaram a realização de seção conjunta. Conforme Cannon, a edição seguinte do jornal *The Militant* informou o lançamento da nova organização, o *Workers Party* (WP), e seu compromisso prioritário, "a derrota da classe capitalista na América do Norte e a criação de um Estado operário".(CANNON, op. cit, p. 206).

Apesar de não mencionar o nome do revolucionário russo Leon Trotski, o programa do WP contemplou, em sua essência, as ideias defendidas pelos trotskistas, inclusive o bolchevismo em termos organizacionais e a posição sobre a União Soviética, definida como um Estado operário que deveria ser defendido incondicionalmente contra os ataques capitalistas. O WP também apresentou um novo jornal intitulado *New Militant*, substituindo as publicações anteriores da CLA e AWP. (ALEXANDER, op. cit, p. 777-778)

O primeiro ano da nova organização iniciou com um plano audacioso de organização e um programa de ação. Robert Alexander expõe que o WP deveria dobrar seus efetivos em seis meses, levantar um fundo de fundação do Partido, aumentar a circulação paga do seu jornal e lançar uma organização da ala esquerda progressista nos sindicatos. No entanto, a euforia inicial, que tomou conta do WP, logo foi dissipada pelo ressurgimento de divergências em torno do "giro francês". Em parte, esse debate ocupou o Partido durante boa parte de 1935, resultando na expulsão de Oehler e Stamm, depois do *Plenum* de outubro. (Ibid, p. 779-780)

O WP estava decidido a costurar novas composições para reorganizar o movimento revolucionário, e o escolhido para tal intento foi o SP, em especial sua ala esquerda. Abaixo, Le Blanc evidencia o contexto que moveu o WP em direção ao SP:

Sob o impacto da Grande Depressão e o surgimento do fascismo, um número significativo de trabalhadores e jovens em muitos países se moviam para a esquerda, em alguns casos reunindo e formando uma esquerda militante dentro dos partidos social-democratas da Segunda Internacional. Os estalinistas estavam a caminho dessas forças, mas esse desenvolvimento também parecia criar a possibilidade de conquistar

camadas de trabalhadores e jovens radicalizados para a política revolucionária marxista representada pelos trotskistas..¹⁰⁸ (Tradução Nossa)

O autor afirma que a adoção da nova orientação apresentava a possibilidade de romper com o isolamento e disputar com os stalinistas o apoio da classe trabalhadora baseada numa perspectiva de revolução. (Ibid, p. 30)

Com isso, no Estados Unidos, o giro francês de fato começava a ser desenhado no horizonte.

Esta nova torção no giro francês encontrou resistência no Partido dos Trabalhadores. Mesmo depois da saída dos Oehlerites, um grupo de liderança forte antagônico ao partido dos trabalhadores que entrou no Partido Socialista. Isto foi verdadeiro para A. J. Muste e outros do velho Partido dos Trabalhadores Americanos. Neste período de aliança do partido dos trabalhadores e a Liga Comunista, Trotsky já havia pedido para terminar com o giro francês na França e a AWPERS então expressou a oposição deles a qualquer fusão com o Partido Socialista nos Estados Unidos. Eles forjaram um acordo dos Trotskistas para concentrar os esforços no desenvolvimento do Partido dos Trabalhadores como uma alternativa para ambos, Partido Socialista e Comunista e assim nenhum movimento seria realizado para terminar com o Partido dos Trabalhadores. Os Musteites eram apoiados no partido dos trabalhadores por um elemento Trotskista mais velho liderado por Martin Abern e outros.¹⁰⁹ (Tradução Nossa)

Mesmo com a contrariedade de certos grupos no interior do WP, isto não impediu que, em março de 1936, em sua convenção, eles aprovassem a entrada no SP, este que igualmente mantinha sérias diferenças e dúvidas quanto a entrada daqueles, pois temiam que a fusão entre os dois partidos pudesse afastar seus militantes e simpatizantes. Assim, os militantes do WP foram aceitos no SP "como indivíduos". Em junho, o jornal *New Militant* anunciou a sua dissolução e a do WP, assim como, a entrada de seus militantes no SP. (ALEXANDER, op. cit, p. 786)

¹⁰⁸Under the impact of the Great Depression and the rise of fascism, significant numbers of workers and youth in many countries were moving leftward, in some cases rallying to and forming a militant left wing within the social democratic parties of the Second International. The stalinists were reading out to these forces, but his development also seemed to create the possibility for winning radicalized layers of workers and youth to the revolutionary Marxist politics represented by trotskysts. In. LE BLANC, 2016, p. 30.

¹⁰⁹This radical new twist in the French Turn met some resistance within the Workers Party. Even after the exit of the Oehlerites, a group in the w p leadership strongly opposed entry into the Socialist Party. This was particularly true of A. J. Muste and others from the old American Workers Party. By the time of the merger of the a w p and the Communist League, Trotsky had already called for ending the French Turn in France, and the AWPers then expressed their opposition to any merger with the Socialist Party in the United States. They wangled an agreement from the Trotskysts to concentrate efforts on building up the Workers Party as an alternative to both the Socialist and Communist parties, and that no move would be taken to liquidate the Workers Party into the s p . The Musteites in the Workers Party were supported by an older Trotskyst element headed by Martin Abern and others. In. ALEXANDER, Op. cit, p. 784-785. TraduçãoNossa.

Depois de quase um ano de imersão no SP, ampliando contatos e aproximando novos militantes, em fevereiro de 1937, os trotskistas estabeleceram a sua reorganização como uma fração do Partido, durante uma convenção do seu novo jornal, o *Socialist Appeal*. Todos os militantes do SP foram convidados para encamparem essa ideia, desde que concordassem com o programa da publicação, o qual, de acordo com Alexander, coincidia com o programa da IV Internacional. De qualquer forma, cerca de 25% daqueles que participaram do evento nunca fizeram parte do WP. (Ibid, p. 786-787)

Por outro lado, diversas lideranças socialistas começavam a demonstrar o seu descontentamento com os trotskistas, pressionando Norman Thomas e sua ideia de partido "todo-inclusivo" que ameaçava - acreditavam - minar o SP. Essa pressão resultou no chamamento de uma convenção nacional especial do Partido, no mês seguinte. A convenção aconteceu sem a eleição de delegados oriundos do WP, sob a alegação que não eram membros do Partido em tempo suficiente. Contudo, um grupo significativo, organizado em torno do *Socialist Appeal* pôde participar da convenção, a qual acabou proibindo publicações fracionais, na prática a dos trotskistas. Naquele momento, muitos delegados desejaram romper com o Partido, mas foram impedidos pelas lideranças nativas do WP. Mesmo sem uma imprensa a disposição, Shachtman e Cannon seguiram defendendo a manutenção dos trotskistas no SP. Três meses depois da convenção, Trotski exortou os seus seguidores nos Estados Unidos a deixarem as fileiras do SP e aparecerem novamente como um partido independente, recuperando sua independência completa. Alguns trotskistas entendiam que Trotski estava equivocado, entre eles, Max Shachtman, James Burnham e Ame Swabeck; Cannon, por sua vez, acenou positivamente e, depois de intensas negociações, resolveram encampar uma "orientação para a divisão". (Ibid, p. 789-792)

Cabe ressaltar que a avaliação dos ex-dirigentes do WP sobre o entrismo, realizado no SP, foi positivo por uma série de questões. Cannon recorda que os trotskistas aumentaram seus efetivos militantes "em mais que o dobro". Soma-se a isto as duas grandes campanhas que foram realizadas no interior do SP, publicamente de grande importância: a primeira, envolvendo a organização do "Comitê de defesa de Trotski", em Nova York; a segunda, a realização de um trabalho de elucidação sobre o desenvolvimento da revolução espanhola. (PALMER, op. cit, pp. 243, 246-247)

De qualquer forma, o destino dos trotskistas estava selado. Uma reunião do Comitê Nacional da fração trotskista, realizado em Nova York, em junho, resultou em expulsões massivas de militantes. Primeiro, foram expulsos militantes de Nova York. Em contrapartida, os trotskistas estabeleceram um "Comitê Nacional de Células Expulsas", enquanto o jornal *Socialist Appeal* apareceu no formato de um tablóide semanal. Em fins de dezembro, uma convenção das células expulsas foi realizada, em Chicago, com o objetivo de registrar o período de intervenção política no SP. (Ibid, p. 255)

Neste sentido, a Convenção registrou a adesão consensual ao programa da IV Internacional e os resultados da política de entrismo no SP. Sobre o último ponto, Cannon afirma que:

Apesar de termos estado concentrados naquele trabalho político interno dentro do PS, tínhamos estado ao mesmo tempo realizando, praticamente sem nenhuma linha da direção central, nosso trabalho sindical em uma escala da qual nunca havíamos nos aproximado antes, pelo menos tínhamos começado a proletarização do partido. Tínhamos ganho para o nosso lado a maioria da Juventude Socialista e a maioria daqueles operários socialistas realmente interessados nos princípios do socialismo e na revolução socialista. (Ibid, p. 256)

A partir de então, em 1º de janeiro de 1938, formava-se, em Chicago, um novo partido, o Partido Socialista dos Trabalhadores (SWP), momento em que uma discussão envolvendo "a questão russa" retornou ao Partido. (Ibid, p. 257)

No auge do movimento trotskista norte-americano dos anos 1930, desenvolvia-se paralelamente a sua pior crise. O seu desenvolvimento, a partir de meados de 1939, evidenciou a incapacidade de por fim a um debate que percorreu os mais variados círculos trotskistas mundo afora, em torno da compreensão da "natureza da União Soviética". No SWP, ela provocou uma diferenciação flagrante entre os dois principais dirigentes trotskistas da primeira geração, Shachtman e Cannon.

Alexander comenta que as origens do debate, produzido entre 1939 e 1940, podem ser visualizadas desde os primeiros passos do trotskismo norte-americano. Em 1929, problemas relativos com a organização da Oposição de Esquerda criaram a primeira fração anti-Cannon, mas nenhuma divisão foi produzida entre os trotskistas. Conforme o autor, Cannon e Shachtman tendiam a atrair diferentes tipos de apoiadores e associados, provocando uma diferenciação, também, nos trabalhos

executados na organização. Isto resultava da formação política distinta das lideranças trotskistas: o primeiro, um bom organizador vinculado aos trabalhadores e sindicatos, mas com pequena capacidade para discussões teóricas; o segundo, um teórico e liderintelectual, além de um orador espirituoso, porém enrolado. (ALEXANDER, 1991, p. 794).

No auge da polêmica, chama a atenção uma frase proferida no período pelo militante George Novack: "Stalin espera criar o socialismo num só país, os Austromarxistas em uma cidade (Viena), e Shachtman em uma fala".¹¹⁰

O dissenso trotskista envolvia diretamente a natureza da União Soviética, mas o que estava em jogo era a resultante, decorrente da caracterização, no contexto da II Guerra Mundial. A minoria, liderada por Shachtman e Burnham, colocou em questão a posição defensista de Trotski com seu apoio incondicional com a União Soviética, problematizando se o SWP deveria sair em defesa dos soviéticos em todos os conflitos com as potências estrangeiras. Para a minoria, esta posição demandava um forte equívoco, pois a União Soviética travava uma guerra imperialista e se portava como tal, em especial, nos conflitos com a Polônia e Finlândia. (Ibid, p. 795-796)

Por sua vez, a maioria - posicionada em torno de Trotski e Cannon - evitou responder a pergunta em reunião do Comitê Político do SWP, na ocasião da invasão soviética na Polônia. Robert Alexander evidencia a proposição de três resoluções diferentes sobre a questão, vejamos:

Uma das resoluções apresentadas nesta reunião "foi a resolução realmente corajosa" de Albert Goldman, "pedindo para o partido aprovar a invasão de Stalin". Pedrosa percebeu que "a mesma recebeu somente um voto, sendo do próprio Goldman, se nós não contarmos com uma abstenção, como uma aprovação tímida". Por sua vez "A resolução de Burnham condenando a invasão da Polônia pelo Exército Vermelho, como a participação em uma guerra de conquista imperialista, obteve somente três votos. ..." Finalmente "A resolução que recebeu a maioria dos votos, evitando prudentemente respostas a questão, foi preparada cautelosamente que nem ousava falar da 'invasão'", preferindo a paráfrase longa "A participação da Rússia na guerra da Polônia". "Esta reunião do Comitê Político foi seguida de uma controvérsia extensa sobre a atitude do partido em relação ao papel da União Soviética na guerra, a qual não acabou até a divisão do partido em abril de 1940".¹¹¹ (Tradução Nossa)

¹¹⁰Stalin expects to create socialism in one country, the Austro-Marxists in one city (Vienna), and Shachtman in one speech". Idem.

¹¹¹One of the resolutions presented at this meeting was "the really courageous resolution" of Albert Goldman, "asking the party to approve the invasion by Stalin." Pedrosa noted that "it received only his own vote, if we do not count one abstention as timid approval." On the other hand, "The Burnham

Ressalta-se outro elemento relevante desta discussão, no interior do SWP: a participação efetiva de Trotski no debate com a minoria, secundado por Cannon e Goldman. A continuidade do debate trouxe outros elementos para a discussão. Trotski e a maioria defenderam que a divisão nas fileiras do SWP estava situada na oposição proletários *versus* pequeno-burgueses, enquanto a minoria representava este último. Robert Alexander comenta que a maioria dos trabalhadores realmente colocou-se favorável à maioria. Contudo, ele ressalta que a minoria defendeu-se evidenciando que a primeira diferenciação clara tinha surgido somente em 1939, o que invalidaria a tese defendida por Trotski, pois durante anos não ocorreram dissensos. (Ibid, p. 799-800)

A discussão continuou até a convenção do SWP, realizada em abril de 1940, quando atingiu seu clímax. Na ocasião, a maioria contava com 60% dos delegados, quando dois temas provocaram importantes discussões: o primeiro, sobre o papel do Estado Soviético na II Guerra Mundial; o segundo, sobre questões organizacionais. A minoria apresentou uma resolução sobre cada questão e foi derrotada.

Na primeira resolução, o Estado Soviético estaria participando integralmente da guerra imperialista mundial, portanto, o caráter reacionário ficaria evidente pelos seus objetivos expansionistas burocrático-militar; os revolucionários, portanto, deveriam revisar sua defesa incondicional da União Soviética. Na segunda resolução, a minoria defendeu o seu direito de publicar uma revista política própria e pública, defendendo o programa geral da IV Internacional, mas apresentando suas diferenças quanto a questão soviética. Eles foram vencidos nas duas resoluções, enquanto a última, em especial, tornou inviável a continuidade da minoria no Partido. Dias depois, eles foram suspensos e logo expulsos. (Ibid, p. 803-804)

Em suma, a partir da cisão, o SWP entrou de fato na década de 1940, fragilizado, mas com uma bagagem programática acumulada na década anterior. A minoria, logo, formou seu partido, o *Workers Party*, continuando sua trajetória, na

resolution, condemning the invasion of Poland by the Red Army as a participation in a war of imperialist conquest, got only three votes. ..." Finally, "The resolution receiving the majority of the votes prudently avoided answering the question; it was edited so cautiously that it did not even dare to speak of an 'invasion,' preferring a long paraphrase such as 'the participation of Russia in the war in Poland.' " This meeting of the Political Committee was followed by an extended controversy over the party's attitude toward the Soviet Union's role in the war, which did not end until the split in the party in April 1940. Idem.

medida em que procurava ajustar o seu discurso, questão que, aliás, provocaria novas divisões e deserções em suas fileiras.

1.6 OS PARTIDOS TROTSKISTAS NO BRASIL: DA LIGA COMUNISTA INTERNACIONALISTA AO PARTIDO SOCIALISTA REVOLUCIONÁRIO

A atividade política inicial da LCI voltou-se com mais intensidade à luta antifascista, personificada na Ação Integralista Brasileira (AIB), promovendo iniciativas concretas, como sustentam Dainis Karepovs e José Castilho Marques Neto:

As sucessivas e cada vez mais frequente assembleias da FUA, a manifestação do 1º de Maio de 1934 (à qual os comunistas não compareceram), a contramanifestação a uma parada integralista, em 7 de outubro de 1934, culminaram com a criação de frentes eleitorais. Em São Paulo, constituiu-se a Coligação Proletária - PSB (que foi a terceira força eleitoral, chegando a eleger um deputado, e não contava com a participação do PCB) e, no Rio de Janeiro, a Frente Única Eleitoral, para as eleições de 14 de outubro de 1934. (KAREPOVS & MARQUES NETO, Op. cit, p. 125-126)

A partir dessas iniciativas, novos militantes foram incorporados à LCI, ampliando sua influência nos sindicatos e abrindo novas frentes, como os trabalhadores metalúrgicos e bancários nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. Ainda, a Terceira Conferência Nacional da LCI, em janeiro de 1934, resolveu defender a unidade sindical e passou a intervir com seus militantes nos sindicatos oficiais. (Ibid, p. 126) A justificativa da LCI perpassou pelo reconhecimento da incapacidade de revogar a Lei que instituiu os sindicatos oficiais, ou seja, nas condições vigentes do movimento sindical. (LISBOA, Op. cit, p. 127).

Em agosto de 1934, o jornal *A Luta de Classe* publicou "Carta aberta aos membros do Partido Comunista". O documento possui uma relevância ímpar porque permite visualizar as posições teóricas e políticas da LCI e, ainda, evidenciar o conhecimento sistemático do pensamento de Trotski sobre o stalinismo e a *Comintern*.

Inicialmente, o documento trata do rompimento de um importante militante do PCB que resolveu, depois de estudar as teses bolcheviques-leninistas e vivenciar as derrotas do stalinismo, aderir a LCI. O que importa não é, de fato, essa questão colocada por Valter (Lobato), mas o conteúdo da crítica, demonstrando

conhecimento da obra de Trotski ou dos documentos da Oposição de Esquerda, naquele momento LCI. Ele adere a Liga para opor-se a "degenerescência burocrática e ao centrismo do PC".¹¹²

A objeção a teoria do socialismo num só país e a defesa da revolução permanente, ponto fundamental da LCI e de suas seções nacionais, generaliza-se aos países imperialistas, semicoloniais e coloniais. Fica evidente o entendimento de que o proletariado na época imperialista é a força motriz da revolução. Neste sentido, os trotskistas não excluem a possibilidade da pequena burguesia participar da luta revolucionária, mas rejeitam qualquer papel dirigente que esta possa ter.

Estão presentes outras questões de fundamental interesse aos trotskistas, referentes a luta imediata, a tática de enfrentamento ao fascismo. Visualiza-se, assim, uma crítica contundente ao modus operandi da *Comintern*, a saber, a de caracterizar a socialdemocracia como social-fascista e, conseqüentemente, apostar na fórmula controversa da frente única pela base, minando, assim, as possibilidades de derrotar o fascismo. Outra crítica contundente direciona-se a perspectiva pacifista em detrimento da ação revolucionária contra o fascismo, ou seja, prioriza-se antes a luta contra uma nova guerra. Ainda, a prioridade absoluta da *Comintern* parece estar na defesa do Estado Maior Soviético.

Em síntese, o documento traz a aceitação do militante comunista saído do PCB stalinistas, da defesa incondicional da União Soviética contra inimigos externos, mas reconhecendo os equívocos listados acima pela direção stalinista, enquadrando-a como um agente da contrarrevolução.

Neste momento, a LCI participou da organização de uma grande contramanifestação antifascista, a Batalha da Sé, na ocasião de 7 de outubro de 1934, quando os integralistas foram enfrentados diretamente pelas organizações operárias paulistas.

Ainda, "com o ápice, no entanto, veio o anticlímax", em fins de 1934, quando uma cisão ocorreu nas fileiras trotskistas, em torno da questão do entrismo. Os autores evidenciam que essa política foi elaborada por Trotski, a partir da compreensão de que a morte da *Comintern* não significava a criação imediata de uma nova internacional, visto que as forças da Oposição e simpatizantes eram insuficientes para tanto. Portanto, tratava-se de ampliá-las. Desta forma, restava aos

¹¹² Carta aberta aos membros do partido. In. *ALuta de Classe*, n. 21, ago 1934, p. 03.

trotskistas traçar acordos com outras forças de esquerda ou a política iniciada na França, a do *entrismo*; ou seja, a filiação dos trotskistas aos partidos socialistas, buscando aproximar os setores mais avançados desses partidos para as suas posições. (KAREPOVS & MARQUES NETO, Op. cit, p. 126).

O entrismo causou polêmica em importantes seções trotskistas, inclusive a francesa que iniciou esta política. Por sua vez, o Brasil não ficou de fora porque a LCI-b igualmente vivenciou uma importante cisão devido a essa política, a partir de dois nomes muito importantes na organização, Aristides Lobo e Victor Azevedo Pinheiro. O resultado negativo dessa dissensão "consumiu a jovem organização trotskista". (Ibid., p. 126)

Por conseguinte, estes resolveram publicar um jornal de mesmo nome, semeando a confusão no movimento operário, marca da "miséria moral" daqueles que deixaram as fileiras trotskistas. Recorde-se, no entanto, que Aristides Lobo fora importante liderança política e teórica desde a fundação da Liga Comunista em janeiro de 1931. A fraseologia panfletária no entanto, impede que se aprofunde a questão.¹¹³

Porém, a crise que envolveu a LCI, no período, não se restringiu a questões de pessoal e internas, afinal, no período, uma mudança de orientação política nas fileiras do PCB e da *Comintern* irá prejudicar a política desenvolvida pela jovem organização, em especial, pelas diretivas do VII Congresso da *Comintern*, quando a política do terceiro período é substituída pela política da "frente popular".

Sobre essa nova política, Karepovs e Marques Neto sustentam que:

Stálin colocava uma opção aos militantes e ao movimento dos trabalhadores, capaz de desviá-los de uma frente única integrada apenas por partidos operários, criando uma frente política de alianças com setores das burguesias nacionais dispostos a se opor ao expansionismo alemão. Era uma política orientada pela guerra, não mais pela revolução. (Ibid, p. 127)

Neste sentido, a expressão dessa nova política no Brasil pode ser visualizada pelo surgimento da Aliança Nacional Libertadora (ANL). Composta por militares oriundos do movimento tenentista e descontentes com o governo Vargas, por diversos sindicatos, associações, partidos políticos, principalmente o PCB, sendo que estes acreditavam na possibilidade de realizar uma ofensiva para derrotar o

¹¹³ Operários, previni-vos. In. *A Luta de Classe*, n. 22, Abr. 1935, p. 01.

governo; em especial, após o rápido crescimento da organização. (ALMEIDA, 2005, p. 83)

Os trotskistas estabeleceram uma dupla relação ante a ANL, ora desferindo críticas contundentes, ora postulando alterações na correlação de forças entre forças políticas que a compunham. É o que indica Miguel Tavares de Almeida:

Os trotskistas não queriam isolar-se da ANL, mas interferir junto aos operários, levando-os a assumir a liderança que lhes cabia no movimento e, aí sim, arrastar a pequena burguesia para, no interior desse processo, construir um partido capaz de dirigir as grandes massas. (Ibid, p. 98)

Para os trotskistas, a ANL funcionava praticamente como um partido ideologicamente plural e, portanto, carregado de um sentimento nacionalista. Conforme Roberto Lisboa:

A LCI define a ANL enquanto um partido que pretende 'representar em seu seio várias classes sociais'. Ela rejeita chamar a ANL de movimento por que uma frente única de indivíduos e associações nada mais é para ela do que um partido. Sobre o programa da Aliança, sugere-se a combinação de 'uma pitada de marxismo' e de 'nacionalismo patrioteiro' através de uma 'aliança operária e camponesa contra a opressão latifundiária e imperialista' que a ANL propõe e o PCB encampa. Trata-se de lutar pela 'libertação nacional do Brasil'. (LISBOA, Op. cit, p. 104)

É importante destacar que, apesar da contundente crítica da LCI para com a ANL, a Liga "ficou praticamente desarmada diante da combinação de crise interna, fechamento da ANL e o *Putsch* comunista de novembro de 1935". O último, em especial, atingiu duramente a maioria das organizações de esquerda. Neste sentido, a LCI não foi exceção, o que ocasionou a prisão de militantes e dirigentes e, ainda, limitou sua atividade política. (KAREPOVS& MARQUES NETO, Op. cit, p. 127-128)

Com a repressão cada vez mais intensa, o contato entre os militantes de São Paulo e Rio de Janeiro foi interrompido. Contudo, o momento tornou-se propício para reorganizar o movimento trotskista e aproximar os comunistas descontentes com a política do PCB na ANL. É o que indicam Dainis Karepovs e José Castilho Marques Neto:

A avaliação crítica feita pelos trotskistas a respeito do *Putsch* de novembro atingiu duramente os militantes do Rio de Janeiro (que passaram a denominar-se Grupo Bolchevique-Leninista, em fins de 1936) e lhes permitiu uma aproximação com a Oposição Classista do PCB, que reunia sobretudo os militantes do setor sindical do partido, como o bancário

Augusto Besouchet, o médico FebusGikovate e o jornalista Barreto Leite Filho. Todos eles haviam deixado as fileiras comunistas pouco antes do putsch, justamente por discordarem dos métodos golpistas que levaram às revoltas. Como resultado dessa aproximação e da fusão desses dois agrupamentos, seria criado o Partido Operário Leninista. (Ibid., p. 128)

As páginas de *A Luta de Classe* repercutem o desenvolvimento da Aliança Nacional Libertadora e a tentativa comunista de tomar o poder, o que resultou em forte repressão ao conjunto do movimento operário, inclusive a LCI.¹¹⁴

Ressalta-se aqui uma permanência do período anterior, de quando os trotskistas mantiveram uma atividade política fracionária, mesmo expulsa do PCB. Embora aja como partido político, seção nacional da Liga Comunista Internacionalista, favorável pela construção da IV Internacional, a LCI mantém como seu principal interlocutor o PCB e à *Comintern*. As questões levantadas refletem diretamente no jornal *A Luta de Classe* que, na maior parte do tempo, analisa as elaborações teóricas e desdobramentos políticos da *Comintern* e sua seção nacional no Brasil. Ainda que contundente, essa escolha está relacionada a defesa da União Soviética. De certo modo, o cordão ideológico que une estes agrupamentos, ainda que frágil, não foi rompido. Em novembro de 1936, todavia, essa questão permanece viva, mas a luta aberta pela IV Internacional expõe a debilidade dessa relação.¹¹⁵

Fundado em janeiro de 1937, o Partido Operário Leninista (POL) não teve registro de atividade pública antes de junho, momento que circulou o documento redigido pelo seu Comitê Central Provisório, intitulado "A situação nacional". O texto pode ser entendido como uma atualização econômica e histórica do "Esboço", escrito por Mário Pedrosa e Lívio Xavier, ainda que ele apresentasse certo recuo em relação às teses políticas trotskistas anteriores, como por exemplo, o termo "classe contra classe", ou ainda, a introdução de nuances que destacaram ora "o imperialismo ianque" ora "o imperialismo alemão" ou o "capital financeiro". (KAREPOVS& MARQUES NETO, Op. cit, p. 129)

Pedro Roberto Ferreira sustenta que as elaborações políticas do POL, por volta de agosto de 1937, visualizavam o desfecho do quadro político por meio de um "golpe de Estado de tipo bonapartista". (FERREIRA, 1999, p. 213-214) Para o POL, antes do golpe, a luta política entre "democracia e fascismo" não estava em jogo,

¹¹⁴ O desastre de novembro e o naufrágio do prestígio e do stalinismo. In. *A Luta de Classe*, n. 28, 1^o Abr. 1936.

¹¹⁵ A nova ascensão revolucionária e as da Quarta Internacional. In. *A Luta de Classe*, n. 33, Nov. 1936.

mas sim aquela entre "comunismo e fascismo". A seguinte passagem esclarece melhor esta questão:

'A luta antifascista é antes de tudo do proletariado. Só com a sua audácia este arrastará as outras camadas populares e barrará o caminho ao fascismo. É só com a destruição do capitalismo, que é a sua fonte, o destruirá definitivamente. O objetivo oposto ao fascismo é a revolução proletária. A redução dessa batalha a uma simples luta pela democracia como forma acabada e definitiva conduz ao quadro que acaba de ser descrito. É a obra do stalinismo'. (Ibid., p. 214)

Destaca-se que o fascismo, referido pelo POL, não podia ser reduzido ao integralismo. O POL realizou uma distinção entre o fascismo e o integralismo no Brasil, destacando a impossibilidade dos integralistas conquistarem o poder, "à maneira italiana e sobretudo alemã". Conforme Roberto Lisboa, o POL sustentava que:

O integralismo emergiu de forma distinta do fascismo, em especial, diferente de sua forma mais acabada antes da tomada do poder, a do caso alemão. Enquanto este foi marcado pelo 'tom plebeu e até anticapitalista' e pela oposição aos governos constituídos, apesar de apoiar-se na burguesia; os integralistas desenvolveram-se na relação com o governo, 'no papel de investigador da Ordem Social, com um olho em cada porta'. Esta relação fica bem delineada pelo medo diante da perspectiva de renascimento do 'movimento democrático' e do 'despertar do proletariado'. (LISBOA, Op. cit, p. 106-107)

A presente caracterização pode ser visualizada pelo golpe bonapartista de Getúlio Vargas em 10 de novembro de 1937e seu desenvolvimento ulterior que, segundo o POL, evidenciou a exclusão do integralismo do poder. Portanto, o regime político saído do Golpe de Estado será definido pelo partido como "uma forma abasileirada de fascismo", apesar da ausência do "caráter formal do Estado totalitário". (Ibid, p. 109-111)

Ainda, depois de quase um ano de interrupção, o POL publica *A Luta de Classe*. No editorial "A Nova fase da 'A Luta de Classe'", ele repercute o golpe de Estado de Getúlio Vargas que instituiu o Estado Novo, sustentando que os "últimos acontecimentos" se desenvolveram com uma "rapidez vertiginosa" e legaram aos trabalhadores "tarefas árduas e difíceis".¹¹⁶ Como se pode notar:

¹¹⁶ A Nova fase da "A Luta de Classe". In. *A Luta de Classe*, n. 34, 13 Dez. 1937, p. 01.

Assistimos ao desmoronamento de todas as "teorias" fabricadas sob medida pelo stalinismo. A realidade destruiu implacavelmente todas as elaborações utópicas e reacionárias sobre o exército "popular", a burguesia "antiimperialista" e o imperialismo "democrático". Não encontrando em sua frente um proletariado organizado e com consciência de classe, capaz de arrastar as massas trabalhadoras do campo e da cidade, Getúlio não teve grandes dificuldades na realização do golpe de Estado bonapartista e na instauração de um regime fascista. (Idem.).

O POL sustenta que somente o proletariado poderia ter impedido o golpe de Estado e, somente ele pode derrubar o regime instituído. Para tanto, torna-se fundamental uma luta implacável contra os desvios pequeno-burgueses. Neste sentido, *A Luta de Classe* propõe-se como "um centro de agrupamento dos elementos de vanguarda e dos operários conscientes, educar as massas trabalhadoras e refletir a luta diária "dos escravos do capitalismo nas fábricas, usinas, quartéis, etc...(Idem.)".

As edições seguintes repercutem sobretudo leituras acerca do Estado Novo, discutindo questões como "o bonapartismo"¹¹⁷, "a demagogia"¹¹⁸, "a luta contra a ditadura policial militar de Getúlio Vargas"¹¹⁹ e a sua relação com "as massas".¹²⁰

Apesar do Golpe que resultou na Ditadura do Estado Novo, o POL manteve sua atividade política coesa e até desenvolvida. Em abril de 1938, contudo, uma forte repressão repercutiu na organização, inclusive, afetando sua imprensa e o campo político e sindical dos trotskistas. No último, os trotskistas desenvolviam trabalhos em algumas categorias, como "garçons, gráficos, vidraceiros, tecelões, ferroviários, trabalhadores em ônibus e comerciários". Neste ínterim, desenvolvia-se uma crise nas fileiras do PCB, devido a nova formulação política que reorientou a política stalinista. A partir de então, o PCB definiu a "burguesia como força motriz da revolução brasileira". Esta divergência foi desencadeada pelo "Comitê Regional de São Paulo e liderada pelo jornalista Hermínio Sacchetta e por Heitor Ferreira Lima" (KAREPOVS& MARQUES NETO, Op. cit, p. 129-130)

Em determinado momento, os autores sustentam que parte dos divergentes desencadeou:

¹¹⁷ O Bonapartismo procura uma base de massa. In. *A Luta de Classe*, n. 35, 25 Dez. 1937.

¹¹⁸ A Demagogia - Arma do Estado Novo. In. *A Luta de Classe*, n. 36, 10 Jan. 1938.

¹¹⁹ É preciso organizar desde já a luta contra a ditadura policial militar de Getúlio. In. *A Luta de Classe*, n. 38, 15 Fev. 1938.

¹²⁰ O que deu o Estado Novo às massas. In. *A Luta de Classe*, n. 38, 25 Mar. 1938.

Um processo discussão sobre a política internacional da IC e a defender posicionamentos próximos aos de Trotsky e seus seguidores. Estes, entre os quais Sacchetta, o advogado Alberto Moniz da Rocha Barros e o jornalista José Stacchini, passaram a denominar-se Comitê Regional do PCB (Dissidência Pró-Reagrupamento da Vanguarda Revolucionária. (Ibid, p. 130)

Assim, a aproximação da dissidência do PCB com o POL ficou cada vez mais evidente. Neste sentido, o grupo liderado por Sacchetta formava com o POL o "Comitê Pró-Reagrupamento da Vanguarda Revolucionária do Brasil". A fusão definitiva, ressalta Osvaldo Coggiola, "se daria em agosto de 1939, por ocasião da Primeira Conferência de Militantes da Quarta Internacional, sendo então construído o Partido Socialista Revolucionário (PSR)". (COGGIOLA, Op. cit, p. 254-255).

No entanto, a partir de março de 1939, o POL passa a debater com o Comitê Regional do PCB de São Paulo suas teses.¹²¹ Duas edições depois, *A Luta de Classe* é publicada como órgão do Partido Socialista Revolucionário, resultado da fusão do POL com o CR de São Paulo. O jornal traz o manifesto do novo partido, resultado da 1ª Conferência Nacional dos militantes da IV Internacional.

A 1ª Conferência nacional dos militantes da 4ª Internacional - a conferência de fundação do Partido Socialista Revolucionário (Seção brasileira do Partido Mundial da Revolução Socialista - 4ª Internacional) - reunido em Agosto de 1939, vos lança este apelo, no momento em que os maiores perigos ameaçam as massas oprimida do Brasil e de todo o mundo.¹²²

No plano internacional, o manifesto alerta para a proximidade de uma "nova carnificina mundial", relacionada a distintos imperialismos em disputa, ou seja, uma guerra que se avizinha de caráter imperialista. Para o PSR, a "colaboração de classes" e o "social patriotismo, da *Comintern* e da II Internacional devem ser rechaçados em detrimento do "caminho da luta de classes", com as armas do "marxismo revolucionário" de Marx, Engels, Lenin e Trotski. (Ibid, p. 07.).

No plano nacional, a discussão recai sobre a ditadura policial-militar de Getúlio Vargas dois anos depois, quando o movimento sindical independente encontra-se destruído pela polícia. Nesse momento, a situação do movimento operário como um todo é marcada pelo aparato repressivo do Estado Novo.

¹²¹Pelo Partido da Revolução. In. *A Luta de Classe*, n. 43, 23 Mar. 1939.

¹²² Manifesto. Aos trabalhadores e às massas oprimidas da cidade e do campo. In. *A Luta de Classe*, n. 45, Ago. 1939, p. 01.

O controle policial e ministerial dos sindicatos, a abolição do direito de greve, da liberdade de reunião, imprensa e sindical, foram as medidas contra as quais os proletários - "desprovidos de vanguarda revolucionária" - ainda não conseguiu lutar eficientemente.(Idem.).

A fragilidade do movimento operário, contudo, não é somente organizativa, o PSR sustenta que a situação econômica do operário é "intolerável", devido ao "aumento do custo de vida", a "diminuição do valor aquisitivo da moeda, não compensada por um aumento de salários". Portanto, o apelo à união da classe trabalhadora realizado pelo PSR, busca reorganizar o movimento operário sob a bandeira da IV Internacional. (Ibid., p. 07-08).

Assim, o PSR propõe ao final do manifesto:

Trabalhadores!

Uni-vos na luta pelo aumento imediato de todos os salários!; Uni-vos pelas liberdades de reunião, sindical, de imprensa e de greve!; Uni-vos na luta contra os agentes abertos e disfarçados do sanguinário regime fascista de Hitler e Mussolini!; Uni-vos na luta contra a ditadura policial-militar do "Estado Novo" e pela convocação imediata de uma Assembleia Constituinte, eleita por sufrágio universal, direto e secreto!; (...). Uni-vos na luta de classe sem quartel contra o fascismo e a guerra imperialista!; (...). Uni-vos na luta contra o regime capitalista, pela sua derrubada, pela revolução proletária e pela sociedade socialista! (Ibid., p. 08).

Pela primeira vez, o movimento trotskista coloca-se diretamente como vanguarda revolucionária no Brasil, com o objetivo de reunir as massas trabalhadoras sob a bandeira do PSR e da IV Internacional. Anteriormente, as organizações políticas trotskistas, seja no período que se reconheciam como fração do PCB ou partido independente, estiveram comprometidas com uma política em procuravam se afirmar dentro de certos limites já esboçados. Ainda, este foi o último número de *A Luta de Classe*, a última que se teve notícia. Pouco se sabe sobre o PSR e sua história no período restante do Estado Novo. Sabe-se, contudo, que o partido não logrou êxito na tentativa de se tornar vanguarda do movimento operário. Ainda, o período seguinte, marcado pela II Guerra Mundial, ocasionou uma profunda crise no movimento da ainda jovem IV Internacional.

Mário Pedrosa será o escolhido para acompanhar os partidos trotskistas latino-americanos. A sede da IV Internacional, fundada em 1938, havia sido transferida de Paris para Nova York. Nos Estados Unidos, Mário Pedrosa entrou em contato com o SWP e a fração liderada por Max Shachtman que, na ocasião, havia começado a interrogar Trotski e Cannon sobre a caracterização da União Soviética

no contexto da II Guerra Mundial. A fração de Shachtman opôs-se a definição de Estado Operário degenerado, assim como Mário Pedrosa, que se afasta da IV Internacional, não antes sem tentar agregar adeptos para o seu entendimento. (LISBOA, Op. cit, p. 41)

SEGUNDA PARTE

PARA “A CRÍTICA DAS ARMAS”: O BRASIL E O ESTADOS UNIDOS DOS TROTSKISTAS (1928–1940)

Para compreender o conjunto da atividade política trotskista no Brasil e nos Estados Unidos, entre 1928 e 1940, deve-se levar em consideração a luta da Oposição de Esquerda e sua evolução em direção à formação da IV Internacional. Neste ínterim, considera-se a sua intervenção para reorientar a política da *Comintern* e de suas seções nacionais, principalmente, a soviética durante uma década. A partir de 1933, com a chegada dos nazistas ao poder, aliado aos equívocos da *Comintern* para impedir este desfecho, adota-se uma nova orientação política, a de construir partidos independentes, cujo objetivo fundamental é a construção da IV Internacional.

Entendo que a compreensão devida das orientações políticas dos opositoristas e, posteriormente, dos partidos trotskistas deve levar em consideração as situações limites e as divergências táticas sobre o contexto histórico ao qual o movimento comunista revolucionário pertenceu. No entanto, deve-se avaliar, sobretudo, a estratégia política adotada por aqueles que divergem, com o objetivo de impedir avaliações casuísticas sobre as dissensões que se efetivaram nas fileiras da *Comintern* e de suas seções nacionais desde os anos 1920.

A Oposição de Esquerda, desde os anos de 1923, reivindica aquilo que ela considera o resultado de uma política de todo um período anterior, a política do Partido Bolchevique à época da Revolução Russa de 1917, principalmente, aquela presente nos escritos de Lenin que serão fundamentais para o desenlace provocado pela Revolução de Outubro, as *Cartas de Longe* e as *Teses de Abril*.

Compõem as *Carta de Longe* um conjunto de cinco cartas escritas por Lenin, após o primeiro ato da Revolução Russa de 1917, a Revolução de Fevereiro. Endereçadas ao *Pravda* via Alexandra Kollontai, as quatro primeiras cartas tiveram cerca de um quinto do seu conteúdo suprimido pelo seu Conselho Editorial, formado por Kamenev, Stalin entre outros.

O conteúdo das cinco cartas revela a dinâmica original da luta de classes na Rússia e sua relação com a I Guerra Mundial. É possível perceber concretamente como essa dinâmica se desenvolve a partir das forças políticas e sociais em luta, bem como, perceber o sujeito fundamental da revolução, o proletariado, a forma partido e sua organização na revolução e a crescente percepção do Soviete como instrumento insurrecional. Neste sentido, optei por evidenciar a primeira e quinta carta, pois entendo que elas nos possibilitam percorrer o itinerário fundamental do conjunto das cartas de Lenin.

Na primeira carta, Lenin destacou a eclosão da "primeira revolução gerada pela guerra mundial imperialista" e expôs as condições históricas que permitiram que "a monarquia tsarista pudesse desmoronar em poucos dias". A partir de então, ele recorre às "batalhas de classe e a energia revolucionária do proletariado russo", entre 1905-07, e a sua etapa posterior, "da época contra-revolucionária", entre 1907-14, para explicar o rápido desenlace da primeira etapa em fevereiro de 1917. (LENIN, 2005, p. 25-26) Em síntese,

A primeira revolução (1905) revolveu profundamente o terreno, arrancou pela raiz preconceitos seculares, despertou para a vida e a luta política milhões de operários e dezenas de milhões de camponeses, revelou uma às outras, e ao mundo inteiro, *todas as classes* (e todos os partidos principais) da sociedade russa na sua verdadeira natureza, na verdadeira correlação dos seus interesses, das suas forças, das suas formas de ação, dos seus objetivos imediatos e futuros. A primeira revolução, e a época contra-revolucionária que lhe seguiu (1907-14), revelaram toda a essência da monarquia tsarista, levaram-na até o "último limite", puseram a nu toda a podridão e infâmia, todo o cinismo e a corrupção da corja tsarista com esse monstro, Rasputin, à frente, toda a brutalidade da família Romanov - esses pogromistas que inundaram a Rússia com o sangue de judeus, de operários, de revolucionários, esses *latifundiários*, "os primeiros entre os seus pares", que *possuíam milhões* de dectinas de terra e que estavam dispostos a todas as brutalidades, a todos os crimes, a arruinar e estrangular qualquer número de cidadãos, para preservar a sua, e *da sua classe*, "sacrossanta propriedade". Sem a revolução de 1905-7, sem a contra-revolução de 1907-14, teria sido impossível uma "autodeterminação" tão clara de todas as classes do povo russo e dos povos que habitam a Rússia, uma determinação da relação dessas classes entre si e com a monarquia tsarista que se manifestou durante os oito dias foi "representada", se nos é permitido exprimir-nos em termos metafóricos, como que depois de uma série de ensaios gerais ou parciais; os "atores" conheciam-se uns aos outros, seus papéis, seus lugares, seu cenário, detalhadamente, de ponta a ponta, até o menor matiz das orientações políticas e métodos de ação. (Ibid, p. 26-27)

Após determinar a novidade das relações entre as classes na Rússia, oriunda dos processos revolucionário (1905-7) e contrarrevolucionário (1907-14), Lenin

relaciona a I Guerra Mundial e seu caráter imperialista como "um poderoso acelerador" da Revolução Russa de 1917, contando com a participação de duas forças antagônicas para o primeiro desenlace desfavorável às forças do czarismo entre fevereiro e março. De um lado, os burgueses e latifundiários, e, de outro, o Soviete de Deputados Operários que atraiu para si outras massas vulneráveis do processo revolucionário, o campesinato e os soldados. O extrato abaixo evidencia estas questões:

Era objetivamente inevitável que a guerra imperialista acelerasse e agudizasse extraordinariamente a luta de classe do proletariado contra a burguesia e se transformasse numa guerra civil entre as classes inimigas". *Essa transformação iniciou-se* com a Revolução de Fevereiro/Março de 1917, cuja primeira etapa nos mostrou, em primeiro lugar, um golpe conjunto contra o tsarismo desferido por duas forças: por um lado, pela Rússia burguesa e latifundiária, com todos os seus lacaios inconscientes e com todos os seus dirigentes conscientes na pessoa dos embaixadores e capitalistas anglo-franceses, e, por outro, pelo *Soviete de Deputados Operários*, que começou a atrair deputados soldados e camponeses. (Ibid, p. 27-28)

A existência de duas grandes forças opostas na primeira etapa, de acordo com Lenin, produziu "uma situação histórica extremamente original", onde "*fundiram-se*, com uma notável 'harmonia', *correntes absolutamente diferentes*, interesses de classe *absolutamente heterogêneos*, tendências políticas e sociais *absolutamente opostas*". (Ibid, p. 30)

Apesar da justaposição que pôs a termo a monarquia czarista, o período seguinte evidenciará, aposta Lenin, uma diferenciação notável entre as duas grandes forças da primeira etapa. De um lado, "o imperialismo democrata constitucionalista-outubrista" e seu objetivo de conduzir a Rússia à guerra "com ainda maior obstinação e violência" do que o czarismo. De outro, "um profundo movimento proletário e popular de massas (...), com caráter revolucionário, pelo *pão*, pela *paz*, pela *verdadeira liberdade*". (Ibid, p. 30-31)

Concluída a primeira etapa da revolução, iniciou-se a transição para a segunda etapa, que será marcada pelo desenlace da luta entre três forças: os monarquistas, "o governo burguês outubrista-democrata constitucionalista" e o "Soviete de Deputados Operários". Neste sentido, Lenin evidencia que as duas primeiras forças não comungam de contradições profundas e que as suas divergências são temporárias, "suscitada *apenas* pela conjuntura de momento" e, é precisamente por isto, que os operários não devem apoiar esse governo, mas

"consolidar, alargar, desenvolver o papel, a importância e a força do Soviete de Deputados Operários". (Ibid, p. 33-34)

Lenin rejeita, portanto, a ideia menchevique de que os operários diante da revolução burguesa devem apoiar a burguesia, pois o novo governo "*não pode dar ao povo nem paz, nem pão, nem liberdade*". Daí a importância de, na etapa de transição, reconhecer corretamente os aliados do proletariado russo, "os semiproletários e parte dos pequenos camponeses da Rússia" e o proletariado de todos os países beligerantes e de todos os países em geral". (Ibid, p. 34-36) É com estes aliados, conclui Lenin, que:

O proletariado pode avançar e avançará, *utilizando as particularidades* do atual momento de transição, para a conquista inicialmente da república democrática e da vitória completa dos camponeses sobre os latifundiários, em lugar da semimonarquia de Gutchkov e Miliukov, e depois para o *socialismo*, o único que dará aos povos exaustos pela guerra, *a paz, o pão e a liberdade*. (Ibid, p. 36)

Na quinta carta, Lenin sintetiza as tarefas do proletariado revolucionário, após a primeira etapa da Revolução Russa de 1917.

(1) saber chegar pela via mais segura à etapa seguinte da revolução ou à segunda revolução, que (2) deve transferir o poder do Estado das mãos do governo dos latifundiários e capitalistas (dos Gutchkov, dos Lvov, dos Kerenski) para as mãos dos operários e camponeses mais pobres. (3) Este último governo deve organizar-se segundo o modelo dos sovietes de deputados operários e camponeses, isto é, (4) deve demolir e eliminar completamente a velha máquina do Estado, o exército, a polícia, a burocracia (funcionalismo), comum a todos os Estados burgueses, substituindo essa máquina (5) por uma organização do povo armado que não seja apenas de massas, e sim universal. (6) *Apenas* tais governos, com "tal" composição de classe ("ditadura democrática do proletariado e do campesinato") e pelo seus órgãos de governo ("milícia proletária") *estão em condições* de resolver com êxito a *principal* tarefa do momento (...): alcançar a *paz*; não uma paz imperialista sobre a partilha do butim pelos capitalistas e seus governos, e sim uma paz realmente sólida e democrática, que não pode ser alcançada sem a revolução proletária numa série de países. (7) Na Rússia, a vitória do proletariado só será possível no futuro mais próximo com a condição de que em seu primeiro passo os operários sejam apoiados pela imensa maioria do campesinato em sua luta pelo confisco de toda a propriedade latifundiária (...). (8) Ligados a essa revolução camponesa e nela baseados são possíveis e necessários outros passos do proletariado em aliança com a parte *mais pobre* do campesinato, passos que buscam o *controle* da produção e da distribuição dos produtos mais importantes, a introdução do "trabalho obrigatório geral", etc. (...). Em seu conjunto e em seu desenvolvimento esses passos seriam a *transição para o socialismo*, que na Rússia é irrealizável diretamente (...). (9) A tarefa de organização imediata e especial de sovietes de deputados operários *no campo*, isto é, sovietes de operários *assalariados* agrícolas, *separados* dos sovietes dos

outros deputados camponeses, apresenta-se como de extrema urgência. (Ibid, p. 61-62)

A compreensão de Lenin sobre o processo revolucionário, ainda que ele mantenha a fórmula da ditadura democrática do proletariado e do campesinato, apresenta uma dinâmica que transcende o Estado burguês e evidencia uma inclinação a ideia de que o proletariado é a "chave-mestra" da Revolução Russa e, o Soviete, o organismo político que representará a massa revolucionária em um estágio de transição para o socialismo.

No entanto, o desenvolvimento destas questões tomou sua forma mais acabada em suas *Teses de Abril*, quando do seu retorno à Rússia. No documento, Lenin direciona o proletariado para as principais questões que envolvem a presente revolução, colocando em evidência as suas tarefas e a dinâmica do processo.

O proletariado deve, portanto, rejeitar qualquer concessão ao "defensismo revolucionário" na guerra imperialista, colocando em evidência o elo existente entre o capital e a guerra e, portanto, reconhecer que sem "derrubar o capital", é impossível por fim à guerra. O governo provisório não deve receber nenhum apoio, a segunda etapa da revolução "deve colocar o poder nas mãos do proletariado e da maioria pobre do campesinato". Apesar de reconhecer a posição minoritária dos bolcheviques nos Sovietes, trata-se antes de esclarecer pacientemente às massas que "os soviets de deputados operários (SDO) são a única forma possível de governo revolucionário". (Ibid, p. 64-65)

Para tanto, as *Teses de Abril*, evidenciam mudanças sensíveis quanto ao programa e à organização da luta. Isto fica evidente na tese sobre as tarefas do partido:

a) congresso imediato do partido; b) modificação do programa do partido, principalmente: 1) sobre o imperialismo e a guerra imperialista; 2) sobre a posição perante o Estado e nossa reivindicação de um "Estado-Comuna"; 3) emenda do programa mínimo já antiquado; c) mudança de denominação do partido; (Ibid, p. 66)

Como já dito anteriormente, a Oposição de Esquerda reivindicará os espólios da luta de Lenin pela linha correta no Partido Bolchevique, a partir de sua chegada em abril. Neste sentido, as *Cartas de Longe* e as *Teses de Abril* representam o prenúncio de uma virada política coerente de Lenin frente ao desenvolvimento

revolucionário na Rússia, demonstrando uma capacidade de teórica única de responder a realidade.

É indubitável que Lenin modifica a sua orientação política nesse contexto, as *Cartas de Longe* demonstram uma evolução gradual sobre suas inclinações anteriores. Diferentemente de Trotski que havia esboçado desde 1905, as linhas gerais da revolução na Rússia, Lenin desenvolveu seu pensamento na medida em que os acontecimentos, o desenvolvimento da luta de classes, legaram novas questões a serem enfrentadas, o que ele faz tanto nas *Cartas de Longe* quanto nas *Teses de Abril*.

A última, em especial, evidencia toda a intransigência do seu pensamento em fixar-se a modelos pré-estabelecidos, quando a realidade não os suporta mais. Portanto, as *Teses* que ele propõe devem reorientar a luta do Partido Bolchevique e, para tanto, o seu programa deve ser modificado e orientado para liderança do proletariado.

Note-se que o Partido Bolchevique do processo revolucionário se mostrou uma organização capaz de responder aos desafios colocados pelo desenvolvimento interior da revolução. As disputas de posição, posturas e ações políticas evidenciam a existência de um partido vivo, capaz de enfrentar as condições objetivas da revolução e desenvolver uma ação política consciente. Naquele instante, as críticas de Trotski ao Partido Bolchevique careceram de sentido.

Parte da historiografia vincula Lenin e Trotski como idealizadores de uma orientação política similar para a Revolução Russa, a partir das *Teses de Abril* da *Revolução Permanente*. Para Pierre Broué, por exemplo, Lenin adotou as teses da revolução permanente com o novo programa revolucionário quando retornou à Rússia. (BROUÉ, 2014, p. 84). Menos enfático, o historiador Moshe Lewin evidenciou entendimento semelhante, no que se refere a postura de ambos durante a Revolução Rússia de 1917 e sobre as premissas para o pós-revolução.

O ponto de partida da teoria de Trotsky sobre a "revolução permanente" era a premissa de que a Rússia, por conta própria, não estava amadurecida para o socialismo. Para Lenin, a perspectiva do socialismo também só poderia ser concebida em escala europeia. Depois de outubro, deixou em aberto a questão de como caracterizar o novo regime e como poderia - e deveria - evoluir. De qualquer forma, o que é certo é que, seguindo sua desilusão inicial com a perspectiva de um rápido desenvolvimento capitalista na Rússia czarista, mudou para uma tese muito mais sóbria sobre o "desenvolvimento combinado" (termo de Trotsky), com a coexistência da "mais atrasada agricultura, a mais singular área rural - e,

também o mais avançado capitalismo financeiro e industrial. (LEWIN, 2007, p. 352-353).

O êxito da Revolução de Outubro fortaleceu a liderança de Lenin sobre o partido, elevando-o ao cargo máximo do governo pós-revolução. Neste sentido, uma questão merece destaque. Com suas *Teses de Abril*, Lenin conseguiu inserir os pequenos grupos revolucionários no Partido Bolchevique e modificar a correlação de forças em seu interior. Trotskié o exemplo máximo, pois ele desenvolverá uma atividade política intensa e de fato, nos momentos cruciais do processo revolucionário, colaborativa com Lenin. As divergências do passado perderam tonalidade.

Talvez, o mais correto seja definirmos que as similaridades das *Teses de Abril* e da *teoria da Revolução Permanente* aproximaram estes militantes durante a Revolução Russa de 1917, proporcionando uma ativa colaboração política. No entanto, coube a Trotski reconhecer seus equívocos, ainda que relutante, em relação a concepção de partido em Lenin e, assim, orientar-se para o Partido Bolchevique.

Historiadores distintos como Jacob Gorender e Osvaldo Coggiola concordam sobre a questão. Enquanto o primeiro sustenta que "após anos de ásperas discussões no exílio, afinal havia completa concordância entre Lenin e Trotsky (GORENDER, 1994, p. 39)", o segundo indica "a confluência que se produziu depois da Revolução de Fevereiro (COGGIOLA, 1990, p. 10)".

Longe de pretender igualar Lenin e Trotski, afinal, ambos possuem trajetórias e impactos distintos no processo revolucionário russo, a reivindicação de ambos pela Oposição de Esquerda e a liderança de Trotski sobre a segunda, remete a confluência a partir de 1917. Quando os trotskistas, na década de 1930, reivindicam-se bolchevique-leninistas, é precisamente a esta justaposição de ideias que eles se referem.

Para entender o nível dessa justaposição de ideias, faz-se necessário entender o que de fato é a *teoria da revolução permanente* e sua evolução, em especial, após a morte de Lenin, no contexto da crescente centralização do poder ao entorno de Stalin, a partir de 1924, quando este reabre esse debate e imputa a Trotski a elaboração de uma teoria da "desesperança permanente".

Em linhas gerais, o que se quer é demonstrar o marxismo de Trotski, entendido pela Oposição de Esquerda e, depois, pela IV Internacional, em parte,

como a continuidade do pensamento de Lenin. Para tanto, deve-se considerar o marxismo de Trotski à luz das teorias da *revolução permanente* e do *desenvolvimento desigual e combinado*.

A *teoria da revolução permanente* desenvolvida por Trotski aparece pela primeira vez na *Circular do Comitê Central aos Membros da Liga dos Comunistas* em março de 1850. Redigida por Karl Marx durante a "revolução democrática alemã", Michael Löwy sustenta que ela:

Conclama os trabalhadores alemães a organizarem seu próprio partido, seus comitês e suas milícias armadas, buscando transformar a revolução contra a monarquia prussiana em revolução permanente, até a expropriação das classes dominantes - não só na Alemanha, mas em toda a Europa. (LÖWY, 1994, p. 75-76)

Também, ele ressalta que o conceito desaparece "do horizonte teórico e político do marxismo", sendo utilizado novamente somente entre 1905-6 no livro *Balanços e Perspectivas* de Trotski. (Ibid, p. 76) Este texto, escrito à luz dos acontecimentos da Revolução Russa de 1905, traz uma inovação "heterodoxa:

um governo operário revolucionário (apoiado pelos camponeses) acabaria cedo ou tarde por tomar medidas anti-capitalistas: o poder político do proletariado não é compatível com sua escravidão econômica. Desta forma, num processo permanente, ininterrupto, a revolução russa democrática e anti-czarista se transformaria em revolução socialista. (Idem)

A explicação de Trotski, sobre a composição social do novo governo e o processo permanente de transformação da sociedade russa e do seu próprio conteúdo, de forma ininterrupta, parte da caracterização, de que a revolução na Rússia, "um país atrasado e pouco desenvolvido", está condicionada pela sua extensão em "escala europeia". (Idem)

É precisamente esta questão da *revolução permanente*, que permite afirmar a ocorrência de uma justaposição entre as ideias de Lenin e Trotski, diante da Revolução Russa de 1917. Todavia, em 1906 nenhuma fração marxista na Rússia concordava com seu ponto de vista. Michael Löwy argumenta que os "marxistas ortodoxos", russos ou europeus, estabeleceram a defesa do caráter democrático da

revolução russa quase como "uma profissão de fé".¹²³ Para o Partido Socialdemocrata Russo (POSDR), as suas frações, bolcheviques e mencheviques, tratava-se de definir o papel do proletariado russo e as suas alianças de classe. (LÖWY, 1999, p. 53-54)

A conclusão de Trotski em 1906, no livro *Balanços e Perspectivas*, de que a revolução não estaria circunscrita às tarefas democráticas, pois o sujeito prioritário da revolução, o proletariado, imporia o seu programa durante o percurso, transformando-se em revolução socialista, está relacionada à teoria social que o mesmo desenvolveu durante a primeira revolução russa.

Pode-se afirmar que o ponto de sustentação da *revolução permanente*, desde a sua primeira formulação, esteve amparado pela *teoria do desenvolvimento desigual e combinado* na Rússia. Isto fica evidente em diversos momentos da obra *Balanços e Perspectivas*.

No capítulo, *As peculiaridades do desenvolvimento histórico russo*, Trotski assinala o desenvolvimento social primitivo da Rússia, onde o Estado se desenvolve a partir de uma "base econômica" precária, além de estar pressionado "pelo meio sócio-histórico exterior", concretamente, a Europa Ocidental. Esta pressão exterior forçou que o Estado russo despendesse grande energias, para equiparar o seu poder material com o dos países europeus. (TROTSKY, 2011, p. 39-41)

A partir de um momento determinado - em especial o final do século XVII - o Estado desejou acelerar artificialmente, com um esforço supremo, o desenvolvimento econômico natural. Novos ramos de ofício, máquinas e indústrias, produção em grande escala e capital aparecem, por assim dizer, enxertados no tronco econômico natural. O capitalismo aparece como filho do Estado. (Ibid, p. 44)

Em síntese, Trotski insere uma Rússia primitiva no contexto do capitalismo europeu, dependente, no qual, o Estado luta pela sua sobrevivência e vê-se obrigado a saltar etapas do seu desenvolvimento econômico natural, conformando um imenso aparato burocrático centralizado. Para tanto, ele teve de converter "a bolsa europeia de valores em seu tesouro privado e o contribuinte russo em um tributário desesperado desta bolsa (Ibid, p.47)". Ou seja, o capitalismo é introduzido na Rússia pelo Estado, pressionado pelo capital financeiro, dando uma nova

¹²³ Desconsiderava-se o prefácio russo do Manifesto Comunista de Marx e Engels. Conforme Löwy (1999, 53), o prefácio evoca a possibilidade da "evolução comunista" ter a Rússia como ponto de partida, condicionada a eclosão de uma revolução europeia, completando-se.

conotação para as classes sociais no país, subvertendo o protagonismo das forças políticas.

Isto fica particularmente evidente nos últimos vinte anos do século XIX, época da introdução fabril pelo Estado, sobretudo, de maneira artificial. Desta situação inédita, a burguesia vê o seu desenvolvimento político bloqueado, mostrando-se incapaz de se opor ao Estado. É o que evidencia Trotski:

O poder financeiro e militar do absolutismo oprimia e impressionava não apenas a burguesia europeia, mas também o liberalismo russo, que perdeu toda esperança de uma disputa aberta com o absolutismo. O poder militar e financeiro do absolutismo parecia excluir qualquer possibilidade de uma revolução russa. Na verdade, ocorreu o contrário. (Ibid, p. 47-48)

Ainda que Trotski não tenha definido formalmente sua *teoria do desenvolvimento desigual e combinado* na primeira formulação da *teoria da revolução permanente*, ela perpassa os seus principais artigos e livros. Entendo que isto ocorre porque, como indica Álvaro Bianchi, ela funciona como "uma teoria do desenvolvimento do capitalismo em sua fase imperialista". Deste modo, a teoria do imperialismo em Trotski é, "ao mesmo tempo, econômica e política". (BIANCHI, 2001, p. 105) Vejamos:

Ela coloca em seu centro a contradição fundamental existente entre nação-Estado e a internacionalização crescente das forças produtivas, transformando o mercado mundial em um elemento decisivo para a apreensão do imperialismo. Contradição esta que se manifesta, por um lado nas contradições entre a lei do valor no mercado mundial e a regulamentação estatal da economia no interior das fronteiras nacionais e, por outro, naquelas existentes entre os países imperialistas e os países coloniais e semicoloniais. Há, portanto, uma dimensão política inerente ao conceito de imperialismo utilizado por Trotsky. Uma dimensão que é colocada pela aguda observação sobre as crescentes contradições econômicas, sociais, político-ideológicas próprias à época imperialista. Tais contradições ficam ainda mais evidentes nas soluções capitalistas à crise do capitalismo - a contra-revolução e a guerra - e no lugar ocupado pelo Estado na regulação do capitalismo, lugar esse que já havia sido identificado por Trotsky, no caso russo em 1905, por ocasião de suas análises da revolução naquele ano. (Ibid, p. 105-106)

Trotski coloca essa questão no ano de 1930, em *A História da Revolução Russa*, quando ele explicita formalmente o seu entendimento sobre a "lei do desenvolvimento desigual" e a "lei do desenvolvimento combinado".

A desigualdade do ritmo, que é a lei mais geral do processus histórico, evidencia-se com mais vigor e complexidade nos destinos dos países

atrasados. Sob o chicote das necessidades externas, a vida retardatária vê-se na contingência de avançar aos saltos. Desta lei universal da desigualdade dos ritmos decorre outra lei que, por falta de denominação apropriada, chamaremos de *lei dodesenvolvimento combinado*, que significa a aproximação das diversas formas arcaicas com as mais modernas. Sem esta lei, tomada, bem entendido, em todo o seu conjunto material, é impossível compreender a história da Rússia, como em geral a de todos os países chamados à civilização em segunda, terceira ou décima linha. (TROTSKY, 1977, p. 25)

Na ocasião, ele avalia novamente as peculiaridades do desenvolvimento histórico russo, com uma diferença significativa: em linha gerais, os seus prognósticos de *Balanços e Perspectivas* foram confirmados no que se refere a natureza da Revolução Russa de 1917 e ao papel do proletariado. A novidade que o livro traz é a incorporação do papel dirigente do partido revolucionário, que na primeira formulação da *teoria da revolução permanente* estava ausente.

No entanto, a segunda formulação dessa teoria ocorreu justamente à luz dos eventos revolucionários de 1917, quando Trotski e a Organização Interdistrital aderem ao Partido Bolchevique, logo após o retorno de Lenin com suas *Teses de Abril* à Rússia. Esta segunda formulação apareceu pela primeira vez no ano de 1924, no prefácio *Lições de Outubro*, quando Trotski criticou o papel do Birô Político do Partido soviético e do Comitê Executivo da *Comintern* na derrota da revolução alemã. É nesse momento que o Partido Bolchevique aparece como sujeito político da revolução na Rússia. (BIANCHI, Op. cit, p. 108-109)

Por sua vez, a terceira e última formulação da *teoria da revolução permanente* aparecerá somente em fins de 1929, no livro *A Revolução Permanente*, quando Trotski amplia o seu escopo explicativo, com a derrota da Revolução Chinesa (1925-27) e os zigzagues políticos do centrismo stalinista na *Comintern*. É a partir destes desenvolvimentos políticos que Trotski se debruça no exílio a respeito dos limites da sua teoria e a generaliza. Consequentemente, a sua resposta "às novas doutrina stalinistas" é, sobretudo, política. Ele procura formular e apresentar uma alternativa às teorias da *revolução por etapas* e do *socialismo num só país*.¹²⁴

A partir deste momento, Trotski reconhece o atraso, eixo de sua *teoria da revolução permanente* para a Rússia no ano de 1905, para outras sociedades

¹²⁴1) a teoria da revolução por etapas, que (retornando a tradição menchevique) proclama a necessidade de uma etapa democrático-nacional na revolução dos países dependentes, graças a uma aliança do movimento operário com a burguesia nacional; 2) a doutrina do "socialismo num só país", que conduzia logicamente a subordinar o movimento comunista internacional aos interesses da pátria do socialismo. (LÖWY, 1994, p. 77)

retardatárias. Todavia, apesar da diferença sócio-econômica entre países avançados e atrasados, ambos estão entrelaçados, em diferentes níveis de subordinação "às relações de dominação capitalista". De um lado, uma dominação direta e absoluta como nos Estados Unidos; do outro, "o capital financeiro", "adaptando-se às instituições caducas". Por conseguinte, em ambos os lados o domínio da burguesia se faz presente, o que faz Trotski supor que:

A ditadura do proletariado terá, nos diferentes países, um caráter extremamente variado quanto à base social, às suas formas políticas, às suas tarefas imediatas e ao seu ritmo. Seja como for, só a hegemonia revolucionária do proletariado, transformando-se em ditadura do proletariado depois da conquista do poder, poderá dar às massas populares a vitória sobre o bloco dos imperialistas, dos senhores feudais e dos burgueses nacionais. (TROTSKY, 2010, p. 285)

Para que uma luta pelo poder obtenha um programa que influencie as massas operárias e camponesas, deve-se levar em consideração a "originalidade de cada país", isto é, o "entrelaçamento real das diferentes etapas do desenvolvimento histórico". Em Trotski, contudo, a originalidade de dada formação social não pode ser considerada apenas nos "limites de sua economia e política nacional". Vejamos. "A conciliação do desenvolvimento desigual da economia e da política só pode ser obtida na escala mundial". (Ibid, p. 286-287)

Nas *teses sobre a revolução permanente*, Trotski apresenta as conclusões sobre o alcance de sua teoria. A partir de então, ele atenta para a conexão da luta ideológica e de classes "com o caráter, os laços internos e os métodos da revolução internacional em geral". (Ibid, p. 311)

A ditadura do proletariado, sob o exemplo russo e a derrota chinesa, reafirma a sua importância para a solução das tarefas democráticas, ampliada para os países de desenvolvimento retardatário, coloniais e semicoloniais.

Para os países de desenvolvimento burguês retardatário e, em particular, para os países coloniais e semicoloniais, a teoria da revolução permanente significa que a solução verdadeira e completa de suas tarefas democráticas e nacional-libertadoras só é concebível por meio da ditadura do proletariado, que assume a direção da nação oprimida e, antes de tudo, de suas massas camponesas. (Idem)

O campesinato, "enorme maioria da população", entretanto, diante da "questão agrária", desenvolve "um papel primordial na revolução democrática". Para

a resolução das tarefas democráticas, ele deve aliar-se com o proletariado em uma "luta implacável contra a influência da burguesia nacional-liberal". Contudo, essa aliança, sustenta Trotski, deve ocorrer sob "a direção política da vanguarda proletária organizada como partido comunista". Esta questão parte do entendimento de que o campesinato, "por maior que seja a sua importância revolucionária", não pode desempenhar um papel "independente" e "dirigente". Para ele, "o camponês segue o operário ou o burguês". Esta conclusão foi desenvolvida a partir da "experiência de toda a história contemporânea, sobretudo da história russa no transcurso dos últimos 25 anos". Trotski apresenta um campesinato incapaz de formar seu próprio partido, resultado da "falta de independência econômica e política da pequena burguesia (campesinato)" e de "sua profunda diferenciação interna". (Ibid, p. 312-313)

Portanto, a ditadura do proletariado no poder, como força dirigente da revolução democrática:

Será colocada, inevitável e muito rapidamente, diante de tarefas que a levarão a fazer incursões profundas no direito burguês da propriedade. No curso do seu desenvolvimento, a revolução democrática se transforma diretamente em revolução socialista, tornando-se, pois, uma revolução permanente. (Ibid, p. 314)

Isto, contudo, não significa o estágio final da revolução, mas o seu início, pois o socialismo "só é concebível quando baseada na luta de classe em escala nacional e internacional". Segundo Trotski:

Dada a dominação decisiva das relações capitalistas na arena mundial, essa luta não pode deixar de acarretar erupções violentas: no interior, sob a forma de guerra civil; no exterior, sob a forma de guerra revolucionária. É nisso que consiste o caráter permanente da própria revolução socialista, quer se trate de um país atrasado que apenas acabou de realizar sua revolução democrática, quer se trate de um velho país capitalista que já passou por um longo período de democracia e parlamentarismo. (Idem)

Resultado da compreensão de que "a revolução socialista não pode ser concluída nos marcos nacionais", Trotski relaciona essa impossibilidade ao desenvolvimento das forças produtivas e sua tendência "a ultrapassar os limites do Estado Nacional". Portanto, tem-se aqui um novo sentido e uma maior amplitude em relação a primeira (1905) e a segunda formulação (1917) da sua *teoria da revolução*

permanente. A permanência da revolução concluí-se somente com "o triunfo definitivo da nova sociedade em todo o nosso planeta". (Ibid, p. 314-315)

Nesta perspectiva, Trotski elimina "a questão dos países 'maduros' ou 'não-maduros' para o socialismo", classificação que considera "pedante e rígida" do programa da *Comintern*. O "mercado mundial", a "divisão mundial do trabalho" e as "forças produtivas mundiais", consequência do capitalismo, "preparou o conjunto da economia mundial para a reconstrução socialista". Também, ele critica o abandono da "atitude internacionalista" em prol de certo "messianismo nacional", devido ao "reconhecimento de vantagens e qualidades peculiares ao país, capazes de lhe conferir um papel que os demais países não poderiam desempenhar". (Ibid, p. 315-316)

Logo, o *socialismo num só país* torna-se impossível devido:

A divisão mundial do trabalho, a subordinação da indústria soviética à técnica estrangeira, a dependência das forças produtivas dos países avançados e relação às matérias-primas asiáticas etcetc etc. tornam impossível a construção de uma sociedade socialista autônoma e isolada em qualquer região do mundo. (Ibid, p. 316)

Em suma, a terceira formulação da *teoria da revolução permanente* surge de forma ampliada, como uma resposta a dois desenvolvimentos intimamente ligados, que se desenvolvem na condução do Estado Soviético e da Internacional Comunista. Trotski desenvolve um programa reativo à teoria da revolução por etapas e a do socialismo num só país. Consequentemente, está reação desenvolve-se sob a perspectiva do capitalismo como totalidade conectada às formações sociais particulares, que combinam, por sua vez, elementos próprios de sua história nacional, de atraso, com elementos de ponta dos países avançados.

Todavia, o programa de Trotski, a sua perspectiva sobre a dinâmica política dos países retardatários e avançados na época imperialista, no quadro da revolução socialista, foram construídos a partir da funcionalidade, em especial, a terceira formulação da *revolução permanente*, de servir para a luta da Oposição de Esquerda, que internacionalizava-se em 1930, no sentido de reorientar a política e o regime da *Comintern*.

2 A FORMAÇÃO SOCIAL BRASILEIRA E A ESTADUNIDENSE SEGUNDO A TEORIA DA REVOLUÇÃO PERMANENTE

Podemos perceber o conceito de *revolução permanente* em Trotski como um instrumento válido para a apreensão das sociedades contemporâneas sob o modo de produção capitalista? Trotski em determinados momentos de sua trajetória política deu uma resposta positiva a esta questão. E parte dessa resposta dependeu principalmente do alcance dado a *teoria do desenvolvimento desigual e combinado*, entendendo-a como fator explicativo da História.

A CLA, fração pública do CPUSA, enviou em 1933, o dirigente político opositorista, Arne Swabeck para a Ilha de Prinkipo, na Turquia, local do exílio de Trotski, que apesar do isolamento político ao qual foi submetido, continuava a influenciar grandemente o desenvolvimento da Oposição Internacional de Esquerda (OIE). Este encontro evidenciou uma discussão na qual Trotski explicou para Swabeck a *teoria do desenvolvimento desigual e combinado*, como ele a entendia e o seu alcance.

No entendimento dado a Swabeck, Carlos Mendonça relata que Trotski a definiu como "a descrição de uma realidade histórica". Nesta ocasião, concordando com Mendonça, o entendimento de Trotski acerca do *desenvolvimento desigual e combinado* evidenciou um importante desdobramento para o seu conceito de *revolução permanente*, apreendida "como expressão do processo histórico *geral* pelo qual o liberalismo burguês segue uma dinâmica de modernidade "bloqueada". (MENDONÇA, 2014, p. 170-171)

É o que o autor evidencia:

A conclusão das revoluções burguesas - a realização plena do seu desiderato de igualdade jurídico-política e de igualdades de oportunidades - pela extinção de todos os mecanismos hierárquicos e heteronômicos, tanto os herdados do seu passado pré-capitalista quanto os decorrentes do próprio capitalismo - só se completa plenamente, tanto nas sociedades "centrais" quanto nas periféricas, através da Revolução Socialista, único mecanismo capaz de "normalizar" definitivamente o liberalismo. (Ibid, p. 171-172)

Neste sentido, Mendonça evidencia que Trotski confirma a Swabeck que o Estados Unidos também seria "um exemplo de desenvolvimento desigual e combinado tanto quanto a Rússia", uma combinação do "desenvolvimento industrial

mais avançado com as ideologias mais atrasadas - para todas as classes". (Ibid, p. 172)

A partir destas breves considerações, ressalto que a ampliação do conceito de *revolução permanente* para uma abordagem propriamente histórica, como uma dimensão muitas vezes ignoradas do pensamento de Trotski, permite enriquecer a compreensão deste conceito em sua forma eminentemente política da dinâmica revolucionária nos países periféricos, semicoloniais e coloniais com seus sujeitos sociais e políticos.

Depreende dessa acepção, a ideia de perceber como o capitalismo financeiro se manifesta em suas formações sociais na época imperialista, reordenando relações sócio-econômicas, políticas e culturais. Neste sentido, estabelecendo e reorganizando relações condicionadas entre a base econômica e a superestrutura no mundo capitalista. Entendo que o conceito de *revolução permanente* em Trotski possui uma dupla dimensão, política e histórica, que devem ser tomadas de conjunto.

Trotski ao elaborar esta definição, em toda a sua amplitude, constrói uma teoria da mudança, uma abstração decorrente de fenômenos históricos reais, de uma dinâmica que envolve diferentes indivíduos, classes sociais e Estados-Nação que interagem mediante determinadas relações de produção, onde o econômico se desdobra no político.

O presente capítulo interroga estas questões, com o intuito de perceber os usos do marxismo de Trotski, como os trotskistas no Brasil e nos Estados Unidos compreenderam essas ideias e como elas foram utilizadas para a interpretação de suas respectivas formações sociais.

2.1 A FORMAÇÃO SOCIAL BRASILEIRA E ESTADUNIDENSE

O primeiro documento trotskista sobre a formação social brasileira foi publicado na edição de fevereiro/março de 1931 no jornal *La Lutte de Classes* da *Opposition Communiste* na França. Seus autores, Mario Pedrosa e Lívio Xavier, buscaram perceber, em linhas gerais, a constituição do capitalismo brasileiro, interrogando o passado colonial, o império e a incipiente república brasileira até o Movimento de 1930, que elevou Getulio Vargas ao poder do Estado brasileiro.

Intitulado "Esboço de uma análise da situação econômica e social do Brasil", ele foi fundamental para Oposição de Esquerda interrogar o processo histórico do país e, conseqüentemente, a sua formação social.

Autores distintos consideram esse documento um marco da produção teórica marxista no Brasil. Para Pedro Roberto Ferreira (1999, p. 206), o "Esboço..." junto de "A Evolução Política no Brasil", de Caio Prado Jr., e "A Caminho da Revolução Operária e Camponesa no Brasil", de Leôncio Basbaum, foram os principais documentos da esquerda brasileira dos anos 1930. Da mesma maneira, Karepovs e Marques Neto (2002, p. 122) caracterizam o documento como "uma marco da esquerda marxista brasileira". Para os autores, o texto de Pedrosa e Xavier teve o mérito de examinar a formação social em sua historicidade e, conjuntamente, estabelecer uma análise conjuntural divergente às teses do PCB na época. É o que estabelecem:

Foi o primeiro esforço sério no sentido de compreender as especificidades da formação brasileira sob o ponto de vista marxista, e nele foram examinados, desde o período colonial, passando pela escravidão, as características do capitalismo brasileiro, os impasses da centralização do poder no federalismo brasileiro e as forças políticas em luta naquele momento. Particularmente no que se refere à análise conjuntural do país, "Esboço..." supera a visão simplista do PCB, que via no Brasil apenas confrontos entre o campo e a cidade, entre conservadores e progressistas, entre imperialismos inglês e americano. (Idem)

Inclusive, Karepovs e Marques Neto sustentam que as análises contidas no documento repercutiram na política trotskista durante muitos anos, sendo décadas mais tarde, "retomadas por intelectuais do meio acadêmico para explicar e compreender a chamada 'revolução de 1930'". (Idem) Cabe destacar que o "Esboço..." é resultado da evolução teórica de Pedrosa e Xavier no Grupo Comunista Lenin (GCL) até outubro de 1930 e, mais do que isso, uma tentativa de justificar politicamente, de inculcar sentido às discordâncias com o PCB e a *Comintern*, que resultaram na formação da Oposição de Esquerda no Brasil. No caso dos trotskistas brasileiros, somente o documento "A situação nacional" do Partido Operário Leninista, de junho de 1937, igualmente redigido por Pedrosa, teria a amplitude do "Esboço...", este que provavelmente serviu como ponto de partido.

No caso do Estados Unidos da América (EUA), a Oposição de Esquerda não desenvolve nenhuma tentativa efetiva para compreender a historicidade da formação social estadunidense, ou seja, de examinar a história do país, o

estabelecimento do capitalismo e a evolução dos seus sujeitos sociais e políticos. Ao menos a consulta nos jornais *The Militant*, *New Militant* e *Socialist Appeal* e na revista *New International* não proporcionaram o mesmo. Em geral, os documentos encontrados trataram, sobretudo do segundo aspecto que pode ser encontrado no documento de Pedrosa e Xavier no Brasil, o conjuntural, em especial, sobre a escalada do imperialismo ianque como forma dominante no período entreguerras. Não obstante, estes aspectos conjunturais do capitalismo brasileiro e estadunidense serão tratados no próximo subtítulo deste capítulo.

Todavia, determinados textos destes jornais e da revista apresentam pontualmente questões relacionadas à História do EUA. Em sua maioria, eles percorrem a formação social estadunidense, a partir de uma problemática que na década de 1930 torna-se uma constante nas fontes consultadas para esta tese, me refiro a questão do negro. É o caso dos documentos assinados por George E. Novack em *Negro Slavery in North America* (1939) e *The Colonial Plantation System* (1939), além do artigo *US Capitalism: National or International?* (1935) que traça em linhas gerais os estágios econômicos no EUA.

Em que pese a disparidade das fontes consultadas, a síntese de Pedrosa e Xavier sobre o Brasil mostra sua força pela amplitude e ambição do documento e o impacto que estabelece na primeira geração de trotskistas brasileiros. Por outro lado, se os documentos da imprensa trotskista no EUA não possuem a envergadura do "Esboço...", eles evidenciam a necessidade de interrogar a História dos negros e necessariamente são confrontados a situá-la na perspectiva histórica do seu país.

No caso do "Esboço...", Pedrosa e Xavier sustentam que "o modo de produção capitalista e a acumulação - e, por consequência, a propriedade capitalista - foram exportados diretamente das Metrôpoles para o Novo Mundo". No entanto, nas colônias, a possibilidade do "excesso de terra" ser convertido em "propriedade privada e meio individual de produção" pelo colono colocou desde o início uma contradição que a burguesia metropolitana deveria resolver. Esta foi resolvida por "meios artificiais", o estabelecimento da "dependência do trabalhador em relação ao capitalista, proprietário dos meios de produção" por meio da "apropriação da terra

pelo Estado, que a converteu em propriedade privada" e pela "introdução da escravidão indígena e negra", ou seja, "a colonização sistemática".¹²⁵

Tem-se, portanto, a partir dessa premissa da colonização sistemática, "a acumulação primitiva de capital", perpassando a História colonial e imperial do país, desenvolve-se a partir da utilização da mão de obra escrava e, ao final do Império, a sua gradual substituição pelo trabalhador agrícola nas lavouras de café, decorrente do "afluxo migratório". Pedrosa e Xavier, reclamam Marx para sustentar a ideia de que no Brasil ocorrera "uma simples troca de forma".¹²⁶ E justificam:

O Brasil nunca foi, desde a sua primeira colonização, mais do que uma vasta exploração agrícola. Seu caráter de exploração rural colonial precedeu historicamente sua organização como Estado. Nunca houve aqui terras livres; aqui também não conhecemos o colono livre, dono dos seus meios de produção, mas o aventureiro da metrópole, o fidalgo português, o comerciante holandês, o missionário jesuíta - que não tinham qualquer outra base a não ser o monopólio das terras. Sob uma forma peculiar de feudalismo, todos vinham explorar a força de trabalho do indígena adaptado e do negro importado.¹²⁷ (Ibid, p. 63-64)

De forma similar a Trotski, quando evidenciou que o desenvolvimento do capitalismo russo no último quartel do século XIX não seguiu os parâmetros comuns à industrialização inglesa, da segunda metade do século XVIII, ou seja, de que não apresentou as formas embrionárias do capitalismo, com o desenvolvimento, respectivamente, do artesanato, da manufatura e da maquinofatura nas cidades; Pedrosa e Xavier sustentam que no campo "a classe dos pequenos proprietários", que geralmente antecede a formação do modo de produção capitalista, "não pôde se desenvolver na formação econômica do Brasil".¹²⁸

Daí a caracterização de um Estado brasileiro marcado pelo "rígido esquematismo de classe":

Trabalho escravo, *latifundium*, produção dirigida pelos senhores de terra com a sua clientela, burguesia urbana e uma camada insignificante de trabalhadores livres, tanto nas cidades quanto nos campos - tais foram as particularidades que marcaram com a sua chancela [monarquia] a formação econômica e política do Brasil na América Latina (...).¹²⁹

¹²⁵PEDROSA, Mario &XAVIER, Lívio. Esboço de uma análise da situação econômica e social do Brasil. In. *Na Contracorrente da História: Documentos do trotskismo brasileiro 1930-1940*. ABRAMO, Fúlvio &KAREPOVS, Dainis. (Orgs.). São Paulo:SUNDERMANN, 2015, p. 62-63.

¹²⁶Ibid, p. 63.

¹²⁷Ibid, p. 63-64.

¹²⁸Ibid, p. 64.

¹²⁹ Idem.

Base fundamental da economia colonial, o regime escravista foi destruído somente quando a "necessidade do desenvolvimento capitalista no Brasil" tornou-se uma demanda. Neste contexto, o imperialismo inglês galgou uma nova expansão industrial nestas paragens.¹³⁰

Uma ideia fundamental e original da análise de Pedrosa e Xavier é a assertiva de que "a burguesia brasileira nasceu no campo, não na cidade". Para sustentar essa ideia, os dirigentes da Oposição de Esquerda, do GCL, realizam a seguinte defesa:

A produção agrícola foi destinada desde o começo aos mercados externos. O Brasil foi, no século XVV, o principal produtor de açúcar do mundo. Dos dois eixos de colonização, Bahia-Pernambuco e São Paulo-Rio de Janeiro, o primeiro alcançou sobre o segundo uma vantagem considerável. Nas capitanias do Nordeste, o braço africano edificou sobre vastos domínios a prosperidade da aristocracia rural. (...). Com a descoberta das minas de ouro, o centro de atividade econômica da colônia transportou-se para o interior dos estados de Minas Gerais e da Bahia. (...). A prospecção mineralógica tornou-se a indústria principal, cujo desenvolvimento caracteriza o século XVIII. (...). A cultura do café começou relativamente tarde, nas regiões montanhosas vizinhas do Rio de Janeiro.¹³¹

No último quartel do século XIX forma-se no Estado de São Paulo uma burguesia cafeeira que não pode aceitar "a forma de produção reacionária e patriarcal". Portanto, ela irá impor ao Brasil a República, quando consolida "sua hegemonia à federação".¹³² A ideia de uma burguesia do café está atrelada ao desenvolvimento da produção cafeeira como expressão de um típico desenvolvimento capitalista.

É o que procuram demonstrar Pedrosa e Xavier:

Todas as condições necessárias para a grande exploração estavam reunidas: terras virgens, ausência de rendas fundiárias, possibilidades de maior especialização na produção, numa palavra, possibilidades de monocultura. Assim, o cafeicultor faz convergir simultaneamente todos os seus meios de produção para um único objetivo e, por conseguinte, obtém benefícios até então desconhecidos. O tipo de exploração determinou, portanto, prosperidade favorável ao desenvolvimento capitalista sob todas as suas formas. Desse modo, o sistema de crédito, o crescimento da dívida hipotecária, o comércio nos portos de exportação, tudo ajudava a preparar

¹³⁰ Idem.

¹³¹ Ibid, p. 64-65.

¹³² Ibid, p. 65-66.

uma base capitalista nacional. Os braços que faltavam foram importados. A imigração adquiriu, a partir daí, caráter de empresa industrial.¹³³

Esta situação que possibilitou o desenvolvimento da lavoura capitalista cafeeira, permitiu uma aliança entre a burguesia agrária de São e Minas Gerais para "a conquista do governo federal", em um contexto de "diferenciação econômica entre os Estados da Federação", cada vez mais acentuada. Neste sentido, "os parlamentares dos estados secundários", ao invés de representá-los, tornam-se "representantes do poder central nos estados".¹³⁴

Ainda, no subtítulo do "Esboço...", "A burguesia e o poder", Pedrosa e Xavier tiram importantes conclusões acerca do processo histórico brasileiro, examinado até aqui sinteticamente, e demonstram uma articulação consciente da *teoria do desenvolvimento desigual e combinado* de Trotski.

Isto fica evidente quando eles inferem que o capitalismo brasileiro, sob a tutela do café, avançou pouco a pouco sobre todo o território do país, transformando "as bases econômicas mais retardatárias". O *desenvolvimento desigual e combinado* apresenta-se por meio da pressão que o café impõe às bases econômicas de outras áreas do Estado brasileiro, estas que se desenvolvem na medida que o café progride economicamente e "integra-se cada vez mais à economia mundial", entrando "na esfera de atração imperialista".¹³⁵

No Brasil, o crescimento da indústria durante a I Guerra Mundial complicou "as relações de classe e os problemas decorrentes" com o surgimento de novas demandas econômicas e políticas. É o que indicam Pedrosa e Xavier no corrente contexto:

A política da burguesia orientava-se, até então, no sentido da manutenção do monopólio da produção cafeeira no mercado mundial. Com o surto da indústria e da maior penetração capitalista, o problema principal complicou-se com a necessidade da criação de mercados internos. (...). A urgência e penúria do mercado interno constitui um dos pontos nevrálgicos da instabilidade econômica e política do Brasil. Para o desenvolvimento dos mercados internos todos os meios são bons e um governo forte e centralizado é condição essencial.¹³⁶

¹³³Ibid, p. 66.

¹³⁴Ibid, p. 67.

¹³⁵ Idem.

¹³⁶Ibid, p. 68.

A noção política de Trotski acerca do imperialismo, as suas repercussões sobre os países retardatários, é utilizada por Pedrosa e Xavier no "Esboço...". Isto mostra-se visível diante do entendimento de um capitalismo brasileiro dotado de particularidades que se desenvolve sob a pressão imperialista, formando uma burguesia retrógrada. É nesta direção que:

O imperialismo altera constantemente a estrutura econômica dos países coloniais e das regiões submetidas à sua influência, impedindo o seu desenvolvimento capitalista normal, (...) nos limites do Estado. Por essa razão, a burguesia nacional não tem bases econômicas estáveis que lhe permitam edificar uma superestrutura política e social progressista. (...). Ela deve lutar em meio ao turbilhão imperialista, subordinando a sua própria defesa à defesa do capitalismo.¹³⁷

Portanto, os dirigentes do GCL adéquam a noção de Trotski de que na época imperialista, a burguesia nacional dos países retardatários adquire um caráter reacionário em política, ao evidenciar a subordinação da burguesia nacional pelo imperialismo e, conseqüentemente, a sua tentativa de subordinar a sociedade ao poder executivo, construção fundamental para erigir um Estado forte.

A conclusão de Pedrosa e Xavier sobre a característica fundamental e necessária da industrialização brasileira desde a I Guerra Mundial, coincide na economia e na política com a explicação de Trotski sobre o papel do Estado russo em sua industrialização no último quartel do século XIX.

As exigências do desenvolvimento industrial obtêm, como condição essencial, o apoio direto do Estado: a indústria nasce ligada ao Estado pelo cordão umbilical. O reforço gradativo do poder executivo é, aliás, um processo regular e sistemático do desenvolvimento industrial nos países politicamente secundários, como demonstra Trotsky em relação à Rússia czarista. Esse processo acentuou-se aqui (Brasil) desde a Grande Guerra, coincidindo com o domínio preponderante do imperialismo norte-americano no cenário mundial, especialmente na América Latina. Ou seja, desde o governo de Epitácio Pessoa.¹³⁸

Por conseguinte, o Brasil dos anos 1920 vivencia uma crescente "hipertrofia do poder executivo" que, ao final do governo de Washington Luís, encontra-se "separado dos interesses imediatos da fração da burguesia que o levou ao poder", evidenciando a fraqueza de ambos.¹³⁹

¹³⁷ Idem.

¹³⁸ Ibid, p. 69.

¹³⁹ Ibid, p. 70.

Neste sentido, concordando com Ferreira, entendo que Pedrosa e Xavier desenvolvem uma interpretação da formação social brasileira, marcada pela teoria *do desenvolvimento desigual e combinado*, no sentido de que essa dinâmica desenvolve-se "por uma intrincada rede de relações centralizadas no capital financeiro". É a partir dela que se desenvolve a luta entre burgueses e trabalhadores. Uma burguesia incapaz de, sob o capitalismo retardatário, levar adiante "uma revolução democrática" e, em especial, vocacionada para fechar os canais de participação política da classe trabalhadora. (FERREIRA, Op. cit, p. 211)

A parte do "Esboço..." de Pedrosa e Xavier analisada até aqui, evidencia no Brasil o *desenvolvimento desigual e combinado* de um capitalismo retardatário no Brasil que se estruturou pelo latifúndio e obteve, na segunda metade do século XIX, através da produção cafeeira, os lucros necessários para a geração, em especial a partir da I Guerra Mundial, de uma base industrial que esteve subsumida à direção do capital mercantil que, por sua vez, mantinha relações com o capitalismo financeiro internacional.

O "Esboço...", portanto, expõe duas questões importantes que gostaria de reforçar: A originalidade da análise de Pedrosa e Xavier sobre a formação do capitalismo brasileiro e o manuseio do marxismo de Trotski, da sua *teoria da revolução permanente*, em especial, do seu mecanismo, a teoria do *desenvolvimento desigual e combinado*, que permitiu entrever a dinâmica do seu desenvolvimento desigual, que por meio da convivência de formas econômicas atrasadas e avançadas, entre arranjos e rearranjos, durante o desenvolvimento capitalista no Brasil.

A originalidade do "Esboço", contudo, não impediu que surgissem críticas pontuais sobre o fundo histórico do documento de Pedrosa e Xavier. Essas foram publicadas em *A Luta de Classe*, na edição de maio de 1931, sob o título "A situação brasileira e o trabalho para o seu esclarecimento", de Aristides Lobo.

O autor chama atenção para a afirmação de que o pequeno proprietário não pôde se desenvolver na formação econômica do Brasil. O destaque a essa questão está relacionado a ideia da direção do PCB e, em especial de Octávio Brandão, de que no Brasil "a grande massa da população rural brasileira seria constituída de pequenos proprietários". Lobo reclama a necessidade de se combater essa visão "de que o colono não é propriamente um assalariado, pois está muito ligado à terra, possui sua casa na fazenda e, finalmente, que o seu lugar social é mais entre o

assalariado e o pequeno proprietário agrícola". Contrapõe-se a esse entendimento do PCB, "o fato de o colono estar mais ligado à terra só pode significar a sua subordinação mais direta ao fazendeiro".¹⁴⁰

Lobo também constata, diga-se corretamente, a necessidade de expandir e clarificar outros pontos, tais como:

O papel de Minas na formação econômica e política do país, a situação política do proletariado, sua organização das tradições de luta, sua ação revolucionária e o que tem feito o Partido Comunista em face dos acontecimentos.¹⁴¹

No entanto, a crítica mais incisiva do "Esboço..." está relacionado a apresentação do "desenvolvimento desigual do capitalismo" como uma "condição particular do Brasil" que acelera "o processo de centralização do poder". Reivindicando Lenin, ele sustenta que a desigualdade do desenvolvimento capitalista é uma "lei absoluta do capitalismo" e, portanto, a ideia de Pedrosa e Xavier traz uma "imprecisão de forma".¹⁴² E corrige:

O que se poderá dizer é que, no caso dos países coloniais, semicoloniais e dependentes do capitalismo, como o Brasil, a desigualdade do desenvolvimento econômico se torna mais sensível à medida que se vai tornando maior a penetração imperialista, "revolucionando permanentemente a economia" desses países e criando, assim, a tendência para a centralização governamental.¹⁴³

A percepção de erros e imprecisões no "Esboço...", contudo, devem ser percebidos como parte fundamental da formação da Oposição de Esquerda no Brasil. A Liga Comunista do Brasil, ressalte-se, é resultado de novas forças que aderiram a Oposição que, por sua vez, ainda desenvolve seus primeiros passos teóricos e organizacionais. A preocupação de Lobo é similar a de Pedrosa e Xavier. Ela deve ser contextualizada diante da perspectiva de reorientar a práxis do PCB, afinal, o "Esboço..." é a primeira tentativa da Oposição em compreender a constituição do capitalismo no Brasil e marca, conseqüentemente, o afastamento das teses que o PCB desenvolveu nos anos 1920 sobre a questão.

¹⁴⁰ LOBO, Aristides. A situação brasileira e o trabalho para o seu esclarecimento. In. ABRAMO&KAREPOVS, Op. cit, p. 79-80.

¹⁴¹ Ibid, p. 81.

¹⁴² Idem.

¹⁴³ Idem.

Como dito anteriormente, os trotskistas no EUA não produziram um documento de envergadura teórica similar àquele de Pedrosa e Xavier. A ausência de um documento correlato provavelmente está relacionado a natureza diversa do debate produzido no EUA, quando do surgimento da Oposição de Esquerda.

Por outro lado, extratos sobre a formação social estadunidense podem ser apreendidos em determinados documentos dos anos 1930, em especial, naqueles que procuram interrogar a importância do negro para o movimento revolucionário. Na falta de uma síntese histórica sobre a constituição e formação do capitalismo no EUA, até os dias da Oposição de Esquerda; a tentativa de precisar o papel do negro na revolução vindoura proporciona uma imersão a determinados momentos da História desse país. Ressalta-se que os trotskistas brasileiros, em um país com uma presença majoritária da população negra, não discutem a questão na década de 1930.

George Novack em *Negro Slavery in North America*¹⁴⁴, traz elementos importantes da constituição capitalista em terras americanas, a partir da introdução da instituição escravocrata e utilizando a teoria do desenvolvimento desigual e combinado para tanto.

Publicado em 1939 na *New International*, revista teórica do trotskismo estadunidense, o artigo de Novack interpela como a instituição escravocrata, uma instituição caduca da Antiguidade, reapareceu nas sociedades avançadas. Neste ponto, ele assevera que "a humanidade é infinitamente engenhosa na adaptação de antigas formas culturais a novos usos sob as condições modificadas de uma nova ordem social"¹⁴⁵. E explica:

A ascensão da escravidão na América é um caso notável. O trabalho escravo era a forma característica de trabalho na sociedade antiga e a base econômica das culturas gregas e romanas clássicas. Muito depois de ter desaparecido dos centros da sociedade européia, ela renasceu no Novo Mundo no alvorecer da civilização capitalista e continuou a florescer no seio do sistema capitalista por três séculos e meio. Essa reversão da sociedade infantil do Novo Mundo para uma das instituições sociais mais antiquadas do Velho Mundo, sua longevidade e sua tenacidade, torna a escravidão de

¹⁴⁴ NOVACK, George. Negro Slavery in North America. In. *The New International*, v. 5, n. 10, out. 1939, p. 305-308. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/novack/1939/10/x01.htm> .Acesso: 21 nov. 2018.

¹⁴⁵ Mankind is infinitely ingenious in adapting old cultural forms to new uses under the changed conditions of a new social order. Idem

bens móveis o exemplo mais evidente da lei do desenvolvimento combinado na história americana.¹⁴⁶ (Tradução Nossa)

Pode-se perceber que no entender de Novack, a introdução da escravidão moderna no Novo Mundo marca o seu renascimento enquanto instituição, mas também o seu florescimento no seio do sistema capitalista, naquele momento, evidentemente, a Europa. Neste sentido, "a sociedade americana" que surge, é representada pelo trotskista como "filha do capitalismo europeu", carregando consigo todas as consequências dessa "paternidade":

A sociedade americana, filha do capitalismo europeu, reproduziu não apenas as características de seu pai, mas também seus antepassados mais remotos. Quase todas as formas de relacionamento social conhecidas pela humanidade surgiram no solo do Novo Mundo, seja em forma pura ou em uma mistura de combinações. Todos os estágios sucessivos da civilização que antecederam o advento do capitalismo, o comunismo primitivo, a barbárie, a escravidão, o feudalismo, tiveram um lugar no sol até que eles murcharam ou foram desenraizados pelo avanço das forças capitalistas. Essa profusão variada de instituições sociais faz do início da história da América um manual extremamente instrutivo para o estudante da civilização.¹⁴⁷ (Tradução Nossa)

Portanto, o capitalismo que surge no Novo Mundo, carrega consigo de maneira desigual todos os estágios sucessivos da civilização, sendo desenraizados na medida que o desenvolvimento das forças produtivas do capitalismo avançou sobre o território.

A escravidão no Novo Mundo apresenta-se, segundo Novack, como uma forma de produção pré-capitalista amplamente difundida no campo da agricultura. E explica:

Onde quer que os europeus se estabelecessem na América, a escravidão foi mais cedo ou mais tarde estabelecida. Passou pelas possessões

¹⁴⁶ The rise of chattel slavery in America is a striking case in point. Slave labor was the characteristic form of labor in ancient society and the economic foundation of the classical Greek and Roman cultures. Long after it had vanished from the centers of European society it was reborn in the New World at the dawn of capitalist civilization and continued to flourish in the bosom of the capitalist system for three centuries and a half. This reversion of the infant society of the New World to one of the most antiquated social institutions of the Old World, its longevity and its tenacity, makes chattel slavery the most conspicuous instance of the law of combined development in American history. Idem

¹⁴⁷ American society, the child of European capitalism, reproduced not only the features of its father but also of its more remote forebears. Almost every form of social relationship known to mankind sprang up on the soil of the New World, either in a pure form or in a medley of combinations. All the successive stages of civilization preceding the advent of capitalism, primitive communism, barbarism, slavery, feudalism, had a place in the sun until they withered away or were uprooted by the advance of capitalist forces. This varied profusion of social institutions makes the early history of America an extremely instructive textbook for the student of civilization. Idem

espanholas, portuguesas, holandesas e francesas; tornou-se a pedra angular na estrutura das colônias inglesas e francesas mais ricas; constituiu a fundação do Southern Cotton Kingdom. No curso de trezentos e cinquenta anos, a escravidão lançou suas raízes tão profundamente no solo norte-americano que exigiu a maior revolução do século XIX para destruí-la.¹⁴⁸ (Tradução Nossa)

Novack divide a História da escravidão na América do Norte em dois períodos. No primeiro, ela perpassa a introdução do escravo por espanhóis e portugueses no século XVI, o seu desenvolvimento nas Índias Ocidentais e na costa norte-americana e o declínio nas colônias britânicas e francesas em fins do século XVIII. No segundo, ela abarca o desenvolvimento e a decadência do "Reino do Algodão nos Estados Unidos" no século XIX. Tal divisão em períodos importa porque Novack evidencia a partir deles a existência de "dois estágios diferentes no desenvolvimento da sociedade capitalista", a saber: "Em sua fase inicial, a escravidão americana era um ramo colateral do capitalismo comercial; em seu estágio final, era parte integrante do capitalismo industrial"^{149, 150}

No que se refere ao primeiro período, Novack evidencia que a escravidão negra foi impulsionada na América do Norte em fins do século XVII, a partir de duas colônias inglesas, Virgínia e Maryland, quando os escravos começaram a configurar "o corpo principal da população trabalhadora", transformando-se "na forma fundamental da produção agrícola". Logo, a Carolina do Sul passou a receber escravos das Índias Ocidentais para trabalharem no cultivo de arroz. A partir de então, "a escravidão se espalhou tão rápido e tão longe nas colônias inglesas quanto as condições permitiam".¹⁵¹

Às vésperas da Revolução Americana, Novack apresenta dados que evidenciam uma profunda disparidade quanto a distribuição da população negra escravizada e ao seu significado nas Treze Colônias. Vejamos:

Na véspera da Revolução, havia mais de meio milhão de negros entre os três milhões de habitantes das colônias. Menos de quarenta mil viviam no norte; os demais estavam concentrados no sul. Em cinco colônias do sul, os

¹⁴⁸Wherever the European settled in America, slavery was sooner or later established. It made its way through the Spanish, Portuguese, Dutch and French possessions; it became the keystone in the structure of the richest English and French colonies; it constituted the foundation of the Southern Cotton Kingdom. In the course of three hundred and fifty years slavery thrust its roots so deeply into North American soil that it required the greatest revolution of the nineteenth century to destroy it.

¹⁴⁹In its initial phase American slavery was a collateral branch of commercial capitalism; in its final stage it was an integral part of industrial capitalism.

¹⁵⁰ Idem.

¹⁵¹ Idem.

negros se igualavam ou superavam os brancos. A razão era óbvia. Enquanto a posse de escravos no norte era um emblema de aristocracia e riqueza, no sul era a base necessária da sociedade.¹⁵²

É interessante destacar a explicação de Novack para a disparidade na distribuição de escravos nas colônias inglesas. As diferentes condições naturais de produção agrícola das colônias do Norte e das adjacentes às Colônias do Sul desenvolveram formas distintas de trabalho agrícola que dificultavam o uso do trabalho escravo em larga escala. O solo pedregoso impedia o plantio de insumos básicos, adequando-se sobretudo ao cultivo de milho, trigo, entre outros gêneros alimentícios. Como o preço e o custeio do escravo era muito alto para o lucro obtido, desenvolveu-se sobretudo o trabalho do pequeno agricultor autônomo ou do trabalhador contratado.¹⁵³

Todavia, assevera Novack, somente condições naturais favoráveis não explicam o desenvolvimento da instituição escravocrata. Para ele, a explicação mais plausível deve ser apreendida sobretudo "nos problemas sociais e econômicos específicos" que os colonos se depararam, a questão da força de trabalho insuficiente para estabelecer a grande lavoura onde as condições naturais favoreciam.

Antes da escravidão negra, fracassou a instituição indígena, depois, a imigração da população branca de diferentes nacionalidades e origens sociais sob a forma da "servidão temporária" mostrou-se igualmente insuficiente para o estabelecimento da grande lavoura. Neste sentido, o lucrativo tráfico de escravos negros mostrou-se a opção mais viável para o seu desenvolvimento, em especial para a coroa inglesa que se beneficiou duplamente. É o que sustenta Novack:

O comércio de escravos tornou-se uma pedra angular do comércio anglo-americano. Muitas fortunas na Velha e na Nova Inglaterra foram derivadas do tráfico. Esse comércio gozou da proteção especial da Coroa, cujos agentes persistentemente vetaram os esforços das legislaturas coloniais para abolir ou restringi-la.¹⁵⁴(Tradução Nossa)

¹⁵²On the eve of the Revolution there were over half a million Negroes among the three million inhabitants of the colonies. Less than forty thousand lived in the North; the rest were concentrated in the South. In five Southern colonies the Negroes equaled or outnumbered the whites. The reason was obvious. While the ownership of slaves in the North was a badge of aristocracy and wealth, in the South it was the necessary basis of society. Idem.

¹⁵³ Idem.

¹⁵⁴ The slave trade became a cornerstone of Anglo-American commerce. Many fortunes in Old and New England were derived from the traffic. This trade enjoyed the special protection of the Crown whose agents persistently vetoed the efforts of colonial legislatures to abolish or restrict it. Idem

A guisa de conclusão, Novack defende a ideia de que "os fundamentos originais da sociedade americana" não estiveram alicerçados sobre o "trabalho livre", mas pelo trabalho escravo (negro) e semi-servil (branco).¹⁵⁵

Cabe ressaltar que tanto Novack quanto Pedrosa e Xavier articulam a teoria do desenvolvimento desigual e combinado como forma de compreender o empreendimento colonial, respectivamente, nos Estados Unidos e no Brasil. Esta compreensão parte do reconhecimento que desde o início da colonização havia a presença de formas capitalistas de produção que trouxeram consigo formas pretéritas de desenvolvimento econômico, alocadas a partir das necessidades da primeira.

No Brasil, no entanto, sob a pressão do capital mercantil, o latifúndio e a monocultura, como forma predominante de desenvolvimento econômico, foram a expressão de um longo período de acumulação primitiva de capital, da Colônia ao Império. Portanto, a escravidão e o tráfico de escravos negros foram partes constitutivas deste processo que culminou com a produção cafeeira na segunda metade do século XIX e na formação, no dizer de Pedrosa e Xavier, de uma burguesia agrária fundamental para a industrialização do país, dentro de certos limites, no primeiro quartel do século XX.

Nos Estados Unidos da América, o desenvolvimento colonial mostrou-se diverso em determinados aspectos. As Treze Colônias até a Revolução Americana desenvolveram distintas formas de produção, o da grande lavoura e o da pequena propriedade. A força de trabalho desenvolveu-se, respectivamente, por meio do regime escravista e semi-servil, o primeiro importado da África e o segundo, diretamente do Velho Mundo. Diferentemente do Brasil, onde o pequeno proprietário agrícola não teve vez, favorecendo o tráfico de escravos utilizados amplamente como de mão de obra, nos EUA este assentou raízes desde muito cedo.

Em outro artigo, intitulado *The Colonial Plantation System*, Novack evidencia o desenvolvimento da escravidão nos EUA sob duas formas econômicas distintas, a forma patriarcal e a forma comercial. A primeira "auto-sustentada" e dotada de características de uma "economia natural", dividida entre o cultivo de "culturas de

¹⁵⁵ Idem.

rendimento" e as de "consumo doméstico". Por sua vez, a segunda baseada na grande lavoura e com objetivos comerciais de exploração.¹⁵⁶

Esta análise de Novack interessa porque ele realiza esta distinção não para evidenciar as diferenças entre as Colônias do Norte e as do Sul, mas para diferenciar as últimas, em específico, as colônias de Maryland, Virgínia, Geórgia e Carolina do Sul. No caso de Maryland e da Virgínia, a escravidão negra aparece articulada ao trabalho semi-servil sob a forma econômica patriarcal, enquanto, na Carolina do Sul e na Geórgia, evidencia-se a forma comercial e o desenvolvimento de verdadeiras "fortalezas do sistema escravista".¹⁵⁷

Contudo, isto não impediu que na época da Revolução Americana a instituição escravista mostrasse sinais de declínio, diante da decadência do tabaco e do surgimento de outras culturas mais lucrativas sob o trabalho livre. Foi neste contexto que surgiram as primeiras ideias de emancipação. No contexto do II Congresso Continental, os futuros estados da Carolina do Sul, Geórgia ganham apoio dos traficantes de escravos da Carolina do Norte e pressionam pela manutenção da instituição escravista. E ao final conseguem barrar esse dispositivo. O Conclave que decidiu pela formação da União não trouxe essa discussão. A questão escravocrata envolveu questões puramente comerciais e tributárias, preservando os interesses dos senhores de escravos.¹⁵⁸

Para Novack, o desfecho favorável à instituição escravista teve parte importante no resultado da Carta Constitucional de 1787, erigida no contexto pós-guerra, ainda que a médio prazo, houvesse dúvidas sobre a manutenção da escravidão no país.

A Constituição, então, era um documento do proprietário de escravos; os Estados Unidos foram fundados sobre a escravidão. Alguns dos pais fundadores reconheceram que a escravidão era a principal rachadura na pedra angular da nova República, uma rachadura que, com o tempo, poderia se alargar a uma fenda capaz de separar a união. Jefferson profeticamente advertiu os proprietários de escravos que um dia teriam que escolher entre a emancipação ou sua própria destruição.¹⁵⁹ (Tradução Nossa)

¹⁵⁶ NOVACK, George. The Colonial Plantation System. In. *New International*, v.5, n. 12, dez. 1939, p.343-345. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/novack/1939/12/x01.htm>. Acesso: 12 dez. 2018.

¹⁵⁷ Idem.

¹⁵⁸ Idem.

¹⁵⁹ The Constitution, then, was a slaveholder's document; the United States was founded upon slavery. Some of the founding fathers recognized that slavery was the chief crack in the cornerstone of the new Republic, a crack which in time might widen to a fissure capable of splitting the union apart.

No entanto, Novack sustenta que antes da profecia de Jefferson ser cumprida, a escravidão floresceria mais luxuosa na América do Norte, espalhando-se para as terras do Mississippi e do Texas, no que ele denomina de Reino do Algodão.

Publicado na *New International* quatro anos antes, o artigo *US Capitalism: National or International?* de Novack clarifica outros pontos acerca da formação social estadunidense, a partir de uma crítica do livro de Lewis Corey intitulado *The Decline of American Capitalism*.

Ele inicia suas considerações a partir da defesa de que a economia dos EUA, desde o seu início deve ser considerada "uma parte periférica da economia capitalista". Apesar dos inúmeros recursos naturais disponíveis, faltava-lhe um suprimento fundamental, "uma força de trabalho viva", que foi assentado em solo americano via imigração, escritura e pelo tráfico de escravos.¹⁶⁰

O seu desenvolvimento econômico dependeu das riquezas e da diversidade dos recursos encontrados, mas foi moldado, sobretudo pela dependência da Europa:

Pelas demandas impostas a esses fatores econômicos internos pelo mercado mundial e, sobretudo, pelos países altamente desenvolvidos do outro lado do Atlântico. A Europa era o sol, a América, a terra, do sistema capitalista. A órbita da economia americana era fundamentalmente determinada pela atração exercida pela massa econômica da Europa. A agricultura e a indústria americanas cresceram, não apenas por causa da riqueza da terra, mas de acordo com a quantidade de energia irradiada do centro solar do sistema capitalista. A direção e o grau de desenvolvimento das forças produtivas dentro da América foram determinados pelas necessidades econômicas do corpo de origem.¹⁶¹ (Tradução Nossa)

Portanto, o comércio exterior tornou-se desde muito cedo um "fator decisivo" do desenvolvimento econômico estadunidense. Com a independência política da

Jefferson prophetically warned the slaveholders that they would one day have to choose between emancipation or their own destruction. Idem.

¹⁶⁰ NOVACK, George. *US Capitalism: National or International? A Critique of Lewis Corey's The Decline of American Capitalism*. In. *The New International*, New York, v. 2, n. 6, Out. 1935, p. 191–197. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/novack/1935/10/x01.htm>. Acesso em: 18 Nov. 2018.

¹⁶¹ By the demands imposed upon these internal economic factors by the world market, and above all by the more highly developed countries across the Atlantic. Europe was the sun, America the earth, of the capitalist system. The orbit of American economy was fundamentally determined by the attraction exerted upon it by the economic mass of Europe. American agriculture and industry grew, not only because of the richness of the earth, but according to the amount of energy radiated from the solar center of the capitalist system. The direction and the degree of development of the productive forces within America were determined by the economic needs of the parent body. Idem.

Inglaterra, a dependência do EUA em relação ao mercado mundial aumentou. A partir daí:

Todo o desenvolvimento da economia americana, da Guerra de 1812 à Guerra Civil, foi em grande parte produto da indústria europeia de grande escala e da indústria inglesa em particular. Que a agricultura era a parte predominante da economia americana durante esse período não deveria cegar ninguém para o fato de que esta indústria agrícola não era a agricultura de subsistência de pioneiros isolados, mas era a principal cultura capitalista de produção. As principais culturas, o algodão do sul e os alimentos do Ocidente, eram embarcadas não apenas para o norte, mas também para a Europa, para fornecer matérias-primas para suas fábricas de têxteis e alimentos para a população trabalhadora.¹⁶² (Tradução Nossa)

Conforme Novack, "a transformação do capitalismo americano do estágio comercial-industrial (colonial) para o estágio industrial-financeiro (imperialista) foi realizada em duas etapas separadas. Do período da Guerra Civil até o final do século XIX a economia estadunidense "completou" a passagem para uma base eminentemente industrial. No século XX, no período anterior a I Guerra Mundial, ela iniciou a sua transformação sob a forma do capital financeiro e imperialista.¹⁶³ Em síntese:

O capital financeiro começou a suplantando o capital industrial e a tomar a iniciativa de formar monopólios no começo do século. A organização do Steel Trust em 1900 pela House of Morgan foi a primeira operação em grande escala neste campo pelo capital financeiro. Quando Carnegie, o mestre do ferro, vendeu suas siderúrgicas ao sindicato bancário liderado por Morgan e se retirou para suas filantropias, ele simbolizou a retirada do capitalista industrial antes da invasão do financista. (Tradução Nossa)

Os diferentes estágios do capitalismo encontraram-se no século XIX, evidenciando a passagem do capitalismo comercial-industrial, o último que no final do século tornou-se predominante, mas já sob a pressão do capital financeiro que nas duas primeiras décadas do século seguinte torna-se a forma dominante no EUA.

Depreende-se desta questão a convivência de estágios do capitalismo, fundamentalmente diferentes, que implicam uma mudança qualitativa inclusive no

¹⁶² The whole development of American economy from the War of 1812 to the Civil War was largely a product of European large-scale industry, and of English industry in particular. That agriculture was the predominant part of American economy during this period should blind no one to the fact that this agricultural industry was not the subsistence farming of isolated pioneers, but was in the main a capitalist cash-crop production. The principal crops, cotton in the South and foodstuffs from the West, were shipped not only to the North but to Europe to provide raw materials for its textile mills and food for its laboring population. Idem.

¹⁶³ Idem.

mundo do trabalho e na organização dos trabalhadores e por conseguinte em sua luta. O Estados Unidos, de todo modo, evidencia, conforme Novack, um desenvolvimento típico das nações avançadas da Europa que se industrializaram de fato no século XIX e tornaram-se rivais nas disputas por mercados e matérias-primas nas últimas décadas e que produziram a I Guerra Mundial.

Sob a ótica comparativa, no Brasil e no Estados Unidos, os trotskistas tiveram um arcabouço teórico comum, lançando mão em suas interpretações sobre a formação do capitalismo da teoria do desenvolvimento desigual e combinado. Interessa destacar que ela torna-se mais perceptível em determinados momentos, como no momento de constituição do capitalismo ou no período de sua acumulação primitiva de capital. Isto leva que os trotskistas evitem caracterizar o desenvolvimento capitalista de seus países a partir de formas pré-capitalistas de produção como fatores dominantes de suas formações sociais. Também, ela ganha nitidez a partir da transição que culminará na forma imperialista de dominação, com diferentes formas de expressão nestes países.

Concluindo, o significado das análises contidas neste subtítulo é desigual. A interpretação de Pedrosa e Xavier funcionam como um verdadeiro documento político da Oposição de Esquerda, com o objetivo de fundamentar a sua intervenção política no período. Por outro lado, os artigos de Novack não tem a mesma funcionalidade, ainda que isso não desmereça a qualidade da análise, mas eles não procuram através de uma análise teórica do capitalismo armar a intervenção política dos trotskistas no EUA. Eles funcionam muito mais como uma contribuição. Neste sentido, reforça-se a ausência de um documento da envergadura do "Esboço..." na primeira geração dos trotskistas estadunidenses.

2.2 O CAPITALISMO NO BRASIL E NOS ESTADOS UNIDOS AMÉRICA CONSOANTE OS TROTSKISTAS

Este subtítulo quer objetivar o entendimento da Oposição de Esquerda e dos Partidos Trotskistas no Brasil e no Estados Unidos da América a respeito dos acontecimentos fundamentais que estes vivenciaram. Em ambos os países, o findar da década de 1920 trouxe desafios complexos. Desalojados da *Comintern* e de suas respectivas seções nacionais, eles tiveram de elaborar politicamente sobre questões distintas. Enquanto no EUA, a hecatombe econômica legada pela crise de 1929

ocupou as análises dos opositoristas na década seguinte; no Brasil, que também foi afetado por ela, a Oposição vivenciou uma transformação significativa do quadro político com a chamada "Revolução de 1930" e sua evolução bonapartista, completada com o golpe que efetivou a ditadura do Estado Novo, sob a liderança de Getúlio Vargas. Deve-se realçar que as análises trotskistas do período estiveram relacionadas a outras duas questões importantes, a crescente possibilidade de uma nova guerra mundial, concretizada em 1939, e a escalada dos nazistas ao poder na Alemanha, efetivada em 1933. Desta feita, espera-se no decorrer destas páginas examinar como eles perceberam acontecimentos históricos e que ferramentas políticas foram utilizadas para tanto. Em outras palavras, de que forma o marxismo de Trotski e a teoria da revolução permanente influenciaram as suas percepções em países tão diferentes no período.

A Plataforma da Oposição Comunista foi o primeiro texto programático da *Communist League Of America (CLA)*¹⁶⁴, o documento inaugural da Oposição de Esquerda nos EUA. Redigido por Abern, Cannon, Shachtman e Swabeck, o documento interessa pelo fato de trazer uma compreensão do imperialismo yanque, imerso no mercado mundial, através das disputas por mercados com outros Estados imperialistas.¹⁶⁵

Para a CLA, uma análise global da situação vigente, no final dos anos 1920, evidencia o descolamento do centro de gravidade econômica do mundo desde a conclusão da I Guerra Mundial, do continente europeu para os EUA. Desde então, os Estados Unidos da América tornaram-se o grande credor do planeta, vinculando a sua economia à do mundo inteiro "de uma forma inextrincável". Foi a partir desta conexão que verificou-se a "estabilização parcial e temporária do capitalismo europeu", situação tornada possível, acrescenta, pela derrota do proletariado alemão em outubro de 1923, o que favoreceu a consolidação política da socialdemocracia alemã.¹⁶⁶

No último triênio dos anos 1920, essa situação modifica-se substancialmente, o EUA pressiona a Alemanha pelo pagamento das reparações de guerra aos Aliados, decorrentes do Tratado de Versalhes, para que estes lhe paguem. Paralelamente, a Europa dá sinais de recuperação econômica e a competição por

¹⁶⁴Programa apresentado na ocasião da VI Convenção Nacional do *Communist Party of United States of America* (CPUSA), portanto, anterior a formação da CLA.

¹⁶⁵ Platform of the Communist Opposition. In. *The Militant*, v. 2, n. 4, 15 fev. 1929, p. 03.

¹⁶⁶ Idem.

mercados entre o imperialismo ianque e britânico se acirra em todo o mundo. A CLA projeta uma situação de crise na economia do Estados Unidos, relacionada à "contração" do mercado mundial e a "estabilização do capitalismo europeu". Neste sentido, ela identifica um decréscimo da taxa de aumento das exportações no país, aliada à competição imperialista com as potências europeias "no Oriente e na América Latina".¹⁶⁷

Internamente, a tentativa elevar o nível técnico da industrialização no Sul do país com seus novos proletários, absorvidos pelo mercado de trabalho, não são suficientes para elevar o consumo com o intuito de absorver a produção. Nota-se uma "desproporção crescente entre a taxa de expansão da capacidade produtiva e a taxa de crescimento da produção e do consumo".

Consoante os trotskistas, o EUA mostra-se incapaz de impedir o declínio de sua economia:

O capitalismo americano tem sido incapaz de superar as graves depressões na agricultura e nas indústrias de carvão, petróleo, têxteis, madeira, navegação e outras, nem será capaz de impedir o declínio nas indústrias de ferro, aço e automóveis. O rápido aumento nos empréstimos de corretagem, em face de um volume médio de negociação de mais de cinco milhões de ações por dia, pressagia o começo do fim do mercado "touro", muito mais profundo do que a queda de preços de junho de 1928.¹⁶⁸(Tradução Nossa)

Neste contexto, o "destino do imperialismo americano" mostra-se dependente da economia mundial. Por outro lado, a situação do continente europeu, também, liga-se com o desenvolvimento econômico do EUA. No ano seguinte, a situação de crise desenhada pela CLA torna-se realidade, com importantes repercussões em todo o planeta.

Em junho, Trotski saudava o surgimento da Oposição nas páginas do jornal *The Militant*. No documento, ele partilha da ideia de que o EUA estão atrás "na ordem revolucionária" da Europa e do Oriente, mas alerta para a possibilidade dessa ordem ser quebrada "em favor do proletariado" estadunidense e da necessidade da Oposição preparar-se, pois "uma crise social nos Estados Unidos pode chegar muito

¹⁶⁷ Idem.

¹⁶⁸ American capitalism has been unable to overcome the serious depressions in agriculture and in the coal, oil, textile, lumber, shipping, and other industries, nor will it be able to prevent the coming decline in the iron and steel and automobile industries. The rapid increase in brokerage loans, in face of an average trading volume of more than five million shares a day, presages the beginning of the end of the "bull" market, far more profound than the price fall of June 1928. Idem.

mais cedo do que muitos pensam, e ter um desenvolvimento febril desde o início"¹⁶⁹ ¹⁷⁰

De fato, a situação de crise iminente efetivou-se com o crash da Bolsa de Valores de Nova York no dia 24 de outubro de 1929. A CLA anteviu os movimentos que levariam a crise econômica no ano anterior, realçando aspectos derivados da superprodução, como a contração dos mercados da Europa e da impossibilidade do mercado interno absorver a sua produção. Conjuntamente, as disputas imperialistas por mercados acirravam-se e a possibilidade de uma crise social em 1930 mostrava-se uma dura realidade, em especial, para a classe trabalhadora estadunidense.

Em fevereiro de 1931, Arne Swabeck aborda a crise econômica que se desenvolve há mais de um ano e meio no país e seu resultado inevitável devido a natureza cíclica da produção capitalista que alterna momentos de depressão, prosperidade e novamente depressão. Esta crise, define Swabeck, de proporções mundiais:

É uma conseqüência natural do processo de contradição entre a produção cada vez mais socializada e a apropriação capitalista individual. É causada principalmente pelo declínio geral do capitalismo imperialista, especialmente na Europa e pela crescente interdependência da economia capitalista mundial, fazendo com que a crise apareça quase simultaneamente em todos os países capitalistas, tornando-se mais aguda em todas as suas manifestações. É causada pela expansão imensamente aumentada da capacidade produtiva devido a aplicação técnica da ciência ao maquinário de produção, racionalização crescente e aceleração. É causada [pelo] crescente exército de desempregados da indústria, mesmo durante o seu período "favorável", quando o emprego diminuiu apesar do aumento da produção. É ainda causada pela crescente intensidade da luta para reduzir o padrão de vida da classe trabalhadora como um todo, através do que eufemisticamente chamamos de "redução do custo de fazer negócios". Esses são alguns dos principais fatores da situação atual.¹⁷¹ (Tradução Nossa)

¹⁶⁹ A social crisis in the United States may arrive a good deal sooner than many think, and have a feverish development from the beginning.

¹⁷⁰ TROTSKY, Leon. Tasks to American Opposition. In. *The Militant*, v. 2, n. 10, 1 jun. 1929, p. 02.

¹⁷¹ Is a natural outgrowth of the developing process of contradiction between increasingly socialized production and individual capitalist appropriation. It is caused mainly by the general decline of imperialist capitalism especially in Europe and the growing interdependence of world capitalist economy, making the crisis appear almost simultaneously in every capitalist country, and becoming more acute in all its manifestations. It is caused by the immensely increased expansion of productive capacity due to technical application of science to the machinery of production, growing rationalization and speed-up. It is caused [by] the growing standing army of unemployed cast off from industry even during its "favorable" period when employment decreased despite the increase in production. It is further caused by the growing intensity of the struggle to reduce the working class standard of living as a whole through what is euphemistically called "reduction of the cost of doing business". These are some of the main factors in the present situation. In. SWABECK, Arne. Towards a Concrete Program of Action: The Communists and the Unemployment Crisis. *The Militant*, v. 4, n. 3, 1 fev. 1931, p. 04.

Os efeitos da crise econômica no EUA evidenciam uma provável evolução do desemprego e a formação de "um grande exército de desempregados permanente", colocando-se como um problema central para os comunistas. Verifica-se no país, sustenta Swabeck, uma verdadeira ofensiva capitalista diante de uma classe trabalhadora que reage defensivamente. Neste sentido, os capitalistas buscam socializar as perdas por meio da aceleração da produção, de cortes salariais e, ainda, incentivando a rivalidade entre trabalhadores desempregados e empregados. Não obstante, desenvolve-se uma perseguição significativa que resulta em prisões da vanguarda comunista. Para piorar a situação, evidencia-se o desenvolvimento de uma curva descendente no movimento operário estadunidense.¹⁷²

Em setembro do mesmo ano, Swabeck trata das perspectivas da Oposição de Esquerda quanto ao desenvolvimento da crise, em específico, das variantes que embasam a estratégia da CLA. Em primeiro lugar, ele reconhece que mesmo diante de uma crise geral, ainda existe espaços para expansão capitalista e, essa possibilidade, está relacionada às ações do proletariado e sua vanguarda que, todavia, "mostra grandes fraquezas em todo o planeta".¹⁷³

Assim, ele procura interrogar no artigo quais as bases de uma possível retomada do crescimento capitalista.

A lei do desenvolvimento desigual do capitalismo não permite, após a superação da fase aguda desta crise, a possibilidade de um revival empresarial que englobe todos os países. Mas este desenvolvimento muito desigual, que é mais pronunciado sob a época imperialista, sustenta precisamente a possibilidade de o poder mais forte emergir da crise, passando pela depressão ao renascimento, à custa do mais fraco.¹⁷⁴
(Tradução Nossa)

A maioria dos artigos da CLA desenvolvem essa linha de raciocínio acerca da crise no período, de sua possível superação à partir do aumento da exploração sobre a classe trabalhadora. Ou seja, o capitalismo estadunidense e mesmo o mundial pode se reerguer ainda mais forte desde que a classe trabalhadora pague

¹⁷² Idem.

¹⁷³ SWABECK, Arne. Problems of Our Perspectives. In. *The Militant*, v. 4, n. 23, 12 set. 1931, p. 03.

¹⁷⁴ The law of uneven development of capitalism holds no possibility, after the acute phase of this crisis is overcome, of a business revival comprising all countries. But this very uneven development, which is more pronounced under the imperialist epoch, holds precisely the possibility of the stronger power emerging from the crisis, passing through depression to revival, at the cost of the weaker. Idem.

pelos prejuízos. Ainda que seja prevista que tal recuperação deva alterar a correlação de forças entre os países imperialistas.

A CLA encampa a ideia de que existe espaço no globo para o capitalismo se desenvolver. De acordo com Swabeck, o fato de a maior parte da população terrestre ser formada por camponeses, "ainda engajados principalmente na economia natural", abre a possibilidade de transformá-los em produtores e consumidores sob o capitalismo e, portanto, continuar a sua expansão. Para tanto, ele parte da premissa de que a presente crise contém os fundamentos para uma recuperação do imperialismo ianque, visto que ela:

Libera enormes quantidades de capital líquido buscando novos campos de investimentos. Tais são encontrados principalmente nesses países economicamente atrasados, colônias e semi-colônias. O imperialismo norte-americano está novamente se recuperando dos primeiros choques do colapso do mercado de ações e da crise. Está se preparando para conquistar novos territórios. Sua arma mais importante será uma combinação de exportação de capital com exportação de bens, concessão de créditos de longo prazo e empréstimos definitivos para a compra de bens industriais.¹⁷⁵ (Tradução Nossa)

Mas o imperialismo ianque não está preocupado em apenas conquistar novos mercados para recuperar-se da crise, ele preocupa-se também com a manutenção de sua hegemonia mundial desde o final da I Guerra Mundial. É o que defende Swabeck:

O imperialismo americano venceu a guerra. Estabeleceu sua hegemonia mundial. Interveio na Europa em 1923 para derrotar o proletariado alemão e "estabilizar" o capitalismo alemão. Ele interveio novamente em 1931 para adiar a revolução alemã e colocar os parafusos na França. Está intervindo agora na Inglaterra. Nesse processo de intervenções, despejou milhões e milhões na Europa, porque sua hegemonia exige certa medida de "estabilidade" do equilíbrio capitalista. Embora tais investimentos de capital sejam feitos também para a promoção da exportação de bens, eles são, acima de tudo, destinados a fortalecer a hegemonia de Wall Street e, assim, servir constantemente para colocar cada uma das potências europeias em uma razão mais limitada na economia mundial.¹⁷⁶ (Tradução Nossa)

¹⁷⁵ releases enormous amounts of liquid capital seeking new fields of investments. Such are to be found primarily in these economically backward countries, colonies and semi-colonies. American imperialism is again gathering its breath from the first shocks of the stock market crash and the crisis. It is preparing to conquer new territories. Its most important weapon will be a combination of capital exportation with export of goods, granting of long term credits and outright loans for the purchase of industrial goods. Idem.

¹⁷⁶ American imperialism won the war. It established its world hegemony. It intervened in Europe in 1923 to defeat the German proletariat and "stabilize" German capitalism. It intervened again in 1931 to postpone the German revolution and to put the screws on France. It is intervening now in England. In this process of interventions, it has poured millions upon millions into Europe because its hegemony

As disputas imperialistas, desde então, desenvolvem-se a partir da hegemonia do capital financeiro estadunidense que, mesmo no epicentro da crise mundial, continua a pressionar outros Estados imperialistas para que desenvolvam suas ações a partir de sua cartilha. Em outras palavras, os EUA continuam a fazer lembrar do seu papel de credor dos Estados europeus no pós-guerra, ou seja, das dívidas contraídas essencialmente pela Europa. O entendimento da CLA, desta forma, é de que o imperialismo estadunidense continua a desempenhar na década de 1930 uma forma dominante em relação aos outros imperialismos.

A contração dos mercados e a crise que continua se desenvolver parte do entendimento da obra *Imperialismo* de Lenin, da concepção de que na época imperialista o capitalismo desenvolve-se ainda mais de forma desigual. É interessante destacar que essa ideia está relacionada a crescente socialização da produção entre as nações imperialistas e da intensificação das contradições do modo de produção capitalista no corrente contexto. Ainda que a CLA identifique o declínio da sociedade capitalista, resultado da crise, mas fundamentalmente do estágio de desenvolvimento capitalista, ela se ampara em Marx para sustentar que não necessariamente a presente crise seja definitiva. Portanto, prever que o imperialismo ianque continue em busca de novos mercados e evidenciar determinadas possibilidades de expansão capitalista pelo planeta significa, na prática, realçar a existência de possibilidade de uma recuperação. Ainda que para isto ocorrer, a socialização das perdas imperialistas se desenvolva às custas da classe trabalhadora, a partir de perdas salariais, de uma intensificação da racionalização da produção, de um nível de desemprego jamais visto no EUA , entre outros efeitos menos visíveis.

Outra constatação que merece destaque é a de que os trabalhadores mostraram-se acuados diante da ofensiva capitalista. Quando Swabeck percebe que o ano de 1930 ao invés de aumentar o número e a intensidade das greves teve o efeito contrário, fica evidente que a situação da classe trabalhadora no EUA demanda um trabalho significativo por parte da sua vanguarda proletária. Ou seja, existe um caminho de disputas sobre a narrativa da crise que deve ser disputado

demands a certain measure of “stability” of the capitalist equilibrium. While such capital investments are made also for the promotion of exportation of goods, they are above all designed to strengthen the Wall Street hegemony and thereby serve constantly to put each of the European powers on a more limited ration in world economy. Idem.

com a socialdemocracia e o campo reformista naquele momento. Do ponto de vista da CLA, ainda que atue como Oposição ao CPUSA, como realçado no capítulo anterior, ela mesmo vive um período de desaceleração, apresentando dificuldades de ampliar o seu trabalho.

Em *The Theory of Permanent Revolution and American Imperialism* a CLA reafirma a sua compreensão acerca da "posição dominante" do imperialismo estadunidense desde a I Guerra Mundial.¹⁷⁷ Também, ela evidencia a responsabilidade que essa condição coloca ao país e uma contradição que o EUA devem tentar resolver para manter o seu domínio, mas que não possui resolução:

A contradição entre produção socializada e apropriação capitalista, entre produção para um mercado mundial e fronteiras nacionais, está no fundo da contradição entre as responsabilidades internacionais e as necessidades internas dos imperialistas americanos. As responsabilidades internacionais do capitalismo americano só podem ser adequadamente cumpridas com base na solução das necessidades internas. Por outro lado, os imperialistas americanos só podem resolver as dificuldades internas que confrontam com base no capitalismo mundial.¹⁷⁸ (Tradução Nossa)

Conforme a CLA, esta contradição "no fundo" é a mesma que desencadeou a I Guerra Mundial, apresentando-se, contudo, em proporções mais amplas, "colocando em risco o proletariado do mundo e a União Soviética".

Do ponto de vista dos interesses imperialistas do EUA, a CLA sustenta que o problema central que ele se depara diz respeito a questão da "re-divisãoda terra" e cada atraso em solucionar esse problema "amplia as perspectivas da extensão da Revolução de Outubro, da revolução social". Não obstante, cada passo em direção "à solução do problema da re-divisão" movimenta "as forças da revolução social". A conclusão de tal entendimento resulta na ideia de que na atualidade o capitalismo encontra-se em um estágio de decadência.¹⁷⁹

Embora o estágio de decadência não possa ser solucionado pelo capitalismo, os trotskistas entendem que ele pode ser prolongado pelas forças imperialistas, através da obtenção de mercados, do estabelecimento do fascismo na Alemanha e

¹⁷⁷ *The Theory of Permanent Revolution and American Imperialism*. In. *The Militant*, v. 5, n. 34, 20 Ago. 1932, p. 04.

¹⁷⁸ The contradiction between socialized production and capitalist appropriation, between production for a world market, and national boundaries, lie at the bottom of the contradiction between the international responsibilities and internal needs of the American imperialists. The international responsibilities of American capitalism can only be properly fulfilled on the basis of the solution of the internal needs. On the other hand, the American imperialists can only solve the internal difficulties confronting than on the basis of world capitalism. Idem.

¹⁷⁹ Idem.

da destruição da União Soviética, assim como, pela "inação da vanguarda proletária" e das principais forças imperialistas. A *Revolução Permanente*, por conseguinte, passa a ser considerada pela Oposição de Esquerda como o problema central tanto para os capitalistas quanto para os comunistas. Enquanto os primeiros devem derrotá-la, para os segundos, trata-se de compreendê-la e aplicá-la. Neste sentido, a CLA define a teoria da revolução permanente como "*o desenvolvimento da revolução de país para país, em suas inter-relações*, independentemente dos fluxos e refluxos, PERMANENTES até que os problemas de classe do proletariado sejam RESOLVIDOS"^{180, 181}.

Depois de citar Lenin e Trotski, a CLA evidencia que ambos caracterizaram a ocorrência da Revolução Russa de 1917 justamente no "elo mais frágil da cadeia capitalista" e que, após ela, outros elos frágeis ficaram visíveis, tais como, na Alemanha em 1918, na Hungria, na Finlândia, na Bulgária e na Alemanha em 1923, e, também, na China em 1927. Estas ocasiões, contudo, foram derrotadas, diante de "situações objetivas favoráveis" e equívocos políticos, sobretudo, dos stalinistas desde 1923.¹⁸²

Interessa demonstrar como a CLA entende o papel do imperialismo ianque relacionado a teoria da revolução permanente. Para ela, a partir derrota da revolução alemã de 1923, "o dólar americano sustentou o capitalismo decadente". Levando em consideração que o EUA se tornaram o elo mais forte do capitalismo mundial, ele é compreendido pela CLA como "o dínamo do sistema de reação" que intervém "em todas as lutas de classes entre exploradores e explorados". Diante deste quadro, a CLA defende que a extensão da Revolução de Outubro torna-se fundamental para o conjunto da classe trabalhadora internacional, pois ela significa uma luta contra suas respectivas burguesias nacionais, o combate ao capitalismo mundial e a pressão econômica do imperialismo ianque. Em um contexto de crise na economia mundial, de "colapso do capitalismo", os trotskistas sustentam que os imperialistas intervêm em apoio das burguesias que se encontram no elo frágil da cadeia capitalista. Contudo, esta política "só se torna efetiva quando a vanguarda

¹⁸⁰ The *development of the revolution from country to country, in their interrelationship*, regardless of ebbs and flows, PERMANENT until the class problems of the proletariat are SOLVED.

¹⁸¹ Idem.

¹⁸² Idem.

do proletariado não apresenta uma política baseada em uma teoria revolucionária marxista".¹⁸³

Decorre dessa situação, o entendimento da CLA de que "o imperialismo americano" intervém como "o baluarte contra a extensão da Revolução de Outubro". Somado a essa questão, a Oposição sustenta que o stalinismo e a teoria do socialismo num só país torna-se um problema para a ação política dos partidos comunistas, sufocando a luta para a "extensão da Revolução de Outubro". A partir dessas considerações, a CLA conclui que:

Ampliar a Revolução de Outubro significa entender a relação do imperialismo americano com o capitalismo mundial e a economia mundial. Estender a Revolução de Outubro significa rejeitar a teoria revisionista stalinista do socialismo em um país e tudo o que flui dela. Ampliar a Revolução de Outubro significa, em primeiro lugar, armar a vanguarda com a teoria marxista da Revolução Permanente.¹⁸⁴

A evolução do quadro político do período entreguerras evidenciou novos desafios para o imperialismo ianque. Para o WP, o crescente perigo de uma nova guerra mundial, oriunda de conflitos relativos à re-divisão de mercados e territórios, é cada vez mais uma realidade a qual o EUA deverão lidar.

Em fevereiro de 1936, o WP repercute a Mensagem Anual do presidente Roosevelt ao Congresso do país, na qual identifica uma abordagem que opõe uma Europa devastada pelo guerra e dominada por regimes totalitários em oposição a uma América pacificada e feliz. Os trotskistas recordam que a imagem de Roosevelt esquece intencionalmente de uma série de distúrbios que se desenvolve pela América Central e do Sul, como guerras, revoluções e golpes autoritários.¹⁸⁵

Questiona-se a mensagem do presidente dos EUA, a intenção de criar uma "Liga Americana das Nações", devido a orientação de realizar uma Conferência, ou a de realizar tratados gerais que garantam a paz nos dois continentes ou a de revisar a Doutrina Monroe, a partir de uma declaração multilateral. Neste sentido, o WP sustenta que governo adota uma política de reafirmação do seu domínio sobre o

¹⁸³ Idem.

¹⁸⁴ To extend the October revolution, means to understand the relation of American Imperialism to world capitalism and world economy. To extend the October revolution means to reject the Stalinist revisionist theory of socialism in one country and all that flows from it. To extend the October revolution means in the first place, to arm the vanguard with the Marxian theory of the Permanent Revolution. Idem.

¹⁸⁵ U.S. Imperialism at Work Roosevelt Carves a Latin American Empire. In; New Militant, v. 2, n. 7, 15 Fev. 1936, p.0 4.

"Novo Mundo" na medida em que vê a guerra se aproximando. E procura fazer isso utilizando-se "a crise de guerra".¹⁸⁶

Em outubro de 1938, o SWP repercute a VIII Conferência Pan-Americana que será realizada no Peru a partir de 9 de dezembro e o objetivo do EUA em estender a política da boa vizinhança para assegurar a sua supremacia sobre toda a América Latina. Neste sentido, o imperialismo yanque detecta uma grave possibilidade de perder este mercado.¹⁸⁷

No artigo publicado pelo jornal *Socialist Appeal*, Albert Goldman sustenta que os EUA necessitam preservar o seu domínio sobre a América, visto que encontra dificuldades de acessar o mercado do Extremo Oriente, diante da "marcha vitoriosa dos exércitos japoneses". Também, ele identifica que setores capitalistas do "meio oeste" do país defendem uma "concentração exclusiva" sobre a América Latina. O trotskista também identifica que o imperialismo yanque encontra uma crescente concorrência com a Alemanha e o Japão na região e, para frear esse avanço, ele passa a exigir o desenvolvimento de uma cooperação ativa dos países a ele alinhados, com o intuito de frear os seus concorrentes.¹⁸⁸ Portanto, na medida em que o conflito armado mostra-se iminente, o EUA procuram preservar seus interesses sobre o conjunto da América Latina e, concomitantemente, aumentam a pressão sobre os países do continente.

Um ano depois, com o início da II Guerra Mundial, o SWP aborda "A Declaração do Panamá" do presidente Roosevelt, por meio de um artigo de James Burnham para o *Socialist Appeal* que trata sobre a extensão da "zona neutra", demarcada entre 300 e 600 milhas para o oceano, envolvendo as margens da América, "da latitude da fronteira sul do Canadá até a última ponta da América do Sul". Por conseguinte, todos os atos beligerantes ficam proibidos dentro destes limites.¹⁸⁹

De acordo com Burnham, os interesses do imperialismo do EUA procuram prejudicar os interesses comerciais sobretudo da Alemanha, mas que também afeta a Grã-Bretanha. Para ele, o EUA não objetivam evitar o declínio do Império Britânico, nem "socorrer as democracias", visto que o país procura "conquistar um

¹⁸⁶ Idem.

¹⁸⁷ GOLDMAN, Albert. Yankee Imperialism Plays for Big Stakes at Lima. In. *Socialist Appeal*, v. 2, n. 53, 10 Dez. 1938, p. 01.

¹⁸⁸ Ibid, p. 01, 04.

¹⁸⁹ BURNHAM, James. The Declaration of Panama – Roosevelt Drives to War. In. *Socialist Appeal*, v. 3, n. 77, 10 Out. 1939, p. 01.

domínio mundial decisivo para o capital financeiro dos Estados Unidos contra todos os rivais".¹⁹⁰

No que se refere à América Latina, Burnham alega que a Declaração do Panamá coloca a possibilidade do EUA se portarem como o "policia das Américas", quando propõem "monopolizar o controle econômico, social e, indiretamente, pelo menos, político dos dois continentes do Novo Mundo". Portanto, com o início da II Guerra, o imperialismo ianque procura "estabelecer um domínio incontestável sobre a América Latina". Este, assegura Burnham, foi garantido com a formação de um Comitê Executivo com sede em Washington, assegurando que os seus interesses sejam satisfeitos.¹⁹¹

Pode-se afirmar, desta feita, que os trotskistas no EUA partem de uma compreensão acerca do imperialismo ianque que, diante de uma depressão econômica e crise social duradoura, procura na década de 1930 solucioná-las em larga medida a partir da re-divisão de mercados e territórios. Não obstante, a América Latina recebe uma intensa pressão para que se alinhe aos interesses do EUA, estes ampliados na medida em que a II Guerra Mundial se torna uma realidade.

Ainda, no EUA, os trotskistas identificam o imperialismo ianque como o principal inimigo da classe trabalhadora do continente americano, um inimigo para o desenvolvimento de novas revoluções. Essa percepção se coaduna com a ideia de que o imperialismo não aceitará novas irrupções revolucionárias onde mantenha seus interesses, seja na Europa, na Ásia ou na América. A teoria da revolução permanente identifica o imperialismo do EUA, portanto, como um elo sólido do modo de produção capitalista, corroborando para a ideia de uma classe trabalhadora ideologicamente atrasada e alheia a uma serie de condicionamentos que expressam esse atraso.

O predomínio do imperialismo ianque sobre o Brasil foi evidenciado no subtítulo anterior, no "Esboço...", portanto, os trotskistas brasileiros percebem a hegemonia dos EUA após a I Guerra Mundial, uma visão que coincide em linhas gerais com a dos trotskistas estadunidenses.

¹⁹⁰ Ibid, p. 01-02.

¹⁹¹ Idem.

A pressão imperialista, inclusive, é apresentada como um dos fatores que influencia a crescente necessidade de centralização do poder estatal. De acordo com Pedrosa e Xavier, ela se desenvolve junto de outras questões particulares:

A extensão territorial; a fraca densidade populacional; sua agricultura industrializada, graças ao caráter especial da produção; a ausência de renda fundiária, que ocasiona a confusão entre o proprietário de terra e o proprietário da exploração agrícola; o desenvolvimento desigual do capitalismo; a divisão da política que legaliza a supremacia dos Estados mais fortes sobre os mais fracos; o imposto industrial progressivo e a pressão imperialista.¹⁹²

O desenvolvimento industrial e a intervenção do capital ianque, neste sentido, foram fatores de aceleração desse processo de reforço do poder estatal que, por sua vez, se adapta aos interesses de uma burguesia nacional, "na razão direta de sua centralização".¹⁹³

Desta situação, depreende-se uma flagrante contradição no país, "entre a necessidade imperiosa de centralização e a forma política federativa", ou seja, identifica-se a existência de "um processo econômico que exige a centralização" e a de "uma formação histórica que exige a federação", entendida "como condição da unidade nacional". Por conseguinte, Pedrosa e Xavier defendem que o desenvolvimento capitalista dos Estados brasileiros, além de São Paulo, como Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Paraíba, torna natural que os partidos dominantes desses Estados desejem participar cada vez mais da "gestão do aparelho do governo central". O fato de o poder estatal permitir o domínio de um partido "quase completo" evidencia uma burguesia nacional "condenada a ceder o controle político à ação internacional imperialista", que se mostra historicamente incapaz de intervir coletivamente como classe. Para os dirigentes trotskistas, tem-se, portanto, uma burguesia nacional cindida por interesses regionais diversos, com distintas frações de classe.¹⁹⁴

Deve recordar que o "Esboço..." de Pedrosa e Xavier foi redigido à luz da chamada Revolução de 1930, quando a Aliança Liberal deflagrou um golpe de Estado que instituiu o Governo Provisório, sob a liderança do político gaúcho Getúlio Vargas. Em janeiro de 1931, a Comissão Executiva Provisória da Liga Comunista

¹⁹² PEDROSA & XAVIER, Op. cit, p. 70-71.

¹⁹³ Ibid, p. 71

¹⁹⁴ Ibid, p. 71-72.

publica em *A Luta de Classe* uma análise desse episódio recente da política brasileira.

A perspectiva do documento "Aos Trabalhadores do Brasil" evidencia a fragilidade do partido dominante da burguesia paulista, o Partido Republicano Paulista, durante a Crise de 1929. Afetada por uma queda significativa das exportações de café, a LC constata que o PRP teve de ceder o poder, "pelo pronunciamento das forças armadas", para as forças resultantes dos três Estados que conformaram a Aliança Liberal, RS, MG e PB. Estes, que, por sua vez, "em nome da unidade nacional em perigo", reivindicaram o controle do governo federal. Ironicamente, a LC constata que "a burguesia do Rio Grande do Sul, esquecida das suas tendências separatistas, fez-se, assim, campeã da unidade nacional... sob a sua hegemonia política".¹⁹⁵

Para a LC, a burguesia gaúcha, assentada sob a "policultura", "a pecuária e indústrias correlatas", realiza esse movimento para "assegurar mercados internos para a sua produção". Com o intuito de satisfazer os seus interesses de classe, demagogicamente, ela propõe uma reforma tarifária sob a fraseologia do "nacionalismo econômico" e do "barateamento da vida" para encontrar guarida nas "classes médias e proletárias".¹⁹⁶ Por outro lado, apeada do poder, a burguesia paulista, "apavorada pelo desenvolvimento da crise econômica", abdica do poder e procura "lançar o fardo das explorações não lucrativas sobre os ombros do colono", assegurando que deste modo o Estado honre o pagamento dos juros da dívida e satisfaça o capital financeiro internacional. Neste sentido, a LC prevê novos empréstimos que ligarão "os interesses da burguesia nacional aos da burguesia imperialista".¹⁹⁷

Na verdade, a LC constata que a chamada Revolução de 1930 não manteve tão somente a unidade nacional, mas garantiu "a unidade burguesa do Brasil" e a "centralização do poder político", "sob a forma de ditadura militar manifesta ou mascarada" em relação "as massas exploradas e oprimidas". E a manutenção dessa unidade deve levar em consideração o desenvolvimento desigual das forças produtivas nos diferentes Estados da Federação, diante de uma aceleração do seu processo de desagregação devido a "invasão do capital financeiro internacional".

¹⁹⁵ Aos Trabalhadores do Brasil. In. ABRAMO&KAREPOVS, Op. cit, p. 54-55.

¹⁹⁶ Ibid, p. 55-56.

¹⁹⁷ Ibid, p. 56.

Assim, a vitória da Aliança Liberal é entendida como fundamento necessário para a preservação do "acordo geral da burguesia", estabelecido "à custa de uma opressão maior das classes pobres, reduzidas às mais duras condições de vida". Tal acordo, é compreendido como "a última forma conciliatória entre a centralização do Estado , processo econômico de desenvolvimento capitalista, e a forma federativa, garantia da unidade política".¹⁹⁸ Neste sentido, a centralização e unidade política tornam-se possível devido:

A falência financeira do Estado, a redução das reservas de ouro, como efeito da política monetária perreipista, a crise econômica da superprodução agrária e industrial, [que] agravarão o grau de dependência do Estado brasileiro à economia mundial imperialista.¹⁹⁹

Essa dependência econômica evidencia uma dependência política em relação aos "grandes países imperialistas", o que impede a burguesia nacional de garantir suas "promessas democráticas". A democracia burguesa na fase imperialista do capitalismo é definida pela LC como uma "mistificação". Essa questão é ilustrada pela relação estabelecida com a classe trabalhadora de São Paulo:

A "liberdade" em São Paulo, "decretada" por João Alberto, acolitado por Miguel Costa, passou no rápido espaço de um mês - de autorização ampla de organização sindical, ao cerceamento do direito de greves; do direito de associação, à censura à imprensa, à oficialização da presença de agentes da polícia nas reuniões sindicais, à repressão sistemática de qualquer tentativa de greve; da "legalização" do Partido Comunista e das declarações oficiosas favoráveis ao reconhecimento da URSS, à prisão de militantes operários e à vigilância exercida sobre os "suspeitos" de comunismo.²⁰⁰

Dessa forma, a LC acaba refutando qualquer lastro progressista do novo governo saído do golpe de Estado capitaneado pela Aliança Liberal, evidenciando o grau de dependência da burguesia nacional em relação ao imperialismo e o seu esforço para preservar o acordo geral entre suas frações de classe, garantindo assim a centralização e a unidade política sob a sua liderança.

Em junho de 1937, o Comitê Central do Partido Operário Leninista lançou o documento "A Situação Nacional", no qual tratou do desenvolvimento político brasileiro desde o golpe de Estado de 1930 até a conjuntura eleitoral que antecedeu

¹⁹⁸ Ibid, p. 57.

¹⁹⁹Ibid, p. 57-58.

²⁰⁰Ibid, p. 59.

o Estado Novo. No documento, o POL analisou a evolução da posição da burguesia e do proletariado brasileiro.

No primeiro ponto do documento referente à burguesia, o POL sustentou que "as contradições econômicas e políticas" que efetivaram o poder da Aliança Liberal foram liquidadas. Diante de uma "ascensão das forças produtivas nacionais", a partir de 1933 e 1934, surgiram "novas camadas de pequenos proprietários e lavradores pobres (sobretudo em S. Paulo)", além da tendência de separação da burguesia agrária, dividida, cada vez mais, entre latifundiários, que praticam a agricultura extensiva, e "novos proprietários e lavradores, partidários da agricultura intensiva, e principais portadores do capitalismo para o campo", evidenciando, portanto, o advento de "novas camadas burguesas" por meio de um "processo de transição da monocultura para a policultura". Por conseguinte, o POL identifica uma mudança do "regime de propriedade", com o parcelamento da grande propriedade" e a crescente tendência de "delimitação dos interesses da burguesia agrária, subordinada "ao alargamento dos mercados externos", e os da burguesia industrial, que, por sua vez, procura "criar e ampliar os mercados internos". Não obstante, ele demarca essa tendência pelo "crescimento ininterrupto" da "industrialização". Neste biênio, o POL sustenta que o crescimento das forças produtivas efetivou-se sobretudo pela ampliação dos mercados internos. Contudo, a partir de 1935, ele evidencia que a recuperação do comércio exterior propiciou "um aumento vertiginoso" na exportação de matérias-primas, sendo que em 1936, inclusive, estas superam "os números de 1930".²⁰¹

Esta situação acaba colocando as forças produtivas do país "em direções opostas", contrapondo os interesses relativos a produção interna à produção exterior. Neste sentido, "a fraca capacidade produtora do conjunto do aparelho de produção não permite que as exigências dos dois mercados possam ser satisfeitas ao mesmo tempo".²⁰²

De acordo com o Comitê Executivo do POL:

O aparelho produtivo do Brasil não está preparado para atender, ao mesmo tempo, à extraordinária reanimação dos mercados exteriores e às exigências crescentes do mercado interno. A existência deste, por sua vez,

²⁰¹ A Situação Nacional. In. ABRAMO & KAREPOVS, Op. cit, p. 292-293.

²⁰² Ibid, p. 293.

impede que a marcha das forças produtivas retome a direção unilateral do passado.²⁰³

A partir daí, constata-se um impasse que tomou conta das "forças produtivas em expansão" cuja repercussão se fará presente nas eleições presidenciais de 1936. Naquele contexto, o POL identificou a candidatura de Armando de Sales como representante do capital financeiro internacional, a de José Américo como porta voz do imperialismo ianque e, a de Plínio Salgado, como representante do imperialismo alemão.²⁰⁴

Meses depois, após a consumação do golpe bonapartista que suspendeu as eleições e garantiu a continuidade do poder de Getúlio Vargas, o POL avaliou a campanha presidencial inconclusa por este desfecho opondo "a burguesia industrial e os representantes da cultura intensiva", defensores da candidatura de Armando de Sales, e "os latifundiários de S. Paulo e do Nordeste", estes, "personificados ocasionalmente na figura de José Américo".²⁰⁵

Sobre a candidatura do último, o POL sustentou que o candidato:

que levava a pecha do apoio do Catete e representava os elementos mais fracos e atrasados da burguesia, lançou mão da demagogia e procurou-se apoiar-se em um amplo movimento de massas. À medida que a massa corria aos comícios de José Américo, agravavam-se rapidamente as contradições internas no campo dos elementos apolíticos que o apoiavam.²⁰⁶

Os trotskistas identificaram uma candidatura que apresentava apoios contraditórios, como o das "massas trabalhadoras e o dos elementos mais reacionários da burguesia", resultando em uma oscilação de José Américo, "entre a demagogia mais desbragada e as declarações de fidelidade às forças políticas". Logo, sustenta o POL, o candidato "passou a ser um joguete nas mãos de Getúlio", que, amparando-se no Integralismo, no grande número de oficiais do exército e nas forças políticas pró-EUA, forjou um documento atribuído à *Comintern*, o *Plano Cohen* e desferiu um golpe de Estado "à sombra do estado de guerra".²⁰⁷

A burguesia nacional "mais avançada", organizada na União Democrática Brasileira (UDB), "votou contra o estado de guerra", mas não o desmascarou,

²⁰³ Ibid, p. 294.

²⁰⁴ Ibid, p. 299, 306.

²⁰⁵ O Golpe de Estado Bonapartista. In. ABRAMO&KAREPOVS, Op. cit, p. 351.

²⁰⁶ Idem.

²⁰⁷ Ibid, p. 352-353.

preferindo apelar para as forças armadas, estas "visivelmente mancomunadas com Getúlio e conscientes do papel que iam desempenhar". Em outras palavras, o POL acusa a UDB de fazer "o jogo de Getúlio". Ainda, os líderes pequeno burgueses que aconselharam a classe trabalhadora para que esse não realizasse greves debandaram, agindo como fator de impedimento da organização e da luta dos trabalhadores. Mesmo o stalinismo, que no processo serviu como "cabo eleitoral de José Américo" foi o responsável por uma política confusionista.²⁰⁸ O stalinismo é acusado pelos trotskistas de "preparar ideologicamente o terreno para o golpe de Getúlio", em síntese:

O stalinismo, amarrando as massas ao carro da burguesia, perdeu completamente a visão dos problemas e ficou impotente em face do avanço brusco e para ele inesperado da reação. Não tentou mobilizar as massas para uma ação concreta contra o golpe de estado e o estado de guerra e continuou confiando na burguesia nacional, no imperialismo "democrático" e no exército "popular", que não permitiriam a instauração de um regime fascista no Brasil.²⁰⁹

Depois de constatar os equívocos da política stalinista no processo eleitoral que antecedeu o golpe de Estado, o POL reconheceu a sua incapacidade de modificar o curso dos acontecimentos, apesar de evidenciar que desde o primeiro momento lutou pela candidatura de Luis Carlos Prestes e contra "as ilusões sobre a 'democracia' de Armando de Sales e José Américo". Para os trotskistas, "a luta oficial contra o integralismo era um simulacro, uma farsa cínica", pois a luta contra a reação deveria ser levada adiante pelos "trabalhadores organizados e com consciência de classe".²¹⁰

De todo modo, o golpe de Estado bonapartista que instituiu o Estado Novo, de acordo com o POL, contou com o apoio de "três forças heterogêneas", a saber, "o da fração mais reacionária do exército", "o integralismo" e "as forças políticas que apoiavam a candidatura de José Américo", salvo algumas exceções. Destas forças, ele reconhece que o integralismo era a única que contava com "alguma base de massa". Neste sentido, apesar de certo protagonismo nos momentos que antecederam o golpe de Estado em 10 de novembro de 1937, depois de sua consumação foi "completamente afastado do poder".²¹¹

²⁰⁸Ibid, p. 354.

²⁰⁹ Idem.

²¹⁰Ibid, p. 355.

²¹¹Ibid, p. 356-357.

A explicação do POL para a exclusão do integralismo do centro de poder do Estado Novo estava alicerçado quatro pontos: a) na ausência de resistência ao golpe e, conseqüentemente, na falta de necessidade em mobilizar "a tropa de choque do sigma" e na negativa de Getúlio em compartilhar o poder com Plínio Salgado; b) na tentativa de agregar uma parte da pequena burguesia ao seu projeto de poder, inclusive a aliancista, com o intuito de "disfarçar até certo ponto o caráter fascista do 'Estado Novo', instituído pela nova 'constituição'"; c) "a dependência da economia brasileira do imperialismo (principalmente do americano e do inglês)", pois a inclusão do integralismo na partilha do poder poderia afetar "às relações com os Estados Unidos e a Inglaterra"; d) "Getúlio estava interessado em que a transição se desse do modo mais suave possível", considerado pelo POL como algo impossível caso o integralismo estivesse junto do novo governo.²¹²

Ainda, como se pode perceber a análise do POL acerca do imperialismo traz uma nova percepção, na qual o imperialismo ianque perde o seu traço hegemônico e passa a disputa espaços com o imperialismo inglês. Neste sentido, tem-se uma mudança em relação às análises do início dos anos 1930 e uma percepção distinta daquela dos trotskistas estadunidenses que evidenciam o imperialismo do seu país como hegemônico em particular na América Latina, inclusive no Brasil. Recorda-se que estes condicionaram a luta contra o imperialismo ianque como uma luta que deveria unir a classe trabalhadora de todo o continente para a sua libertação, pois esse não abriria mão de seus interesses.

Conforme o POL, logo após o golpe bonapartista, coube a Getúlio, na falta de um apoio sério da burguesia e de um amplo movimento de massa que o apoiasse, "convencer a burguesia a entregar os seus destinos em suas mãos" e, através de "medidas de caráter demagógico", procurar apoio entre parcelas da pequena burguesia e da própria classe trabalhadora. No que se refere ao imperialismo ianque e inglês, Getúlio também não demorou em procurar acalmá-los. Depois da outorga da nova constituição, diante da inquietação do imperialismo:

Getúlio se apressou em tranquilizar os seus amos e assegurar-lhes que não pretendia se rebelar de modo algum contra eles. Explicou direitinho a questão das dívidas externas e assegurou que se tratava apenas de um "estado novo" ou "forte" - de modo algum fascista. A censura se encarregou

²¹²Ibid, p. 357-358.

de impedir toda e qualquer notícia interna ou externa que qualificasse o golpe reacionário de outro modo que "estado novo" ou "estado forte".²¹³

Deste modo, o Estado Novo, de acordo com os trotskistas, continuou a orbitar os interesses do imperialismo ianque e inglês, ou seja, mantendo a dependência da burguesia nacional e, conseqüentemente, do Estado brasileiro ao capital financeiro internacional.

Conclui-se que os trotskistas tanto no Brasil quanto no Estados Unidos buscaram evidenciar o desenvolvimento econômico e político de seus respectivos países na época imperialista, visualizando os desdobramentos do capital financeiro em suas distintas formações sociais. Enquanto os primeiros interpretaram o Brasil como um país semicolonial, de capitalismo retardatário, de uma burguesia fracionada e dependente do capital financeiro e internacional. O segundo visualizou no capitalismo avançado do seu país um novo papel que este passaria a desempenhar, a partir do final da I Guerra Mundial, o de uma força dominante do capital financeiro internacional. E mais, os trotskistas também procuraram entender como o imperialismo do EUA lidaria com a crise de 1929 e o significado político das saídas encontradas, evidenciando a re-divisão de mercados como uma forma de debelar a crise e, diante das dificuldade de ampliar seus domínios sobre outros continentes em fins dos anos 1930, a aposta do presidente Roosevelt de reforçar a hegemonia do seu país sobre o conjunto do continente americano.

²¹³Ibid, 359-361.

CAPÍTULO 03

A AGÊNCIA TROTSKISTA E OS MUNDOS DO TRABALHO NO BRASIL E NOS ESTADOS UNIDOS

A pesquisa sobre agência trotskista e o mundos do trabalho na década de 1930 evidenciaram uma série de questões para o desenvolvimento desta tese. Quando levamos em consideração o espaço e parte do objeto que a tese procura enfrentar, o Brasil e os Estados Unidos, estas questões tem as suas dimensões ampliadas. Em um primeiro olhar, as diferenças parecem flagrantes. E o leitor poderá percebê-las. Contudo, quando aproximamos nosso olhar para questões relativas ao movimento sindical, a existência de similaridade, sob determinadas proporções, são evidentes.

Fundamentalmente, o terceiro capítulo procura trazer estas questões tendo como objeto o movimento trotskista dos referidos países. Isto significa estabelecer uma série de conexões com o movimento sindical e político ao qual pertencem, identificando a sua forma de ação, a sua caracterização e consequentes movimentações, em especial, nos anos 1930. Para tanto, o corrente capítulo foi dividido em dois momentos, o primeiro, que procura evidenciar os diferentes contextos em que os trotskistas se movem, diante da legislação do trabalho nos respectivos países; e, o segundo, que objetiva problematizar a tática dos trotskistas, ou seja, as ideias e formas de ação para o movimento operário e político.

3.1 Os trotskistas e os mundos do trabalho

O Brasil dos anos 1920 desenvolve-se a partir de um "modelo econômico primário-exportador", fundamentado por uma política econômica atrelada aos "interesses da oligarquia paulista" e sua política de "valorização do café". Conforme Chico Oliveira, liderado "por uma poderosa oligarquia liberal e fortemente industrializante", o Estado brasileiro, contudo, já apresenta traços do intervencionismo estatal que marcariam as décadas seguintes. A "questão social", tratada pelo Estado como "caso de polícia", demandava outro tipo de tratamento e

expunha a existência de "um modelo político anacrônico", que ao final da década chegava ao fim. (OLIVEIRA, 2018, p. 43)

Concordando com Felipe Demier, o fim da Primeira República pode ser explicado pelo desenvolvimento dos "processos de urbanização e industrialização" nas décadas de 1910-20. Neste contexto, ocorre "a emergência gradativa, na cena social e política, de novos setores urbanos, como o operariado fabril, as classes médias e a burguesia industrial", responsável pela corrosão do poder oligárquico, cada vez mais incompatível com a crescente modernização capitalista no país. (DEMIER, 2013, p. 60) Conjuntamente, os trabalhadores percebem a exploração ao qual estão submetidos e identificam os seus "interesses comuns" e, também, "os interesses a eles opostos, o dos patrões". Conforme Marcelo Mattos, "foi em meio a este conflito típico da sociedade capitalista que os trabalhadores constituíram-se como classe". (MATTOS, 2003, p. 08-09)

Consequência dessa série de desenvolvimentos, o Brasil da década de 1920 expõe uma série de turbulências, novidades políticas e culturais que evidenciam a corrosão do domínio oligárquico capitaneado pelos paulistas. A fundação do Partido Comunista do Brasil (PCB) e a Semana de Arte Moderna em 1922, os levantes tenentistas de 1922, 1924 e 1925-27 e o surgimento das dissidências oligárquicas exemplificam a questão.

Todavia, o fator decisivo para o fim da Primeira República ocorreu com o *crash* da bolsa de Nova York em outubro de 1929, quando a "economia essencialmente agroexportadora", profundamente debilitada, afetou a dominação paulista, instaurando uma "crise de hegemonia" entre as classes dominantes. (DEMIER, Op. cit, p. 61)

Segundo Demier, "o regime político *exclusivista*" da burguesia cafeeira paulista:

Sob o impacto da crise de 1929, decidiu-se pela saída de sempre: preservar sua imagem de lucratividade por meio de mais uma política estatal de "salvação" do café, deixando ao restante da sociedade o ônus da crise. Todavia a já mencionada emergência de novos sujeitos sociais urbanos, os quais (voluntária ou involuntariamente) pressionavam as herméticas estruturas do regime, impediu que, mais uma vez, tudo fosse solucionado como antes - de certa forma, as crescentes contendas entre Washington Luís e a burguesia cafeeira refletiram essa situação (o início, talvez, de uma "crise orgânica" da classe dominante, no sentido de uma ruptura política entre representantes e representados). (Ibid, p. 68)

Depreende-se desta concepção, a ideia de que este desenvolvimento colocou para o conjunto das classes dominantes a necessidade de estabelecer uma "outra forma de dominação político-social" que pudesse dar conta das "novas forças sociais". Esta situação, define Demier, decretou a falência da "forma de dominação *pré-hegemônica*", dando lugar a uma "crise de hegemonia", levando em consideração que nenhum grupo social existente podia definir a contenda. (Ibid, p. 68-69)

O golpe de Estado em outubro de 1930 sinalizou, portanto, a retirada do poder da burguesia cafeeira paulista. Sem o apoio da burguesia industrial, a Aliança Liberal, apoiada por segmentos do movimento tenentista lançou-se à luta pelo controle do Estado com o objetivo de romper o "exclusivismo econômico cafeeiro". Com o poder em suas mãos, entretanto, esta não se comportaria "na qualidade de representantes oligárquicos". (Ibid, p. 73-74)

A "crise de hegemonia" faz com que Getúlio Vargas governe pela "preservação da ordem capitalista". É o que explica Demier:

Nas condições de uma já mencionada crise de hegemonia , em que nenhum dos setores da classe dominante possuía capacidade de dirigir politicamente uma nação burguesa agora potencialmente ameaçada pela aparição das massas populares, o novo grupo governante, encabeçado por Vargas, se colocaria acima dos diversos interesses particularistas das frações dominantes, com o objetivo primeiro de assegurar a preservação da ordem capitalista. (...) Com o início do Governo Provisório de Vargas (1930-1934), manifestava-se, assim, pela primeira vez na história brasileira, o fenômeno político do bonapartismo. Tinha início, portanto, uma forma de dominação política indireta da burguesia sobre o restante da nação.(Ibid, p. 74)

O Governo Provisório de Vargas operou mudanças significativas na sociedade brasileira. Na política econômica, ele reorientou paulatinamente "investimentos e prioridades para o setor urbano-industrial" sem, contudo, romper com "a grande lavoura". (MATTOS, Op. cit, p. 11)

Por outro lado, os EUA desenvolveram uma trajetória muito distinta nas três primeiras décadas do século XX. Marcado pelo fortalecimento do capital financeiro, uma realidade incontestável no pós-guerra, e por um crescimento vertiginoso de sua produção industrial e agrícola, o país tornou-se credor e exportador da Europa. Contudo, o movimento operário foi duramente atingido no decorrer da I Guerra por meio de prisões, linchamentos e assassinatos, em especial, de militantes do *Socialist Party Of America* (SPA) e do *Industrial Worker Of World* (IWW). Enquanto

isso, a *American Federation Of Labor* (AFL) alinhava-se à política do presidente Woodrow Wilson. (COGGIOLA, 2000, p. 111-112)

As classes dominantes levaram adiante seu projeto de "limpar", o movimento operário estadunidense. Neste momento, Osvaldo Coggiola evidencia que:

"O wilsonismo" se transformó así, como dice Arno Mayer, en la gran arma "democrática" para evitar la expansión de la revolución soviética; la primera experiencia de utilización de una política "democratizante" a escala mundial para contenerla "revolución comunista". (Ibid, p. 113)

No período, a classe trabalhadora estadunidense ficou marcada pela presença massiva de estrangeiros e conseqüentemente mostrou-se "heterogênea", permeada "pelos aspectos étnico, linguístico, religioso e cultural". Para Coggiola, o "caráter estrangeiro" da classe trabalhadora está relacionado em suas raízes ao papel mundial do capitalismo estadunidense. Segundo o autor, a classe trabalhadora contava às vésperas da I Guerra Mundial com um percentual de 60% da sua mão de obra de origem estrangeira. Esta situação, inclusive, serviu como elemento às teses que propugnavam a incompatibilidade histórica dos EUA para o socialismo, além do argumento que lega a desunião étnica uma responsabilidade pela percepção do radicalismo como um fenômeno estranho. (Ibid, p. 114-115)

De todo modo, a situação do movimento operário em fins da década de 1910 é de crise. Uma crise que afeta inclusive a AFL, até pouco tempo atrás desempenhando um papel importante no governo Wilson. A partir de 1920, o retrocesso da AFL é notável, com uma perda significativa de afiliados a cada ano. Paralelamente, as greves foram diminuindo sensivelmente evidenciando a fragilidade política do movimento operário como um todo.

Na década de 1920, o capitalismo estadunidense vivencia uma importante mudança no seu aparato produtivo devido à automatização crescente do processo de produção de mercadorias. A partir desse momento, a mão de obra qualificada tornou-se cada vez mais necessária, enquanto a mão de obra não especializada decaiu significativamente. (Ibid, p. 116) O resultado é indicado por Coggiola:

Esto implicaba una disminución del capital variable destinado al pago de salarios en beneficio del capital fijo invertido en máquinas, lo que se traducía en un creciente desempleo. Así se explica que, aún considerando la prosperidad general del período, los desempleados nunca bajaron de 1.600.000. (Idem)

Em que pese o número significativo de desempregados, a racionalização propicia o desenvolvimento de vários setores da indústria que produzem muito e obtém lucros maiores, além de aumentar a renda nacional. A concentração de capitais aumenta ainda mais rápido. (Ibid, p. 118)

A quarta-feira de 24 de outubro marcou, contudo, o fim de uma época de bonança econômica no EUA, inaugurando uma crise econômica de proporções mundiais que em 1932 assinalava 15 milhões de desempregados somente no EUA, enquanto uma estimativa modesta do desemprego no mundo, sustenta Coggiola, apontava o desemprego em 33 milhões. O volumoso desequilíbrio entre a capacidade de produção e o consumo, das relações comerciais exteriores e a acentuada crise agrária exemplificam o desenvolvimento da Grande Depressão que em 1932 ocasionará a diminuição de 33% da produção mundial. (Ibid, p. 119)

Neste sentido, a eleição de Franklin Delano Roosevelt no ano de 1932 pelo Partido Democrata resultou em uma nova tentativa para a superação da depressão econômica e da conseqüente crise social que desde 1929 assolava o EUA, diante da ineficiência de Hoover e do Partido Republicano em combater os efeitos da Grande Depressão.

No contexto da depressão mundial instalada pela crise, "Vargas reformou o Estado brasileiro" e novamente imprimiu ao país a centralização do poder, além de confortar inclusive inimigos recentes, ainda que de acordo com o seu receituário. É o que sustenta Oliveira:

A era Vargas foi um período de intervenção nos Estados, derrubada de velhas oligarquias e promoção de novas lideranças. Encampou a política de "valorização do café" e realizou uma verdadeira operação keynesiana *avant la lettre* ao queimar os estoques para garantir o preço externo. (OLIVEIRA, Op. cit, p. 43)

Outra novidade diz respeito ao papel do Estado como "agente regulador e protetor" cujo objetivo fundamental era garantir "a convivência harmônica entre trabalhadores e empresários", artífice da "legislação social". Conforme Mattos, pelo menos, essa foi a forma como os dirigentes da época compreendiam o seu papel. (MATTOS, Op. cit, p. 11)

De todo modo, Vargas apresenta uma nova agenda à classe trabalhadora, inclusive à revelia dela. Para um melhor entendimento da legislação social construída durante o Primeiro Governo Vargas (1930-45), utilizo a divisão de Mattos

em quatro núcleos fundamentais, o da previdência, o das leis trabalhistas, a da legislação sindical e a da Justiça do Trabalho.

a) a legislação previdenciária, generalizando as primeiras experiências dos anos 1920 com as Caixas de Aposentadoria e Pensões, mais tarde chamadas de Institutos, que, com contribuições do Estado, dos patrões e dos trabalhadores, iriam garantir um mínimo em termos de seguridade social - aposentadorias, pensões, indenizações e assistência médica; b) as leis trabalhistas propriamente ditas, que regulavam jornadas e condições de trabalho, férias, descansos semanais remunerados, pisos salariais etc.; c) a legislação sindical, que instituiu o modelo do sindicato único por categoria e por região (monopólio da representação), a estrutura vertical por categorias (sindicatos no nível local, federações no âmbito regional e confederações de abrangência nacional), e a tutela do Ministério do Trabalho sobre as entidades sindicais, com o poder de fiscalização das atividades e de intervenções nas direções; d) as leis que instituíam a Justiça do Trabalho, encarregada de arbitrar os conflitos de natureza trabalhista. (Ibid, p. 11-12)

Para compreender as transformações que operavam-se nos mundos do trabalho é preciso considerar os objetivos do governo Vargas em estabelecer como princípio ordenador da relação entre capital e trabalho a colaboração de classes. No decorrer deste capítulo, o leitor poderá perceber que esses objetivos foram levados adiante com resistências importantes de segmentos da classe trabalhadora no Brasil.

As primeiras mudanças foram ocasionadas pela criação do Ministério do Trabalho da Indústria e do Comércio (MTIC), denominado "Ministério da Revolução", evidenciando a importância estratégica para atingir os objetivos colaboracionistas sob a tutela do Estado. Caberia a ele estabelecer o novo modelo de sindicato proposto pelo governo, o dos "sindicatos oficiais". Inicialmente, eles concorrem com os sindicatos autônomos construídos anteriormente por anarquistas, comunistas e trotskistas.

Conforme Mattos, o modelo dos sindicatos oficiais têm o intuito de

Servir como interlocutores dos trabalhadores junto ao governo e vice-versa, funcionando por dentro do Estado, como órgãos públicos e, portanto, submetidos também às diretrizes das demais instâncias governamentais. (MATTOS, 2002, p. 35)

Em um primeiro momento, o resultado desta política é inconsistente, pois os trabalhadores organizados resistem em aderir aos sindicatos oficiais, atrelados ao MTIC. O primeiro resultado positivo ocorreu somente em 1933, quando um

expressivo número de sindicatos foioficializados. Para tanto, o governo adotou uma tática controversa quando vinculou:

A concessão de benefícios das novas leis trabalhistas à representação por sindicatos oficiais, deixando assim que as lideranças mais combativas sofressem a pressão para a busca do reconhecimento do Ministério por parte de suas bases, ansiosas por usufruir dos benefícios da legislação. (Ibid, p. 36)

A possibilidade de participação na Assembleia Nacional Constituinte por meio de uma bancada classista, composta por empregados e patrões, fez com que muitas lideranças considerassem oficializar os seus sindicatos com o intuito de tentar participar da bancada de deputados classistas. No entanto, a sindicalização oficial não ocorreu como o governo esperava.

Os deputados classistas, de trabalhadores, comprometidos com os sindicatos autônomos:

Lutaram por uma legislação que garantisse a liberdade de organização sindical. Embora muitos deputados classistas defendessem a unidade sindical e o reconhecimento legal dos sindicatos, criticavam o controle do Ministério do Trabalho explícito na lei do sindicato único. (Ibid, p. 38)

A situação política de relativa normalidade constitucional perdura até o segundo semestre de 1935. Depois de experienciar um importante crescimento político, engajando trabalhadores e sindicatos, e colocar-se a frente das manifestações contra o fascismo à brasileira, representado na Ação Integralista Brasileira (AIB), na luta pela democratização do país, a Aliança Nacional Libertadora vivenciou um importante revés. Concomitantemente, as agitações operárias crescem e assustam o empresariado que revê a sua postura sobre a autonomia sindical e apóia a retomada do controle pelo MTIC. (Ibid, p. 38-39)

A violência sobre os sindicatos ocorre, sobretudo, no contexto da repressão ao levante da ANL, conhecido como "Intentona Comunista". A partir desse momento, informa Mattos:

O governo acionou uma Lei de Segurança Nacional, que instalou o estado de exceção, ao criar mecanismos e tribunais especiais para os presos políticos. As lideranças sindicais mais combativas estavam entre os principais alvos desta legislação e seu afastamento dos sindicatos, pela cassação de direitos, prisão ou eliminação física, foi a principal garantia da desmobilização subsequente do movimento sindical. (Ibid, p. 40)

A partir de então, Mattos sustenta que entre fins de 1935 e 1942, o movimento sindical vivencia uma fase de "completa desmobilização". Com o golpe de Estado que efetivou a ditadura do Estado Novo em 1937, os espaços de reivindicação foram limitados e estritamente controlados pelo governo. Expressão máxima da nova conjuntura foi a Constituição de 1937, claramente de traços fascistas, "onde o modelo de sindicato único foi retomado". (Ibid, p. 40-41)

Em 1939, a Lei Orgânica da Sindicalização Profissional é decretada pelo governo ditatorial com o objetivo de controlar os sindicatos. A exposição pelo governo do funcionamento da nova lei expõe o viés autoritário que Mattos reproduz: "Com a instituição desse registro, toda a vida das associações profissionais passará a gravitar em torno do Ministério do Trabalho: Nele nascerão; ao lado dele se desenvolverão; nele se extinguirão." (Ibid, p. 41)

Na sua posse em 1933, Roosevelt lança a primeira fase do *New Deal* por meio do *National Recovery Act* (NRA). Com o NRA, Roosevelt inaugurou abertamente a ideia de um Estado interventor propondo, informa o autor, "sob a supervisão do Estado, códigos de competição elaborados pelas próprias empresas em cada ramo industrial", esperando pôr a termo a concorrência industrial e "elevar a capacidade de consumo dos trabalhadores". Não obstante, a seção 7 (a) da NRA garantiu que os sindicatos o direito de livre organização e o desenvolvimento de acordos coletivos entre sindicato e empregadores. (LIMONCIC, 1999, p. 131)

Declarada inconstitucional em 1935, Limoncic sustenta que a NRA mostrou-se inadequada, diante de uma estrutura sindical fragmentada e da falta de instrumentos legais da *National Labor Board* (NLB), que deveria supervisionar os acordos coletivos. Vejamos:

Deveriam ser eles, em última instância, os agentes fiscalizadores do cumprimento dos códigos em cada empresa, mas a estrutura fragmentada do movimento sindical, dividido em habilidades profissionais e disputas raciais, étnicas e religiosas, sob o manto da American Federation of Labor (AFL), fragilizava-os para tal tarefa. Por outro lado, a agência tripartite então criada para supervisionar as relações entre capital e trabalho, a National Labor Board (NLB), não possuía instrumentos legais para implementar suas decisões, baseando sua ação na cooperação voluntária das partes em litígio (Ibid, p. 132)

Para substituir a NRA, a próxima peça legislativa do *New Deal* foi a *Lei Wagner*, denominada *National Labor Relations Board* (NLRB), de 1935. De acordo

com Limonic, ela alterou duas questões importantes da relação entre capital e trabalho.

De um lado, tornava uma agência estatal o *locus* da administração dos conflitos e, de outro, buscava, explicitamente, fortalecer os sindicatos. A rigor, a Lei Wagner estabelecia as bases legais do poder sindical, pois garantia independência à organização dos trabalhadores (colocando um limite aos *businessunions*), ao supervisionar as eleições sindicais, e obrigava o patronato a negociar "honestamente" com os sindicatos em barganhas coletivas. Por honestamente, entenda-se que o patronato ficava impedido de organizar business unions ou de estabelecer contatos com seus trabalhadores através de representações de trabalhadores que, como regra geral, eram apontadas por eles próprios. Cabia portanto à NLRB, e não mais ao patronato, a tarefa de determinar a unidade de barganha e ainda coibir práticas empresariais consideradas injustas, como retaliação à participação em sindicatos. (Ibid, p. 132-133)

A *Lei Wagner* significou "uma profunda mudança na configuração política do *New Deal*". As dissidências internas da AFL construíram o *Committee for Industrial Organization*, embrião do *Congress of Industrial Organizations* (CIO), uma central sindical que mostrar-se-ia um importante sustentáculo da coalizão montada por Roosevelt na ocasião do chamado *New Deal*. Conforme o autor, "do outono de 1936 ao verão de 1937, tanto o *New Deal* quanto o novo sindicalismo da CIO iriam constituir-se em sua plenitude". (Ibid, p. 133) Como ele evidencia:

O primeiro, através do fortalecimento das agências estatais regulatórias e de bem estar, como o Departamento do Trabalho, a NLRB, a *National Resources Planning Board*, a *Social Security Act* etc. e, o segundo, das grandes greves de ocupação (*sit-down strikes*) da indústria automobilística, iniciada na *General Motors*, e que marcariam uma nova fase do movimento operário em colaboração com o Estado. (Idem)

Conforme Limonic, o resultado dessa colaboração teve um impacto significativo para a classe trabalhadora no EUA, tanto do ponto de vista numérico quanto das práticas sindicais.

Tal aliança entre o Estado e o movimento sindical permitiu a organização de centenas de novos sindicatos e, ao final da Segunda Guerra Mundial, o número de trabalhadores sindicalizados havia quintuplicado, atingindo um número total de mais de 14 milhões, ou 30% da força de trabalho. (...) Fundamentalmente, o que unia os teóricos sindicais do CIO ao segundo *New Deal* era a percepção de ambos de que a demanda agregada, em uma economia fordizada, deveria ser garantida pela elevação do poder de compra da classe trabalhadora. Dada a incapacidade empresarial em construir acordos privados que tornassem possível esta elevação, atestada pelo não funcionamento da NRA, ela deveria ser feita também pela regulação e planejamento estatais. (Ibid, p.134)

Os trotskistas abordam em seus jornais a legislação sindical e trabalhista dos governos Vargas e Roosevelt na década de 1930, procurando identificar o significado delas para os seus respectivos movimentos e sobretudo para o movimento operário. As suas percepções, todavia, diferem em certa medida, e isto parece ocorrer fundamentalmente devido às especificidades dos seus respectivos contextos, ainda que determinadas aproximações possam ser indicadas.

No Brasil, em março de 1931, na ocasião da Conferência Operária Estadual de São Paulo, organizada pela Federação Operária (anarquista), que contou com a participação, de acordo com Karepovs e Marques Neto (Op. cit, p. 123), dos "mais importantes sindicatos de São Paulo", a LC apresentou no conclave uma resolução que tratou em parte da proposta do governo de estabelecer os sindicatos oficiais. Neste sentido, o terceiro e quarto item ilustram a orientação inicial dos trotskistas sobre a questão:

3º) Protestar energicamente contra todas as tentativas de oficialização dos sindicatos operários, que vem sendo feitas pela burguesia por intermédio de seu Ministério do Trabalho e que anunciam o perigo de uma degenerescência dos sindicatos operários em organizações fascistas; 4º) É preciso agir com toda a energia contra as manifestações de divisionismo no sentido de opor à ofensiva capitalista toda a classe operária unida (...).²¹⁴

Para a LC, o recém criado do MTIC e a lei de sindicalização proposta pelo Governo Provisório tinha o objetivo de levar adiante "o trabalho contínuo de mistificação entre os operários". Destaca-se que tal medida é caracterizada como portadora de "um espírito fascista em processo de cristalização" do governo saído do golpe de Estado de 1930.²¹⁵

Neste ínterim, a LC percebe no movimento sindical brasileiro uma influência crescente dos "amarelos" concomitante à presença de "agentes patronais ligados ao Ministério do Trabalho" que "se arvoram em líderes do proletariado". Não obstante, a influência dos ministerialistas, eleva traidores à frente dos sindicatos, o que faz a LC considerar a necessidade "de redobrar de energia na campanha pela revogação da lei de sindicalização".²¹⁶

²¹⁴ A oposição comunista e a orientação sindical. In. *A Luta de Classe*, n. 06. São Paulo, fev / mar 1931, p. 04.

²¹⁵ Repressão sistemática. In. *A Luta de Classe*, n. 07. Rio de Janeiro, 1º mai 1931, p. 05-06.

²¹⁶ Movimento sindical. Liquidacionismo. In. *A Luta de Classe*, n. 09. São Paulo, jan 1933, p. 03.

Contudo, ela evidencia que a eclosão de greves parciais no movimento sindical propiciou ao governo policializar os movimentos paredistas:

Diante das portas fechadas das fábricas, por ordem do patrão, ou em face da falta de direção ou viabilidade do movimento, os operários grevistas, tapeados, ficavam sem saber o que fazer. Era então que chegava o sindicalizador, como a mandado do céu, com o seu remédio infalível - a sindicalização. Si os operários querem obter lei de férias, é só sindicalizarem-se. Só sindicalizados é que o sindicalizador poderia obrigar os patrões a lhes pagar férias, a lhes abrir as portas das fábricas, a não despedi-los, aumentar-lhes o salário, dar-lhes tudo, enfim.²¹⁷

Em 1934, a pressão do decreto-lei que instituiu a sindicalização oficial obrigou a LCI a adotar uma nova postura em relação a ele. Os trotskistas entendiam os objetivos do decreto-lei em atenuar os conflitos de classe, mediante a tentativa de subordinar o proletariado ao aparelho do Estado, que, por sua vez, agia como o árbitro das pendências entre patrões e trabalhadores. Mesmo assim, o decreto-lei mostrou-se insuficiente em aplacar os conflitos de classe, na medida em que estes intensificaram-se.²¹⁸

Sindicatos que nunca haviam existido, sequer, antes da lei de sindicalização, em lugar de serem os instrumentos servís da vontade da burguesia dirigente, principiaram voltar-se contra ela. Não foram raros os casos em que, em vários pontos do país, as organizações operárias ministerializadas, se insurgiram contra o "seu" Ministério, chegando mesmo, algumas, devolver-lhe a carta de oficialização.²¹⁹

Naquele contexto, os trotskistas identificaram as dificuldades em revogar esta lei, ao passo que criticavam os sindicatos livres, condenados "a não passar de um fantasma", evidenciando logo depois o seguinte apontamento:

Uma vez que a burguesia não logrou ainda formar para si uma burocracia operária facilmente manipulável e uma vez que as condições objetivas da situação favorecem o aprofundamento dos conflitos entre o Ministério do Trabalho e os sindicatos oficializados, tudo leva a prognosticar que, si a vanguarda revolucionária souber agir a tempo e orientar-se por uma política justa, servida por uma tática correspondente, haverá uma transformação radical, num futuro relativamente próximo, de todo o aparelho sindical oficializado.²²⁰

²¹⁷ A lição dos Tecelões e o Aventurismo. In. *A Luta de Classe*, n. 9. São Paulo, jan 1933, p. 04.

²¹⁸ O movimento sindical no Brasil e suas perspectivas revolucionárias. In. *A Luta de Classe*, n. 20. Rio de Janeiro, mai 1934, p. 04.

²¹⁹ Idem.

²²⁰ Ibid, p. 03-04

A partir de então, a posição da LCI evoluiu para a adesão à sindicalização oficial. Isto fica evidente quando, ironicamente, ela responde aos seus críticos: "como se sabe essas organizações operárias, continuando fiéis ao princípio da sindicalização livre, resolveram continuar também ligadas aos operários e, para esse fim, pedir a sua oficialização ao Ministério do Trabalho".²²¹

Como indicado em trabalho anterior sobre a questão, Lisboa comenta que:

Naquele momento, os trotskistas entendem que a adesão aos sindicatos oficiais significa uma tentativa de impedir que a classe operária fique a mercê – abandonada por sua vanguarda – de seus dirigentes que servem aos interesses do MTIC. Mas a questão não comporta a oficialização sindical por si mesma, existem outros complicadores que influenciam a decisão dos sindicatos ao aderirem à oficialização. Por exemplo, os trotskistas citam "a nova Lei de Férias" e sua destinação apenas aos indivíduos que aderiram aos sindicatos oficiais. Para a LCI a adesão é uma medida "puramente tática", de "homens que sabem encarar a realidade de frente e se encontram preparados para aparar o golpe". (LISBOA, 2014, p. 128)

Em agosto de 1934, a LCI interrogou outras características do decreto-lei e a natureza do mesmo, relacionando este a "certas disposições do estado corporativo fascista", sem, contudo, se ater "as condições particulares do Brasil".²²² Neste sentido, ela entende que a lei falhou em seus objetivos:

Sem possibilidade de formar uma burocracia sindical considerável, por intermédioda qual controlasse todo o movimento e a vida das organizações econômicas da classe operária, porque um aparelho dessa ordem não se improvisa, a "lei desindustrialização" deu na prática um resultado inteiramente oposto ao visado pelos seus laboradores e aplicadores. Num país em que a organização sindical independente era precária, o decreto governamental favoreceu o incremento a formação de novos sindicatos, que atingiam corporações importantes e numerosas, até então não organizadas.²²³

Por sua vez, as contradições do decreto-lei evidencia a oposição de frações da burguesia brasileira em relação a ele, desde a parcial recuperação de São Paulo, após o levante constitucionalista, que garantiu uma recomposição com Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Sobre o decreto-lei, a LCI indica o impacto da evolução dos acontecimentos em São Paulo.

²²¹ A oficialização sindical e a crítica adversária. In. *A Luta de Classe*, n. 20. Rio de Janeiro, mai 1934, p. 03.

²²² Tese sobre a questão sindical, aprovados na conferência Nacional da LCI. In. *A Luta de Classe*, n. 21. Rio de Janeiro, ago 1934, p. 06.

²²³ Idem.

Recobrada em 1933 a sua autonomia governativa (eleições à constituinte, interventor “civil e paulista”, reagrupamento de sua aliança com Minas e Rio Grande, etc), a burguesia industrial de São Paulo resolveu desfechar o golpemente na sindicalização oficial. Isto se explica pelo caráter contraditório desta, que, na prática, favorece a organização da massa trabalhadora, dando-lhe novas armas de agitação (“leis sociais”) e mesmo uma tribuna com a representação de classe na Constituinte.²²⁴

Neste sentido, a burguesia paulista que até então defendeu a “liberdade sindical” passou a admitir também o princípio da autonomia sindical, porém sob o regime da pluralidade sindical. Estas questões, introduzidas na Constituinte de 1934, admitiam a possibilidade do reconhecimento de mais de um sindicato da mesma corporação, atingindo o decreto-lei dos sindicatos oficiais. Naquele momento, a LCI “respondeu 'aos manejos divisionistas da burguesia' através da luta pela unidade sindical, 'com a formação de fortes organismos federativos locais que possam ser a base de uma única CGT'”. (LISBOA, Op. cit, p. 130)

A nova Constituição acabou prejudicando aos trabalhadores, pois a questão da unidade sindical foi tratada em termos genéricos. Conforme Araújo, o decreto nº 24.694, anterior a nova carta, regulamentou a mesma.

A nova lei, apesar de diminuir a intervenção ostensiva do Ministério do Trabalho – não contemplava, por exemplo, a possibilidade do MTIC destituir as diretorias ou dissolver definitivamente a entidade, prerrogativas que constavam da lei anterior – ainda permitia que ele fechasse os sindicatos por um prazo de 6 meses e, como mostra Evaristo de Moraes Filho, incluía muito outros casos de controle, prendendo “os sindicatos à máquina administrativa em maior escala do que o 19.770”. (ARAÚJO, 1992, p. 37)

Em 1935, a normalidade constitucional, vigente desde a nova constituinte, se encerrou. A Lei Monstro conferiu uma arma poderosa para a defesa dos seus interesses, instalando uma “ditadura aberta e legal”. As organizações proletárias foram postas à ilegalidade e sua vanguarda impedida de organizar as lutas em favor das liberdades democráticas. Mas o sentido da Lei, entretanto, foi mais amplo, conforme a LCI, apesar da lei repercutir com maior violência contra o proletariado e suas organizações, ela “incidirá sobre toda e qualquer oposição, venha do campo que vier”.²²⁵

Conforme o jornal *A Luta de Classe* em abril:

²²⁴ Idem.

²²⁵ A Lei Monstro e o Proletariado. In. *O Proletário*, n. 01. São Paulo, abr 1935, p. 01.

Feridos em sua ação, ameaçados de cisão pelo dispositivo constitucional da "pluralidade sindical", os sindicatos operários têm com a lei monstro sua independência inteiramente comprometida. O governo armou-se de meios paracortar o caminho a qualquer ação do proletariado mesmo legal.²²⁶

Neste contexto, o movimento operário teve as suas condições de luta alteradas, defende a LCI, pois os sindicatos foram transformados "em simples repartições do Estado, de organizações de luta em agências da polícia". A luta a partir de então, reconheceram os trotskistas, deveria ocorrer diretamente nas fábricas, nos locais de trabalho, por meio da criação de "comitês de fábrica e oficina".²²⁷

A LCI defendeu no período a luta pela unidade sindical como um "dever de todos os operários" e visualizou na fundação da Conferência Sindical Unitária do Brasil (CSUB), de iniciativa do PCB, um acontecimento de grande monta. E destaca a tarefa de:

organizá-la nacionalmente por indústria, ou seja, "com a organização de sindicatos, federações e confederações em linha vertical". Assim, ela conclama que todas as categorias de trabalhadores "imitem o exemplo dos operários gráficos" e que, "como coroamento dessa obra", as federações fundadas realizem a adesão, "em sua luta", à CSUB. (LISBOA, Op. cit, p. 132)

Em agosto, os trotskistas sofreriam abalos significativos em sua liderança na União dos Trabalhadores Gráficos (UTG) de São Paulo, quando realizaram uma greve contra o golpe reacionário que fechou a ANL. "A situação política mudava rapidamente e as iniciativas da vanguarda operária esgotavam-se rapidamente. A própria CSUB não resistiu". (Ibid, p. 133).

A derrota do levante comunista em novembro de 1935, desencadeou uma reação ainda mais violenta pelo governo Vargas para o conjunto do movimento operário. Utilizando-se da Lei de Segurança Nacional, as condições do movimento sindical se deterioraram rapidamente. Conforme evidenciado por Lisboa, a partir da análise do artigo "Novas condições do movimento do movimento sindical", do jornal trotskista *O Proletário*, de janeiro de 1936, a LCI:

Repercute a feroz perseguição a qualquer manifestação de comunismo e às suas organizações proletárias. Ela entende que no fundo, a cruzada desencadeada parte da burguesia nacional aliada ao imperialismo

²²⁶ A Lei Monstro. In. *A Luta de Classe*, n.22, abr 1935, p. 03

²²⁷ Idem.

internacional, alcançando o conjunto do movimento operário, tais como, "stalinistas, sindicalistas, socialistas, anarquistas e bolcheviques-leninistas". O objetivo da reação incide justamente na tentativa de "separar por um longo tempo a vanguarda proletária da classe", mais exatamente, depois da perseguição policial e sucessivas prisões, da burguesia por intermédio do MTIC. Os trotskistas sustentam que paralelamente às prisões, o MTIC mobiliza "todos os seus lacaios", para assim, "terminar a subordinação do movimento sindical aos órgãos do Estado burguês". (Ibid, p. 133)

Com o advento do Estado Novo, os trotskistas organizados no Partido Operário Leninista evidenciam as dificuldades que o movimento sindical se encontra diante da nova situação política. Eles sustentam que o movimento encontra-se "decapitado de sua vanguarda", diante de "condições políticas desvantajosas", porém, pondo-se em movimento, abalado pelas "miseráveis condições econômicas" em que se encontra. Para o POL, o objetivo da ditadura instalada é reformar a legislação sindical.²²⁸

a) A constituição dos sindicatos na base da unidade sindical, isto é, só poderá haver um único sindicato, de ofício ou por indústria, e esse subordinado ao Ministério do Trabalho; b) estruturação dos sindicatos no sentido de organização corporativa – sindicatos, uniões, federações e confederações; c) disciplina e controle do patrimônio sindical (...). d) regulamentação do direito de intervenção do Estado na vida dos sindicatos e sistema disciplinar (...) e) obrigação dos sindicatos dar aos seus associados assistência médica, judiciária, instrução.²²⁹

Para o POL, estas medidas denotam o fim da liberdade e da democracia sindical, procurando impor "uma organização sindical fascista", a partir da proibição de greves e da repressão policial. Neste contexto, os trotskistas entendem que "o Estado Novo poderá exercer a repressão nos sindicatos, contra os elementos julgados nocivos, e estabelecer um sistema disciplinar para os seus associados".²³⁰

Por outro lado, em setembro de 1938, os trotskistas problematizaram em *A Luta de Classe* a lei do salário mínimo, conforme o POL, um aceno da burguesia devido ao "rebaixamento do nível de vida e o aumento da miséria". Eles não acreditam que a mesma resolverá o problema, pois a lei "manterá o nível de vida baixo do proletariado" e opõem a ela "o aumento progressivo dos salários" e "a escala móvel de salários".²³¹

²²⁸ Os sindicatos ameaçados pelo Estado-“Novo”. In. *A Luta de Classe*, n. 38 (3). Rio de Janeiro, 15 fev 1938, p.02.

²²⁹ Ibid, 02-03.

²³⁰ Idem.

²³¹ A Lei do Salário Mínimo e o custo de vida. In. *A Luta de Classe*, s. n. Rio de Janeiro, 25 set 1938, p. 07.

Destaca-se ainda que sob o Partido Socialista Revolucionário, o PSR, não foram encontrados em 1939 documentos sobre a Lei Sindical de 1939 e a instituição da Justiça do Trabalho. De todo modo, entende-se que os trotskistas e suas organizações no decorrer dos anos 1930 desenvolveram uma atitude eminentemente crítica e de confronto a legislação sindical e do trabalho dos governos Vargas, de 1930 a 1939, passando por suas diferentes fases, marcadas em geral, pela forma ostensiva e policial como reagiu as organizações políticas de sindicais da classe trabalhadora. Em que pese a impossibilidade de consultar o conjunto dos seus jornais no período, muitos apreendidos pela repressão, pode-se apreender a perspectiva de um governo que desenvolve uma legislação para a classe trabalhadora sob clara inspiração fascista, principalmente, na sindical, quanto a relação com o proletariado em geral.

No EUA, a política do presidente Roosevelt para superar a depressão econômica e a crise social instalada no país veio com o programa denominado *New Deal*. Os trotskistas durante a década de 1930 encararam o programa com sérias reservas, procurando identificar o seu significado geral, os seus limites e como ele refletiu na classe trabalhadora. Diferentemente do Brasil, a evolução política do EUA permitiu que a CLA e outras organizações trotskistas posteriores, se desenvolvessem com liberdade de crítica e de forma legal, ainda que isto não tenha impedido que houvessem confrontos .

É importante destacar que o New Deal foi um conjunto de leis que foram desenvolvidas no decorrer dos anos 1930 no EUA. Neste sentido, o entendimento dos trotskistas, dificilmente, procede a uma análise de conjunto do edifício do novo programa, portanto, as considerações que seguem, estão relacionadas as suas percepções através de sua imprensa.

Em junho de 1933, a CLA aborda o novo programa no artigo publicado pelo jornal *The Militant* intitulado *The "New Deal" in Practice*, no qual apresenta uma discussão a respeito do *National Industrial Recovery Act* (NIRA). A CLA sustenta que a NIRA foi concebida como uma forma de conter uma série de medidas que estavam sendo defendidas por vários grupos de trabalhadores, como por exemplo o projeto de lei que instituía a jornada de trabalho de trinta horas semanais e uma emenda contrária a redução salarial.²³²

²³² The "New Deal" in Practice: Industrial Recovery Bill Hits at Workers' Standards by H. Stone. In. *The Militant*, v. 6, n. 31, 17 Jun. 1933, p. 01.

De acordo com a CLA, a lei foi dividida em duas seções. Na primeira, Roosevelt dava continuidade à fórmula do ex-presidente Hoover para lidar com a crise, propondo o aumento de obras públicas, contemplando um gasto total de três bilhões de dólares. Os trotskistas mostram-se céticos com a medida, tendo em vista que este tipo de proposta durante o governo Hoover evidenciou ao seu final uma diminuição das despesas totais neste tipo de investimento. Na segunda seção, considerada pela CLA, de longe, a mais importante, propõe-se o controle industrial. Neste sentido, o controle industrial foi apresentado pelo governo:

como um benefício não apenas para os industriais, mas também para o trabalho. Este é o projeto de lei para aumentar os lucros, diminuir o desemprego, introduzir uma semana de trabalho mais curta, produzir salários mais altos e colocar toda a nossa indústria em uma base organizada.²³³ (Tradução Nossa)

Para a CLA, a questão fundamental é a capacidade de Roosevelt em cumprir as disposições da lei. O que de fato, ela questiona:

Quanto ao homem para fazer cumprir as disposições da lei? É o mesmo Roosevelt que originou o esquema de um dólar por dia para o Exército de Reflorestamento; é o mesmo Roosevelt que deu aos veteranos palavras açucaradas e depois - um dólar por dia; é o mesmo Roosevelt que forçou, através de um corte salarial federal, os escalões mais baixos; é o mesmo Roosevelt que tem como seus conselheiros e companheiros íntimos os Woodins e Davises da J.P. Morgan.²³⁴ (Tradução Nossa)

Por conseguinte, a CLA evidencia que a série de itens propostos foram deixados a critério do presidente e deixados e de forma condicional a palavra "pode". Assim, dotado de amplos poderes, ironicamente, os trotskistas tratam das provisões da lei.

Qualquer grupo comercial ou industrial pode adotar um código de "concorrência justa", cujo código o presidente pode aprovar, rejeitar, modificar ou modificar. Onde nenhum código é aceito pela indústria, o Presidente pode levantar um para o comércio. Depois que um código é aprovado, ele é aplicável por lei. O Presidente pode instituir um sistema de

²³³ This section has been hailed as a boon not merely to the industrialists but also to labor. This is the bill to increase profits, decrease unemployment, introduce a shorter work week, produce higher wages and put our entire industry on an organized basis. Idem.

²³⁴ As for the man to enforce the provisions of the bill? It is the same Roosevelt who originated the dollar-a-day scheme for the Reforestation Army; it is the same Roosevelt who gave the veterans sugary words and then – a dollar a day; it is the same Roosevelt who forced through a federal wage cut to the lowest brackets; it is the same Roosevelt who has as his intimate counsellors and companions the Woodins and Davises of J.P. Morgan fame. Idem.

licenciamento para tornar o código efetivo; nesse caso, ninguém pode se envolver nesse negócio sem uma licença.²³⁵ (Tradução Nossa)

Ainda, as indústrias afetadas pela lei devem conceder o direito de negociação coletiva aos trabalhadores. Prevista para durar somente um ano, na prática, a indústria se organizará sob a supervisão governamental e, na falta de um código justo e na existência de protesto, a licença para operar sob a nova lei será confiscada. Para os trotskistas, a lei marca uma completa reviravolta na relação entre governo e empresas em um país acostumado pela interferência governamental na indústria. Portanto, o governo Roosevelt propõe-se a supervisionar e dirigir a economia e o faz admitindo abertamente.²³⁶

No que concerne a classe trabalhadora, a CLA indica que a sua preocupação com a organização do sistema capitalista é indireta, relacionada apenas como estas questões incidem sobre a classe trabalhadora. Assim, o conjunto de medidas do governo:

quando traduzida em reorganização e consolidação do trabalho, os termos significam: menos trabalhadores, maiores demissões e cortes salariais; pois é somente dessa maneira que o projeto deve ser interpretado pela classe trabalhadora.²³⁷ (Tradução Nossa)

E segue:

O “direito de negociação coletiva” será transformado em um programa sindical da empresa. O “salário mínimo, o máximo de horas” se tornará, quando traduzido em realidade, provavelmente nada mais que a extensão do “sistema de escalonamento” para todas as grandes fábricas do país. Não é a burguesia que voluntariamente cederá parte de seus lucros para melhorar a condição da classe trabalhadora. Os trabalhadores terão que se organizar, para lutar em muitas batalhas difíceis para vencer essas demandas elementares de trabalho, a semana de trinta horas sem redução de salário.²³⁸ (Tradução Nossa)

²³⁵ Any trade or industrial group may adopt a code of “fair competition,” which code the president may approve, reject, modify or change. Where no code is agreed to by industry the President may draw one up for the trade. After a code is approved it is enforceable by law. The President may institute a licensing system to make the code effective; in that case nobody can engage in that business without a license. Idem.

²³⁶ Ibid, p. 04.

²³⁷ However, that we are concerned with the inner organization of the capitalist system, – only in the reflections of this organization upon the working class. Idem.

²³⁸ The “right of collective bargaining” will be transformed into a company union program. The “minimum wages, maximum hours” will, when translated into reality, become, most likely nothing more than the extension of the “stagger system” to every large factory in the country. It is not the bourgeoisie that will voluntarily surrender part of its profits to better the condition of the working class. The workers will have to organize, to fight many a difficult battle to win these elementary labor demands, the thirty hour week with no reduction in pay. Idem.

Em outubro, Cannon evidencia o que considera o verdadeiro projeto do governo Roosevelt para a organização sindical, definindo-o como um instrumento para conter a classe trabalhadora, prevenindo e proibindo greves. Ele recorda que a *National Recovery Act* (NRA) foi saudada como a libertadora dos trabalhadores, mas que em poucos meses de sua existência o apelo do presidente para a opinião pública pela "destruição de todas as forças subversivas" evidenciou o verdadeiro caráter da lei. Ainda, Cannon evidencia a postura da burocracia sindical da AFL de defender a NRA como forma de aproveitar o ascenso da classe trabalhadora americana.²³⁹

No entanto, ele advoga que a AFL não deve obter sucesso nessa empreitada, visto que:

A onda de greves é a primeira resposta que os trabalhadores americanos fizeram às terríveis condições e padrões que lhes foram impostos durante a crise e que o mecanismo da NRA está procurando estabilizar e tornar permanente. O escopo atual e a militância insurgente da onda de greves são especialmente importantes quanto ao que deve ser seguido se os trabalhadores não conseguirem satisfazer suas demandas.²⁴⁰ (Tradução Nossa)

Para Cannon, a tentativa do governo Roosevelt em "planejar" a indústria capitalista deve fracassar em um futuro próximo e, com isso, seguirá uma enorme desilusão dos trabalhadores que encontram-se sob a órbita da NRA e cheio de expectativas. As lutas vindouras tornar-se-ão mais agressivas. A partir de então:

O sindicalismo, que lhes foi oferecido nos primeiros estágios da NRA como um dispositivo para restringir seu movimento independente, se tornará para os trabalhadores o meio para sua expressão em escala colossal. Os trabalhadores se voltarão para o sindicalismo com seriedade, e estarão empenhados em fazer com que os sindicatos sirvam como instrumentos de luta contra os exploradores.²⁴¹ (Tradução Nossa)

²³⁹ CANNON, James P. The AFL, the Strike Wave, and Trade Union Perspectives. In. *The Militant*, v. 6, n. 47, 14 Out. 1933, p. 04.

²⁴⁰ The strike wave is the first reply that the American workers have made to the frightful conditions and standards imposed upon them during the crisis and which the NRA mechanism is seeking to stabilize and make permanent. The present scope and insurgent militancy of the strike wave are especially portentous as to what is to follow if the workers fail to get satisfaction of their demands. *Idem*.

²⁴¹ Trade unionism, which was held out to them in the first stages of the NRA as a device to restrain their independent movement, will become for the workers the medium for its expression on a colossal scale. The workers will turn to trade unionism in real earnest, and they will be bent on making the unions serve as instruments of struggle against the exploiters. *Idem*.

Em 1934, Arne Swabeck realiza uma avaliação do primeiro ano do *New Deal*. Ele ressalta que o conjunto do povo americano em um primeiro momento apoiou o programa do governo, contudo, na medida em que o programa se desenvolveu ele começou a dividir a população "em linhas de classe". Neste sentido, o capital monopolista desenvolve-se "mais forte" a partir da regulamentação e apoio governamentais confrontando os trabalhadores que continuam a sentir os efeitos da crise.²⁴²

Outro aspecto relevante que Swabeck chama atenção para um objetivo do *New Deal*, o de restaurar e estabilizar o poder de compra da população. No entanto, ele alerta que o nível do poder de compra ocorre em proporções muito inferiores em relação ao período de "prosperidade" anterior. Em geral, o padrão salarial da classe trabalhadora com a combinação do "aumento dos preços das commodities" e a "desvalorização do dólar", permanece muito reduzido.²⁴³

O *New Deal* representa, portanto, uma série de medidas com o intuito de salvar o capitalismo no EUA, tais medidas, ainda que ofereçam "vantagens temporárias", não visam melhorar as condições de vida dos trabalhadores. Em outras palavras, assevera o dirigente trotskista, o *New Deal*:

Significa uma reorganização da economia nacional americana para restaurar e aumentar os lucros capitalistas. No programa como um todo, estão incorporados os preparativos ativos para uma expansão imperialista adicional. Para isso, a tranquilidade das relações de classe é necessária.²⁴⁴(Tradução Nossa)

Em 1938, o jornal *Socialist Appeal* publicou vários artigos que problematizaram uma da série de medidas contempladas pelo *New Deal* a partir de 1935. Sob a rubrica de ArtPreis, os textos dirigiram muitas críticas as medidas levadas adiante pelo governo desde o início do programa.²⁴⁵

Primeiramente, ele pontuou que o primeiro ato político de Roosevelt como presidente foi justamente de redigir um novo contrato com os principais grupos financeiros concedendo créditos que consolidaram o poder do capital financeiro no

²⁴²SWABECK, Arne. One Year of Roosevelt's New Deal: The Technique of Serving the Exploiters and Fooling the Masses. In. *The Militant*, v. 7, n. 13, 31 Mar. 1934, p. 04.

²⁴³ Idem.

²⁴⁴ It means a reorganization of American national economy to restore and increase capitalist profits. In the program as a whole are embodied the active preparations for further imperialist expansion. For that, tranquility of class relations is required. Idem.

²⁴⁵PREIS, Art. American Depression II. In. *Socialist Appeal*, v. 2, n. 32, 6 ago. 1938, p. 04.

período da crise. Ainda, os seus discursos em defesa do pequeno produtor independente, não impediram que por meio da RNA ele exterminasse milhares de pequenos agricultores, devido aos "códigos de práticas comerciais justas" que fixaram preços e o incremento do monopólio industrial.²⁴⁶

Paralelamente, a sua legislação social ficou conhecida pelas leis *Agricultural Adjustments Act* (AAA), *Home Owners Loan Corporation*(HOLC) e a *Wagner Labor Act* (WLA). Enquanto a AAA procurou subsidiar a destruição das colheitas e rebanhos, causando a ruína de dezenas de milhares de pequenos agricultores, a HOLC garantiu o pagamento de juros aos bancos, companhias hipotecárias e seguradoras, deixando de proteger os pequenos proprietários de imóveis. A WLA, por sua vez, sucessora da seção 7 da RNA, procurou definir os direitos da negociação coletiva para o trabalho. Desta forma, a WLA buscou garantir os direitos de negociação coletiva livre de coerção e restrição por parte dos empregadores.²⁴⁷ Destarte, os direitos dos trabalhadores nos último quatro anos, sustenta, foram conseguidos a partir de muita luta e sangue.

As greves marítimas, a greve têxtil (quando Roosevelt ameaçou chamar as tropas federais contra os grevistas), a greve de Minneapolis Teamsters, o Toledo Auto-Lite, o poder de Milwaukee, o Koehler, o Little Steel, a General Motors, a Rubber greves e milhares de outras lutas físicas amargas testemunham o fato de que Roosevelt havia dado aos trabalhadores apenas os direitos que sempre possuíam, os direitos que sempre tiveram de arrancar da classe dominante em conflitos de vida e morte.²⁴⁸ (Tradução Nossa)

Mas o maior problema apontado por Preis é justamente a questão do desemprego, a qual ele sustenta que nada foi feito, levando em consideração a existência em 1938 de quinze milhões de desempregados. Não obstante, ele indica que a "ajuda" de Roosevelt para enfrentar o problema do desemprego foi dividida em duas categorias, a Social Security Bill (SSB) e "as dotações de auxílio-desemprego".²⁴⁹

²⁴⁶ Idem.

²⁴⁷ Idem.

²⁴⁸ The Maritime strikes, the Textile Strike (when Roosevelt threatened to call out the Federal troops against the strikers), the Minneapolis Teamsters strike, the Toledo Auto-Lite, the Milwaukee power, the Koehler, the Little Steel, the General Motors, the Rubber strikes, and thousands of other bitter physical struggles, testify to the fact that Roosevelt had given the workers merely the rights they always possessed, the rights they have always had to wrest from the ruling class in life and death conflicts. Idem.

²⁴⁹ Idem.

Segundo Preiss, a SSB apresenta grandes limitações, sendo construído a partir de um fundo, em parte, relativo às deduções salariais:

Como quase todas as concessões do New Deal, a Lei da Seguridade Social é um osso com uma corda presa. Seus benefícios se aplicam a menos de dez por cento dos desempregados presentes. Além disso, as condições sob as quais um trabalhador pode receber qualquer benefício são extremamente restritas, e os benefícios duram apenas algumas semanas. Esse “empreendimento benevolente”, adotado na maioria dos países europeus anos atrás, é na realidade um esquema inteligente de tributação governamental dos trabalhadores, por meio do qual um tremendo fundo está sendo construído, em grande parte devido a deduções nos salários dos trabalhadores.²⁵⁰ (Tradução Nossa)

Neste sentido, as dotações de auxílio desemprego, na forma de um fundo de socorro emergencial foram suprimidas seis meses depois de sua aplicação no verão de 1933, alcançando no período de sua existência apenas um terço dos desempregados.

Preiss também trata dos programas de geração de empregos, o *Civil Works Administration* (CWA), que mostrou-se insuficiente para conter o desemprego e as marchas de fome que tomavam conta do país, seguido pelo *Federal Emergency Relief Act* (FERA), que, por sua vez, diminuiu a contratação de desempregados e reduziu o salário semanal. Em 1935, o programa foi encerrado deixando cinco milhões e meio de famílias afetadas. De acordo com Preiss, o governo Roosevelt estabeleceu uma forma de lidar com o desemprego, alternando períodos de alívio da fome e de emprego com períodos de fome absoluta entre os desempregados.²⁵¹

Destarte, logo surgiu o *Works Progress Administration* (WPA), o novo programa de geração de emprego do governo Roosevelt previa a utilização de quatro bilhões de dólares para aliviar o desemprego. Neste sentido, Preiss evidencia a evolução do WPA desde 1935 com o seu maior número de contratações em 1936, empregando quase quatro milhões de desempregados. A partir de 1937, ele

²⁵⁰Like almost every New Deal concession, the Social Security Bill is a bone with a string attached. Its benefits apply to less than ten per cent of the present unemployed. Further, the conditions under which a worker can receive any benefits are extremely restricted, and then the benefits last but a few weeks. The real pay-off is that workers obtaining unemployment insurance receive less, in most instances, than they might on relief. This “benevolent venture,” adopted in most European countries years ago, is in reality a clever scheme of government taxation of the workers, whereby a tremendous fund is being built up, largely from deductions in workers’ wages. Idem.

²⁵¹PREIS, Art. American Depression III. In. *Socialist Appeal*, v. 2, n. 33, 13 Ago. 1938, p. 04.

constata a redução pela metade o número de contratações e o encolhimento do programa.²⁵²

Por fim, Preis trata do governo Roosevelt, o New Deal e a próxima guerra, sustentando que a legislação econômica e social expressa pelo programa governamental só pode ser entendido à luz das preparações do EUA para a guerra. E Roosevelt está ciente que para a realização dos objetivos imperialistas do país por meios militares ele necessita da completa lealdade de todas as parcelas da população.²⁵³

O *New Deal*, em seu sentido amplo, de uma série de medidas ao longo de quase uma década, deve ser o garantidor de tal lealdade. É desta forma que Roosevelt espera conquistar o apoio dos desempregados para a próxima guerra. É o que alega Preis em sua conclusão:

A administração está se preparando para receber dividendos sobre cada dólar gasto para o alívio dos desempregados. Esses dividendos serão cobrados sob a forma de apoio ao programa de guerra de Roosevelt. Toda concessão à classe trabalhadora, toda reforma social mais leve tem uma etiqueta de preço, marcada em sangue, "Support of Imperialist War".²⁵⁴
(Tradução Nossa)

3.2 A AGÊNCIA TROTSKISTA

Tanto no Brasil quanto no Estados Unidos da América, na década de 1930, os trotskistas lograram interagir e defender no movimento operário a política da frente única, como uma forma de construir laços mais sólidos com os sindicatos e outras organizações operárias. É interessante evidenciar de antemão que essa política perdurou em quase todo o período com resultados positivos e negativos a depender da evolução da conjuntura política de cada país, mas também da evolução dos seus respectivos movimentos operários e das forças dominantes em seu interior.

Essa política formulada para o movimento operário, contudo, estava longe de ser uma novidade na política comunista. Ainda em 1922, Trotski, diante do recuo da

²⁵² Idem.

²⁵³ PREIS, Art. American Depression IV. In. *Socialist Appeal*, v. 2, n. 34, 20 Ago. 1938, p. 02.

²⁵⁴ The administration is preparing to receive dividends on every dollar spent for the relief of the unemployed. Those dividends will be exacted in the form of support for the Roosevelt war program. Every concession to the working class, every slightest social reform has a price tag on it, marked in blood, "Support of Imperialist War." Idem.

vaga revolucionária do pós-guerra no continente europeu, formulou teses sobre essa política para o Comitê Executivo da Internacional Comunista. A ideia fundamental que apresentou trazia a avaliação da necessidade de os comunistas conformarem uma intervenção política conjunta com a socialdemocracia. Os limites dessa política foram definidos levando em consideração o fato de que seções importantes da classe trabalhadora orbitavam ao redor de organizações reformistas. Estes trabalhadores, com sua experiência particular, estavam ligados a essas organizações pelo fato de elas responderem aos seus interesses concretos.

De acordo com Mendonça, Trotski, a partir de tais considerações, projetava o futuro do movimento comunista:

Era possível que, no *futuro*, os operários reformistas, uma vez engajados numa luta política de caráter mais *geral*, tivessem sua confiança nos líderes abalada, mas o ponto de partida era exatamente o de que essa confiança existia no *presente*. (MENDONÇA, 2012, p. 30)

Portanto, ainda que os comunistas tivessem convencidos "da validade geral do seu programa revolucionário", estes deveriam apoiar "*quaisquer* reivindicações reformistas", pois o seu envolvimento nestas lutas, eventualmente, teria a capacidade de elevar a "autoconfiança" dos operários envolvidos, além de estimular "um nível mais elevado de reivindicações". (Idem.)

A questão fundamental, no entanto, desenvolvia-se quanto ao nível de cooperação com a socialdemocracia e suas organizações reformistas. Ou como indica Mendonça, "o de não reduzir a cooperação dos comunistas com os reformistas a um acordo entre *cúpulas*, mas traduzi-lo numa *prática cooperativa com as organizações de base*". (Ibid, p. 31)

Deve-se ressaltar que Trotski não tinha ilusões que as relações estabelecidas com o reformismo socialdemocrata se desenvolveriam naturalmente, a partir de "acordos organizacionais" que seriam respeitados no transcurso da luta. O fundamental era, justamente, a possibilidade de que os comunistas fizessem o que estava a seu alcance "para facilitar a ação das massas" e converter as suas reivindicações em "uma elevação da consciência política ativa". (Idem.)

Em Trotski, a partir dessa orientação, o papel do Partido Comunista junto a outras organizações que não possui influência imediata, como os sindicatos, assevera Mendonça:

Devia ser o de realizar "uma crítica constante e sistemática das suas deficiências [...] em resolver as necessidades básicas do proletariado. O partido deve incansável e persistentemente criticar os lados fracos, teóricos e práticos do sindicalismo". (Idem.)

Na época, Lenin desenvolve uma posição similar a de Trotski sobre a questão, abordando-a pelo "ângulo oposto", a partir da crítica "ao extremismo da época" e suas "propostas de boicote a sindicatos oficiais e à política eleitoral burguesa". Assim, ele demonstra a sua aversão tanto ao "doutrinarismo de direita" e seu "fetiche das velhas formas", quanto ao "fetiche do novo absoluto" e seu "repúdio completo das velhas formas". (Ibid, p. 31-32)

No entanto, a política da frente única em Trotski apresenta outras implicações que devem ser consideradas, como as conexões da revolução socialista em relação aos países avançados e atrasados. É mister que a Revolução Russa de 1917 e outros movimentos surgidos à sua esteira quebraram a velha concepção marxista da II Internacional que via a revolução socialista como produto "do desenvolvimento das forças produtivas em contradição com as relações de produção existentes". E mais, Mendonça sustenta que Trotski inverteu essa questão. "Contrariamente à crença de que a Revolução Socialista seria preparada pelo desenvolvimento do capitalismo nacional, esse desenvolvimento atuou concretamente como um fator de retardo da revolução". (Ibid, p. 32)

O autor ilustra essa questão em Trotski, a partir da elaboração política do revolucionário ucraniano em três momentos distintos na Alemanha, na França e na Inglaterra. Vejamos.

Bem ou mal, começa a explicar Trotsky, as revoluções burguesas, nas sociedades capitalistas avançadas haviam criado *espaços de atividade política concreta* para as suas classes subalternas sob a hegemonia ideológica da burguesia. A oposição entre frações políticas da burguesia, ainda que esvaziada de conteúdo substantivo, criara espaços corporativos para a atividade política do proletariado. A vida política havia sido, em alguns casos, desideologizada - como na Alemanha, onde a atividade política da social-democracia sob a hegemonia da jamais contestada aristocracia prussiana acabou por criar um "fetichismo organizacional", a busca frenética por interesses corporativos a expensas da oposição ideológica. Em outros casos, a política permanecera ideologizada, mas de acordo com uma pauta política herdada da revolução burguesa - como na França, onde a dramaticidade dos conflitos políticos do século XIX (republicanos *versus* monarquistas, orleanistas *versus* legitimistas, anticlericais *versus* integristas) mascarava o seu caráter puramente burguês. O caso inglês seria uma combinação dos dois casos anteriores: a hegemonia aristocrática, preservada pela insularidade da Grã-Bretanha

(que não necessitava de um exército permanente, apenas de uma marinha) combinou-se com as lutas políticas entre liberais e conservadores, que abriam certos espaços políticos às classes trabalhadoras - apesar do vazio do debate ideológico geral. (Ibid, p. 32-33)

Junto a esse entendimento, Mendonça evoca a necessidade de considerar outras questões próprias do desenvolvimento capitalista consoante Trotski. Por exemplo, a demanda por recrutas para o campo da pequena burguesia e o fato de que a classe trabalhadora não vivenciou neste íterim "um processo mecânico e ininterrupto de expansão numérica, de aumento do seu peso relativo na população e de sua influência política", como pressupunha Kautsky. (Ibid, p. 33)

Não obstante, o desenvolvimento capitalista não apenas evidenciou:

uma fragmentação crescente das identidades de classe pela via da maior complexidade social e das vantagens corporativas diferenciais entre seções do proletariado", mas também, uma *inércia* conseqüente das relações de classe "pacíficas", na medida em que a própria intensidade e dramaticidade das lutas por vantagens corporativas e por questões políticas pontuais atuavam para preservar o *pano de fundo geral* - o caráter burguês da sociedade - que passara a ser tido como um dado. (Idem.)

Para Mendonça, a Revolução Russa, consoante Trotski, quebrou essa inércia de "fora para dentro", devido a forma "transnacional" da revolução socialista, onde as questões políticas dos países atrasados difundiram-se por "osmose" para os países imperialistas, atuando como "elemento aglutinador de uma esquerda revolucionária". Contudo, o autor chama a atenção para o fato de que Trotski também admite um desenvolvimento explosivo "de dentro para fora", a saber:

Uma vez superadas as barreiras ideológicas internas à realização do debate político, "a guerra civil - tudo o mais permanecendo constante - será tanto mais amarga e tenaz quanto maior for o grau prévio de desenvolvimento capitalista [pois] maior a quantidade de recursos materiais e ideológicos à disposição dos dois lados". (Idem.)

Um ponto fundamental que decorre das duas possibilidades que a luta revolucionária pode assumir está relacionada a uma análise política do imperialismo em Trotski que, por sua vez, relaciona-se em geral com a forma de dominação do capital financeiro, mas que, especificamente, condiciona-se ao seu desenvolvimento real onde os EUA na década de 1920 tornam evidentes a sua capacidade de influenciar praticamente todo o planeta.

Conforme Mendonça, Trotski percebe em 1920 a mudança de qualidade do imperialismo estadunidense a partir da reorganização do capitalismo internacional que proporcionaria a ele obter a hegemonia burguesa. Por sua vez, a diplomacia do dólar obteria apoios importantes no continente europeu. Após a derrota do outubro alemão em 1923, Trotski sublinhava o fato da socialdemocracia europeia ter buscado garantir a prosperidade com o objetivo de constituir uma base para a sua política reformista, convertendo-se, portanto, em uma "agência política do capital americano". (Ibid, p. 34-35)

Como pode-se perceber, uma análise política do imperialismo em Trotski oportuniza perceber os elos da luta do proletariado em escala mundial e, isto, não implica, de forma alguma, uma análise genérica da luta de classes, mas uma leitura exaustiva de casos distintos em sua concretude e relacionados à época imperialista com seus condicionamentos.

A questão da frente única retorna ao centro do debate para Trotski e a Oposição Internacional de Esquerda no inícios dos anos 1930, na medida em que a situação alemã evidencia o crescimento do fascismo a passos largos em direção ao poder. Trotski, principalmente, mas também, a OIE e suas seções nacionais tomaram parte na linha de frente da luta contra o fascismo em meio a diversas limitações organizacionais e de pessoa.

No Brasil, a Oposição de Esquerda, em especial, a Liga Comunista vai defender abertamente a política da frente única no folheto impresso de 14 de julho de 1932, intitulado "Carta aos Camaradas do Partido Comunista". O documento parte de uma defesa da posição adotada pela fração do PCB após três meses do golpe de Estado da Aliança Liberal. Naquele momento, ela defendeu a convocação de uma "Assembleia Nacional Constituinte soberana, baseada no voto secreto, para os maiores de dezoito anos, sem restrição de sexo e nacionalidade e extensiva aos soldados e marinheiros".²⁵⁵

Diante do movimento grevista que acometeu a cidade de São Paulo, a LC sustenta que o PCB perdera uma importante oportunidade de "desenvolver uma intensa agitação em todo o país e conduzir as massas sob o seu estandarte". A falta de uma "vanguarda consciente" que orientasse o movimento, mostrou-se fundamental para o seu declínio imediato. De acordo com a Liga, a palavra de

²⁵⁵ Carta Aos Camaradas do Partido Comunista. Liga Comunista. São Paulo, 14 jul. 1932. Folheto Impresso 4 p. In. ABRAMO & KAREPOVS, Op. cit, p. 101.

ordem da Assembleia Constituinte poderia ter sido "a solda política capaz de os generalizar, intensificá-los e levá-los para frente até a greve geral".²⁵⁶

Neste contexto, a LC identifica a ocorrência de "uma guerra civil aberta entre as duas frações da burguesia nacional". A mal chamada "Revolução Constitucionalista" de 1932 é caracterizada como a "cartada final" da burguesia paulista para "recobrar pela força o poder perdido em outubro de 1930", ainda que compartilhado com a burguesia de Minas Gerais e do Rio Grande do Sul. A Constituinte nada mais é do que "a bandeira de que se serviu para lançar-se à luta armada".²⁵⁷

A LC percebe que a política demagógica da burguesia paulista tem conseguido arrastar consigo as massas que, por sua vez, durante o desenvolvimento da luta identificará a demagogia a qual foi submetida. O Partido, deve, portanto, facilitar "às massas a conclusão dessa experiência". Mas a percepção da traição não basta, elas devem identificar as palavras de ordens dos comunistas e, assim, exigir que a burguesia paulista cumpra as suas promessas.²⁵⁸ A partir de então:

O Partido deve, dirigindo a vanguarda mais consciente do proletariado, lançar-se à frente das camadas mais oprimidas da população, servindo-as das palavras de ordem democráticas, no centro das quais se encontra a de Assembleia Constituinte.²⁵⁹

O ponto central do trabalho do partido e suas consignas democráticas devem ocorrer nos sindicatos, "o traço de união mais constante e seguro entre o Partido e as massas". Para tanto, advoga a LC:

Precisamos, sobretudo, mostrar às camadas mais largas do proletariado, ainda cheias de preconceitos pequeno-burgueses e distantes do comunismo, que somos nós os defensores dos seus interesses mais imediatos. Não devemos opor, como o Partido o vem fazendo, uma barreira entre os interesses superiores, históricos, finais do proletariado - a conquista do poder político pela insurreição - aos interesses diários, simples, econômicos ou mesmo corporativos das massas proletárias. Ao contrário, precisamos uni-los, e fazer da luta pelos últimos uma etapa NATURAL da luta final pelos primeiros. O objetivo fundamental da política sindical comunista é a luta constante, séria, pela unidade do movimento sindical, a sua centralização num organismo único superior.²⁶⁰

²⁵⁶Ibid, p. 102.

²⁵⁷ Ibid, p. 102-104.

²⁵⁸ Ibid, p. 105-106.

²⁵⁹ Ibid, p. 106.

²⁶⁰Ibid, p. 108.

Para alcançar o objetivo da unidade sindical deve-se lutar pela realização da "política da FRENTE ÚNICA". Para a Liga, portanto, torna-se mister "reunir todas organizações operárias EXISTENTES para lutar por objetivos comuns, bens definidos e antecipadamente aceitos por essas organizações".²⁶¹ É preciso destacar que estes objetivos devem ser desenvolvidos levando em consideração a diversidade do proletariado:

Como infelizmente não existem só operários conscientes ou comunistas, e, pelo contrário, a maioria da massa operária não nos segue, é corporativista quando organizada, ou indiferente e completamente inorganizada, é-se forçado a apresentar reivindicações que essas massas ainda atrasadas possam compreender e aceitem desde logo.²⁶²

Ainda, a LC enseja que o PCB secunde a ideia do "COMITÊ INTERSINDICAL", resultado das greves do primeiro semestre em São Paulo, que será constituído por delegados dos sindicatos eleitos em suas respectivas assembleias, com o objetivo de "propaganda e agitação para a conquista de reivindicações imediatas".²⁶³

A questão fundamental a ser considerada pela política da frente única na ocasião do levante constitucionalista é a centralidade concedida aos sindicatos como base fundamental para mover as massas descontentes com os limites da burguesia paulista, caso o movimento ganhasse tais contornos. Naquele momento, a LC clamou por uma "frente única comunista", ou seja, um "congresso de reunificação das forças comunistas", notadamente ela e o PCB.²⁶⁴

Destarte, os estatutos da LC em 1933, apresentaram uma compreensão mais ampla da política da frente única em relação a do ano anterior, extrapolando a questão do movimento sindical. No documento, ela reconhece a necessidade de intervir nas "organizações PROLETÁRIA DE MASSA", ou seja, "as sindicais reformistas".²⁶⁵ Não obstante, ela defende a:

necessidade da mobilização das massas com "PALAVRAS DE ORDENS TRANSITÓRIAS, respondendo a situação concreta de cada país, e em

²⁶¹Ibid, p. 109.

²⁶² Idem.

²⁶³Ibid, p. 109-110.

²⁶⁴Ibid, p. 111.

²⁶⁵ Estatutos da Liga Comunista do Brasil. 1933, 13 p. In: ABRAMO&KAREPOVS, Op. cit, p. 148.

particular com PALAVRAS DE ORDEM DEMOCRÁTICAS, na medida em que se tratar da luta contra as condições feudais, contra a opressão nacional ou contra as diversas formas de ditadura imperialista aberta (fascismo, bonapartismo etc.).²⁶⁶

A partir dessas considerações, ela advoga a necessidade de construção de "uma larga POLÍTICA DE FRENTE ÚNICA", que envolva as "organizações de massa, tanto sindicais como políticas". E enfatiza, "inclusive a socialdemocracia como partido". Também, a LC rejeita a concepção de frente única "só pela base", pois entende que a qualidade imputada a essa política significa na prática a sua negativa. Corroborando com essa política, a Liga mostra-se contrária a "teoria do SOCIAL-FASCISMO", visto que essa favorece "de um lado ao fascismo e do outro à social-democracia".²⁶⁷

Ressalte-se que desde 1930, Trotski se opõe a política do Terceiro Período da *Comintern* e seu resultado prático, a teoria do social-fascismo e a tática da frente única pela base. Em 1933, o resultado dessa política mostrou-se incapaz de frear a ascensão dos nazistas ao poder na Alemanha. É o que indica Ricardo Figueiredo de Castro:

Na Alemanha, onde a tradição operária e revolucionária havia viabilizado a existência de um partido social-democrata e de um partido comunista fortes, o vácuo político deixado pela crise de 1929 e pela política sectária do Partido Comunista Alemão contribuiu para facilitar a ascensão dos nazistas ao poder. (CASTRO, 2002, P. 356)

Certamente, a política da LC no período esteve alicerçada pela denúncia de Trotski sobre a situação alemã e a escala de Hitler ao poder. A própria OIE, em fevereiro de 1933, definiu "a necessidade de uma vasta política de frente única" como condição para o ingresso na organização. (Idem.)

O biênio de 1933 e 1934 no Brasil ficou marcado por uma série de questões relevantes para política brasileira. Foi o período de funcionamento da Assembleia Nacional Constituinte, do lançamento e desenvolvimento da Frente Única Antifascista (FUA), do desenvolvimento da Ação Integralista Brasileira (AIB) e da formação da Aliança Nacional Libertadora (ANL).

Conforme Ricardo Figueiredo de Castro amplos setores da sociedade civil colocaram-se em movimento, diante da crise do liberalismo:

²⁶⁶ Idem.

²⁶⁷ Ibid, p. 149.

A crise ideológica e política do liberalismo transformou-se no Brasil numa questão política não apenas para as elites econômicas e políticas, que, ao longo dos anos 30, debateram uma alternativa viável para o liberalismo. Igualmente, permitiu que as classes médias, os trabalhadores manuais e intelectuais, também participassem do debate, seja pela direita, com o fascismo, seja pela esquerda, com o socialismo e comunismo. O debate sobre as alternativas ao liberalismo na prática sofreu a concorrência do confronto entre o fascismo e o antifascismo. (CASTRO, 2002, p. 357)

Neste sentido, o estatuto da LC e a sua orientação para o desenvolvimento da política da frente única ganhou forma em junho de 1933, a partir da formação da Frente Única Antifascista (FUA), na cidade de São Paulo. Impulsionada pela LC, depois LCI, a fundação da FUA envolveu um amplo espectro político, "ia da esquerda tenentista, passando pelos socialistas brasileiros e italianos, pelos anarquistas, e chegando aos trotskistas". (Ibid, p. 360)

A FUA desenvolve-se com relativa importância durante o ano de 1933, tendo a participação, inclusive do PCB em determinadas reuniões e manifestações, contudo, em 1934 ela perde força na medida em que o Comitê Antiguerrero se fortalece em São Paulo. A partir de então, a LCI dedica-se a política da frente única no campo sindical e no eleitoral, respectivamente, na Coligação dos Sindicatos Proletários e na Coligação das Esquerdas. (Ibid, p. 364-365)

Destaca-se que os últimos meses de 1934 evidencia o avanço da frente popular, envolvendo "uma ampla frente de setores progressistas (e não apenas a esquerda) a favor de amplas reformas na sociedade". Neste momento, a luta antifascista foi diluída "na luta mais ampla por reformas e contra as forças conservadoras e reacionárias". (Ibid, p. 379) Em março de 1935, o resultado prático desse movimento é a formação da ANL, na qual, o PCB desempenhará um papel significativo, enquanto os trotskistas, lançarão severas críticas.

Nos Estados Unidos da América, a Oposição de Esquerda desenvolve a tática da frente única e a defende desde o seu primeiro programa, elaborado na ocasião do VI Congresso do PCUSA em 1928 e ratificado pela CLA em 1929, na ocasião de sua primeira convenção. Inicialmente, esta política desenvolve-se sobretudo como parte da sua política sindical. Da mesma forma que a LC no Brasil, a CLA em suas primeiras formulações evidencia a necessidade dessa orientação para o Partido, levando em consideração sua intervenção como fração.

No documento, a CLA parte da caracterização da *American Federation Of Labor*, no qual caracteriza o seu crescente enfraquecimento e a política reacionária de sua liderança que procura frear a organização dos trabalhadores das indústrias básicas e a construção de novos sindicatos. O papel da AFL na I Guerra Mundial como agente do imperialismo americano não deve obliterar o fato dela possuir três milhões de afiliados. Segundo a CLA, deve-se lutar pela influência sobre estes trabalhadores ante a dos burocratas para construir um movimento insurgente e impedir que os burocratas da AFL sabotem a organização de novos sindicatos. Indiretamente, a CLA critica o "radicalismo sonoro" do Partido em desconsiderar a AFL de sua política sindical.²⁶⁸

Para a CLA, o Partido deve lutar pela construção de novos sindicatos industriais combinando essa luta central com um incremento da luta nos antigos sindicatos. Neste sentido, os trotskistas consideram equivocado denominar todos os afiliados à AFL de "aristocratas do trabalho, imunes à agitação da luta de classes", pois ela visualiza o crescimento das lutas para o próximo período. E exemplifica:

Correntes profundas de descontentamento, cheias de potencialidades para lutas futuras, já existem nos velhos sindicatos e aumentarão no próximo período. O recente manifesto do grupo pseudoprogressista Labor Age é principalmente um reflexo desse descontentamento nas fileiras dos sindicatos, que os reformistas procuram desviar para canais inofensivos. O aparecimento do novo movimento, mesmo de forma nebulosa, com pseudoprogressistas à frente, é um sinal da abdicação dos comunistas e da esquerda, que nos últimos anos lideraram esses movimentos. É uma advertência que a contínua negligência da luta nos antigos sindicatos abre caminho para a estupidificação reformista de movimentos potencialmente revolucionários dentro deles.²⁶⁹

Para estar a altura das lutas futuras, a CLA advoga que o Partido deve penetrar em todos os movimentos de oposição e revolta contra a burocracia da AFL e, para tanto, deve lançar mão da política da frente única com todos os trabalhadores progressistas com o objetivo de liderar os movimentos de oposição.

²⁶⁸ Platform of the Communist Opposition. In. *The Militant*, v. 2, n. 4, 15 Fev. 1929, p. 04.

²⁶⁹ Deep currents of discontent, full of potentialities for future struggles, already exist in the old unions, and they will increase in the coming period. The recent manifesto of the pseudoprogressive group of Labor Age is primarily a reflection of this discontent in the ranks of the unions, which the reformists seek to divert into harmless channels. The appearance of the new movement, even in a nebulous form, with pseudoprogressives at its head, is a sign of the abdication of the Communists and the left wing, who in recent years have led these movements. It is a warning that continued neglect of the struggle in the old unions clears the road for the reformist stultification of potentially revolutionary movements within them. *Ibid*, p. 05.

Não obstante, para a formar novos sindicatos, a tática da frente única ganha uma nova amplitude.²⁷⁰ Vejamos:

Mantendo sempre sua independência e liberdade de crítica, o partido deve formar alianças com grupos e organizações dispostos a cooperar conosco em um programa mínimo de luta de classes e conquistar os militantes não-partidários até a plataforma do comunismo por graus no curso da luta conjunta.²⁷¹(Tradução Nossa)

Se a orientação da LC e da CLA em relação a seus respectivos partidos comunistas é uma aproximação importante que ajuda a sua postura eminentemente teórica e crítica da política relacionada à classe trabalhadora e sua relação com os partidos que ambas se consideram membros legítimas e, neste momento, me refiro a luta política mais ampla e a política sindical. Não obstante, a situação política e sindical na transição entre as décadas de 1920 e 1930, evidencia uma evolução política bastante diversa nestes dois níveis, em que pese, como se verá no próximo subtítulo, o desenvolvimento de políticas voltadas aos mundos do trabalho dos governos Roosevelt e Vargas com importantes aproximações.

No Brasil da década de 1930, o movimento operário e sindical engatinha e sofre reveses perante uma conjuntura que evolui ano após ano para o estabelecimento de uma ditadura de traços fascistas, enquanto no EUA, o governo democrata desenvolve-se ante um contexto de depressão econômica e de relativa normalidade política.

Numericamente reduzida, com uma indústria importante, mas incipiente e concentrada nos grandes centros urbanos, principalmente em São Paulo, os trabalhadores brasileiros em que pese certas iniciativas comunistas e anarquistas não possuem uma Central Sindical com o peso político nos mundos do trabalho como a AFL. O período da Oposição de Esquerda no Brasil, de 1930 a 1933, é um período marcado sobretudo por um trabalho teórico e organizativos de pequena amplitude se comparado ao desenvolvimento da Oposição no EUA, ainda que este adquira um significado de relativa importância sindical e política no país em 1933-34.

²⁷⁰ Idem.

²⁷¹ Maintaining always its independence and freedom of criticism, the party must form alliances with groups and organizations willing to cooperate with us on a minimum class-struggle program, and win the nonparty militants over to the platform of communism by degrees in the course of joint struggle. Idem.

A orientação da CLA em relação ao movimento sindical estadunidense demonstra uma visível preocupação na identificação de elementos e organizações de caráter progressista que possam servir como aliados para balançar futuramente o poder da burocracia da AFL. Neste sentido, o jornal *The Militant* evidencia a questão em vários momentos esta situação, sempre relacionando a questão a problemática da relação entre comunistas e progressistas.

Em março de 1929, Cannon subscreve para o jornal um artigo intitulado *The Communists and the "Progressives"*, no qual aborda os desdobramentos posteriores da recente convenção da AFL, a partir do surgimento de várias manifestações de um novo momento, o *Labor Age*. Sobre o movimento, ele ressalta a publicação de um manifesto que delineia uma plataforma de dezesseis pontos muito similares aos da esquerda do movimento trabalhista.²⁷²

Isso inclui a organização dos trabalhadores das indústrias básicas em sindicatos industriais, a democracia sindical, a semana de cinco dias, a ação política independente, o seguro social e a maioria das outras exigências padrão da ala esquerda.²⁷³ (Tradução Nossa)

Também, Cannon pontua o conflito entre o Brokwood Labor College e o Conselho Executivo da AFL, entre outras movimentações, como a do socialista Norman Thomas, para caracterizar uma tendência para o desenvolvimento de opiniões progressistas consistentes no movimento operário. E ressalta que esses movimentos não são acidentais, mas o resultado de um crescente descontentamento com o reacionarismo que impera na AFL. Cannon argumenta que isto se tornou possível devido ao abandono dos antigos sindicatos pelo CPUSA. Os progressistas, todavia, orientam-se como cata-ventos no movimento operário, refletindo um indicador de radicalização dos trabalhadores, mas impedindo-os que colidam com os capitalistas e a máquina da AFL. No entanto, um bloco dos setores descontentes pode engendrar grande influência entre os trabalhadores desorganizados.²⁷⁴

Em que pese a experiência internacional, o papel dos comunistas, por suposto, incluindo a CLA, no estágio atual do movimento operário, acrescenta Cannon, mostra-se muito diferente. Isto porque no EUA a luta entre comunistas e

²⁷² CANNON, James P. *The Communists and the "Progressives"*. In. *The Militant*, New York, v. 2, n. 5, 1 Mar. 1929.

²⁷³ Idem.

²⁷⁴ Idem.

socialdemocratas não é uma forma predominante no movimento operário, de concorrência pela sua liderança, visto que apresenta-se somente em locais isolados. Trata-se antes de lutar pela criação de um movimento de classe dos trabalhadores que permita a expansão da influência comunista em seu interior, contrapondo-se a qualquer tipo de reformismo.²⁷⁵

A tática da frente única entre comunistas e elementos progressistas, com liberdade de crítica e política independente, deve ser a opção para a concretização de um movimento de classe dos trabalhadores. Cannon considera um equívoco a posição do CPUSA de lançar-se à luta de forma completamente independente, utilizando o expediente da denúncia direta contra as forças progressistas, reforçada pela orientação de formar novos sindicatos.²⁷⁶

A orientação da CLA evidencia dois desdobramentos de relativa importância no movimento operário e sindical do país, o surgimento de organizações e lideranças socialdemocratas e a política isolacionista do CPUSA, condizente com a política do Terceiro Período. Por outro lado, a CLA procura ligar-se com o movimento operário e sindical através da política da frente única.

Em agosto, Arne Swabeck evidencia no *The Militant* o surgimento de outra organização operária de caráter progressista, a *Conference For A Progressive Labor Action* (CPLA), que se define como oposição sindical, portadora de uma estrutura para a participação de grupos e indivíduos, além de um programa elaborado digno de nota. E novamente critica o CPUSA por sua postura de ignorar essas movimentações.²⁷⁷ Esta posição do Partido é consolidada em outubro com a formação da Trade Union Unity League (TUUL) pelo CPUSA com intuito de sindicalizar os milhões de trabalhadores desorganizados e que procura concorrer com a AFL, evidenciando uma retórica revolucionária.²⁷⁸

A partir de 1930, o movimento operário é afetado profundamente pela depressão econômica e por uma crise social que arranca milhões de trabalhadores dos seus empregos. Em março, Swabeck identifica que a classe trabalhadora coloca-se em movimento e ressalta a importância para o movimento revolucionário de produzir uma orientação correta. O desemprego gerado pela depressão, defende, não é resultado da racionalização da produção, resultado de novas tecnologias que

²⁷⁵ Idem.

²⁷⁶ Idem.

²⁷⁷ SWABECK, Arne. The New Progressive Movement. In. *The Militant*, v. 2, n. 12, 1 Ago. 1929, p. 05.

²⁷⁸ The T.U.U.L. Conference. In. *The Militant*, v. 2, n. 15, 1 Out. 1929, p. 02.

prescindem do trabalhador, no momento, o desemprego que atinge o EUA é estrutural e em larga escala, isto é, a formação de um exército permanente de desempregados.²⁷⁹

O desemprego, por conseguinte, é evidenciado por Swabeck como um estímulo para a ação da classe trabalhadora e o Partido, todavia, não deve esperar que as massas confluem para os sindicatos revolucionários, mas os comunistas devem estar junto delas e mostrar-se apto para liderá-las quando o momento se apresentar. Para Swabeck, não se pode esperar que a classe trabalhadora no corrente momento se engaje em batalhas ofensivas generalizadas, visto que a pressão exercida sobre os trabalhadores tende a aumentar para que os capitalistas procurem sair de suas dificuldades econômicas. Portanto, as lutas do presente, sustenta, apresentarão um caráter defensivo, ainda que uma eventual recuperação possa abrir uma época de batalhas ofensivas.²⁸⁰

Diante da prisão de militantes comunistas e da crescente pressão sobre trabalhadores e militantes estrangeiros que interagem com a massa de desempregados em grandes manifestações, a CLA propõe a formação de um movimento amplo de frente única para frear a ofensiva anticomunista e anti-trabalho dos patrões, da AFL e do governo, além da defesa de que o CPUSA abandone a sua política sectária de isolamento.²⁸¹ Em maio, a CLA volta a condenar a orientação do CPUSA para o movimento operário e sua recusa de intervir entre os trabalhadores da ala direita, taxados de social-fascistas, a partir de uma plataforma mínima de luta.²⁸²

Em abril de 1931, Cannon volta a escrever no jornal *The Militant* sobre a relação dos comunistas e progressistas, quando faz um balanço da política da CLA para o movimento operário e sindical. E recorda:

Em nossa Plataforma e em vários artigos especiais e editoriais defendemos a política da frente unida em direção ao novo movimento. Ao fazer isso, enfatizamos o fato de que o movimento do "Progressismo" tinha um duplo caráter. Por um lado, dissemos, isso refletia a "radicalização dos trabalhadores que cresciam dentro dos velhos sindicatos, bem como nas fileiras das massas desorganizadas". Por outro lado, definimos o papel dos

²⁷⁹SWABECK, Arne Next Steps of the American Workers. In. *The Militant*, v. 3, n. 11, 15 Mar. 1930, p. 06.

²⁸⁰ Idem.

²⁸¹ Unite for the Unemployed! Resist Attack of Bosses and Government. In. *The Militant*, v. 3, n. 12, 22 Mar. 1930, p. 01, 03.

²⁸² Left Wing Needle Trades Crisis. In. *The Militant*, v. 3, n. 21, 24 Mai. 1930, p. 01.

líderes do movimento da seguinte forma: “Seu papel, objetivamente falando, é expressar essa radicalização em palavras, aproveitá-la em ação e impedi-la de qualquer colisão real com os capitalistas e com a máquina da AFL.” Nós dissemos: “O novo movimento é um desafio. aos comunistas pela liderança das lutas vindouras; e defendíamos a tática da frente única como arma dos comunistas.”²⁸³(Tradução Nossa)

Para o dirigente trotskista, o desenvolvimento da luta operária nos últimos dois anos e suas movimentações recentes reavivaram a questão dos progressistas no movimento operário, inclusive confirmando as perspectivas da CLA. No corrente momento, todavia, a ênfase dessa orientação deve mudar, pois as frações do Partido mudaram suas posições radicalmente. Ele visualiza a ala centrista, stalinista, à beira de um grande movimento para a direita, balanço já realizado pela ala direita de Lovestone. A situação presente, demanda uma nova discussão em relação aos progressistas, do ponto de vista das condições e dos limites da interação.²⁸⁴

Neste íterim, toda a liderança progressista comportou-se como uma isca para os reacionários e, diante do aumento do peso da crise sobre a classe trabalhadora, abre-se um campo para uma ampla exploração dos progressistas, a partir da destruição das ilusões que esse campo tem oferecido à organização da classe trabalhadora que, por sua vez, deve procurar expressar seu descontentamento de forma cada vez mais radical. O ponto crucial, no presente momento, sustenta Cannon, é como fortalecer os revolucionário contra os reformistas.²⁸⁵

É interessante destacar que a postura de Cannon evidencia uma inflexão, ainda que ele não reconheça, na posição da CLA. Deve-se recordar que o período de 1929 a 1932 representou para a Oposição de Esquerda um momento de desaceleração, de grandes dificuldades de inserir-se nas lutas do movimento operário, apesar de sua ousada política sindical para o mesmo no contexto da depressão econômica e da crise social produzida no país. Contudo, a posição de

²⁸³In our *Platform* and in several special articles and editorials we advocated the policy of the united front toward the new movement. In doing so, we emphasized the fact that the movement of “Progressivism” had a two-sided character. On the one side, we said, it reflected “radicalization of the workers growing within the old unions as well as in the ranks of the unorganized masses.” On the other side we defined the rôle of the leaders of the movement as follows: “Their rôle, objectively speaking, is to express this radicalization in words, to harness it in action and to head it off from any real collision with the capitalists and the A.F. of L. machine.” We said: “The new movement is a challenge to the Communists for the leadership of the coming fights;” and we advocated the tactic of the united front as the weapon of the Communists. In. CANNON, James P. *The Communists and the Progressives. The Militant*, v. 4, n. 7, 1 Abr. 1931, p. 05.

²⁸⁴ Idem.

²⁸⁵ Idem.

construir uma frente única no corrente momento, a partir de duras críticas ao CPLA que procura envolver amplos setores do movimento operário, inclusive comunistas, imputa a CLA uma política de isolamento.

Cannon crítica a fusão de parcela do grupo Revolutionary Age (RA) de Lovestone com a CPLA e a posição do RA em conformar um bloco com a CPLA para a construção de um movimento de esquerda nos sindicatos. O grande equívoco, assevera, é o de não impor condições aos progressistas, impedindo que se critique as limitações da CPLA, além do manifesto interesse de atrair os comunistas para uma política conjunta nos sindicatos. No entanto, Cannon defende o ponto de vista de que a ala centrista que dirige o Partido, deve atacar a ameaça progressista no movimento operário e propor uma frente única, a partir de questões concretas do cotidiano, como condição prévia a realização de um acordo.²⁸⁶

No entanto, em julho de 1932, a CLA identifica uma mudança de fato na orientação do CPUSA para o movimento sindical, a partir do reconhecimento da necessidade em desenvolver trabalho nos sindicatos reacionários da AFL e da reorganização da TUUL na base operária das fábricas. E a crítica por não priorizar o trabalho entre a massa de desempregados para a formação de novos sindicatos industriais, acrescentando que o trabalho entre os sindicatos reacionários é um trabalho importante, mas complementar no momento atual da crise.²⁸⁷

Apesar do giro sindical promovido pela TUUL, em novembro, a CLA lamenta o fato do CPUSA nas eleições presidenciais descartarem a possibilidade de construção de uma frente única eleitoral com o SP, lançando mão do artifício político da classe contra classe, o que lamentavelmente, privou o Partido de dialogar com uma ampla base de trabalhadores sob a órbita do SP. No entanto, a CLA evidenciando o seu caráter de fração no CPUSA recomendou o voto no Partido e seu candidato, o stalinista Willian Z. Foster.²⁸⁸

Em janeiro de 1933, o CPUSA, todavia, completa o giro político que ensaiou em 1932, eliminando a designação social-fascista e abandonando a política da frente única pela base, com o apelo para a formação do Comitê Sindical para Seguro e Subsídio de Desemprego e convites para sindicatos locais de trabalhadores, independentes de sua afiliação, organizações sociais e beneficentes,

²⁸⁶ Idem.

²⁸⁷ A New Turn in the T.U.U.L. In. *The Militant*, v. 5, n. 28, 9 Jul. 1932, p. 02.

²⁸⁸ Class Against Class in the Presidential Elections. In. *The Militant*, v. 5, n. 45, 5 Nov. 1932, p. 01.

além das filiais do SP. A proposta tem o objetivo de realizar uma Conferência Sindical na cidade de Nova York para mapear um programa legislativo em defesa dos interesses dos trabalhadores. A CLA considera que os seus pontos de vista foram contemplados pela proposta, mas apresenta reservas relativas a falta de explicação do Partido para a nova política, no sentido de não evidenciar o que estava errado, o que não colabora para que os seus afiliados percebam o que de fato mudou. De todo modo, ela compromete-se em apoiar o novo curso.²⁸⁹

Em setembro, a CLA identifica uma disposição crescente da classe trabalhadora em defender os seus interesses diante do *New Deal* e de seu dispositivo, a NRA. E evidencia uma explosão de greves espontâneas pelo país sem uma direção consciente. Para Cannon, o domínio stalinista privou a ala esquerda de influir positivamente na direção das greves, tornando fundamental que ela renove o seu programa e suas lideranças. Inclusive, Cannon chama a atenção que a política governamental do governo para os sindicatos e trabalhadores, a NRA, possa ter despertado os mesmos à luta. No entanto, isto, mostra-se, no momento, como uma tendência. Destaca-se que o dirigente trotskista alerta para a incapacidade das uniões sindicais independentes serem protagonistas nas lutas que se avizinham e o movimento que se desenvolve de trabalhadores à AFL. No que cabe a ala esquerda, ele alerta para a necessidade de uma nova liderança que supere o domínio do CPUSA e rompa com seu programa sectário.²⁹⁰

Neste íterim, como demonstrado no primeiro capítulo, a CLA rompe com o CPUSA, no contexto da escalada nazista ao poder na Alemanha e da paralisia que acometeu o seu partido comunista, e passa a intervir independentemente nos EUA. No Brasil, isso ocorre da mesma maneira. É importante assinalar que em 1933 tanto a CLA quanto a LC vivem o seu momento mais dinâmico enquanto fração dos seus respectivos partidos comunistas. No Brasil, como evidenciado há pouco, a FUA e a política da Frente Única impulsionam o desenvolvimento da organização que resultará na formação da LCI, ainda que seja necessário delimitar esse sucesso para o Rio de Janeiro e, em especial, em São Paulo. Por outro lado, a CLA vive o seu momento de aceleração que coincide com a sua ruptura com o CPUSA, mas

²⁸⁹United Front Call Issued for Unemployment Insurance: Opposition Welcomes Party Turn and Warns Against Opportunistic Tendencies. In. *The Militant*, v. 6, n. 2, 14 Jan. 1933, p. 01, 04.

²⁹⁰CANNON, James P. The Trade Union Question: The Left Wing Needs a New Policy and a New Leadership. In. *The Militant*, v. 6, n. 43, 16 Set. 1933, p. 01, 04.

também com o ascenso da classe trabalhadora estadunidense que começa a se desenvolver.

Neste sentido, a sua liderança nas greves de Mineápolis, em especial na dos caminhoneiros, e as vitórias desse processo de lutas e de uma importante ampliação de trabalhos pelo país a colocam em outro patamar, se comparado com a LCI. Em 1934, a sua fusão com o movimento progressista American Workers Party (AWP), que resultou na formação do Workers Party, abre novas perspectivas para os trotskistas.

A questão de uma possível nova guerra mundial que desde 1933 coloca o trotskismo e o stalinismo no Brasil em oposição, consoante a questão do fascismo e a prioridade da luta, adquire intensidade nos EUA, em especial, com a política da frente popular levada adiante pelo CPUSA. Em 1935, o jornal *New Militant* evidencia o problema, a partir da reversão histórica dos papéis de dois partidos, o CPUSA e o SP.

Arne Swabeck indica a adoção pelo CPUSA de uma posição social patriota, enquanto o SP procura livrar-se da velha guarda socialista e empenha-se em adotar uma posição à esquerda, inclusive do CPUSA, a partir da liderança de Norman Thomas. Este artigo denota o crescente interesse do WP pelas discussões que se desenvolvem no interior do SP e pela posição de Thomas em uma série de questões envolvendo o socialismo e a própria União Soviética.²⁹¹

Além disso, apesar de certas limitações do socialista, contrário a frente popular e o amplo leque de forças advogados pelo stalinistas, que envolva trabalhadores, agricultores, desempregados, profissionais liberais, pequenos empresários, protestantes, católicos, judeus, socialistas, democratas e republicanos, mas favorável a frente popular na França, Swabeck comenta que no debate entre os socialistas no Madison Square Garden, a partir da liderança de Thomas, o SP dá um passo à esquerda.²⁹²

Um olhar mais atento sobre a questão evidencia um entendimento do WP, envolvendo os trotskistas, de que a política da Frente Popular na prática pode inviabilizar o seu novo partido. No Brasil, os trotskistas da LCI tiveram a sua intervenção política limitada pela formação e desenvolvimento da ANL. A política da

²⁹¹SWABECK, Arne. The Significance of the Browder-Thomas Debate for the Revolutionary Movement. In. *New Militant*, v. 1, n. 51, 21 Dez. 1935, p. 03.

²⁹² Idem.

Frente Única ficou inviabilizada, tendo em vista, as suas forças diminutas e a crescente influência do PCB no ano de 1935. Para piorar a situação, ela não vislumbra novos aliados, nem a possibilidade de realizar a política do entrismo que os trotskistas desenvolviam na França. E isto não é apenas uma questão de vontade política. Mesmo assim, a LCI, por exemplo, sofre os efeitos dessa política levada adiante na França, perdendo inclusive dirigentes importantes como Aristides Lobo. Mesmo nos EUA, a fusão dos trotskistas com o AWP, que não pode ser considerada uma política propriamente do entrismo, reflete no abandono de Hugo Oehler e seus adeptos.

A política do entrismo, entretanto, será realizada no EUA a partir da segunda metade do ano de 1936. Depois de diversas análises evidenciando o desenvolvimento político do SP, o WP explica a sua adesão ao SP no jornal *New Militant* junho do referido ano. Na ocasião da Conferência de Cleveland do *Socialist Party*, a ruptura com a velha guarda e a posição militante assumida pelo partido no que se refere à guerra imperialista abre uma nova situação da qual o WP não pode se furtar.²⁹³

A composição do Partido Socialista hoje não é mais o que era sob o domínio da velha guarda. Em suas fileiras entraram uma nova geração de militantes conscientes da classe, inspirados pelo espírito da luta de classes, que querem fazer do partido um partido do marxismo revolucionário. Eles representam um movimento de grandes potencialidades para a causa de um partido de massa da revolução socialista nos Estados Unidos. O Partido dos Trabalhadores, formado para defender os interesses do internacionalismo revolucionário, não pode se destacar desse movimento. Está plenamente consciente da tremenda importância desse movimento para o futuro da classe trabalhadora norte-americana e internacional e do fato de que esse movimento pode ser avançado mais rápida e consistentemente na direção em que ele viajou apenas pelo mais próximo, mais fiel e contato direto com ele.²⁹⁴ (Tradução Nossa)

Desde a última convenção do WP, o Comitê Nacional do partido vinha acompanhando os desenvolvimentos interiores da luta do SP, inclusive tomando

²⁹³ Statement of National Committee. In. *New Militant*, v. 2, n. 22, 6 Jun. 1936, p. 01.

²⁹⁴The composition of the Socialist Party today is no longer what it was under the domination of the Old Guard. Into its ranks have entered a new generation of class-conscious militants, inspired by the spirit of the class struggle, who want to make the party a party of revolutionary Marxism. They represent a movement of great potentialities for the cause of a mass party of socialist revolution in the United States. The Workers Party, formed to advance the interests of revolutionary internationalism, cannot stand apart from this movement. It is fully conscious of the tremendous importance of this movement for the future of the American and international working class and of the fact that this movement can be advanced more speedily and consistently in the direction in which it has traveled only by the closest, most loyal and direct contact with it. Idem.

medidas no caso de um desfecho favorável da luta interna do setor que se opunha a velha guarda, notadamente capitaneado por Thomas. Diferentemente da fusão realizada pelos trotskistas com o AWP que originou uma nova organização, o WP "conclama todos os seus membros a entrar nas fileiras do Partido Socialista da América".²⁹⁵E explica:

Entramos no Partido Socialista como somos, com nossas idéias. Assumimos todas as obrigações e deveres da filiação partidária e não pedimos privilégios especiais. Com base em deveres iguais e direitos iguais, nós nos obrigamos a trabalhar leal e devotadamente para construir o Partido Socialista em uma organização poderosa e unida na luta revolucionária pelo socialismo.²⁹⁶

Concomitantemente, a *Spartacus Youth League* (SYL), organização de juventude do WP, endossa o caminho traçado pelo seu partido e conclama os seus militantes e simpatizantes a entrarem na *Socialist Youth League*.²⁹⁷

Destaca-se que os trotskistas abrem mão de sua imprensa no momento vigente, pelo menos na cidade de Nova York, pois em Chicago desde 1935, Albert Goldman, entre outros, publica o jornal *Socialist Appeal*. Importa realçar que as principais lideranças do movimento trotskista até aqui colocam os seu esforços na construção do SP, abrindo mão de sua imprensa até agosto de 1937, quando adotam o mesmo nome do jornal *Socialist Appeal* na cidade de Nova York, denominando-se a ala esquerda do SP.

Contudo, a declaração do WP que dissolve o partido e conclama os seus militantes a entrarem nas fileiras do SP e o conteúdo que justifica a entrada deve ser apreendido, pelo menos da parte dos trotskistas do WP, de forma relativa. Em agosto de 1937, Albert Goldman evidencia uma campanha aberta no SP pela expulsão dos trotskistas do partido.

Na Convenção de Chicago, realizada em fins de março, ele evidencia a falta de harmonia no Partido e a tentativa de supressão da ala esquerda. Esta iniciativa não prosperou, contudo, a ala esquerda teve o seu jornal proibido de circular na cidade Chicago. A partir do relato de Goldman, pode-se dizer que uma importante

²⁹⁵ Idem.

²⁹⁶ We enter the Socialist Party as we are, with our ideas. We assume all the obligations and duties of party membership and ask no special privileges. On the basis of equal duties and equal rights we obligate ourselves to work loyally and devotedly to build the Socialist Party into a powerful, united organization in the revolutionary struggle for socialism. Idem.

²⁹⁷ Idem.

fonte de conflitos entre a ala direito e a ala esquerda do SP foi a questão da frente popular e a caracterização do seu desenvolvimento na Espanha, colocando a ala esquerda em luta contra a resolução que apoiou o governo frentista na Espanha. O êxito dessa campanha precipitou a luta contra o trotskismo no SP.²⁹⁸

Em janeiro de 1938, diante de uma posição insustentável no SP, abandonam suas fileiras para formar o *Socialist Workers Party*, como evidenciando no primeiro capítulo, com uma base mais ampla do que na época de entrada do SP. Neste sentido, o êxito da política de entrismo dos trotskistas é evidente. Todavia, é mister destacar que o período de construção e lutas no SP possibilitou que eles evitassem o isolamento político que a tática stalinista da frente popular suscitou.

No Brasil, não obstante, a formação do POL, a partir da entrada de militantes inconformados com a política do partido na ANL, possibilitou que os mesmos, durante alguns meses, desenvolvessem trabalhos em diversos sindicatos. Porém, o golpe do Estado Novo e a ditadura que emergiu dificultou o desenvolvimento do novo partido trotskista. Então, o POL desenvolveu-se de forma clandestina e com dificuldades imensas, aliás, como qualquer organização de esquerda naquele momento.

No EUA, o SWP desenvolveu uma vida partidária mais intensa que o seu partido correlato no Brasil e sob bases mais amplas. Alijado do SP, o SWP encontra-se, contudo, em outubro de 1938, isolado politicamente, mas aparentemente assentado politicamente em bases mais sólidas, oriundas da formação da IV Internacional. Neste contexto, Vincent Dunne evidencia a estratégia do SWP nos EUA:

Um governo dos Trabalhadores e Agricultores, baseando-se em conselhos nacionais de representantes eleitos dos trabalhadores e agricultores, pode resolver os problemas econômicos e sociais enfrentados pelas massas. Resulta deste conceito que o nosso partido deve estender sua influência a todas as seções das organizações econômicas dos trabalhadores e agricultores - particularmente dos trabalhadores, porque é a classe trabalhadora que conduzirá todos os oprimidos no ataque ao capitalismo e a luta para uma América socialista e um mundo socialista.²⁹⁹ (Tradução Nossa)

²⁹⁸ Left Wing Will Not Allow Itself to Be Gagged by the Party Bureaucracy! Declaration by Albert Goldman for the Left Wing at the Chicago Membership Meeting in a Reply to Maynard Krueger's Threats. In. *Socialist Appeal*, v. 1, n. 3, 28 Ago. 1937, p. 06.

²⁹⁹ A Workers and Farmers government, basing itself upon nationwide councils of elected representatives of the workers and farmers, can solve the economic and social problems facing the masses. It flows from this concept that our party must extend its influence to all sections of the economic organizations of the workers and farmers – particularly of the workers, because it is the

Para o líder trotskista de Mineápolis, a tarefa do SWP consiste em ganhar a influência da maioria da classe trabalhadora nos sindicatos. Para ele, a atitude do partido em relação a AFL e o *Committee of Industrial Organizations* (CIO)³⁰⁰ mostrou-se fundamentalmente correta, ou seja, de realizar o trabalho sindical sem o fetichismo das siglas. É o que Dunne indica a seguir:

A seção norte-americana da Quarta Internacional, deve assumir suas tarefas históricas, deve redobrar seu trabalho no movimento sindical. No último ano fizemos grandes avanços em ambas AFL e CIO. Mas estamos progredindo muito devagar. O tempo é curto.³⁰¹(Tradução Nossa)

E isto fica evidente com a evolução dos acontecimentos que colocam a guerra como uma questão de tempo. O pacto Hitler-Stalin, não obstante, é noticiado na imprensa trotskista, na qual, Cannon repercute a nova política stalinista no EUA, evidenciando que o stalinismo novamente mudou de cor no país, abandonando sua feição amarela, brilhante, do último período, refletido nas tentativas de alianças com os países imperialistas, transformando-se em uma marrom avermelhado do novo pacto. A partir de então, a guerra santa contra o nazismo alemão em nome da democracia deu lugar, sustenta, a apelos para que o EUA não aderissem a guerra.³⁰²

Esta política precipita uma crise interna no SWP e atinge paralelamente o trotskismo brasileiro que em 1939 desenvolve-se de forma incipiente sob o PSR, mas que é prejudicado pela discussão e contornos da crise no SWP. O pacto Hitler-Stalin precipita a formação de uma minoria liderada por Max Shachtman e James Burnham que passa a defender uma política que vislumbra na União Soviética a emergência de um Estado Livre Burocratizado que não deve mais ser defendido pelos revolucionários. Mário Pedrosa acompanha o desenvolvimento dessa discussão que se desenvolve no SWP e, ao final dela, acompanha a minoria, o que

working class that will lead all the oppressed in the onslaught on capitalism and the fight for a socialist America and a socialist world. In. DUNNE, Vincent R. *Revolutionary Tasks and Work in the Trade Union Movement. Socialist Appeal*, v. 2, n. 46, 22 Out. 1938, p. 04.

³⁰⁰ Fundado em 1935 como resultado do rompimento de John Lewis, líder do Unity Mine Workers, com a AFL, o CIO defendeu uma nova estrutura para os sindicatos, a partir de ramos industriais e não por ofício, como na AFL. In. COGGIOLA, Op. cit, p. 122.

³⁰¹ The American section of the Fourth International, is to rise to its historic tasks, it must redouble its work in the union movement. The last year has seen us making great strides forward in both the A.F.L. and C.I.O. But we are progressing much too slowly. Time is short. Idem.

³⁰² CANNON, James P. The New Policy of Stalinism in America. In. *Socialist Appeal*, v.3, n, 74, 29 Set. 1939, p. 01.

irá dificultar o contato da maioria do SWP com as seções da América do Sul, ligadas a IV Internacional, a qual ele era o responsável. Está polêmica foi registrada no livro *Em Defesa do Marxismo*, onde foram publicadas as cartas da maioria e da minoria e as considerações de Trotski.³⁰³

Com o início da II Guerra Mundial, o SWP, após a expulsão da minoria, irá defender que os trabalhadores lutem para manter os EUA fora do conflito, com o intuito de impedir que o imperialismo ianque realize seus interesses no conflito, o tempo, neste sentido, é considerado um aliado que pode permitir "educar e organizar as massas americanas para o tipo de intervenção que realmente beneficiará os trabalhadores deste país, bem como os trabalhadores em todo o mundo", a saber, o estabelecimento de um Estado Socialista do EUA, a única forma de intervenção considerada eficaz pelo SWP para o povo de seu país.³⁰⁴

³⁰³ TROTSKY, 2011.

³⁰⁴ GOLDMAN, Albert. Workers Must Intervene in War – But How? In. *Socialist Appeal*, v. 4, n. 24, 15 Jun. 1940, p.0 4.

CONCLUSÃO

A presente tese procurou ao longo do trabalho evidenciar a trajetória dos trotskistas no Brasil e no Estados Unidos na década de 1930, vinculando as vicissitudes do movimento trotskista e seus diferentes estágios diante de distintos acontecimentos aos quais se depararam. Ressalta-se que esses movimentos tiveram importantes diferenças quanto ao seu desenvolvimento interior, do ponto de vista teórico e político. Essas diferenças, todavia, estão relacionadas a esses desdobramentos e aos distintos estágios de desenvolvimento capitalista em cada país.

Do ponto de vista político, ambos tiveram momentos de crescimento efetivo das suas organizações, ainda que a intensidade desse crescimento evidencie níveis diferentes. Enquanto os trotskistas brasileiros interviam politicamente, sobretudo, nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, no EUA, os trotskistas construíram uma organização praticamente nacional durante o mesmo período. Evidentemente, os militantes brasileiros se depararam com um golpe de Estado em 1930 e uma evolução francamente autoritária de sua sociedade. Por outro lado, os militantes estadunidenses, vivenciaram uma situação política de relativa normalidade democrática.

No Brasil, a Oposição de Esquerda teve nos lugares que entreviu politicamente uma importante participação. Isto ficou visível, fundamentalmente, em alguns sindicatos, como a UTG, e no lançamento e desenvolvimento inicial da FUA. Quando abandona a sua postura de fração do PCB, a então Liga Comunista Internacionalista vive o seu auge político no biênio de 1933-1934. Depois, a LCI encontra grande dificuldades para o seu desenvolvimento, perdendo força em 1935 e logo se desarticulando. Com a formação do Partido Operário Leninista, os trotskistas desenvolvem pequenos trabalhos nos sindicatos, mas logo são atingidos pelo golpe de Estado de Getúlio Vargas que institui o Estado Novo. Neste sentido, este momento atinge todo o movimento operário, de partidos a sindicatos, atomizando-o. Isto, contudo, não explica por si só as dificuldades que eles encontraram para construir a sua organização.

No EUA, a Oposição de Esquerda, apesar dos pequenos sucessos organizativos entre 1928-29, vivencia três anos de desaceleração do seu movimento, assim como no Brasil, a postura de fração em relação ao partido

comunista imputa dificuldades. O próprio contexto de paralisia da classe trabalhadora, resultado dos primeiros efeitos da depressão econômica de 1929, corrobora com essas dificuldades organizacionais. Contudo, a sua base possui locais dinâmicos de atividade política que, a partir do momento que a classe começa a se movimentar, consegue captar o movimento de ascenso e, mesmo com limitações, vivencia um importante momento de aceleração, ampliando sua estrutura pelo país de forma significativa. Também, ela identifica o surgimento de novos movimentos progressistas ao entorno da AFL e procura disputar essa base militante. Em 1934, quando rompe com o CPUSA definitivamente, a Liga Comunista da América realiza uma fusão com o Partido dos Trabalhadores Americano que proporciona uma intervenção política entre 1934-35 de maior amplitude. Em 1936, o novo partido, o Partido dos Trabalhadores, resolve intervir na crise que o Partido Socialista vive e dissolve a sua organização. Os trotskistas desenvolvem a política do entrismo que visa disputar os trabalhadores radicais. Em 1938, os trotskistas fundam o Partido Socialista dos Trabalhadores que amplia sensivelmente a base militante anterior a sua entrada no Partido Socialista. Portanto, as diferentes trajetórias e organizações, com seus diferentes contextos, produzem movimentos distintos no que se refere às repercussões das lutas que travam.

Ainda, ambas organizações políticas produzem análises substanciais dos seus respectivos movimentos políticos. Não obstante, os textos de Pedrosa e Novack, que refletem historicamente sobre as formações sociais brasileira e estadunidense, demonstram uma articulação da teoria do desenvolvimento desigual e combinado de Trotski que possibilitou que os mesmos lançassem questões importantes a respeito de suas formações sociais, como perceber, no caso de Pedrosa, o caráter de empreendimento colonial para o Brasil, que desenvolveu-se sob a tutela do capital mercantil baseado na grande lavoura, através de um período de acumulação primitiva de capital, que resultará na formação de um capitalismo mercantil pressionado pelo capital financeiro monopolista. Por sua vez, Novack evidencia a presença de diferentes estágios econômicos sob a tutela do capitalismo comercial britânico e a evolução do capitalismo estadunidense, em especial, no século XIX, dividido entre o capital mercantil e o capital industrial na sua primeira metade, que resultara no predomínio do segundo cujo desenvolvimento possibilitará o advento do capital financeiro no princípio do século XX.

Outra questão relevante que o presente trabalho procurou abordar foi a percepção do capitalismo pelos trotskistas em seus respectivos países no momento de sua intervenção política. Nos EUA, os trotskistas, sob a teoria da revolução permanente, identificaram a posição dominante do imperialismo estadunidense no cenário mundial, corroborando com o pensamento de Trotski. Na década de 1930, eles identificaram um país de capitalismo avançado que para superar a depressão econômica busca onerar a classe trabalhadora do seu país, pressionando os países dependentes economicamente a fazer o mesmo, criando assim, convulsões revolucionárias nestes locais. Também, eles sustentam que para superar a crise econômica, o imperialismo estadunidense procura estender seus domínios para outras regiões do planeta. No Brasil, os trotskistas evidenciam os interesses distintos das frações burguesas sob a pressão do imperialismo inglês e ianque no país, assim como, a procura de uma base social para o bonapartismo de Vargas. No Estado Novo, conseqüentemente, eles identificam a emergência de um Estado Policial-Militar de traços fascistas.

Em síntese, as organizações trotskistas utilizaram em seus artigos e documentos elaborações teóricas e políticas que apreendem os principais desenvolvimentos econômicos e políticos dos seus países, tendo o marxismo de Trotski como importante referencial no período. Neste sentido, a abordagem histórica e política de seus respectivos países evidenciaram um conhecimento significativo da teoria de Trotski. O marxismo de Trotski funciona como um ponto de partida e um guia para a análise concreta de suas respectivas formações sociais. Os trotskistas não se furtaram de entender as relações específicas que cada país desenvolve em relação ao modo de produção capitalista. E a teoria do desenvolvimento desigual e combinado, em especial, desenvolve-se com certa intensidade em seus escritos, possibilitando perceber os diferentes estágios de desenvolvimento econômico presentes em cada sociedade, com suas conexões e pressões oriundas do capital financeiro na época imperialista.

Sobre os mundos do trabalho, os trotskistas perceberam as transformações no que se refere a legislação sindical e do trabalho do governo Vargas e o New Deal no EUA. Ainda que seja difícil dimensioná-las em perspectiva, eles demonstraram-se bastante dinâmicos frente a essas mudanças. A postura sobre os sindicatos oficiais no Brasil e a posição em relação a AFL e a CIO no EUA revelam tentativas importantes de se ligarem com os principais processos de luta, apesar de

reconhecerem as dificuldades emanadas da tutela do Estado, crescente sob os governos Vargas e Roosevelt, e das próprias direções sindicais. E mais, sobretudo no EUA, onde as condições do movimento operário se mostram favoráveis, os trotskistas demonstram uma perspicaz maleabilidade tática frente as dificuldades políticas do contexto pré-II Guerra, em especial, a política da frente popular. Entendo que a política de entrismo no SP em 1936, na prática, mostra-se como uma política necessária para evitar o isolamento devido a política do CPUSA, ainda que objetivamente não explicitem essa afirmação, assim como o próprio entrismo não é admitido por sua imprensa.

Concluindo, espera-se com esta tese ter demonstrado a existência de dois movimentos dinâmicos referenciados no marxismo de Trotski que lançaram mão de elaborações teóricas e políticas originais para a compreensão de suas respectivas formações sociais. Também, intenta-se que ela possa contribuir com o desenvolvimento historiográfico de uma temática tradicional ligada ao marxismo, em especial, no século XX.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Fúlvio & KAREPOVS, Dainis. (Orgs.). *Na Contracorrente da História: Documentos do trotskismo brasileiro 1930-1940*. São Paulo: SUNDERMANN, 2015.

ALEXANDER, Roberto J. *International trotskyism(1929-1985): a documented analysis of the movement*. Durham: Duke University Press, 1991.

ALMEIDA, Miguel Tavares de. Os trotskistas frente à Aliança Nacional Libertadora e aos levantes militares de 1935. In. *Cadernos AEL*, n. 22/23, 2005, p. 79-121.

ARAÚJO, Ângela. A legislação social nos anos 1930: um estudo de processo decisório. *História & Perspectivas*. Uberlândia, n. 07, jul./dez. 1992, p. 05-46.

BATALHA, Cláudio. A historiografia da classe operária no Brasil: trajetórias e tendências. In. FREITAS, Marcos César de (Org.). *Historiografia brasileira em Perspectiva*, São Paulo: Contexto/USF, 1998, p. 145-158, 435-439.

BATALHA, Cláudio. *O movimento operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

BENSAÏD, Daniel. *Os irredutíveis: teoremas da resistência para o tempo presente*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.

BENSAÏD, Daniel. *Trotskyismos*. Fortaleza, CE: Expressão Gráfica, 2010.

BIANCHI, Álvaro. O primado da política: revolução permanente e transição. In. *Revista Outubro*, n. 5, 2001, p. 101-115.

BROUÉ, Pierre. A Oposição Unificada (1926-1927). In. COGGIOLA, Osvaldo. (Org.). *Trotsky Hoje*. São Paulo: Editora Ensaio, 1994.

BROUÉ, Pierre. *História da Internacional Comunista 1919-1943*. São Paulo: Sundermann, 2007.

BROUÉ, Pierre. *O Partido Bolchevique*. São Paulo: SUNDERMANN, 2014.

CAMPOS, Alzira Lobo de Arruda; TRINDADE, Livia Sálvia. Trotskistas nas prisões de Vargas (São Paulo, 1931 – 36). *Pesquisa em Debate*, ed. 8, v. 5, n. 1, 2008.

CANNON, James. *História Do trotskismo norte-americano*. São Paulo: Editora

Centelha, 2013.

CARONE, Edgard. *Revoluções no Brasil Contemporâneo (1922-1938)*. São Paulo: DIFEL, 1977.

CASTRO, Ricardo Figueiredo de. A Frente Única Antifascista (FUA) e o antifascismo no Brasil (1933 – 1934). *Topoi*. Rio de Janeiro, 2002, p. 354-388.

COGGIOLA, Osvaldo. O trotskismo no Brasil. In. MAZZEO, Antônio Carlos; LAGOA, Maria Izabel. (Org.). *Corações vermelhos: os comunistas brasileiros no Século XX*. São Paulo: Cortez, 2003, p. 239-270.

DEL ROIO, Marcos. Os comunistas, a luta social e o marxismo. In. REIS FILHO, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo (Orgs.). *História do Marxismo no Brasil: Partido e organizações dos anos 20 aos 60*. v. 5. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002.

DEMIER, Felipe Abranches. *O longo bonapartismo brasileiro (1930 – 1964)*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2013.

FERREIRA, Pedro. Roberto. *O conceito de revolução da esquerda brasileira: 1920-1946*. Londrina: Ed. UEL, 1999.

GORENDER, Jacob. *A Revolução de Outubro: Revolução ou Golpe de Estado?* In. COGGIOLA, Osvaldo. (Org.). *Trotsky Hoje*. São Paulo: Editora Ensaio, 1994.

KAREPOVS, Dainis. O Arquivo Edgard Leuenroth e a pesquisa sobre o trotskismo no Brasil. In. *Cadernos AEL.trotskyismo*. Campinas, IFCH-UNICAMP, v. 12, n. 22/23, 2005, p. 263-284.

KAREPOVS, Dainis; LOWY, Michael; MARQUES NETO, José Castilho. Trotsky e o Brasil. In. MORAES, João Quartim de. (Org.). *História do Marxismo no Brasil: os influxos teóricos*. v. 2. Campinas, SP: Ed UNICAMP, 1995, p. 223-246.

KAREPOVS, Dainis; MARQUES NETO, José Castilho. Os trotskistas brasileiros e suas organizações políticas (1930 – 1966). In. REIS FILHO, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo. (Orgs.). *História do Marxismo no Brasil: Partidos e organizações - dos anos 20 Aos 60*. Vol. 5. Campinas, SP: Ed UNICAMP, 2002, p. 103-156.

LE BLANC, Paul. Trotskyism in the United States: The first fifty years. In. BREITMAN, George; LE BLANC, Paul; WALD, Allan. *Trotskyism in the United States: Historical Essays and Reconsiderations*. 2ª ed. Chicago: Haymarket Books, 2016.

LENIN, Vladimir Ilich. *Que fazer? A organização como sujeito político*. São Paulo: Martins, 2006.

LEWIN, Moshe. *O Século Soviético. Da Revolução de 1917 ao colapso da URSS*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

LIMONCIC, Flávio. Do pacto nacional à globalização: Estado e sindicato na regulação do capitalismo norte-americano. *Revista de História Regional*, v. 4, n. 1, 1999.

LIMONCIC, Flávio. *Os inventores do New Deal. Estado e sindicato nos Estados Unidos dos anos 1930*. 2003. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

LISBOA, Roberto Borges. *Revolução e realidade social na imprensa trotskista brasileira dos anos 1930*. 2014. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.

LÖWY, Michael. A Revolução Permanente: Teoria ou Profissão de fé? In. COGGIOLA, Osvaldo. (Org.). *Trotsky Hoje*. São Paulo: Editora Ensaio, 1994.

LÖWY, Michael. A Teoria do Desenvolvimento Desigual e Combinado. In. Marxismo, modernidade e utopia. LÖWY, Michael; BENDAÏD, Daniel. (Orgs.). São Paulo: Xamã, 2000.

MANDEL, Ernest. *Trotsky como alternativa*. São Paulo: Xamã, 1995.

MARQUES NETO, José Castilho Marques. *Solidão revolucionária: Mario Pedrosa e as origens do trotskismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

MATTOS, Marcelo Badaró. *O sindicalismo brasileiro após 1930*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

MATTOS, Marcelo Badaró. *Trabalhadores e sindicatos no Brasil*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2002.

MENDONÇA, Carlos Eduardo. *Trotsky e a Europa Ocidental do Entre Guerras*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2012.

MENDONÇA, Carlos Eduardo. *Trotsky e a revolução permanente: história de um conceito chave*. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

OLIVEIRA, Francisco de. *Brasil: uma biografia não autorizada*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2018.

PALMER, Bryan. *Revolutionary Teamsters: the Minneapolis Truckers' Strikes of 1934*. Leiden / Boston: Brill, 2013.

PODTCHEKOLDIN, Aleksandr. O Novo Curso: Prólogo da Tragédia. (Org.). *Trotsky Hoje*. São Paulo: Editora Ensaio, 1994.

PURDY, Sean. O século Americano. In. KARNAL, Leandro (Org.). *História dos Estados Unidos*. São Paulo: Contexto: 2016.

SILVA, Ângelo José da. *Comunistas e trotskistas: a crítica operária à Revolução de 1930*. Curitiba: Moinhos do Verbo, 2002.

TROTSKY, Leon. *A História da Revolução Russa: a queda do Tzarismo*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

TROTSKY, Leon. *A teoria da revolução permanente*. São Paulo: Editora Instituto José Luís/Rosa Sundermann, 2010.

TROTSKY, Leon. *Em defesa do Marxismo*. São Paulo: SUNDERMANN, 2011.

TROTSKY, Leon. *Lições de Outubro e outros textos inéditos*. São Paulo: SUNDERMANN, 2007.

TROTSKY, Leon. *Stalin. O grande organizador de derrotas. A III Internacional depois de Lenin*. São Paulo: SUNDERMANN, 2010.

ZAIDAN FILHO, Michel. *Comunistas em céu aberto. 1922-1930*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1989.

ZIZEK, Slavoj. *Às portas da revolução: escritos de Lenin de 1917*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

ZUMOFF, Jacob. *The Communist Party of the United States and the Communist International, 1919-1929*. 2003. Tese (Doutorado em Filosofia da História) – UniversityCollege, London, 2003.

FONTES

4 Years Of The Militant by Arne Swabeck. In. *The Militant*, v. 5, n. 46, 12 nov. 1932.

A Big Step Forward. The International Conference of the Left Opposition. In. *The Militant*, v. 3, n. 18, 3 mai. 1930.

A Demagogia - Arma do Estado Novo. In. *A Luta de Classe*, n. 36, 10 Jan. 1938.

A Lei do Salário Mínimo e o custo de vida. In. *A Luta de Classe*, s. n. Rio de Janeiro, 25 set 1938.

A Lei Monstro. In. *A Luta de Classe*, n.22, abr 1935.

A Lei Monstro e o Proletariado. In. *O Proletário*, n. 01. São Paulo, abr 1935.

A lição dos Tecelões e o Aventurismo. In. *A Luta de Classe*, n. 9. São Paulo, jan 1933.

A New Stage of the International Communist Opposition. In. *The Militant*, v. 3, n. 17, 26 abr. 1930.

A New Turn in the T.U.U.L.. In. *The Militant*, v. 5, n. 28, 9 jul. 1932.

A Nova fase da "A Luta de Classe". In. *A Luta de Classe*, n. 34, 13 Dez. 1937.

A nova ascensão revolucionária e as da Quarta Internacional. In. *A Luta de Classe*, n. 33, nov. 1936.

A oficialização sindical e a crítica adversária. In. *A Luta de Classe*, n. 20. Rio de Janeiro, mai 1934.

A oposição comunista e a orientação sindical. In. *A Luta de Classe*, n. 06. São Paulo, fev / mar 1931.

A Picture of the League Today. *The Militant*, v. 6, n. 57, 30 dez. 1933.

A Review of the Recent National Tour: The Sweep of the Economic Crisis; Its Effects on the Revolutionary Movement In. *The Militant*, v. 5, n. 4, 23 jan. 1932.

A situação nacional. In. *Na Contracorrente da História: Documentos do trotskismo brasileiro 1930-1940*. ABRAMO, Fúlvio&KAREPOVS, Dainis. (Org.). São Paulo: SUNDERMANN, 2015.

An Open Letter to the American Workers Party by Arne Swabeck. In. *The Militant*, v. 7, n. 3, 27 jan. 1934.

Aos Trabalhadores do Brasil.In. *Na Contracorrente da História: Documentos do trotskismo brasileiro 1930-1940*. ABRAMO, Fúlvio&KAREPOVS, Dainis. (Org.). São Paulo: SUNDERMANN, 2015.

CANNON, James P. The AFL, the Strike Wave, and Trade Union Perspectives. In. *The Militant*, v. 6, n. 47, 14 Out. 1933.

CANNON, James P. The Communists and the "Progressives". In. *The Militant*, New York, v. 2, n. 5, 1 Mar. 1929.

CANNON, James P. The New Policy of Stalinism in America. In. *Socialist Appeal*, v.3, n, 74, 29 Set. 1939.

CANNON, James P. The Trade Union Question: The Left Wing Needs a New Policy and a New Leadership. In. *The Militant*, v. 6, n. 43, 16 Set. 1933.

Carta aberta aos membros do partido. In. *A Luta de Classe*, n. 21,ago 1934.

Carta aos Camaradas do Partido Comunista. Liga Comunista. São Paulo, 14 jul. 1932. Folheto Impresso 4 p. In. *Na Contracorrente da História: Documentos do trotskismo brasileiro 1930-1940*. ABRAMO, Fúlvio&KAREPOVS, Dainis. (Org.). São Paulo: SUNDERMANN, 2015.

Class Against Class in the Presidential Elections. In. *The Militant*, v. 5, n. 45, 5 Nov. 1932.

Conference of the Opposition Communists. In. *The Militant*, v. 2, n. 10, 1º jun. 1929.

DUNNE, Vincent R. Revolutionary Tasks and Work in the Trade Union Movement. *Socialist Appeal*, v. 2, n. 46, 22 Out. 1938.

É preciso organizar desde já a luta contra a ditadura policial militar de Getúlio. In. *A Luta de Classe*, n. 38, 15 fev. 1938.

Em defesa do proletariado alemão. In. *A Luta de Classe*, São Paulo, n. 11, abr. 1933.

Estatutos da Liga Comunista do Brasil. 1933, 13 p. In. *Na Contracorrente da História: Documentos do trotskismo brasileiro 1930-1940*. ABRAMO, Fúlvio & KAREPOVS, Dainis. (Orgs.). São Paulo: SUNDERMANN, 2015.

For the Russian Opposition! Against Opportunism and Bureaucracy in the Workers Communist Party of America! A Statement to American Communists. In. *The Militant*, v. 1, n. 1, 15 nov. 1928.

For an International Conference of the Left: The Need for Organizing the World Opposition. *The Militant*, v. 3, n. 7, 15 fev. 1930.

GOLDMAN, Albert. Workers Must Intervene in War – But How? In. *Socialist Appeal*, v. 4, n. 24, 15 Jun. 1940.

GOLDMAN, Albert. Yankee Imperialism Plays for Big Stakes at Lima. In. *Socialist Appeal*, v. 2, n. 53, 10 Dez. 1938.

Is the A.F. of L. Becoming Progressive? In. *The Militant*, v. 2, n. 19, 7 dez. 1929.

Left Opposition Alone: Raises the Voice of Lenin: at N.Y. Congress Against War. In. *The Militant*, v. 5, n. 33, 13 ago. 1932.

Left Wing Needle Trades Crisis. In. *The Militant*, v. 3, n. 21, 24 Mai. 1930.

Left Wing Will Not Allow Itself to Be Gagged by the Party Bureaucracy! Declaration by Albert Goldman for the Left Wing at the Chicago Membership Meeting in a Reply to Maynard Krueger's Threats. In. *Socialist Appeal*, v. 1, n. 3, 28 Ago. 1937.

'Liga' ou 'Partido'?. In. *A Luta de Classe*, n. 4, Ago. 1930.

Lovestone's Appeal to the Party. In. *The Militant*, v.2, n.13, 15 ago. 1929.

LOBO, Aristides. A situação brasileira e o trabalho para o seu esclarecimento. In. *Na Contracorrente da História: Documentos do trotskismo brasileiro 1930-1940*. ABRAMO, Fúlvio & KAREPOVS, Dainis. (Orgs.). São Paulo: SUNDERMANN, 2015.

Manifesto. Aos trabalhadores e às massas oprimidas da cidade e do campo. In. *A Luta de Classe*, n. 45, Ago. 1939.

May Day—Our Conference and The Trade Unions . In. *The Militant*, v. 2, n. 9-10, 1-15 mai. 1929.

Movimento sindical. Liquidacionismo. In. *A Luta de Classe*, n. 09. São Paulo, jan 1933.

NC Statement on the Situation in the International Left Opposition. In. *The Militant*, v. 5, n. 17, 23 abr. 1932.

Next Steps in the Struggle. In. *The Militant*, v. 2, n. 7, 1º abr. 1929.

Nossa tática para com o partido. In. *A Luta de Classe*, n. 2. Jun. 1930.

Nosso Aniversário. In. *A Luta de Classe*, n. 7, 1º Mai. 1931.

NOVACK, George. Negro Slavery in North America. In. *The New International*, v. 5, n. 10, out. 1939, p. 305-308. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/novack/1939/10/x01.htm> .Acesso: 21 nov. 2018.

NOVACK, George. The Colonial Plantation System. In. *New International*, v.5, n. 12, dez. 1939, p.343-345. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/novack/1939/12/x01.htm>. Acesso: 12 dez. 2018.

NOVACK, George. US Capitalism: National or International? A Critique of Lewis Corey's The Decline of American Capitalism. In. *The New Internationalist*, New York, v. 2, n. 6, Out. 1935, p. 191–197. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/novack/1935/10/x01.htm>. Acesso em: 18 Nov.2018.

O Bonapartismo procura uma base de massa. In. *A Luta de Classe*, n. 35, 25 Dez. 1937.

O desastre de novembro e o naufrágio do prestígio e do stalinismo. In. *A Luta de Classe*, n. 28, 1º Abr. 1936.

O golpe de Estado bonapartista. In. *Na Contracorrente da História: Documentos do trotskismo brasileiro 1930-1940*. ABRAMO, Fúlvio & KAREPOVS, Dainis. (Orgs.). São Paulo: SUNDERMANN, 2015.

O movimento sindical no Brasil e suas perspectivas revolucionárias. In. *A Luta de Classe*, n. 20. Rio de Janeiro, mai 1934.

Operários, previni-vos. In. *A Luta de Classe*, n. 22, Abr. 1935.

O que deu o Estado Novo às massas. In. *A Luta de Classe*, n. 38, 25 Mar. 1938.

Os sindicatos ameaçados pelo Estado-“Novo”. In. *A Luta de Classe*, v. 3, n. 38. Rio de Janeiro, 15 fev 1938.

PEDROSA, Mario & XAVIER, Lívio. Esboço de uma análise da situação econômica e social do Brasil. In. *Na Contracorrente da História: Documentos do trotskismo brasileiro 1930-1940*. ABRAMO, Fúlvio & KAREPOVS, Dainis. (Org.). São Paulo: SUNDERMANN, 2015.

Pelo Partido da Revolução. In. *A Luta de Classe*, n. 43, 23 Mar. 1939.

Platform of the Communist Opposition. In. *The Militant*, v. 2, n. 4, 15 fev. 1929.

PREIS, Art. American Depression II. In. *Socialist Appeal*, v. 2, n. 32, 6 ago. 1938.

PREIS, Art. American Depression III. In. *Socialist Appeal*, v. 2, n. 33, 13 Ago. 1938.

PREIS, Art. American Depression IV. In. *Socialist Appeal*, v. 2, n. 34, 20 Ago. 1938.

Repressão sistemática. In. *A Luta de Classe*, n. 07. Rio de Janeiro, 1º mai 1931.

Results Of The Party Convention. In. *The Militant*, Vol. 2, n. 6, 15 mar. 1929.

Second National Conference Marks Step Forward. In. *The Militant*, v. 4, n. 26, 10 out. 1931.

Statement of National Committee. In. *New Militant*, v. 2, n. 22, 6 Jun. 1936.

SWABECK, Arne Next Steps of the American Workers. In. *The Militant*, v. 3, n. 11, 15 Mar. 1930.

SWABECK, Arne. One Year of Roosevelt's New Deal: The Technique of Serving the Exploiters and Fooling the Masses. In. *The Militant*, v. 7, n. 13, 31 Mar. 1934.

SWABECK, Arne. Problems of Our Perspectives. In. *The Militant*, v. 4, n. 23, 12 set. 1931.

SWABECK, Arne. The New Progressive Movement. In. *The Militant*, v. 2, n. 12, 1 Ago. 1929.

SWABECK, Arne. The Significance of the Browder-Thomas Debate for the Revolutionary Movement. In. *New Militant*, v. 1, n. 51, 21 Dez. 1935.

Tese sobre a questão sindical, aprovados na conferência Nacional da LCI. In. *A Luta de Classe*, n. 21. Rio de Janeiro, ago 1934.

The Communist Party's Election Platform. In. *The Militant*, v. 5, n. 24, 11 jun 1932.

The C.P. in the Elections: Reasons for Small Rise in Communist Vote This Year. In. *The Militant*, v. 5, n. 47, 19 nov. 1932.

The Minneapolis Meetings. In. *The Militant*, Vol. II No. 3, 1 February 1929.

The "New Deal" in Practice: Industrial Recovery Bill Hits at Workers' Standards by H. Stone. In. *The Militant*, v. 6, n. 31, 17 Jun. 1933.

The New Progressive Movement (Group Muste). In. *The Militant*, vol. 2, n. 12, 1º ago. 1929.

The Party "Discussion" Opens. In. *The Militant*, vol. 1, n. 2, 1^o dez. 1928.

The Plenum of the American Communist Opposition. In. *The Militant*, v. 3, n. 22, 7 jun. 1930.

The Theory of Permanent Revolution and American Imperialism. *The Militant*, v.5, n. 34, 20 Ago. 1932.

The Trade Union Question: The Left Wing Needs a New Policy and a New Leadership. In. *The Militant*, v. 6, n. 43, 16 set. 1933.

The T.U.U.L. Conference. In. *The Militant*, v. 2, n. 15, 1 Out. 1929.

To TheYWL Convention. In. *The Militant*, vol. 2, n. 8, 15 abr. 1929.

TROTSKY, Leon. Tasks to American Opposition. In. *The Militant*, v. 2, n. 10, 1 jun. 1929.

Unemployment in Minneapolis. In. *The Militant*, vol. 3, n. 19, 10 mai. 1930.

Unite for the Unemployed! Resist Attack of Bosses and Government. In. *The Militant*, v. 3, n. 12, 22 mar. 1930.

United Front Call Issued for Unemployment Insurance: Opposition Welcomes Party Turn and Warns Against Opportunistic Tendencies. *The Militant*, v. 6, n. 2, 14 jan. 1933.

U.S. Imperialism at Work Roosevelt Carves a Latin American Empire .In. *The New Militant*, v. 2, n. 7, 15 Fev. 1936.